

Pe. JOÃO DERICKX | Pe. JOSÉ ANTONIO TRASFERETTI

RESERVA EXTRATIVISTA

Mais vida neste chão

EDIÇÃO AMPLIADA



Relatos de lutas dos povos da floresta do Rio Juruá pela conquista da cidadania através da organização comunitária, educação, fraternidade e conservação do meio ambiente, no coração da Amazônia.



Quando a gente fala do Médio Juruá e de tudo o que foi conseguido nessa luta social em defesa dos direitos dos moradores, direitos de produzir, direitos de escolher para quem comercializar os seus produtos, direito de se organizar, a gente lembra muito do padre João Derickx e do livro que ele escreveu em 1992: *Juruá, o rio que chora*. Esse livro foi fundamental na organização do Médio Juruá e na divulgação daquele sistema de semiescravidão branca que os fregueses, como eram chamados, hoje a gente chama de extrativistas ou ribeirinhos ou de populações tradicionais, mas naquele tempo eram os fregueses, eles pertenciam a alguém, eram fregueses de alguém. Conheci de cor e salteado todo este sistema que existiu no Médio Juruá (MJ). Tenho 54 anos, mas ainda convivi os meus primeiros 25 anos com os patrões, donos dos seringais.

Foi através desse livro que o MEB (Movimento de Educação de Base) começou a fazer o trabalho de organização comunitária, de capacitação de lideranças, com objetivo de melhorar, modificar, transformar essa situação. E isso nos possibilitou trabalhar melhor essa questão do empoderamento, do conhecimento dos direitos e da luta pela garantia do território.

A gente está sentindo um pouco que essa importância da organização social, apesar de fortalecida, está perdendo força. Isso nos traz muita preocupação porque a gente sabe que toda transformação que houve aqui foi através dessa luta. As coisas estão tão fáceis hoje no MJ, que parece que não é mais importante a gente estar organizado e unido. Aqui houve semiescravidão, aqui pessoas foram presas para poder garantir seus direitos, aqui, as primeiras escolas instaladas os patrões transformaram em maromba de gado.

Retomar esta história do livro vai refrescar na mente dos jovens como que foi o passado. Esta história precisa ser reavivada no MJ, trabalhada nas comunidades, nas escolas,

nas instituições e na sociedade. Se familiarizar com a sua história ruim, feia, difícil, é!... Mas a gente precisa conhecer, se a gente conhecer aí a gente vai aprender a valorizar as situações que nós vivemos hoje, de liberdade, das unidades de conservação que trazem a garantia do território, da presença das políticas públicas. Se eu tenho conhecimento ampliado da história vou poder planejar o futuro com muito mais segurança.

As lideranças do tempo do MEB, dos anos 80 e 90, estão velhas, estão esmorecendo da luta, e nós precisamos turbinar essa mesma força, essa mesma luta, para estes grupos de jovens de hoje, só que com uma diferença muito grande.

Por exemplo, eu era analfabeto e me tornei liderança para poder garantir o meu território, para poder garantir a organização da minha comunidade, mas sem nenhum conhecimento. Eu viajava o mundo e não conseguia ler uma placa no aeroporto. Agora não, nós vamos formar jovens que estão saindo da faculdade que tem dentro da unidade de conservação, que findaram o segundo grau. Imagine a potência que essas novas lideranças vão ter para continuar desenvolvendo o MJ, para continuar combatendo tudo que tem de ruim no uso sustentável dos recursos, os garimpos que estão se espalhando por aí.

Então estas lideranças terão conhecimento bastante robusto para defender o que é bom para o território do MJ, e expulsar, e questionar, e reivindicar que não venha nada que possa nos atrapalhar, que possa mudar nossa qualidade de vida.

A gente pensa em transformar esse livro numa história em quadrinhos para começar a trabalhar as crianças ainda nas escolas, para que a gente continue com essa luta fortalecida.

TEXTO ORELHA

MANOEL CUNHA, nascido, criado, morador
e liderança do Rio Juruá, atual gestor da RESEX MJ

RESERVA EXTRATIVISTA

Mais vida neste chão

EDIÇÃO AMPLIADA

Pe. JOÃO DERICKX

Pe. JOSÉ ANTONIO TRASFERETTI

JAUÁ EDITORA

RIO DE JANEIRO, 2023

Coordenador desta edição ampliada

PEDRO PENIDO D. GUIMARÃES

Editora

NUBIA MELHEM SANTOS

Design gráfico

DANIELLE MARTINS PRAZERES

Cartografia

HUGO COSTA e CAMILA DUARTE, do Instituto Juruá

Assessoria jurídica

GUSTAVO MARTINS DE ALMEIDA

Fotos da capa

Seringueira - Bernardo Oliveira / Instituto Juruá

Vista aérea Rio Juruá - André Dib / Instituto Juruá

Pesca do Pirarucu - Bernardo Oliveira / Instituto Juruá

Casas da Comunidade Imperatriz - Pedro Penido D. Guimarães

Grupo em Seminário do MJ - Bruno Bimbato / ICMBio

Homem remando - Carolina Tavares Freitas

Imagem de fundo - Grafismo sobre mosaico de imagens Maxar Technologies, disponibilizado no Google Earth, atualização de 29/07/2022.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Derickx, João, 1935-2013

Reserva Extrativista : mais vida neste chão /

João Derickx, José Antonio Trasferetti. –

1. ed. – Rio de Janeiro : Jauá Editora, 2023.

Bibliografia.

ISBN 978-65-992998-4-1

1. Amazônia - Condições sociais 2. Missões -

Amazônia 3. Reservas florestais - Amazônia

I. Trasferetti, José Antonio. II. Título.

22-140258

CDD-981.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Amazônia : História 981.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Contato

juruatrasferetti@gmail.com

O título do presente livro expressa uma grande conquista por proteger as florestas e seus povos.

As reservas extrativistas merecem mais divulgação, inclusive um estudo aprofundado para uma melhor organização dos seus moradores.

A maioria das páginas falam sobre a vida e a luta do povo antes da criação das Resex. Conta também uma parte dos meus 40 anos de vida e missão neste chão. Finalmente o livro lembra o grande mártir Chico Mendes.

Seu exemplo deve inspirar a luta em favor das florestas e seus povos evitando assim os desastres ecológicos que os noticiários da TV já nos mostram com tristes imagens de tempestades, furacões, inundações e outras pragas que assolam a humanidade.

NOTA DA EDITORA

NUBIA MELHEM SANTOS

Este livro é uma homenagem à excepcional atuação do padre João Derickx na Amazônia e comemora os 30 anos da primeira publicação do seu relato sobre as condições de vida e trabalho em um vasto território do Médio Juruá, onde atuou como missionário por muitos anos.

A publicação original, de 1992, foi intitulada *No coração da Amazônia: Juruá, o rio que chora*. Trata-se de uma narrativa ao mesmo tempo poderosa e comovente, que denuncia a semiescravidão em que vivia a população juruaense. Em 2007, o mesmo relato foi publicado com nova introdução, anexos e fotografias. Em razão das mudanças positivas já visíveis na região, informações pontuais foram acrescentadas sobre a criação da Reserva Extrativista do Médio Juruá, a demarcação das terras dos Deni e a melhoria do ensino na zona rural. O livro ganhou então outro título, *Reserva Extrativista: mais vida neste chão*. Mas foram suprimidos três textos que abriam a edição de 1992.

O padre João Derickx faleceu em 2013 mas o livro permaneceu como a mais importante referência histórica sobre a região do Médio Juruá, como previu Leonardo Boff ao apresentar a publicação em 1992.

Na capa e na ficha catalográfica de 1992, José Antonio Trasferetti consta como coordenador e coautor, respectivamente. Em 2007, esta informação não aparece. Todavia, foi o próprio Derickx quem destacou a participação de Trasferetti: “Além de ser praticamente o ‘inspirador’ deste livro, assumiu o trabalho de coordenar os escritos, datilografia, estruturação dos capítulos, colocação de alguns títulos, subdivisões e introduções”.

Na presente edição reunimos o material das duas versões anteriores, trazendo todos os escritos relacionados ao relato de Derickx. O material escaneado das duas publicações não sofreu alteração (fac-símile). Tomamos por base o livro de 2007, *Reserva Extrativista: mais vida neste chão*, e mantivemos o título. Incluímos também os textos de 1992, que haviam sido excluídos em 2007, a “Introdução” assinada por Derickx e Trasferetti, a “Abertura” que narra a visita de Derickx à base da Petrobras em Urucu e a íntegra do texto “Referência histórica para o Juruá”, de Leonardo Boff, que apresentou o livro na orelha da edição original.

Textos atuais ampliam esta publicação: a apresentação na orelha assinada por Manoel Cunha, atual gestor da Resex do Médio Juruá; os relatos “Como nasceu o livro em 1992”, do padre José Antonio Trasferetti, e “Como surgiu esta edição ampliada” de Pedro Penido D. Guimarães, coordenador desta edição. Acrescentamos ainda dois novos mapas, desenhados pelo Instituto Juruá, para melhor visualização da região, uma página sobre os autores e a lista das siglas de mais de 30 organizações envolvidas na história da região, o que demonstra o esforço dos autores em documentar, tanto a ação como a inércia destes diversos atores, públicos e privados, associados ao destino do Médio Juruá.

A história narrada neste livro é um encorajamento à participação ativa e dinâmica no desenvolvimento sustentável da região e de seus habitantes.

Boa leitura!

SUMÁRIO

Parte 1

COMO NASCEU O LIVRO EM 1992	13
--	----

Pe. JOSÉ ANTONIO TRASFERETTI

COMO SURTIU ESTA EDIÇÃO AMPLIADA	17
---	----

PEDRO PENIDO D. GUIMARÃES

MAPAS DA REGIÃO AMAZÔNICA E DO MÉDIO JURUÁ ...	22
---	----

Parte 2

FAC-SÍMILE DA EDIÇÃO DE 2007	25
---	----

INTRODUÇÃO	27
-------------------------	----

Pe. João Derickx

APRESENTAÇÃO	31
---------------------------	----

Dom Mário Clemente Neto, bispo de Tefé

CAPÍTULO I	35
-------------------------	----

A REALIDADE SOCIAL QUE CIRCUNDA O MISSIONÁRIO

1. Diagnóstico do município de Carauari:	36
---	----

Deus há de ouvir o clamor desse povo

a) Situação geográfica.....	36
-----------------------------	----

b) História econômica do Rio Juruá	38
--	----

c) História econômica e social do município	39
de Carauari nos anos 80	

d) História recente do município de Carauari	43
--	----

2. O drama juruaense documentado em cartas	46
---	----

a) Ensino rural municipal. Proposta de colaboração	47
--	----

b) O ilustre amazonense recebe os ecos dos ribeirinhos	51
c) Denúncia contra a pesca predatória.	56
d) Saúde precária. A ameaça do cólera.	58
e) O ataque à floresta.	63
f) Amazonas: tricampeão de insalubridade.	67
g) A pesca predatória e a oposição dos ribeirinhos	69

CAPÍTULO II 75

A MILITÂNCIA POLÍTICA E O EVANGELHO NO CORAÇÃO DA MATA

1. Missa proibida 77

2. Conflitos com o poder público 83

CAPÍTULO III 93

ÍNDIOS E SERINGUEIROS, O ECO DE UM POVO SOFRIDO

1. O eco dos indígenas 94

a) Tuberculose mata índios Deni.	94
b) Encaminhamento para tratamento	97
c) Uma viagem atrapalhada	100
d) A salvação de uma vida	105
e) A viagem de volta	110
f) Tratamento de emergência para os índios Deni	111
g) Homenagem de gratidão	116

2. O eco dos seringueiros 120

a) O clamor do seringueiro.	121
b) O soldado da borracha	124
c) As revoltas dos seringueiros.	127
d) O seringueiro nos anos 80. Seus encontros	130
e) Primeiro Encontro Nacional dos Seringueiros	133
f) Sexto encontro de Seringueiros em Carauari	134
g) Primeiro Encontro dos Povos da Floresta	135
h) Violação dos direitos. O caso de Elso Pacheco	136

CAPÍTULO IV	141
PISTAS PARA UMA TEOLOGIA PÉ DE CHINELO	
1. O seringueiro do Rio Juruá e a presença da igreja .	143
a) As primeiras expedições missionárias pelo Rio Juruá	143
b) Uma presença mais contínua.....	144
2. As paradas na caminhada	145
a) Tefé e o eclipse solar.....	145
b) A máquina encrocada.....	147
c) O rumo da assembleia	147
3. Parada na caminhada. Retiro Julho de 1991	152
a) O povo que anda com seus próprios pés	152
b) Os verdadeiros inimigos dos Povos da Floresta.....	156
c) Características básicas da espiritualidade	157
4. Impressões de viagem do	
Pe. José Antonio Trasferetti	159
a) Manaus, capital do Amazonas	159
b) Carauari, a cidade no coração da selva	160
c) Espiritualidade e defesa da vida do corpo	161
d) Descendo o Rio Juruá	163
e) Religiosidade popular	163
f) Política / religião / dominação	165
g) Espiritualidade da contemplação.....	165
h) Rio Juruá e Rio Solimões, as diferenças	166
i) Em Tefé.....	167
CAPÍTULO V	169
PAISAGENS DA JANELA	
1. À beira do rio	172
a) Sobre amizade e solidão	172

b) A morte trágica	175
c) Haja esperança	177
2. Anotações de viagem	179
a) Visita pastoral	179
b) A morte do Padre Francisco	182
c) O retirão. O caminho com os jovens.	187
d) O sumiço do marido.	190
e) Uma visita alegre.	191
f) O santo de maior devoção do Rio Juruá.	192
3. Carta de Dom Mário, bispo de Tefé.	195
CONCLUSÃO	199
ANEXO 1. 15 anos depois	207
ANEXO 2. A vida de um seringueiro	213
ANEXO 3. Oração do seringueiro.	216
ANEXO 4. 18 anos sem Chico Mendes	217
ANEXO 5. Ao companheiro Chico.	225
 Parte 3	
TEXTOS DO LIVRO DE 1992	245
REFERÊNCIA HISTÓRICA PARA O JURUÁ (Texto de orelha)	247
Leonardo Boff	
INTRODUÇÃO (fac-símile)	249
Pe. João Derickx	
Pe. João Trasferetti	
ABERTURA (fac-símile)	253
Pe. João Derickx	
 INFORMAÇÕES ADICIONAIS SOBRE	258
AS EDIÇÕES DE 1992 E 2007	
SOBRE OS AUTORES	262
SIGLAS	263

Bom Arabalho em prol
das Resex e seu povo.

Abraco amigo!

João Henrique

COMO NASCEU O LIVRO EM 1992

Pe. JOSÉ ANTONIO TRASFERETTI

Conheci João Derickx quando eu era seminarista da Arquidiocese de Campinas. Em 1978 fui fazer o curso do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES) no Rio de Janeiro. Derickx e outros colegas oriundos de várias partes do Brasil estavam inscritos no mesmo curso. Moramos na casa paroquial da Paróquia de São João Batista em Botafogo. Com o passar do tempo, ficamos amigos. O padre João era da Congregação do Espírito Santo, tendo vindo da Holanda, cidade de Dieren, para trabalhar como missionário na Diocese de Tefé, no Amazonas. Sua paróquia era o Rio Juruá. Ele tinha um barco comprado com o apoio de um grupo na Holanda chamado “Pró-Amazonas”. Seu trabalho missionário era descer e subir o rio com o barco, presidindo as missas, as cerimônias de batizados, os casamentos, as visitas pastorais aos ribeirinhos, pescadores e aos povos da floresta. O João era muito carismático e o povo tinha um grande carinho por ele. Ele era grandão, mas o chamavam de “Joãozinho”.

Depois que retornei em 1991 dos estudos na Itália, em Roma, nossa amizade aumentou mais ainda. Ele me convidou para visitá-lo e conhecer seu trabalho pastoral junto aos moradores do Rio Juruá. O padre João era muito envolvido com as questões sociais. Ele ficava

muito irado com as injustiças e sempre fazia movimentos e ações práticas para combatê-las. Ele procurava levantar recursos junto aos holandeses para promover o povo brasileiro, sobretudo, os povos da floresta. Certa ocasião fiz uma viagem de barco com ele. Descemos e subimos o Rio Juruá visitando as comunidades ribeirinhas. Realmente foi, para mim, um fato inédito. Nunca tinha feito uma experiência desse tipo. Sou nascido e criado no interior do Estado de São Paulo. Durante a viagem, naqueles momentos de silêncio da noite, ou pôr do sol, conversávamos muito sobre suas experiências no meio daquela gente. Ele contava muitos casos, muitas histórias peculiares da vida cotidiana, envolvendo a sexualidade, o trabalho e a vida em família. A vida no meio do rio, dentro do barco, noite e dia, em constante contato com a Amazônia em sua plenitude, foi realmente algo fantástico.

Certa ocasião o João manifestou interesse em fazer um livro para registrar suas experiências, histórias, lutas e tantos fatos da vida vividos naquele mar de água e de floresta. Eu disse que poderia ajudá-lo e que seria possível. Então ele começou a recolher alguns escritos, e contar para mim algumas memórias, pelo menos as mais picantes ou interessantes. Eram muitos fatos, alguns muito curiosos, que nem poderíamos colocar num texto público. E assim nasceu o livro. Fui anotando, escrevendo, recolhendo textos ou materiais esparsos que ele tinha. Entre risadas, brincadeiras e coisas mais, fomos organizando o livro. Eu cuidei de tudo, o João não tinha a habilidade da escrita. Buscamos recursos numa

instituição holandesa, fizemos contato com a editora Vozes, solicitamos uma apresentação do teólogo Leonardo Boff e o livro foi publicado em 1992 com o título *No coração da Amazônia: Juruá, o rio que chora*. Esse livro fez muito sucesso na Diocese de Tefé e em toda a região da Amazônia. Também fez sucesso por São Paulo e Rio de Janeiro onde tínhamos amigos. A Amazônia sempre foi uma causa importante e o rio estava chorando. O rio estava triste porque estava morrendo. Eram muitas as violências contra a natureza (águas, florestas, animais etc.) e contra os povos da floresta. O trabalho missionário do João objetivava proteger e cuidar da floresta e de todo ser vivo que nela habitava.

Posteriormente o João fez “outro” livro, intitulado *Reserva Extrativista: mais vida neste chão*. Nesse novo velho livro, ele reeditou praticamente o material publicado pela editora Vozes e acrescentou novos textos e argumentos. Tive conhecimento que ele publicou também um pequeno opúsculo em sua língua na Holanda para seus amigos e colaboradores. O grupo Pró-Amazonas, que dava suporte para o João, era grande e promovia constantemente atividades para angariar fundos. Posteriormente o João deixou a Diocese de Tefé, a cidade de Carauari e o Rio Juruá, indo trabalhar em Belém, na região do Bengui. Estive várias vezes com ele nessa paróquia. Recordo que era uma região da periferia de Belém bastante agressiva, com muita pobreza e violência. Mas o João morava e trabalhava no meio do povo, sem medo de nada. Ele era corajoso e destemido.

Não me recordo exatamente quando foi a última vez que estive com o João, mas observei que ele já estava bastante debilitado. Ele morava numa “Comunidade de Vida” na periferia da cidade de Belém do Pará. Tinha passado por uma cirurgia do coração na Holanda e a idade já estava chegando. Posteriormente soube da sua morte. Pelo que sei, está enterrado em Belém, nas terras amazônicas que ele tanto amava. O João foi um grande amigo, viajamos por várias partes do mundo. Conheci seus amigos e parentes da Amazônia e da Holanda. Ele também esteve muitas vezes na casa dos meus pais. Foi amigo de verdade, partilhamos a mesa e o chão. Mas a vida é assim: os amigos partem e deixam saudades. Seu corpo em sua materialidade física virou pó, mas o seu sorriso e a sua molecagem continuam conosco. Seu legado é uma linda história de amor, fraterno e desinteressado, pelos povos da floresta amazônica. Este livro que você, caro leitor, tem em sua mão, é um pequeno retrato da presença humana e profética de um dos maiores missionários que o Brasil já conheceu. Então, boa leitura!

Campinas, novembro de 2022.

COMO SURTIU ESTA EDIÇÃO AMPLIADA

PEDRO PENIDO D. GUIMARÃES

Em abril de 2022, voltei a Carauari, sudoeste do estado do Amazonas, para conhecer o Território do Médio Juruá (TMJ), iniciativa de desenvolvimento territorial envolvendo muitas organizações para a conservação da biodiversidade e melhoria da qualidade de vida das populações locais. Conheci a região em 1983, quando fui a trabalho por algumas semanas, mas a região era muito diferente da atual, como o leitor irá percebendo ao ler o livro.

Estive no Núcleo de Conservação e Apoio ao Desenvolvimento Sustentável Padre João Derickx, à beira do Igarapé Bauana e do Rio Juruá (quem seria este padre, me perguntei). Ali mesmo conheci um livro deste missionário *No coração da Amazônia: Juruá, o rio que chora*. Quanta força nos relatos, quanta luta e injustiça, quanto sofrimento. Eu passei a perceber a região com outro olhar... Como diz Leonardo Boff, em texto de apresentação nas orelhas deste livro: “O extraordinário do livro reside no seu aspecto global e integral. Nele há poesia ao lado de luta e encantamento pela natureza junto de conflitos de terra, há jogo combinado com trabalho. É um livro ecológico... Apresenta o outro Brasil, sofredor, lutador e vicejante como a Floresta Amazônica e as pessoas que ali cons-

troem uma nova aliança, integradora e fraternal com a natureza.”

No dia seguinte, conversa vem, conversa vai, Manoel Cunha, líder incontestado e sábio deste vasto território, me solicita apoio para reeditar tal livro, dada sua importância histórica. Além da reedição do livro, outras tantas ideias e projetos histórico-culturais foram surgindo... O encantamento mencionado por Boff acontecia a cada instante.

De volta a Manaus, fui direto ao largo São Sebastião, conhecer a pequena grande livraria Banca do Largo, especializada em Amazônia. De pronto, o livreiro Joaquim Melo me apresentou dois livros do padre João: o citado *No coração da Amazônia: Juruá, o rio que chora*, em coautoria e coordenação pelo padre José Antonio Trasferetti, editora Vozes, edição de 1992, e um outro, *Reserva extrativista: mais vida neste chão*, de 2007. Obrigado Joaquim.

Ao lê-los, percebi que são basicamente o mesmo livro. Ao livro publicado em 2007, por uma pequena editora de Belém, o padre João acrescentou cinco anexos, um bilhete de Chico Mendes, alguns comentários e fotos, mudou a introdução, mas os cinco capítulos, a apresentação e a conclusão são os mesmos. O anexo 1, com título “15 anos depois”, mostra algumas conquistas no território e nas comunidades. No ano de 2007, já existiam a Reserva Extrativista do Médio Juruá (Resex MJ), criada em 1997; a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari (RDS Uacari), criada em 2005, e a Terra Indígena Deni, demarcada em 2003 (e

homologada em 2004). O padre João mudou o título do livro de 1992 para *Reserva Extrativista: mais vida neste chão*, já sentindo e refletindo as mudanças positivas na região: o Juruá não chorava mais, o Juruá tinha vida.

Ao entrar em contato com a Editora Vozes para tratar do livro *Juruá, o rio que chora*, tive a informação de que a editora não tem mais direitos sobre a publicação e não possui nenhuma documentação arquivada, considerando ser um livro com mercado editorial restrito, regional. Foram publicados ao todo 6 mil exemplares de 181 páginas, em 1992, 1993 e 1996.

Quanto ao segundo livro, *Reserva extrativista: mais vida neste chão*, 230 páginas, publicado em 2007 pela editora gráfica Meridional, nenhuma tentativa de contato com esta editora surtiu efeito. Amigos e colaboradores do padre João à época estimam uma tiragem de mil exemplares.

Na presente edição, resgatamos a coautoria do padre José Antonio Trasferetti, citada na introdução e na ficha catalográfica de 1992, livro este que foi a base para edição de 2007, que por sua vez serviu de base para a presente edição, com a inclusão de três textos e dos agradecimentos da edição de 1992 que tinham sido retirados em 2007, e com inserções de textos explicativos e mapas de localização.

À procura de informações sobre possíveis orientações do padre João para novas edições do livro, falei com várias pessoas ligadas à Igreja Católica, como o padre José Antonio Trasferetti (coautor e amigo do padre João),

com o bispo emérito Dom Mário Clemente Neto (que escreveu a apresentação dos livros, na época bispo de Tefé e superior do padre João), Dom Teodoro Mendes Tavares (bispo da Prelazia de Ponta de Pedras e também amigo do padre João), o padre Flávio Gonzaga da Prelazia de Tefé, com o padre Valmir Majolo da Paróquia Imaculada Conceição de Carauari, com o padre Gilberto van Tol na Holanda. Conversei também com o Gouvêa de Castro, que trabalhou por anos com o padre João na Paróquia N. Sa. Rainha da Paz (Bengui, Belém), com diversos colaboradores e amigos do padre João em Belém (Edney Oliveira, Tania Miranda, Eric Freire). Nenhum deles sabe algo a respeito dos direitos autorais ou do testamento do padre João. Obrigado a todos pelo apoio e informações.

Uma colaboração com a Sitawi, organização sem fins lucrativos para a mobilização de capital para impacto socioambiental positivo, foi estabelecida e criado um fundo filantrópico para receber as doações e fazer a gestão financeira dos recursos. Agradeço a todos da Sitawi, nas pessoas do Leonardo Letelier e Luiza Ribeiro do Valle. E agradeço também ao Felipe Pires que me guiou pelo TMJ em abril de 2022.

Agradeço a parceria com o Instituto Juruá, pela confecção dos mapas, em especial ao João Vitor JB Campos-Silva, Hugo Costa e Camila Duarte.

Nubia Melhem Santos e Danielle Martins Prazeres se juntaram a esta empreitada como editora e designer. Gustavo Martins nos ajudou com seus conhecimentos e parecer jurídico.

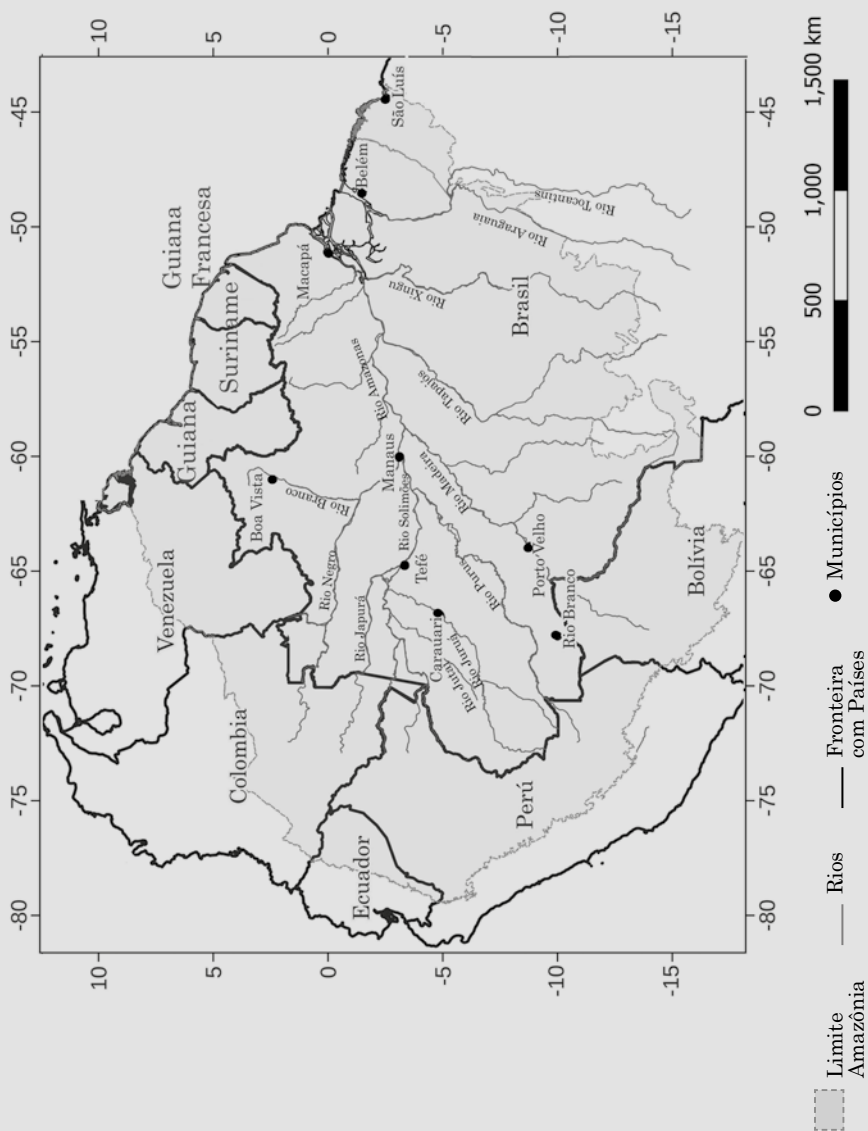
Na capa foram usadas uma imagem de satélite fornecida pela Cristina Bentz, quatro cedidas pelo Instituto Juruá e uma pelo ICMBio. Muito obrigado.

Agradeço a todos no TMJ, em especial o Manoel Cunha e Raimundo Cunha.

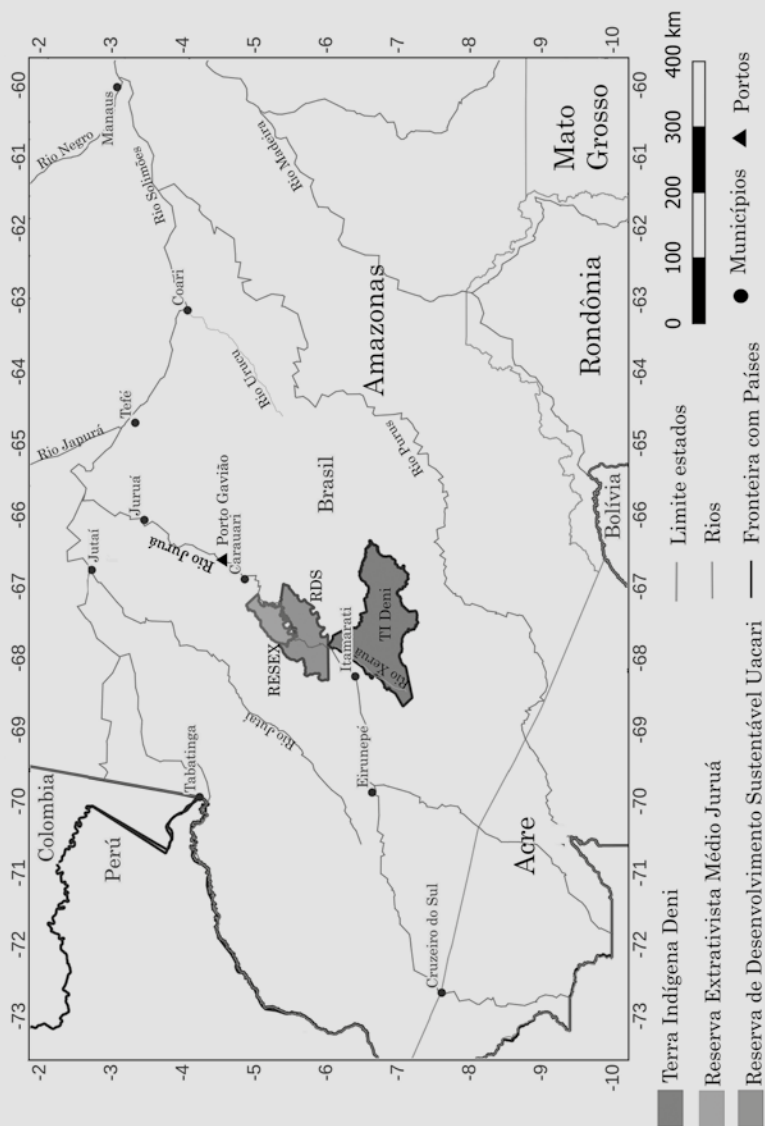
Optamos por uma edição comemorativa, em homenagem ao padre João e aos povos do Rio Juruá, e sem fins lucrativos. Todos os exemplares serão doados para escolas, comunidades, associações, igrejas e prela-
zias, órgãos de governo, ONGs.

Rio de Janeiro, dezembro de 2022.

MAPA DA REGIÃO AMAZÔNICA



MAPA DA REGIÃO DO MÉDIO JURUÁ





Ao pai João... muito
muito mais forte, mais
coragem e muita fé
pela conquista das reservas
extrativistas.

São Vitor do
Campanário
Chico Mendes

INTRODUÇÃO

RESERVAS EXTRATIVISTAS RESERVAS EXTRATIVISTAS

22 de dezembro de 1988. Antes de receber este cartão natalino em Carauari, rio Juruá, Amazonas, veio o telefonema triste do Acre. Uma voz embargada diz: 'João, pelo amor de Deus, assassinaram o Chico Mendes.'

15 de dezembro de 2006. Hoje Chico faria 62 anos. Faz 18 anos que sua força e coragem (citadas no cartão na véspera da sua morte), foram interrompidas pelo assassinato brutal.

Mas com certeza, sua fé (que alimentou esta força e coragem) o levou para Deus como mártir de um mundo cão que insiste em destruir em vez de preservar e cuidar.

Este seu ideal de preservar e cuidar causou o oposto, uma morte matada.

Nestes tempos, a memória do Chico Mendes se torna mais forte para mim. Estou lendo o texto provisório da Campanha da Fraternidade de 2007 dos Bispos do Brasil que será lançada em Belém do Pará para onde me mudei depois da minha missão no rio Juruá.

O tema da Campanha tem tudo a ver com meus 40 anos de vida missionária nesta região. 'Fraternidade e Amazônia: vida e missão neste chão.'

Por 13 anos andei com os seringueiros no rio Juruá onde fiz inúmeras viagens. Estes viviam uma tremenda exploração e por isso, tiveram o mesmo sonho de Chico Mendes e seu povo: a criação de Reservas Extrativistas, popularmente chamadas de RESEX.

Apesar da opressão dos 'donos' do pedaço, os ribeirinhos começaram a se organizar melhor nos anos '80, quando foi criado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Seringueiros do Município de Carauari no rio Juruá.

Eles procuravam sair da escravidão, por isso realizaram muitas reuniões, o que não era nada fácil, por causa das enormes distâncias percorridas pelos seringueiros na região,

onde trabalhavam e moravam. As 'estradas' do corte da seringa ficam muito longe umas das outras.

Para os encontros em Carauari (sede do município) gastava-se, de canoa ou embarcação, dias e, às vezes, uma semana de viagem. Mas a esperança de uma realização futura do grande sonho superou todo o desconforto das longas viagens.

Os encontros dos seringueiros dos rios Juruá e Jutai foram se consolidando. Depois vieram os encontros de Manaus, Rio Branco e Brasília. Foi nestas ocasiões que conheci o Chico Mendes.

Num dos bate-papos, nos intervalos destes encontros, Chico e eu manifestamos a vontade de conhecermos mutuamente 'o nosso campo de batalha' eu, o XAPURI e ele, o rio JURUÁ. O diabo não quis...

A primeira **RESERVA EXTRATIVISTA** que leva o seu nome foi criada no Xapuri no ano de 1990 e a nossa, do Médio Juruá, em 1997. Em toda a Região Amazônica já existem mais de 40 RESEX.

Em 1992, a ONU organiza, no Rio de Janeiro, a Conferência Mundial para o Meio Ambiente (popularmente conhecido como ECO 92) para comemorar os quinhentos anos da 'descoberta' do Brasil. Na mesma época, a Editora VOZES lança meu livro: No coração da Amazônia, Juruá, o rio que chora. O mesmo foi coordenado por meu amigo - escritor Dr. José Antonio Trasferetti, professor na UNICAMP de Campinas e teve 3 edições.

Termino o livro com os mesmos votos que Chico Mendes expressou no seu cartão natalino para mim.

'Para o povo Juruaense, uma RESERVA EXTRATIVISTA será a melhor comemoração dos 500 anos, será a resposta aos seus ECOS que soaram no presente livro. Será, ainda, como o canto do UIRAPURU que, na memória amazônica, é sinal de bênçãos da fortuna. O pássaro da felicidade eleva os ânimos e traz tranquilidade com a força do seu canto vibrante. Voa acompanhado quase sempre de um coro de dezenas de passarinhos barulhentos, que silenciam para escutar o pássaro da felicidade.

Ao contrário deste canto do UIRAPURU, foram justamente as lágrimas do rio a razão da luta dos ribeirinhos para a conquista da sua RESEX.

Em seguida, quero mostrar aos leitores os males que castigaram muito o povo juruaense nos anos '80, antes da criação das suas Reservas Extrativista.

Aliás....., muitas destas pragas continuam soltas nestas plagas amazônicas.

Um exemplo absurdo da destruição hoje (fim do ano de 2006), se deu nestes dias da minha leitura do texto provisório da Campanha da Fraternidade aqui no Pará: 'Policiais fardados dão proteção aos madeireiros que, com balsas, retiram toras de áreas proibidas da floresta.'

Que vergonha.....! É mais um exemplo que a C.F. deste ano é necessário para questionar e ajudar nossos amazônidas nos seus direitos e na promoção do seu bem estar.

Em seguida, transcrevo a apresentação do meu livro: '*Juruá, o rio que chora*' feito pelo teólogo e grande defensor do Meio Ambiente, Leonardo Boff:

"No coração da Amazônia, Juruá o rio que chora" é uma espécie de saga de um missionário, João Derickx e de um fascinado pela Amazônia, José Antônio Trasferetti. Padre João é um missionário diferente. É um holandês que não veio conquistar almas, mas cuidar de vidas. Não apenas da vida humana, mas de toda a vida ameaçada na região do Juruá. Ele mostra o que pode ser a nova evangelização, depois de 500 anos de exploração da terra e conquista das almas. Evangelizar implica um diálogo profundo e simpático com a realidade circundante, com a natureza que fala, com o rio que chora, com as populações que vivem, sofrem, se alegram no coração da Amazônia. Implica também a coragem profética de denunciar a violência contra o índio, a voracidade do latifúndio e a cura pastoral no fortalecimento da resistência e dos passos de libertação.

Em todas as páginas deste livro se encontra o lamento de quem sofre, mas também a alegria de quem encontra sentido em resistir e sempre de novo avançar rumo a um destino possível, mais humano e respeitador da natureza. O livro

será uma referência histórica para toda a região. Nele encontramos relatórios de reuniões, atas de encontros com autoridades, planejamentos em assembléias populares no sentido de defender os rios, salvaguardar as florestas e preservar as populações que aí residem.

APRESENTAÇÃO

O seringalista reuniu seus fregueses e armou-os bem. Cercaram a aldeia dos índios de surpresa e atiraram sem parar. Depois a invadiram e, com terçados, acabaram de eliminar os que ainda viviam. Uma criança desesperada havia subido numa palmeira. Alguém ia derrubá-la com um tiro, mas o patrão interveio: “Deixa esta que eu vou conservar ela para mim”. Obrigada a descer ela foi entregue ao patrão; mas, no seu desespero, a criança morde a mão dele. Ele diz: “Seu desgraçado! estou querendo te fazer o bem e é assim que tu me agradece!” E com um golpe de terçado decepou-lhe a cabeça. Isto aconteceu no alto Juruá, nos anos '40.

O seringueiro veio do nordeste como soldado da borracha. Já chegou devendo. Trabalhou anos a fio, primeiro sozinho, depois com a mulher e os filhos. O patrão dizia que estava sempre devendo. “Meus filhos, vamos trabalhar mais, passar mais fome, mas vamos vencer esta conta, fazer um saldo e sair desta escravidão.”

Entregava a produção, não comprava quase nada. Sempre devendo. Desesperados, pegam a canoa e fogem rio-abaixo. Dias a remo. Noutro seringal são presos por outro patrão e remetidos de volta.

Nos meses seguintes, a situação fica ainda pior. No auge do desespero mata o patrão e penetra pela mata com a família. São dias de fuga, medo, até vararem num rio desconhecido e lá constroem seu tapiri para morar. Era o rio Tefé e a região era do médio Juruá.

O patrão leva o barco cheio de homens recrutados para trabalhar no seu seringal. As famílias deles seriam trazidas uns dois meses depois quando viesse buscar a primeira produção. Quando as mulheres e filhos chegaram, todos

estavam mortos de malária e outras doenças. Isto aconteceu no médio Jutai, na localidade de São Pedro. Quando, em visita, passei por lá, um seringueiro tinha feito uma limpeza no cemitério já dominado pela mata e me chamou para dar uma bênção.

Nesta imensa região, os poucos padres que haviam tentavam visitar, batizar e fazer os casamentos. Olhando o livro de Registros de Batizados, vemos façanhas gigantescas.

Monsenhor Barrat realiza em 1936-37 o seguinte:

- Dia 28 de março batiza em Tamaniquá, rio Solimões (Boca do Juruá) e continua descendo.

- Dia 25 de abril, depois de ter batizado em todas as localidades intermediárias, está em Catuá, fronteira de Coari (Tamaniquá-Catuá, 270km).

- Dia 14 de julho, consta no livro IX de Batizados que ele está em Vila Bittencourt, fronteira com a Colômbia. Desce visitando os seringais.

- Dia 18 de agosto está em Cuburini na boca do Japurá (Vila Bittencourt-Caburini, 720 km).

Aos 16 de novembro, está nas proximidades do Acre, no rio Tarauacá. Desce batizando e fazendo casamentos (Boca do Tarauacá-Tefé, 1.832 km).

Em 31 de dezembro, o encontramos no seringal Marary. E continua descendo. No início de fevereiro está em Tefé.

Com o caminhar da história, já não se consegue suportar tal situação em que o povo se encontra. Uma data marcante é a Assembléia da Prelazia em '72. Os padres colocam em comum as preocupações e denunciam a situação de escravidão, principalmente do Juruá e Jutai. As denúncias são publicadas nos jornais de Manaus. Em Jutai, o povo conta que os comerciantes e seringalistas pressionam o Pe. João van den Dungen para não continuar com as denúncias na Igreja. A pressão é tal que ele sofre um enfarte e morre.

Em 1976 Pe. Bernardo Coursol, vigário de Carauari, é colocado na prisão pelo Prefeito. Ele era defensor intransigente dos mais pobres contra os que dominavam o

poder econômico na região e se organizavam politicamente no partido da ARENA.

Em 1981 o gerente da APLUB, de revólver na mão, impede o Pe. João Derickx de celebrar a missa para os trabalhadores... mas isto o Pe. João conta mais adiante...

Quais as exigências de nossa fé neste ambiente amazônico?

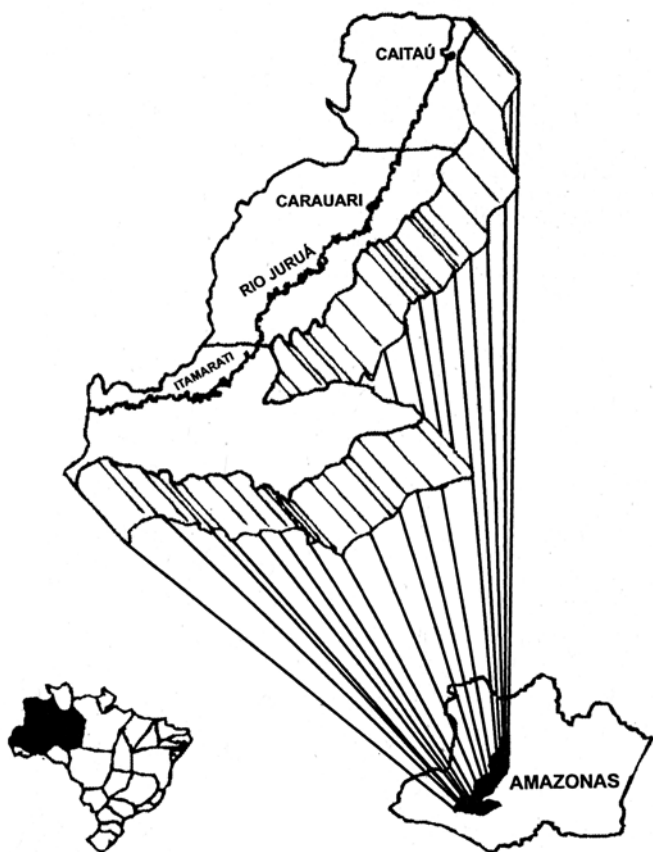
Como ser Igreja aqui, como exercer o ministério sacerdotal junto a este povo sofrido e diante da destruição sem sentido que se faz contra o homem e a natureza?

Este livro é um grito, uma denúncia, uma proposta de quem mergulhou para valer e vive há 12 anos no coração desta Amazônia.

Tefé, 12 de janeiro de 1992

Dom Mário Clemente Neto, bispo de Tefé

JURUÁ



Capítulo I

A REALIDADE SOCIAL QUE CIRCUNDA O MISSIONARIO

“A foice vai veloz veraz
mata a mata, deflora a flora
e o Amazonas jaz!”

Para realizar um trabalho pastoral crítico e criativo, é necessário o conhecimento da realidade. Obter informações, detalhar com minúcias o quadro que se apresenta diante dos olhos é condição para a prática eficaz junto aos pobres. Pe. João faz isto elaborando um diagnóstico do Município de Carauari. Neste documento ele relata a história econômica do município, a situação atual e as perspectivas de futuro sobretudo para os agricultores, seringueiros e os desempregados. Com lucidez crítica apresenta um quadro que não dá margem a dúvidas quanto ao seu compromisso e ação pastoral. A partir destas análises, esboçar uma prática religiosa com influência nas instâncias do poder visando à transformação da sociedade torna-se um desafio promissor.

Ao diagnóstico de Carauari se acrescentam as análises/denúncias minuciosas das diversas realidades, bem como: a pesca predatória, a situação do ensino rural, as condições de saúde, higiene, a exploração no comércio e outras.

Estas cartas/denúncias demonstram o grau de conhecimento e compromisso social junto às populações do rio Juruá. Pe. João se faz PORTA-VOZ de um povo que, na sua grande maioria (85%), é analfabeto e vive, historicamente, completamente dependente do poder econômico e político. Diante das autoridades competentes denuncia a situação de semi-escavidão em que vive este

povo. A palavra PORTA-VOZ, creio, diz muitas coisas por si só. Porém, torna-se mister esclarecer ainda, que isto é feito em nome de necessidades maiores, devido à condição da vida do povo desta região. Na verdade, seria conveniente que o próprio povo escrevesse suas cartas e fizesse suas denúncias com suas palavras. Mas, por razões que já dissemos, eles não conseguem fazer isso e esperam que o padre, no caso o João, preste a eles este serviço. Transcrevemos estas cartas, testemunhos vivos da denúncia, do compromisso e, ao mesmo tempo, retrato fiel da pobreza e do sofrimento desta gente.

Em todos estes relatos, aparece clara e cristalina a voz de um homem que sabe amar sua gente, vivendo no dia-a-dia a sua forma de seguir a Jesus Cristo. Sua espiritualidade é seu compromisso com este povo. Compromisso que se reveste de um caráter todo especial. Sem grandes manifestações, conhece a vida e o sofrimento dos juruaenses, chegando ao ponto de tomar suas dores, vivendo na carne muitos dramas e angústias. Aí está o seu itinerário espiritual, seu caminho para Deus.

Defender o direito dos pobres é uma das marcas mais sagradas dos seguidores de Jesus Cristo. Nestas cartas que vocês lerão, verão que isto se concretiza. Com humana doçura, profundo “respeito” pelas autoridades, o Pe. João denuncia as injustiças, aponta caminhos, oferece sugestões e trabalho para que o povo seja atendido nos seus clamores. Entretanto, sabemos que, apesar de todo esforço, estas vozes não foram ouvidas e muitas delas o vento levou. Porém, ficou o gesto, o amor, a dedicação, o desejo... Gerações futuras saberão entender, e, quem sabe, num futuro próximo algo possa mudar. Temos esperança.

1 - DIAGNÓSTICO DO MUNICÍPIO DE CARAUARI: DEUS HÁ DE OUVIR O CLAMOR DESTE POVO

a) Situação geográfica

Um dia recebi um cartão de uma amiga de Recife, Dulcinéia Xavier, assistente social com quem trabalhei nos anos '70 na COBAJUR (Comunidade de Base do Jurunas) em Belém do Pará.

Por ter me mudado para Carauari e ela para Recife, perdemos o contato.

Nos meados dos anos '80, a mesma ia participar em Manaus de um Congresso de Assistentes Sociais. No cartão me convidava para a gente se encontrar e colocar os papos em dia: "João, dá um jeito da gente se encontrar, pegue o ônibus em Carauari e venha a Manaus". Dulcinéia é paraense, universitária, inteligente mas com esse cartão tirou nota zero em geografia amazônica.

No final dos anos '60, uns 20 estagiários do Campus Avançado da Universidade de Juiz de Fora desciam do Búfalo da FAB no Aeroporto de Tefé. Eu estava na comissão de recepção com o jipe da Prelazia para oferecer carona até a casa de hospedagem da cidade de Tefé onde trabalhava. Todos os estudantes calçavam botas, pois foram informados que as cobras andavam soltas nas ruas da cidade.

Assim poderia contar outras anedotas que mostram a desinformação a respeito da região amazônica.

Reconheço, não é fácil entender a peculiaridade deste "outro mundo" em termos geográficos. Estradas, só nas redondezas de Manaus e olhe lá, as chuvas do inverno costumam tornar as estradas intransitáveis como as duas mais importantes que ligam Manaus a Boa Vista (Roraima) e a Porto Velho (Rondônia).

As estradas do Amazonas são os rios que levam seus usuários, sem pressa, para seus destinos. No caso de Carauari, saindo de Manaus, sobe-se os rios Solimões e Juruá perfazendo uma distância de 1.676 km, levando 8 a 10 dias (e noites) de viagem. Da cidade de Carauari até o limite do município viaja-se quase 5 dias de barco, ou seja, 60 horas, pois descansa-se à noite. Haja distâncias... e o que pensar da densidade demográfica? Pode-se viajar horas e horas sem encontrar uma única moradia nos beiradões do rio Juruá. Verdade é que o ribeirão costuma mudar-se para a terra firme (chamados centros) no inverno, época da enchente, mas assim mesmo a população não chega a um habitante por km² nesta hinterlândia.

A viagem aérea Manaus/Carauari dá uma idéia do vazio demográfico, pois raramente se vê uma casa na imensidão das florestas ou nas beiras das águas.

Calcula-se a população do Município de Carauari em aproximadamente 23.000 habitantes, 18 mil na zona urbana e 5 mil na zona rural. Se o censo atual chegar aos “confins da terra” da hinterlândia, teremos brevemente números mais exatos.

b) História econômica do rio Juruá

A região do rio Juruá é tradicionalmente uma área de extrativismo. Isto já na época dos indígenas que habitavam a região e viviam da e na floresta. Mas aqui se fala da “vocação histórica” das atividades extrativas a partir do século XVI. De fato, o próprio nome do país deriva de um corante obtido da madeira de uma árvore silvestre, produto de exportação. O rio Juruá entrou tarde na cobiça dos exploradores. Desde as grandes secas do nordeste, os mesmos se instalaram na sua margem expulsando e perseguindo os nativos como relataremos no “eco indígena”. Por muitos anos a borracha era o produto principal da região com um grande “boom” nas épocas das duas guerras mundiais.

Porém, no fim dos anos “70, os seringais entraram em decadência. O governo fez várias tentativas de estimular a produção da borracha através da criação da SUDHÉVEA (Superintendência da Borracha) e dos programas PROBOR I-II e III que ofereciam aos seringalistas financiamentos favoráveis para aumentar a produção de látex.

Infelizmente, nos anos “70, a corrupção (a maior praga do nosso país), já andava solta nos órgãos governamentais. Como essa corrupção   elástica, os governos estaduais e municipais não deixam por menos.

Falando de elasticidade, voltemos ao assunto da borracha.

A corrupção e a falta de fiscalização na aplicação do dinheiro da Sudhévea, desviado para outros fins, deixaram os seringueiros no maior abandono, aumentando ainda mais o  xodo rural. A gente sabia do desvio desses recursos financeiros que o banco oferecia aos seringalistas para a reabertura das “estradas da seringa”. De repente, o dono do seringal abria um comércio, comprava gado ou um carro.

Acabo de ler o livro *A luta pela borracha no Brasil*, de Warren Dean que confirma isso quando escreve na p. 203: “Cerca da metade dos projetos do PROBOR II foi desviada. Juros de 7% constituíam um presente, com uma inflação de mais de 20% ao ano, e a fiscalização realizada pelos funcionários locais do BASA era, na melhor das hipóteses, malfeita. Portanto, era tentador utilizar os créditos para outras finalidades, o que muita gente fez”

Lembro-me que na época a cúpula da SUDHÉVEA regional convidava os seringalistas e seringueiros para uma reunião em Carauari. Os últimos denunciavam a roubalheira dos financiamentos que não chegavam a ser aplicados nos seringais, além da falta de assistência de saúde e educação previstas nos programas do PROBOR. Esporadicamente, um barco de saúde da Sudhévea viajava pela beirada do rio Juruá, como naquele ano, levando pouquíssimos remédios e muitos cartazes do José Lindoso, então candidato a governador.

Fiquei chocado com a zombaria do Dep. Vinícius Conrado, humilhando os seringueiros, quando perguntava: “Cadê o Sindicato de vocês? Por que não compra um barco e contrata um médico para atender suas famílias?”

Anos depois, em agosto de 1985, sob o comando do mesmo deputado, cerca de 20 policiais militares efetuaram a retirada dos índios KULINA da sua aldeia no Município de Eirunepé, rio Juruá também. A justificativa do parlamentar era de que os índios se apossaram do seringal “SANTA MARIA”. A denúncia era da própria FUNAI cujo advogado, Roberto Alexandre, acusava o Dep. Vinícius Conrado de ser latifundiário e, por isso, juntamente com outros políticos, defender, de forma ilegítima, o que eles consideravam como “suas terras”.

Infelizmente, os índios e seringueiros do rio Juruá não têm sorte com seus representantes políticos.

c) História econômica e social do Município de Carauari nos anos '80



Município de Carauari

No final dos anos '70 a Petrobrás veio instalar-se em Carauari e se começou o trabalho de prospecção de petróleo e gás na região. A estatal contratava firmas empreiteiras, entre outras, equipes geofísicas cuja finalidade é obter dados da estrutura subterrânea para descobrir lençóis de gás e petróleo. Para os peões, o trabalho consiste em abrir clareiras e picadas na mata e andar diariamente uma dezena de quilômetros carregando cabos, dinamites e outros. Dorme-se em acampamentos provisórios, embaixo de lona no meio da selva.

Quem melhor do que o ex-seringueiro sem futuro, mateiro por excelência, tornar-se empregado dessas equipes sísmicas? Embora trabalhando no mesmo ambiente, que é a floresta, as circunstâncias eram bem diferentes. Não era mais sujeito ao sistema de troca no barracão e muitos deles viram, pela primeira vez na vida, a cor do dinheiro. Como mão-de-obra desqualificada, ganhava-se um salário mínimo com acréscimo de 30% de insalubridade conforme a CLT.

As firmas forneciam macacão, botas, redes, mosquiteiro e refeições. O ganho dos peões garantia, mais ou menos, o sustento da família e o estudo dos filhos na cidade de Carauari. Em contrapartida, os homens ficavam de 2 a 3 meses na mata, longe das famílias e o emprego não oferecia nenhuma capacitação para uma futura profissão. Ademais, havia firmas empreiteiras que não obedeciam às leis trabalhistas aproveitando-se da ausência do Poder judiciário (o juiz vivia na capital e passava apenas uma chuva na cidade onde se molhava, de modo particular, as mãos...).

Eram inúmeras as irregularidades dessas firmas contra nossos trabalhadores braçais como podem testemunhar o Sr. Raimundo Gomes, ex-presidente do SINDIPETRO de Belém, e Dr. Paulo Levy que era advogado da nossa Prelazia.

Considerarei sempre os peões das firmas empreiteiras, os verdadeiros patriotas, dignos de tratamento honesto e justo, uma vez que colaboram com a extração de uma matéria-prima de suma importância para a economia nacional, até hoje dependente de petróleo importado. (No ano de 2006 a Petrobrás conseguiu a sua auto-suficiência) Infelizmente, os peões da Jari, do Carajás, Paranapanema e tantos outros projetos nesta Amazônia afora são obrigados, por força maior, a extrair a riqueza para a exportação.

No auge das atividades da prospecção, havia 600 a 800 homens trabalhando nas diversas equipes sísmicas, garantindo um sustento de 40% das famílias carauarienses.

Naquela época, visitava o pessoal regularmente, aproveitando os vôos dos helicópteros que deixavam material de pesquisa e mantimentos nas clareiras. Nessas visitas tornava-me uma ponte entre o trabalhador mateiro e seus familiares em Carauari. Levava encomendas, trocava correspondências ou transmitia recados de ambas as partes. De noite a gente se reunia em redor da fogueira para uma oração e novena. Gostava de ver a participação desses homens que, em outras ocasiões, costumam deixar a reza por conta das mulheres.

Nos bate-papos ouvi muitas histórias sobre caça e segredos da floresta e hoje me arrependo de nunca ter me lembrado de gravá-las. Recordo ainda que os papagaios, que a peãozada criava nos acampamentos, cumprimentavam o visitante pelo nome “cornudo” e, de resto, também não ensinavam “O Pai-nosso ao vigário”...

A minha amizade com a turma, tantas vezes lesada pelas firmas empreiteiras, levou-me a batalhar pela criação de uma Delegacia do Trabalho no Município. Cheguei a visitar, junto com o advogado, a Coordenadoria Regional do Ministério do Trabalho em Manaus e oferecemos um terreno da paróquia para a construção da tal Delegacia Municipal. A mesma prometeu encaminhar o pedido às autoridades competentes de Brasília, uma maneira gentil para fazer entender que poderíamos tirar o “cavalo da chuva”.

Não há dúvida de que a Base de Apoio da Petrobrás fez prosperar Carauari economicamente. A cidade foi batizada como “Capital do gás”, conforme reportagem no jornal e uma faixa no aeroporto. Até a meretriz Júlia mudou de nome. Boa de cama, se satisfazia (pelo menos economicamente) com três visitantes noturnos, quando encerrava o expediente. Os outros candidatos, inconformados, começaram a apelidá-la de “acabou o gás”.

Os bares, clubes e restaurantes surgiam e ficavam agitados com a presença dos forasteiros. O comércio e os bancos se beneficiavam com o fluxo de dinheiro nunca visto antes.

Asfaltou-se uma estrada de 9 km, que ligava a cidade ao Porto do Gavião onde a Petrobrás tinha suas instalações de infra-estrutura. Muitos carros rodavam pelas ruas da cidade e pela estrada, facilitando o transporte dos agricultores que tinham suas roças na beira da mesma. Até hoje, encontra-se no centro da cidade o ferro velho de um ônibus que fazia linha até a beira do rio Juruá

A estatal construiu uma ala nova do hospital da paróquia e seu médico dava meio-expediente para a população doente. Facilitava ainda a chegada do DDD. Houve uma época em que 8 a 10 helicópteros (as ferramentas mais adequadas para a penetração da selva) estavam a serviço das prospecções e perfuração dos poços. As firmas contratadas alugavam casas para seus funcionários e os mesmos empregavam cozinheiras, faxineiras e lavadeiras facilitando um ganha-pão também para as mulheres.

Enfim, não há como negar que a Petrobrás oferecia muitos benefícios à comunidade carauariense. Mas a euforia acabou quando foi constatado que a exploração do gás era economicamente inviável. (Um gasoduto implicava num gasto de mais de 1 bilhão de dólares).

Pior, o petróleo começou a ser explorado no solo do município vizinho de Coari que passou a beneficiar-se com os royalties (taxa de exploração). Uma enorme frustração para os carauarienses uma vez que, anos a fio, todas as operações da Petrobrás eram comandadas de nossa cidade.

Em 1989 a Base de Apoio mudou-se para o Rio Urucu, no coração da floresta, onde foram construídas instalações modernas com aeroporto de modo que toda a infra-estrutura da estatal em Carauari foi abandonada. As firmas empreiteiras mudaram-se para Tefé onde começaram a contratar a maioria dos seus empregados. O Dr. Monte, Coordenador Regional da Petrobrás, reconheceu a dívida social da empresa para com o povo daqui e facilitou os vôos Urucu-Carauari e vice-versa, mas não podia evitar a diminuição da contratação de mão-de-obra do nosso município.

Aliás, a “segurança” do emprego dos ex-seringueiros ficou sempre entre aspas. Os contratos das equipes sísmicas tiveram todavia uma vida curta. Basta as firmas ganharem

uma nova concorrência numa outra área, demite-se o peão que se torna elemento descartável. É o capitalismo selvagem que essas firmas praticam ao pé da letra, uma vez que tiram seus lucros da selva e, como sempre, às custas dos silvícolas.

É triste ver que, depois da borracha, o ouro negro, outra riqueza econômica do país, venha marginalizar o homem juruaense.

Outra firma que fez “história” no município de Carauari nesses anos ‘80 é a firma APLUB que se diz dona de 1.500.000 hectares de terra. A APLUB (Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil) é uma entidade seguradora, ou seja, a finalidade dela consiste em proteger e garantir o SEGURO DE VIDA dos seus associados, o que ela consegue às custas da INSEGURANÇA DA VIDA dos seus funcionários que trabalham no projeto de Carauari. Os já seguros e garantidos por seus diplomas se asseguram ainda mais pisando os direitos dos trabalhadores numa insegurança total.

Além de prejudicar seus funcionários, a firma APLUB causa transtorno aos agricultores e ex-seringueiros que não têm acesso às terras em redor da cidade devido à posse ilegal das mesmas pela empresa.

d) História recente do Município de Carauari

Em 1988 os dois atuais mandatários da prefeitura apresentaram seu projeto administrativo à coletividade, chamado: UMA DUPLA DE FÉ.

Passaram-se três anos e a fé da população está profundamente abalada. Dizem os dois na apresentação do projeto que a “Comunidade Carauariense, através dos DESCOMPROMISSADOS bate-papos, foi inesgotável de sugestões ao planejamento”. Se os bate-papos tivessem sido comprometedores, o município não se encontraria no atual estado de abandono. Desde a apresentação do Projeto, o descompromisso permeia toda a administração municipal.

A comunidade carauariense soube expressar suas expectativas e colaborou com boas sugestões para a gestão dos dois. Assim também muitas reivindicações antigas dos agricultores e seringueiros foram citadas no Plano de Trabalho da dupla.

Uma análise recente, feita pelas duas categorias e algumas pessoas comprometidas com a causa popular, mostrou mais uma vez como a proposta contida no fascículo é paciente e inofensiva.

Para começar, os ribeirinhos são as primeiras vítimas do descaso governamental. As duas embarcações da prefeitura estão paradas faz tempo. Assim, não há nenhuma assistência na área da educação e saúde na beirada do rio Juruá. São os professores das escolas rurais que têm que arranjar um transporte (perdendo dias de aula) para entregar boletins de frequência em Carauari e resolver qualquer problema em relação à sua escola.

O setor de Educação Municipal conta com 8 funcionários, mas não há dinheiro para um treinamento dos professores que lecionam na base da boa vontade, pois nunca frequentaram uma escola. Já faz anos que um suposto proprietário do seringal Providência perturba a vida dos seus seringueiros por participarem do sindicato. Nessa implicância já conseguiu a colaboração do delegado de polícia, do juiz, promotor e dos nossos mandatários. Fechou a escola por duas vezes a prego e martelo. O povo reabria. Na terceira vez, aproveitando a ausência dos homens que estavam trabalhando na mata, veio, com seus capangas, arrancar a escola para reconstruí-la na sua fazenda em Carauari onde serve de depósito. O promotor deu ganho de causa ao "proprietário" alegando que a prefeitura nunca tinha desapropriado o terreno onde a escola fora construída.

Numa reunião dos seringueiros com o vice-prefeito, o último lamentou o fato e, para evitar futuros problemas com os donos dos seringais, achava melhor que a prefeitura fizesse escolas-flutuantes no rio Juruá... Pelo resto, nada fez para recuperar as tábuas, alumínio, etc.

Na cidade de Carauari a prefeitura construiu uma creche apresentada como escola profissionalizante nas suas prestações de contas. Os profissionais da corrupção profissionalizando os dentes-de-leite. Quem diria?

A embarcação da prefeitura chamada "SAMUEL AMARAL II" seria, conforme o Projeto da dupla, equipada para uma assistência médica aos interioranos. O único "equipamento" é uma viagem esporádica quando um médico,

um dentista prático, uma enfermeira acompanham algum político em busca de votos.

A meta do governo municipal em contratar profissionais de saúde, conforme o Plano de Trabalho, foi atingida, pelo menos para a cidade de Carauari, às custas do povo doente e carente de recursos financeiros. Os médicos, dentistas, laboratorista e enfermeira-chefe, todos contratados pela SESAU (Secretaria de Saúde do Estado), recebem ainda “pro-labore”, pagamento de aluguel de casa e passagens aéreas, o que totaliza, mensalmente, milhões de cruzeiros tirados dos cofres municipais.

Enquanto isso, a paróquia tem que arranjar dinheiro para comprar remédios, sempre escassos no hospital, ou para ajudar numa passagem aérea para o tratamento urgente de um doente em Manaus.

Finalmente, por incrível que pareça, neste mundão há falta de terra para os agricultores, cuja maioria é ex-seringueiro e ex-peão da Petrobrás. Além da firma APLUB-forasteira, os próprios mandatários do Município, como prefeito, alguns vereadores e seus aliados, conseguiram todas as terras em redor da cidade para criação de gado, obrigando os roceiros a procurar seu sustento em áreas distantes e de difícil acesso.

Depois desta análise posso tirar o estetoscópio porque pelos ECOS que acabamos de ler podemos fazer o diagnóstico: o município de Carauari está bastante doente tanto na área social, como econômica e política.

Os remédios não de salvá-lo, a começar por uma boa dose de consciência política.

Não custa lembrar também um velho adágio: “a esperança é a última que morre”. Esperança que tanto prego no enterro dos mortos matados. Deus há de ouvir o clamor deste povo sofredor e há de ajudá-lo na construção de um Reino mais justo e fraterno neste pedaço do Amazonas, onde armei minha morada.

Peço a Ele que me faça instrumento de anúncio edenúncia para que a profecia de Isaías possa se realizar: “A justiça produzirá a paz e o direito assegurará a tranquilidade; meu povo habitará em moradas seguras, em abrigos tranquilos” (Isaías 32,17-18).

2 - O DRAMA JURUAENSE DOCUMENTADO EM CARTAS

Eu peço a todos os leitores
que leiam com toda atenção
guardando toda palavra
no fundo do coração
sobre a estória do nosso povo
que sofre nesta nação.

José Bezerra da Silva

(Agente de Pastoral da Prelazia de Tefé/AM)

Nesta secção apresentamos, através de alguns documentos em forma de textos escritos de cartas/denúncias, a realidade vivida pelo povo do rio Juruá. Fala-se sobre os problemas enfrentados pelos ribeirinhos, seringueiros, educadores, pescadores, povo em geral. São apontadas as irregularidades, as artimanhas que o poder utiliza para sobreviver e dominar. Foram enviadas cartas ao Prefeito, ao Governador, ao IBAMA, ao Ministro da Justiça. Em todas elas está retratada a realidade da dor. Mas não param aí, elas apresentam também sugestões de como solucionar determinados problemas e, em alguns casos, até apresentam ajuda, no caso, por exemplo do ensino rural. Estas cartas se constituem num importante material, que mostra o quadro geral da região e exige uma resposta de todos aqueles que participam da caminhada do povo. Diante deste quadro não é possível manter atitudes neutras ou comodistas. A própria realidade é exigente, a condição de vida desta gente está posta nas ruas, basta ter olhos para ver. Mais uma vez a atitude profética vence o medo e convida todos a se comprometerem.

Estes textos em forma de análises e estas cartas/denúncias demonstram a preocupação do Pe. João e de seus companheiros de caminhada com os problemas que atingem a população.

Estes documentos falam por si mesmos e são uma viva demonstração do conhecimento da realidade presente na prática pastoral do Pe. João. A denúncia dos problemas fazem parte da missão evangelizadora, sobretudo em áreas distantes como o Amazonas. Para realizar esta missão é

preciso coragem e ousadia evangélica. O desprendimento, o descompromisso com a política daqueles que oprimem são exigências que se apresentam na lida diária.

Os privilegiados da ação pastoral e objeto de amor primeiro são os pobres. Defender seus direitos, salvar suas vidas é exigência do Evangelho de Jesus Cristo. Nisto consiste sua espiritualidade, sua ética cristã, seu caminho para Deus. Defender o direito dos pobres na sua concretude diária nos lugares mais distantes é condição de uma espiritualidade. Neste sentido, as orações não são momentos dicotômicos, mas toda a vida espiritual está conjugada com o mistério do Senhor no Cristo Crucificado que assume os rostos cristalinos dos habitantes da floresta.

No centro do seguimento de Jesus Cristo está a VIDA do CORPO dos pobres. Neste caminho encontra-se com Deus, pois o Deus de Jesus Cristo é o Deus da Vida. “A glória de Deus é a vida do homem”, dizia S. Irineu.

Para que a vida do homem se realize e seja plena na face da terra é necessário buscar os instrumentos adequados. O melhor instrumento é o exercício da política e a instauração da ética na política. Com coragem, honestidade, sinceridade, e desinteresse, o testemunho do Pe. João tem sido transparente no sentido de indicar os caminhos para a superação dos problemas. Talvez devêssemos perguntar: Vale a pena insistir? Estas denúncias acompanhadas de propostas de trabalho fazem sentido? Surtirão ECO no coração dos que têm poder? Acordarão as mentes da população enganada pelos corruptos? Talvez a curto prazo a resposta seja não, mas temos a clara convicção de que o anúncio/denúncia deve ser feito sob pena de falsificar o Evangelho de Cristo.

Penetrem nos mistérios destas cartas e relatórios, leiam nas entrelinhas e sonhem com dias melhores para este povo que habita estas terras amazônicas.

a) Ensino rural municipal. Proposta de colaboração

Senhor Prefeito,

Nesta

Ao iniciar seu mandato como prefeito de Carauari, desejo-lhe bom êxito nos trabalhos em prol do município.

A título de colaboração, apresento-lhe um relatório da situação do ensino rural no município, na margem do rio Juruá.

O levantamento foi feito durante uma visita pastoral no presente mês.

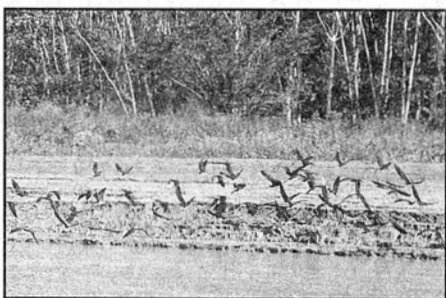
Tomo também a liberdade de apresentar algumas sugestões baseadas nas conversas com as pessoas interessadas, as quais me pediram, inclusive, que fosse o porta-voz junto aos senhores, ou seja, as autoridades municipais.

Na última campanha eleitoral foram feitas promessas de aumentar a construção de escolas no interior. Penso que isso é um assunto bastante delicado uma vez que faltam professores e até alunos para justificar tais construções. Por isso, algumas escolas, já construídas, estão servindo de moradia e até de depósito.

Assim mesmo, o assunto merece toda a nossa atenção, uma vez que a precariedade do ensino rural continua sendo um dos motivos do êxodo rural que tanto prejudica a população interiorana.

I - SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E LOCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO

Na sua extensão, o Município de Carauari mede 480 km na sua margem do rio Juruá. (Do seringal Santa Rosa até o afluente Xeruã.) As escolas rurais encontram-se nas seguintes localidades:



Beleza do Rio Juruá

Morada Nova (descendo o rio)	20 km	distante de Carauari
Vila Nova	" 22 km	"
Curimatã	" 35 km	"
Matamatã	" 50 km	"
Santa Maria (subindo o rio)	12 km	"

Idílio	(subindo o rio)	40 km	distante de Carauari
Estirão do Carapanã	"	50 km	"
Lago Seco	"	85 km	"
Gumo do Fação	"	105 km	"
(Providência)			
Pupunhas	(subindo o rio)	130 km	distante de Carauari
Lago do Roque	"	140 km	"
Monte Cristo	"	160 km	"
Deus é Pai	"	220 km	"
Boca do Chué	"	265 km	"
Paxiúba	"	325 km	"
(Tabuleiro)			
Maracajá	"	330 km	"
Xibauá	"	405 km	"

Além destas escolas, existem algumas moradias que servem de sala de aula como: Arujá, Pupuai, Pupunhas (na curva do rio), Imperatriz e Bauana.

II - O FUNCIONAMENTO DAS ESCOLAS NA MARGEM DO RIO JURUÁ

No ano de 1988 o funcionamento da maioria das escolas foi péssimo. Algumas funcionaram apenas 2 meses (como foi o caso da escola dos seringais Deus é Pai e Xibauá), outras ficaram fechadas o ano todo e houve até escolas que serviram (e servem ainda) de moradia ou depósito. O desempenho de apenas 10 escolas pode ser considerado satisfatório, o que é menos do que a metade.

III - AS CAUSAS DA PRECARIEDADE DO ENSINO RURAL SÃO DIVERSAS

Citamos:

- a) falta de planejamento por parte do setor competente
- b) falta de professores capacitados.
- c) falta de material (às vezes elementar) para os alunos.
- d) falta de uma supervisão nas escolas.

IV - SUGESTÕES PARA O MELHORAMENTO DO ENSINO RURAL

- a) Planejamento centralizado por parte da coordenação.
- b) Uma formação mais adequada para os professores.
Um treinamento em Carauari pelo menos uma vez por ano.
- c) Um pagamento satisfatório para os professores (nunca menos do que um salário mínimo).
- d) Uma supervisão mais regular nas escolas.
- e) Maior conscientização dos pais a respeito da importância do ensino para os filhos.

V - COLABORAÇÃO DA PARTE DO MEB (MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE) E PARÓQUIA.

- a) Dar passagem para um supervisor nas novas viagens periódicas ao interior.
- b) Contatos com os professores rurais levando notícias, material escolar, trazendo boletim de frequência, etc.
- c) Colocar nossos barcos à disposição (cobrando apenas as despesas de viagem) para o transporte dos professores, facilitando cursos e treinamentos.
- d) Nas nossas visitas, conscientizar os pais a respeito da importância do ensino.

Finalmente, colocamo-nos à disposição dos senhores para qualquer esclarecimento do presente relatório ou entendimento a respeito das sugestões apresentadas.

Neste mês comemoramos os 40 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Relembramos o artigo 26: "Todo homem tem direito à instrução. A instrução elementar será obrigatória."

Carauari, 31 de dezembro de 1988.

Pe. João Derickx

(A presente carta foi enviada também a todos os vereadores, porém nunca tivemos uma resposta nem fomos procurados para colaborar no melhoramento do ensino rural).

Quanta diferença observamos hoje, quando comparamos com a situação educacional dos anos 80!

Todos os professores da Zona Rural têm Ensino Médio completo.

14 Deles têm Curso Superior Completo através da UEA (Universidade Estadual do Amazonas) que tem um Campo Universitário na cidade de Carauari.

O curso Normal Superior está sendo oferecido nas férias escolares para todos os professores da SEMEC (Secretaria Municipal de Educação de Carauari).

São realizadas em média, três cursos de reciclagem por ano aos professores da área rural.

Todas as escolas do interior recebem merenda para 200 dias letivos.

b) O ilustre amazonense recebe os ecos dos ribeirinhos



Andiroba, saúde e embelezamento

Exmo. Sr. Ministro da Justiça
Dr. José Bernardo Cabral

Carauari, 15 de março de 1990

Somos Agentes de Pastoral da Prelazia de Tefé e atuamos na área do rio Juruá, Município de Carauari, no Estado do Amazonas.

O que nos motiva a escrever esta carta é o fato de estarmos vivendo e trabalhando com um povo sofredor, numa região brasileira sem lei e sem justiça.

V. Excia. é amazonense e certamente dispensaria uma descrição mais detalhada da situação de verdadeira escravidão em que vivem milhares de conterrâneos vossos. Em todo caso, nunca é demais repetir o lamento, uma vez que, em favor desse povo escravizado, as autoridades se têm omitido sistematicamente.

A história mostra que os momentos de auge, de glória e de suntuosidade das elites coincidem dramaticamente com os de miséria, de fome, desgraça e morte do povo trabalhador. Os ribeirinhos do rio Juruá (agricultores, índios, seringueiros) são vítimas fatais dessa perversidade. Enquanto cresce por um lado o lucro, as posses, o bem-estar

de empresários nacionais e estrangeiros, por outro crescia o número de mulheres e homens, jovens e crianças, nesses beiradões, desfigurados pela fome, pelas doenças, pelo abandono e exploração. É incontável o número das vítimas dessa pena de morte. Passou a segunda guerra em outros países, mas, por aqui, ela continua matando impunemente, senão vejamos:

Os seringueiros e ribeirinhos de nosso município vivem forçados pela ganância das elites parasitárias, legados à situação absurda de objetos de manipulação, para gerar riquezas, sem poder delas usufruir.

Este contingente humano não tem cidadania. Encontramos seringueiros na terceira geração, trabalhando e morando no mesmo local e, no entanto, o patrão e/ou, na maioria das vezes, pseudopatrão, não lhes reconhecem os direitos como as licenças de ocupação doadas pelo governo do Estado a quem vive e trabalha por um ano e um dia em terras da União. Houve casos em que o patrão simplesmente tomou tais documentos do seringueiro e rasgou... ficando por isto mesmo.

Estes patrões também não asseguram aos seringueiros os direitos trabalhistas que lhes cabem, uma vez que não são reconhecidos como posseiros. E para impedir a conscientização de classe, os seringueiros, em muitas áreas, são proibidos de participar do Sindicato. Total desrespeito ao trabalhador e à Constituição Federal.

Assim mesmo, este povo produz, assumindo todo tipo de risco, pois as atividades por ele desenvolvidas são insalubres e perigosas. Seria difícil enumerar os casos de acidentes no trabalho, bem como as vítimas fatais de picada de cobra, hepatite, malária, acidentes na derrubada de madeira, etc. Os patrões, ao final, ficam com os produtos destes trabalhos realizados com suor e sangue, sem que façam investimento capaz de compensar tanto risco: pelo contrário, o investimento é mínimo.

Suor e sangue aqui não tem sentido figurado, pois nem aos mortos são perdoados os débitos contraídos através de uma comercialização desonesta, que lança o seringueiro num círculo vicioso, onde, por mais que ele produza, tanto mais fica devendo.

Para se ter uma idéia da gravidade da situação, o quilo do açúcar está custando hoje (15.03.90) na cidade Cr\$ 50,00, no seringal oscila entre Cr\$ 120,00 e Cr\$ 160,00. Por sua vez, a borracha está tabelada oficialmente em Cr\$ 66,00, mas os patrões, desrespeitando os poderes constituídos, a recebem por apenas Cr\$ 33,00. O caso de quem produz farinha é ainda mais grave, pois 40 litros custam Cr\$ 100,00, sendo preciso ainda de um paneiro e meio para adquirir um quilo de açúcar.

O domínio e o desrespeito em relação aos ribeirinhos é tão grande que, recentemente, os Senhores Ciro, Almir e Lúcio tentaram tirar das viúvas, à força, os únicos bens legados por seus finados, no caso, dois roçados e umas poucas folhas de alumínio que cobriam a casa de uma das viúvas. Não conseguiram o intento, devido à interferência de amigos, entre eles um padre.

Para manter os seringueiros assim, à mercê da barbárie, os novos ricos, a exemplo de seus antecessores, os coronéis de barranco, requisitaram o arbítrio e a manipulação dos créditos públicos que são dados pelos bancos, para o desenvolvimento da região. Com um mínimo de investimento econômico no interior, estas elites auferem lucros fabulosos, com os quais ostentam um fausto que é escandaloso em meio a tanta miséria em que está mergulhado o povo.

Nessa terra sem lei, os mandatários do poder político e econômico que se fizeram à custa do "cartorialismo" hostilizam os que se colocam a favor dos oprimidos e utilizam ilegalmente o poder policial contra os pobres seringueiros e ribeirinhos desavisados e ignorantes de seus direitos. Em maio de 1989, pudemos testemunhar, no município de Itamarati, um momento dessa violência brutal: O senhor Antonio Cunha, proprietário do seringal Tambaqui, percorria as moradas dos seringueiros em companhia do delegado de polícia para intimidar os que se opunham aos seus interesses mesquinhos como cobrança ilegal de renda e a obrigatoriedade da exclusividade da comercialização. Um seringueiro perguntou ao delegado se aquilo era legal, se existiam mesmo aqueles direitos que o patrão exigia. O delegado simplesmente disse que o patrão havia feito financiamento no banco e pagava impostos, e isso lhe dava todos os poderes e direitos.

Sabemos que a saúde pública em nosso país nunca esteve em consonância com a realidade da população, sendo que em nosso município a gravidade da situação fica aquém dos limites considerados minimamente aceitáveis. Para se ter uma idéia, temos dois médicos para uma população estimada em cerca de 18.000 habitantes, apenas na cidade.

Este dado, por si só, já é muito grave e fica mais grave ainda se considerarmos o grau de insalubridade daqui, onde foi constatado oficialmente que temos o maior índice de hepatite B do Estado, fortes surtos de malária, muitos casos de hanseníase e outras doenças de pele. Além da insuficiência de recursos humanos, os recursos materiais também deixam muito a desejar, não há instalação adequada para maternidade, ficando as parturientes e recém-nascidos sujeitos a contrair infecções por terem que ficar nas mesmas dependências de outros pacientes. Muitas vezes faltam agulhas para injeções, algodão, álcool, esparadrapo, e outros materiais mínimos e indispensáveis. Ultimamente, tivemos quatro óbitos de parturientes que teriam sido poupadas se houvesse serviço de atendimento pré-natal.

Não fica longe também o tratamento que é dado à Educação. O alto grau de analfabetismo da população parece não incomodar as autoridades da região. Sobretudo no interior, o abandono é praticamente total: professores que dão tudo de si para “ensinar as letras” às crianças estão sem uma sala adequada, sem material escolar, sem capacitação e reciclagem periódica.

Com a desativação do Porto do Gavião (base da Petrobrás na cidade de Carauari), a situação de milhares de pessoas é de desespero. A maioria das famílias veio para a cidade na ilusão de que as firmas empreiteiras dariam condições de vida mais humana que nos seringais. No princípio, parecia verdade, mas agora se vê o engano em que todos foram metidos. Muita gente está literalmente passando fome, pois as tais firmas demitem seus funcionários a bel-prazer.

Os povos indígenas que vivem na região do Juruá sofrem os mesmos males e, muitas vezes, de forma mais violenta, dado o alto grau de preconceito. São os Kulina, Deni e Kanamari, os povos que, como seringueiros, são massacrados cotidianamente e impunemente.

Muitos outros problemas poderíamos elencar, mas acreditamos que bastam estes para sensibilizar o novo Ministro que hoje assume a pasta da Justiça.

Mas gostaríamos ainda de registrar junto a V. Excia. a nossa crítica quanto à maneira com que o governo que hoje toma posse vem passando a visão de sua vitória nas últimas eleições. Definitivamente o povo nem chegou a conhecer o “Plano de Governo” do Senhor Fernando Collor de Mello. Muito menos o discutiu, para aprová-lo e acolhê-lo dentre os demais como tem sido constantemente veiculado pelos grandes meios de comunicação de massa.

V. Excia., como Ministro da Justiça, há de convir que no Estado do Amazonas (para não dizer de tantos outros Estados) a máquina do Estado e dos municípios foi farta e escandalosamente usada na campanha presidencial em favor de Fernando Collor. Milhares de toneladas de alimentos (cesta básica) foram despejadas entre as populações injustiçadas e famintas, em troca do sagrado (e inegociável) voto. O próprio Governador do Estado praticamente obrigou os prefeitos a assumirem a campanha do Collor. Houve municípios, onde a maioria dos eleitores é analfabeta, em que o número de votos nulos denunciava irregularidades.

Poderíamos enumerar uma ladainha de exemplos de abuso de poder e ameaças sofridas pelos trabalhadores em geral, ameaças feitas por grupos ligados ao poder político e econômico da região que apoiaram Fernando Collor de Mello. Resta-nos somente afirmar: quem venceu as eleições, pelo menos em nossa região, não foi o “profundo conhecimento do Plano de Governo Collor”, não foi a liberdade, a lisura, a honestidade, a democracia...mas a mentira, a corrupção, às calúnias, pressões e ameaças.

Antagonicamente, a maioria das pessoas que assumiram a campanha em favor de Collor de Mello por aqui, é exatamente aquela que está no poder e nada faz para livrar o povo de tanto sofrimento. São os tais patrões do beiradão, os comerciantes que se enriquecem oprimindo, maltratando e desrespeitando os “descamisados e pés descalços”. Seriam eles os “marajás”, os “corruptos”, as “elites” que o atual governo prometeu colocar na cadeia? Ou será que o que se faz contra os pobres e trabalhadores do Juruá não é crime?

Finalizamos com o lamento de um seringueiro, que é lamento de milhares deles, perdidos por estas matas, por estes rios:

“Parece que para nós só existe dor e morte!”

Atenciosamente,

Divino Silva

(Coordenador da Pastoral da Prelazia de Tefé)

Manoel Estébio Cavalcanti

Movimento de Educação de Base

Departamento de Carauari

João Derickx - Paróquia de Carauari

c) Denúncia contra a pesca predatória

Pedido de Providência Carauari, 9 de janeiro de 1991

AO IBAMA

Brasília

Manaus

Tefé

Prezados Senhores,

Somos mais de 50 líderes comunitários da Prelazia de Tefé, reunidos em Assembléia, para uma avaliação e planejamento dos nossos trabalhos pastorais, nestes dias 03 a 10 de janeiro do corrente ano.

Estamos representando inúmeras comunidades dos rios Solimões, Japurá, Juruá, Jutai, numa área de 264.000 km², o que representa 16,4% do Estado do Amazonas.

Uma das nossas preocupações é a preservação da natureza, especialmente os lagos e rios que nos oferecem “o pão de cada dia”, ou seja, o peixe - alimento básico do amazonense.

Porém, a pesca predatória praticada pelos pescadores vem nos perseguindo já por muito tempo.

Nos anos passados criamos em muitas comunidades os Comitês de Pesca, com a finalidade de organizar e fortalecer a preservação de alguns lagos para a procriação (onde ninguém pode pescar) e para a manutenção de nossas comunidades, nossas famílias. Restando milhares de lagos onde os pescadores podem exercer suas atividades.

Nesta luta, apelamos inúmeras vezes para as autoridades competentes, como prefeituras, capitania dos portos e a extinta SUDEPE. O apoio recebido foi mínimo.

Agora dirigimo-nos ao IBAMA, que desde a sua fundação apela tanto à sociedade para colaborar com a preservação do meio ambiente, para denunciar alguns depredadores de nossa região.

Esperamos que os senhores tomem as providências necessárias contra os seguintes infratores:

1. Pesqueiro MARINETE, de Manaus - Passou no Lago Sapateiro, Município de Fonte Boa, no mês de dezembro/90. Capturou várias espécies de peixe, ficando só com o tambaqui, jogando o resto fora.

2. Pesqueiros COSTA E SILVA e APARECIDA DO NORTE - Pescaram na boca do rio Xeruã, Município de Carauari, no mês de dezembro/90. Capturaram peixes ovados de toda espécie, ficando só com o matrinchão, jogando o resto fora.

3. Pesqueiros MURUTINGA e CELIO, de Manaus. Pescaram no lago de Tefé, nos meses de novembro e dezembro/90. Capturaram os peixes ovados, como Jaraqui e Matrinchão.

Esperamos que o IBAMA possa interferir nestes problemas graves que estamos vivendo com estes e outros pesqueiros criminosos que praticam a pesca predatória.

Sem mais para o momento, aguardamos resposta e solução,

atenciosamente,

(Assinaram todos os participantes da Assembléia: Bispo, padres, religiosas e lideranças comunitárias.)



O MEB ajudando o povo na caminhada para a RESEX

d)Saúde precária.A ameaça do cólera.

“Tenho 10 filhos,
quem é que vai pagar o gás
pra eu ferver tanta água?”

Mais uma vez os grandes meios de comunicação
social bombardeiam as casas do povo.
Desta vez o terror do cólera que vem rio abaixo...

Mais uma vez a Amazônia está na telinha,
ora vilã
ora vítima...
até quando?

Somos moradores e trabalhadores em uma das regiões
por onde passa o Rio Solimões e seus principais afluentes:
Jutai, Juruá, Japurá e Tefé. Estamos iniciando um Fórum
Popular de debates sobre os direitos e a dignidade da pessoa
humana e representamos várias entidades populares abaixo
assinadas.

Alguns dos que assinam este documento fazem parte de
organismos populares e pastorais que atuam numa área de
aproximadamente 264 mil km², compreendendo os
municípios de Tefé, Alvarães, Uarini, Fonte Boa, Jutai,
Itamarati, Carauari, Juruá, Maraã e Japurá.

Nós estamos preocupados com a possibilidade do cólera
vir a atingir nossa região, o que seria a dizimação de
milhares de pessoas, principalmente os ribeirinhos.
Preocupa-nos tudo aquilo que causa a morte. E em nossa
região não são poucas as forças contrárias à vida. É por isto
que estamos nos dirigindo às autoridades competentes, para
denunciar algumas formas de agressão postas contra o povo
pobre daqui ao longo dos anos. Agressões ignoradas e até
mesmo acentuadas e reforçadas por quem é eleito e ganha
muito para evitá-las. Agressões ocultadas pela maioria das
autoridades em todos os tempos, mais ainda nesse “tempo do
cólera”. Preocupa-nos a forma como vêm sendo divulgados os
riscos de contaminação e as formas de prevenção. A
responsabilidade sobrecarrega mais uma vez sobre a população
desprovida de recursos. A primeira frase deste documento

foi dita por uma mulher num encontro de comunidades. O que ocorre ainda que os reais riscos de vida e as verdadeiras raízes de tantas mortes ficam escondidas. Para nós que vivemos e trabalhamos aqui, os problemas que afetam as populações ribeirinhas e urbanas são graves e mais antigos do que esta situação atual alertada pela vasta campanha anticólera. É o que passamos a enumerar:

1. As populações ribeirinhas estão vivendo há muitos anos debaixo de uma injustiça enorme. Seus produtos como a farinha, borracha, castanha, etc. não têm nenhum valor comercial, mas as mercadorias de que necessitam para à sobrevivência têm sempre os preços elevados, desrespeitando inclusive os tempos de congelamento.

2. O peixe, principal fonte de alimentação do amazonense, está ameaçado de extinção! Algumas qualidades já não se encontram mais. Isto ocorre devido à constante invasão de possantes barcos pesqueiros que sobem de Manaus e outros grandes centros e, impunemente, praticam a pesca predatória. Isto, após terem praticamente destruído todos os lagos próximos a Manaus. Nenhum outro motivo justifica viagens tão longas e dispendiosas para pescar. O povo do interior está passando fome.

3. Impressionante e escandaloso é o abandono em que vivem estas populações na maioria dos municípios. Sem a mínima condição de tratar da saúde, são agredidos pela desnutrição, dentes estragados, verminose, malária, tuberculose, hepatite... As vítimas fatais não são poucas. Sem escolas, o analfabetismo cresce assustadoramente nesta região do "Brasil Novo" do Senhor Fernando Collor de Mello. É bom lembrar que todos os prefeitos da região apoiaram sua campanha presidencial em 1989! E nós sabemos bem às custas de quê! Ainda sobre educação, lembramos que a maioria das escolas no interior funcionam graças à boa vontade dos professores que trabalham sem material, sem supervisão, sem reciclagem, em troca de um salário miserável, muitas vezes atrasado.

4. No rio Juruá, os seringueiros e os índios Dení e Kulina sofrem as conseqüências da secular escravidão imposta pelos coronéis de barranco, hoje os patrões, pseudodonos dos seringais. Sofrem por causa da permanente invasão de

comerciantes exploradores, pescueiros e madeireiros. Tudo com a total complacência e consentimento das autoridades locais. Um rio tão rico em peixes e quelônios, vê desaparecer a cada dia a tartaruga, e o tracajá vai no mesmo caminho. Choca, contraditoriamente, com um país que é convocado a ingressar no "Primeiro Mundo", a escravidão sempre vergonhosa, em que está submetida praticamente toda a população deste rio.

5. Apesar da Constituição Federal, nos artigos 231 e 232, garantir a terra aos povos indígenas, até hoje as terras dos povos Tikuna, Kokama, Cambeba, Mayoruna, Miranha, Kanamari, Maku, Kulina e Dení não foram demarcadas e sofrem constantes invasões, principalmente de madeireiros e pescueiros.

6. Os aposentados pobres, depois de terem passado a vida toda enriquecendo algumas pessoas e o País com sua força de trabalho explorado, têm que se conformar com o absurdo e anticonstitucional meio salário. Para quem faz estas leis vergonhosas e nunca pisou por aqui, queremos lembrar alguns pontos importantes.

O aposentado que mora no interior viaja de uma a 24 horas; às vezes mais, até mesmo a remo! Ele faz longas viagens para receber uma aposentadoria que não consegue cobrir as despesas, e quando lhe sobram uns trocados para um pouco de açúcar e café, está muito bom!

Mas isso parece pouco sacrifício ainda. Atualmente, em alguns municípios, os pobres aposentados foram surpreendidos por mais um golpe estúpido de gente que nunca saiu das salas acarpetadas, com ar condicionado, cafezinhos e secretárias. Como se não bastassem as longas e cansativas viagens e a fila dos bancos (debaixo de sol ou chuva!), os velhos têm agora que enfrentar também a fila nos correios para retirar o seu carnê!!!

7. As conseqüências de um desgoverno tão antigo e tão grande são muito graves. Uma delas, sem dúvida, é o êxodo rural. Milhares de famílias indígenas e ribeirinhas são obrigadas a se mudar para as cidades, onde são recebidas e dominadas ainda mais pelos politiqueiros e pela exploração generalizada. A maioria dessas famílias é obrigada a se sujeitar com as migalhas: desemprego, subemprego,

esmolos, biscoitos, casas antipopulares às margens dos lagos, rios e igarapés poluídos ao redor das mesmas.

8. Na maioria das cidades não existe saneamento básico.

A água servida à população não recebe nenhum tratamento ou, quando muito, um tratamento inadequado.

A Cidade de Tefé, por exemplo, é abastecida pela água do rio (lago de Tefé) onde é despejado o esgoto da cidade e boa parte do lixo do mercado. Nos últimos anos ela vem sendo contaminada também por produtos tóxicos que conservam as madeiras em serrarias, como o ambrocid e o permatox e por bombas usadas por alguns pescadores e pelos peixes mortos com este tipo de pesca, diga-se de passagem impune! Mais afetadas por esta poluição são as comunidades ribeirinhas do lago. Num recente e simples exame (apenas com microscópio) constatamos a presença de amebas, sedimentos, fungos e dezenas de microorganismos na água servida à população tefeense.

Permanentemente estamos em contato com esgotos a céu aberto e não é difícil encontrar redes hidráulicas instaladas dentro de canaletas de esgoto.

Centenas de famílias que moram nas partes mais altas da cidade passam meses sem água, enquanto é constante o desperdício nas partes mais baixas. Equipamentos precários e inadequados e pessoal despreparado para um serviço tão importante são algumas das causas do problema.

O acúmulo de lixo e águas paradas, bem como a falta de higiene (e fiscalização) em locais públicos, fazem aumentar assustadoramente a quantidade de ratos, moscas e outros insetos tão nocivos à saúde. Mas grave ainda, quando isto se dá junto às feiras e mercados, o que não é raro.

Alguns municípios contam com hospitais instalados e mantidos precariamente, faltando equipamentos necessários para exames e tratamento em geral. Muitas vezes os familiares de pacientes têm que sair pelas farmácias da cidade para comprar medicamentos e até mesmo material para injeções.

Em alguns municípios chega a ser mesmo indecente o descaso de prefeitos que “administram” seus municípios morando em Manaus.

Funcionários públicos assalariados passam até meses com seus vencimentos atrasados.

9. Como se isto não bastasse, o interior do Amazonas está sofrendo as conseqüências do rombo da Companhia de Eletricidade do Estado do Amazonas (CEAM). Falta energia em muitas regiões e, além disso, estamos sendo submetidos a aumentos de tarifas que vão de 100 a 1000%

10. Para suprir tantas necessidades e resolver tantos problemas, sabemos muito bem que dinheiro não falta. Aliás, as prefeituras não prestam contas. O que sabemos é que as campanhas políticas de 1989 e 1990 despejaram milhões de cruzeiros para compra de votos, até mesmo antenas parabólicas e televisores a cores foram distribuídos neste negócio podre.

11. Várias promessas são feitas por políticos ao povo e não chegam a ser concretizadas, como aconteceu em setembro do ano passado, em Tefé, onde a primeira dama do país visitou a cidade e implantou a pedra fundamental do projeto "Minha Gente", da LBA. Hoje, no local, nem mesmo a pedra existe.

12. Causa-nos certa estranheza o silêncio do governo e dos grandes meios de comunicação perante a mortandade infantil que ocorre em nossa região. O povo pobre do Amazonas há muitos anos está morrendo por falta de assistência médica, negligência médica, malária, hepatite, tuberculose, verminose, desnutrição.

Então por que será que as mesmas bocas que gritam contra o cólera se calam, se omitem perante tanta morte?

Qual será o volume do dinheiro nesta campanha anticólera? Quem vai administrá-lo? Serão aqueles que sempre desviaram as verbas destinadas ao bem-estar da população? Será que o sofrimento do povo vai ser usado mais uma vez?

13. Na verdade a gente nem sabe dizer quem é que é mais atingido por tanto desgoverno e falta de responsabilidade, se é o homem, a mulher, o jovem ou a criança. Uma coisa sabemos: são os pobres, a maioria da população amazonense, povo que é usado e abusado por políticos corruptos inescrupulosos que, para ganhar ou se manter no poder, nem se dão conta de que se trata de vidas humanas.

Perante este quadro dramático e sempre camuflado queremos dizer que:

Somos a favor de uma verdadeira campanha que venha nos livrar de mais uma desgraça: "o cólera".

Exigimos que a população seja constantemente informada por canais de confiança sobre os gastos e desenvolvimento da campanha.

As autoridades municipais, estaduais e federais tomem providências reais e capazes de combater não só o cólera, mas as doenças que, há muitos anos, afetam a vida e matam o povo daqui.

Denunciamos mais uma vez a inexistência de uma política pesqueira que favoreça o povo da região e exigimos providências imediatas, já com muito atraso, quanto à:

- demarcação das terras indígenas;
- uma política agrícola que livre o ribeirão da exploração dos comerciantes que se enriquecem com seu trabalho.

Assim, registramos nossos protestos diante de uma realidade tão sofrida e com esperança de que a justiça virá.

Tefé (AM), junho de 1991

Prelazia de Tefé, CDHH, MEB, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tefé, Paróquia de Carauari

e) O ataque à floresta

Desde a exportação do pau-brasil para a Europa, na época do descobrimento, a mesma tecnologia de extração de madeira permanece até hoje incrustada no interior da Amazônia.



O "sangramento" da Amazônia

O seringueiro do rio Juruá é obrigado a trabalhar na derrubada de árvores por extrema necessidade. Os preços dos seus produtos como a borracha e a farinha são tão aviltantes que se submete a

este trabalho de destruição (o que não é de sua índole). Ele quer uma RESERVA EXTRATIVISTA com todas as condições de vida que a mesma oferece. Repito, a miséria na qual o seringueiro vive o obriga a agredir a natureza para ter uma sobrevivência deplorável. O ribeirinho “se vira” como pode para enfrentar a vida sacrificada. Embora sabendo dos perigos, parte mais para uma luta desigual: a derrubada da madeira.

A extração é feita com métodos primitivos através do machado, roladeira, cunha de madeira e cordas. A remoção das toras para os leitos dos igarapés e rios é executada através de alavancas de tração humana.

Raramente têm sido usados a motosserra e o trator. A primeira implica em complexidade de manejo, manutenção e reparo periódicos (sem falar em carestia de gasolina e óleo, como também de peças a serem adquiridas apenas na cidade). A falta de conhecimentos técnicos e costume na utilização de equipamentos mecânicos são barreiras não superadas nas relações de trabalho do interiorano.

Não que ele seja “atrasado”, mas porque a vida e a intimidade com a natureza são refratárias aos instrumentos de devastação do ambiente.

O trator convencional (de esteiras ou de rodas estreitas) não tem mobilidade nas terras sedimentares das várzeas e até mesmo nas chamadas terras firmes. Por isso, os madeireiros que atuam na região dispensam a tecnologia e preferem a exploração secular do seringueiro que é obrigado a sujeitar-se a um trabalho perigoso e mal remunerado.

A derrubada é bastante árdua causando não raro acidentes como picada de cobra ou uma queda imprevista da árvore. O açacu, uma das árvores preferidas, expõe no corte um látex muito venenoso cegando, por vários dias, a vítima.

Numa noite qualquer, estou sendo chamado com urgência para o Porto de Carauari. Estendido na canoa o corpo de Geraldo Torquato, delegado sindical de Pupuai. O cipó enlaçou, na queda, a samaumeira.

Parece uma vingança.

Na virada brusca, a árvore vitimou seu matador.

No início do mês de maio de 1991, a enchente do rio Juruá chegou, inesperadamente, a um nível maior do que o calculado. Isso faz aumentar a mobilização dos ribeirinhos, às pressas procurados pelos madeireiros da região que cheiraram um lucro maior do que o previsto.

A mata inundada facilita a retirada das árvores derrubadas que são arrastadas, de canoa, até a beira do lago, igarapé, paraná ou rio. O trabalho é penoso e o rancho escasso, pois a alagação não é propícia para a pesca. O peixe se espalha pela mata afora dificultando a aquisição do alimento.

Nas minhas duas viagens nesses meses de maio e junho/91, no trecho Carauari-Caitaú (ida e volta 800km), encontro dezenas de barcos e centenas de jangadas sendo rebocadas ou prontas para transporte.

O José Damião de Caitaú (seringalista-comerciante) me conta com orgulho que seus homens conseguiram tirar mais de 8000 metros de toras. Ele é apenas um dos compradores de madeira (não é o maior). No seringal Sta. Eulália o Darciso me pede um colírio para os olhos doídos, feridos pelo veneno do açacu. Na localidade Lago Cerrado, converso com seu Gilberto que se queixa de ter feito um mau negócio com Raimundo Lobo, o maior madeireiro da região. Para pagar um motor-de-popa, marca Mont Gomery, de 10 H.P., deve entregar 400 m³ de madeira e para um motor Briggs Stratton (chamado de burro preto na região) de 10 H.P., também outros 400 m³.

Aliás, a troca de madeira por motores-de-popa, e até por motosserra, é um negócio esperto e lucrativo. O madeireiro leva uma vantagem significativa recebendo um bom desconto pela quantidade da compra.

Essa vantagem nunca faz beneficiar o ribeirinho. Ao contrário, até o preço da madeira é estipulado pelo comprador. Varia de Cr\$ 1.500,00 a Cr\$ 3.000,00 por m³, preço de maio de 1991, conforme o madeireiro e (diga-se de passagem) conforme a resistência e a organização dos ribeirinhos vendedores.

O aviamento é outra forma esperta para "prender" o freguês. Por alguns meses adiantam-se mercadorias que serão pagas posteriormente, com madeira. E os juros correm

soltos. Nestas circunstâncias, o ribeirinho fica amarrado ao madeireiro com menos possibilidades de negociar um preço melhor.

Há donos de seringais que chegam ao absurdo de cobrar uma renda de 20% da madeira retirada. Enquanto isto, a maioria deles deve milhões de cruzeiros ao Estado pelo não pagamento do Imposto Territorial Rural atrasado. Como se não bastasse, muitos descontam ainda uma taxa de 5% de Funrural.

A cubagem da madeira é outra fonte de lucro para os madeireiros. Quase nenhum ribeirinho sabe acompanhar sua conta de haver e dever no barracão (lugar central do seringal onde os seringueiros trocam seu produto por mercadorias). Se o seringueiro não souber contar e somar, pode-se imaginar as dificuldades que ele enfrenta nos cálculos complicados da cubagem.

Quanto ao assunto "O ataque à floresta", gostaria de ter dados em relação ao lucro dos madeireiros. o preço por m³ na praça de Itacoatiara, Manaus e Belém para onde as jangadas estão sendo deslocadas? E nas praças dos Estados Unidos e Europa?

As espécies mais procuradas são: açacu, andiroba, morantinga, castanha-de-macaco e a samaúma (a última chamada "a rainha da selva" por seu volume em altura e espessura).

Fato é que o preço para o ribeirinho, que enfrenta todo tipo de perigo, é vergonhoso e o mesmo fica devendo, muitas vezes, o aviamento que fez para ocupar-se com a retirada da madeira.

Calcula-se uma safra de 120.000 toras, anualmente derrubada, na região do Baixo-Juruá. A cada ano, o trabalho da extração de madeira torna-se mais penoso devido às distâncias, pois começou-se a devastação próximo à beira do rio e nos lugares mais acessíveis. Nos últimos anos houve um verdadeiro desperdício em face da ausência da esperada alagação. Muitas toras (especialmente as madeiras brancas, que se distinguem pela pouca durabilidade após o corte) se perderam, simplesmente porque não houve bastante água que facilitasse o transporte para a beira do rio.

Creio que o leitor está escandalizado com todos esses dados horripilantes do "ataque à floresta". Como é possível tanto sangramento da selva especialmente no ano da ECO/92?

Mas não culpem os ribeirinhos, pelo amor de Deus...

Eles são como os famintos que, para não morrer, assaltam um supermercado.

Conhecedores da vida subumana dos favelados, fazemos de tudo para manter o povo na floresta.

A solução são as RESERVAS EXTRATIVISTAS, um sonho dos próprios seringueiros, assunto das últimas páginas deste livro.

Enquanto o sonho não se torna realidade ficam as perguntas:

Qual a lei que obriga os madeireiros a fazer reflorestamento? Qual a obrigação do projeto? Até hoje não existe um programa de reflorestamento em toda a região do rio Juruá.

E a atuação do IBAMA frente ao ataque à floresta? No Município de Carauari (tamanho de Alagoas), só existe um funcionário deste órgão. O mesmo se preocupou em fiscalizar as estacas que a paróquia mandou tirar para cercar a creche. Enquanto isso, 120.000 toras de madeira de lei descem o rio Juruá.

São perguntas dolorosas.

Não apenas da floresta sangrenta.

Não apenas do autor das perguntas que, nos 12 anos de andanças pela região, passou a amar o Amazonas e seu povo

São perguntas dolorosas da parte dos ribeirinhos que, por extrema necessidade, com suor, sangue e morte ferem a natureza e a vida, beneficiando os colonizadores de plantão, descendentes dos depredadores de 500 anos atrás.

f) Amazonas: Tricampeão da insalubridade

1989: No Vale do Rio Juruá registra-se o maior índice de casos de lepra (hanseníase) em toda a região amazônica.

1990: A malária bate novo recorde no Estado. O desmatamento ao redor de Manaus faz aumentar a doença leishmaniose e traz a malária para a Capital.

1991: O cólera se alastra por municípios do Amazonas, os primeiros do Estado e do Brasil a serem atingidos pela peste.

Ando pela praia do Lago de Tefé à procura de um barco para Carauari. Preciso despachar algumas encomendas. Deparo-me com uma fogueira e um cordão de isolamento. Vejo bananas, farinha, uma rede e roupas sendo devoradas pelo fogo. Um observador aflito me informa: “Seu Aristides faleceu na viagem e todos os seus pertences estão sendo queimados. A bruxa está solta, seu padre”.

De fato, mais uma desgraça veio perturbar a vida dos amazonenses. Como se já não bastassem a malária, a hepatite B, as verminoses e outras doenças. No início da praga do cólera, o Governo, através de pronunciamentos, tentou negar a gravidade do assunto. Quando a doença fez suas primeiras vítimas na fronteira da região de Tabatinga, o governador veio “tranquilizar” a população manauara, dizendo que a distância fluvial Tabatinga-Manaus era grande demais para trazer o perigo de contaminação.

“O vibrião colérico morrerá de tédio...”, dizia ele.

Aliás, se houvesse um troféu para tricampeão de asneiras, o próprio ganharia folgadoamente. Além da sua “sabedoria” em relação à contaminação do cólera, o governador, nas páginas amarelas da revista de maior circulação nacional, acusou o CIMI de andar com o aparelho “Geiger” à procura de minérios. Finalmente, inconformado com a demarcação da área dos Yanomami, prometeu mobilizar todo o contingente estadual da Polícia Militar, de 5000 homens, para metralhar os funcionários da Funai e impedir a demarcação das áreas indígenas do Estado do Amazonas. Enquanto isso fala “cobras” e “lagartos” dos jacarés.

Verdade é que Manaus não merecia tanta praga. Já basta a crise da Zona Franca que em 1991 fez demitir 45.000 empregados do Distrito Industrial.

O turismo, apesar da onda ecológica, vive seus piores dias. Atravessar a Ponte da Amizade em Foz de Iguaçu se tornou bem mais rentável do que desembolsar uma passagem aérea para Manaus. “As vendas da Zona Franca caíram assustadoramente”, informa-nos o jornal.

O que será da Eco-city, chamariz para o turismo amazônico, a cidade flutuante que está prontinha no Japão esperando o reboque para Manaus?

O medo do cólera desencadeou uma grande mobilização nacional. A notícia do Cid Moreira, de que um soldado carioca que serviu na fronteira do Amazonas contaminou o esgoto de uma favela, alertou ainda mais as autoridades. Alcení Guerra é o Ministro que mais visita a região amazônica.

Verbas polpudas foram destinadas ao combate da doença. Equipes de saúde, com helicópteros à disposição, estão sendo deslocadas rapidamente para as áreas críticas da região. Hospitais, igrejas e prefeituras se mobilizam para prevenir a população contra a doença.

Espera-se que outros males, que castigam o povo amazonense, indignem da mesma maneira as autoridades, merecendo, daqui por diante, um melhor combate.

Resta pedir a Deus que tenha compaixão do seu povo e ajude o mesmo a caminhar para o ano 2000 sem miséria.

g) A pesca predatória e a oposição dos ribeirinhos

O povo amazonense vem sofrendo nos últimos anos, de forma acelerada, um ataque violento no seu modo original e fundamental de se alimentar. O peixe, principal fonte de alimentação, por incrível que pareça, corre o risco de, senão desaparecer, pelo menos escassear, a ponto de se tornar mercadoria de luxo, destinada apenas às pessoas de maior poder aquisitivo. Aliás, em certos períodos do ano, principalmente nas grandes cidades como Manaus, o trabalhador assalariado se vê aperreado para ter o seu "peixe de cada dia", muitas vezes custando mais caro do que a carne.



*Preservar o peixe
de cada dia*

Tendo praticamente arrasado com os lagos mais próximos da capital do Estado, através da pesca predatória e indiscriminada, os grandes pesqueiros sobem cada vez mais os rios do Amazonas, atrás da preciosa mercadoria. São grandes (e muitos) barcos particulares, com capacidade média de 80 toneladas de peixe, que sobem e descem os rios, invadem os lagos todos os dias.

O principal instrumento de trabalho deste setor é a malhadeira que, na maioria das vezes, está fora do tamanho estipulado por lei, ou seja, são enormes redes de malhas pequenas que, lançadas no rio ou no lago, arrastam peixes de todo tipo e tamanho. A destruição e o desperdício são incalculáveis. Coisas absurdas acontecem: na boca do rio Xeruã, afluente do rio Juruá, não faltam pesqueiros durante todo o ano. Um barco fica abastecido com o jaraqui no gelo dos reservatórios. Quando aparecem os cardumes de matrinhão que têm um maior valor comercial, joga-se toneladas de jaraqui no rio para reabastecer o barco com o matrinhão. Soma-se ao desperdício a poluição da água, da qual se serve a população ribeirinha.

1. Outras formas de pesca predatória são as seguintes:

a. O uso de bombas: o lago de Tefé é constantemente atacado por pescadores que fazem uso deste utensílio criminoso. Os ribeirinhos estão sempre denunciando, mas as autoridades não tomam nenhuma providência.

b. No rio Japurá está acontecendo nos últimos anos a invasão de pescadores colombianos. São capturados os peixes lisos, principalmente a paraíba. Mas a pesca não fica só nisto. Há uns três anos vem sendo incrementada a pesca criminosa de filhotes de aruaná. Este peixe produz uma média de 150 filhotes e, durante algum tempo, a mãe protege os mesmos dentro de sua boca. A pesca consiste em capturar e matar a mãe para retirar os filhos, que são levados para La Pedrera e de lá embarcados em avião para exportação.

c. Outro desrespeito à natureza é a pesca industrial que é feita no tempo da desova dos peixes.

As comunidades se defendem como podem, quase sempre contando com a falta de apoio da maioria das autoridades e órgãos competentes. Como a Constituição reza

que rios e lagos são patrimônios da União, os pescadores se sentem à vontade para entrar em qualquer rio, em qualquer lago, em qualquer tempo, inclusive na época da desova.

Os ribeirinhos de alguns municípios conseguiram abrir espaço para a preservação dos lagos através das leis orgânicas. Resta avançar com leis complementares.

2. A defesa do “pão de cada dia”

Perante este quadro de destruição, sentindo que a mais grave das conseqüências é a fome, que já começa a atingir algumas regiões, muitos ribeirinhos vêm despertando para o problema.

Sendo assim, surgiu nos últimos anos um autêntico Movimento Popular de defesa da natureza, especialmente dos lagos. Um movimento que parece totalmente desconhecido da “onda ecológica”.

A Prelazia de Tefé foi a pioneira na tentativa de organizar os ribeirinhos em defesa dos peixes.

O saudoso Irmão Falco, falecido em 1988, era Coordenador da Equipe de Pastoral que viajava constantemente pelos rios da região. O mesmo era um profundo conhecedor da vida interiorana e incentivou a organização de COMITÊS DE PESCA para lutar contra a invasão dos barcos pescadores. A proposta de lei de pesca para o Amazonas que, infelizmente, não foi apoiada pela Constituição Federal e Estadual, foi também fruto do seu trabalho permanente junto aos ribeirinhos.

3. O que Deus fez se acaba?

Através de muitos encontros, viagens, reuniões e cursos, a organização dos ribeirinhos foi avançando. São sempre muito chocantes os depoimentos, principalmente dos mais velhos, sobre o desaparecimento do peixe-boi, da tartaruga, em muitas regiões, e a diferença do tamanho dos peixes de ontem para hoje, como o pirarucu e o tambaqui.

Estes e outros depoimentos ajudam o próprio ribeirinho a abandonar a ideologia, fortemente difundida na região, de que “o que Deus fez não se acaba”. Hoje o ribeirinho já arrisca outra reflexão: “pode não se acabar, mas está ficando cada vez mais difícil... e amanhã, o que os nossos filhos vão comer?”

Após constatar as conseqüências providas da falta de uma política pesqueira adequada para o Amazonas e uma fiscalização por parte dos órgãos competentes, os Comitês de Pesca partem para a demarcação de alguns lagos. (Lembramos aos menos avisados que, além dos 45 mil km de rios, o Amazonas conta ainda com milhares de lagos de todos os tamanhos).

Normalmente, a comunidade escolhe uns lagos mais próximos para a preservação.

a) Lago de manutenção. É o lago reservado para a manutenção das famílias que moram ali perto. Neste lago todos podem pegar o peixe necessário para a alimentação, mas somente com instrumentos simples como caniço, zagaia, flexa e pequenas redes.

b) Lago de procriação. Este lago é sagrado que nem um santuário. Ali ninguém pode pescar, nem o pessoal da comunidade. É o lago onde os peixes vão procriar, crescer e multiplicar-se para depois povoar outros lagos e rios.

Mas como todo movimento popular enfrenta seus conflitos, a luta pela preservação dos lagos também não é fácil. Exige muito sacrifício, interesse, teimosia, coragem e organização.

Os pesqueiros, sabendo da existência destes lagos, fazem qualquer coisa para roubar dali o peixe preservado.

4. Os fracos na luta contra a invasão dos lagos

Às vezes a invasão acontece com o apoio de algum ribeirinho que não participa da luta e quer ganhar alguns trocados por fora.

Outras vezes, o pesqueiro sabendo de alguma necessidade do pessoal, ganha a simpatia de um presidente ou outra liderança da comunidade e arrenda o lago em troca de um motor de luz, motor de popa e por aí afora.

Ou ainda, a defesa do lago está mal organizada. Quando os comunitários sabem da invasão, o pesqueiro já vai longe.

5. O empate às invasões

Para garantir a preservação, muitas comunidades fazem um tipo de escala do "pessoal de plantão". Cada noite um

grupo de pessoas vigia a entrada do lago. As vezes chegam a construir uma barraca na boca do lago para esta finalidade.

O enfrentamento de pescueiros se dá de várias formas: Primeiramente, a comunidade faz uma advertência ao invasor, procurando ganhar sua compreensão quando explica a importância da preservação que só trará benefícios a todos, inclusive ao próprio pescueiro.

Numa segunda invasão, a comunidade ameaça chamar o IBAMA ou a Capitania dos Portos, mas a maioria dos pescueiros não se incomoda (neste caso, a comunidade tem que enfrentar outros problemas que são as longas distâncias e altos custos de viagem para procurar estes órgãos).

Tem acontecido que as comunidades mais organizadas e corajosas passam a enfrentar os invasores com mais firmeza, tomando seus utensílios, canoas e peixes.

Houve casos de comunidades que cortaram madeira e fecharam a boca do lago impedindo assim a entrada dos pescueiros, ou deixaram que eles ficassem presos lá dentro, até conseguirem cortar toda a madeira.

6. Uma cartilha para os ribeirinhos

Nos últimos anos a CPT regional acompanhou e incentivou a luta em defesa dos peixes. Ela organizou vários encontros regionais de pescadores artesanais e ribeirinhos.

O seu boletim informativo, chamado PANEIRO, costuma dar todas as informações e denúncias a respeito do assunto. Atualmente, um casal de voluntários é liberado para pesquisar a pesca comercial do Amazonas e a caminhada de preservação dos lagos no Estado.

Representantes da CPT regional se encontram diversas vezes e, no mês de dezembro de 1991, lançaram uma cartilha de orientação para os ribeirinhos sobre a preservação dos lagos e rios.

O IBAMA tem apenas 44 funcionários no Estado, o que não dá nem uma pessoa por município. Em contrapartida, ele e a natureza têm milhares de fiscais natos que são os próprios ribeirinhos dispostos a lutar pelo ambiente e sua sobrevivência.

Capítulo II

MILITÂNCIA POLÍTICA E EVANGELHO NO CORAÇÃO DA MATA

“...Sonhar um sonho impossível
quando é fácil ceder,
vencer o inimigo invencível
negar quando a regra é vender...”

Chico Buarque de Holanda

Nesta secção vamos aprofundar os trabalhos de organização dos seringueiros, ribeirinhos, e o povo em geral. Quer-se apontar também as dificuldades, os problemas que impedem a união maior e mais eficaz desta gente.

São tantas as coisas que atrapalham a organização do povo:

um dos maiores problemas é a secular dependência em relação aos patrões, aos políticos, em suma, aos que têm poder. Criou-se uma cultura da dependência.

Outro fator que agrava a dependência é o isolamento causado pelas enormes distâncias. As famílias, as pessoas vivem isoladas, abandonadas na mata. Dispersos pelo mato adentro, os trabalhadores encontram dificuldades para se organizar. Devido a esta dispersão existem poucas comunidades formadas na região do Juruá. Isto dificulta o trabalho.

O seringueiro mora na boca da “estrada” que é o caminho a ser percorrido para cortar a seringueira. Isto facilita o trabalho diário, mas não facilita o agrupamento em comunidade.

Associado a estes fatores, elencamos ainda o MEDO dos donos do poder, seringalistas, políticos e delegados. Tornou-

se costume na região os trabalhadores resolverem problemas de terra e de contas no barracão, enfrentando o delegado que, por sua vez, se posiciona a favor do patrão. Isto cria medo porque o delegado pode prender a seu bel-prazer. Como não existe controle e punição, as pessoas que detêm o “poder” agem como se fossem “senhores” da região.

Os poderosos da região fazem muitas tentativas para atingir o povo na sua organização. Eles tentam marginalizar a pessoa que apóia a luta e procuram cooptá-la. Esta é uma maneira eficiente para calar a voz do povo.

A convicção de anunciar o Evangelho está no ato de denunciar as injustiças, as misérias do povo, numa região marcada por tantos sinais de morte.

O profetismo se mostra nas muitas acusações feitas ao “poder público” local. Como, por exemplo, o próprio discurso que Pe. João proferiu na Câmara Municipal, por ocasião da entrega do título de “Honra ao Mérito”. Ele se sente apoiado por outros organismos da Igreja como a CPT, CIMI, MEB, pois todos eles dão uma grande contribuição nestas terras. Este intercâmbio aumenta a coragem e o ânimo, pois todos se sentem unidos com as lutas de todos os movimentos populares da região e do Brasil.

Assim, com dificuldades, vai-se caminhando. Acredita-se que nestes trabalhos, denúncias, organizações, carinhos e amizados, um dia uma flor há de desabrochar.

Talvez futuramente se possa cantar com o poeta:

“Se não houver frutos,
valeu a beleza das flores;
se não houver flores,
valeu a sombra das folhas;
se não houver folhas,
valeu a intenção da semente”.

Planta-se a semente nos Ajuris, nos sindicatos, nos partidos, nas reuniões, nos grupos de base, nas cartas de denúncias, nas celebrações e nos cantos. Toda a vida e a vida toda. Sabe-se cantar apesar daqueles que querem calar a voz. Assim como a planta que rompe a terra e brota, como o pintinho que quebra a casca do ovo, como a mariposa que arreventa as entranhas e surge, linda, formando a borboleta,

também o povo juruaense um dia haverá de quebrar as correntes e romper os feitiços que amarguram seu silêncio.

1 - Missa proibida

Na organização dos agricultores, seringueiros e ribeirinhos não faltaram conflitos, tensões e ameaças. É lógico que, numa região de secular opressão, a fundação de um Sindicato dos Agricultores e Seringueiros era vista como uma rebeldia pelos donos do poder. Depois de muitas reuniões e encontros, a fundação do Sindicato concretizou-se no dia do agricultor, 25 de julho de 1981. Que ousadia!...

Com isso, o conflito estava armado, literalmente. Coube à firma APLUB representar os opositores à organização popular. Os trabalhadores desta firma foram coagidos a não se associarem ao Sindicato, de modo que poucos deles compareceram ao ato da sua fundação. No dia seguinte, um domingo, resolvemos visitar a vila dos operários da APLUB para celebrar uma missa em comemoração ao “dia do agricultor”, o que ao mesmo tempo seria um ato de apoio e solidariedade a este povo escravizado.

Relatamos, a seguir, o conflito ocorrido com o representante do segundo maior latifundiário do Estado do Amazonas, como também o desenrolar deste confronto e a atuação da firma na região.

No dia 26 de julho, às 17:30 horas, o agente de pastoral, Pe. João Derickx, acompanhado pelos senhores José Agamenon Marinho de Carvalho e José de Andrade Jr., ambos membros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Carauari, exercendo as funções de presidente e tesoureiro respectivamente, e em companhia também do Sr. Wilson Ferreira Paixão, secretário da FETAGRI (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Amazonas) foi à localidade do Gavião para celebrar uma missa em comemoração ao “Dia do Trabalhador Rural”.

Indo de casa em casa para avisar os moradores, as citadas pessoas foram agredidas pelo administrador da APLUB, o Sr. José Laury Kniphoff que, com seu carro, bateu propositada e violentamente no carro ocupado pelos referidos senhores.

Os mesmos pararam na estrada do Gavião, considerada via pública por ligar a cidade de Carauari com o Porto do Gavião. Enquanto se preparavam para a missa, o Sr. Kniphoff voltou, acompanhado de três capangas. Arrancou a toalha com os objetos próprios do culto e arremessou-os ao chão. Usando palavras de baixo calão e armado de cassete e revólver, obrigou, sob ameaças de agressão física, o padre e seus acompanhantes a entrarem no carro, expulsando os mesmos da via pública.

No dia seguinte foi apresentada queixa às autoridades e pedidas as providências cabíveis. No mesmo dia o Sr. Kniphoff reuniu todos os empregados e moradores do Gavião e advertiu-os, sob pena de dispensa e desocupação das casas, se participassem da missa e recebessem o padre em suas casas. Difamou-o, chamando-o de comunista e outros apelidos grosseiros. Tudo isso com o intuito de coagir o povo, já bastante amedrontado pelos atos arbitrários de violência.

A violência do dia 26 de julho veio apenas culminar numa série de outras intimidações, agressões físicas e descumprimentos das leis trabalhistas perpetrados pela direção da APLUB de Carauari representada pelo gerente. A defesa dos trabalhadores sem voz e sem amparo jurídico, empreendida pelo padre e mais recentemente pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, levou o referido senhor a uma crescente pressão, passando cada vez mais da intimidação à violência. O absurdo foi a ameaça com revólver e cassete, impedindo a celebração da missa.

As atitudes violentas, que têm caracterizado a direção da APLUB de Carauari, têm causado revolta e amargura entre os humildes empregados, submetidos a todo tipo de coação.

Causa-nos estranheza que uma Associação que pretende ter como finalidade proteger e garantir o SEGURO DE VIDA dos seus associados, através de empreendimentos como o Agro-Florestal da Amazônia, queira, para conseguir esta finalidade, estabelecer a INSEGURANÇA DE VIDA dos empregados que trabalham no projeto de Carauari. Temos certeza de que fatos dessa natureza não são do conhecimento dos associados da APLUB.

É inadmissível que uma Associação de tal porte, com ramificações em todo o país, e que deve dispor de competente

assessoria jurídica, tenha permitido um sem número de infrações praticadas por seu projeto Agro-Florestal da Amazônia de Carauari.

Vejamos alguns casos: desde a sua instalação, o projeto da APLUB, de plantio de seringueiras, criação de gado e serraria, encontrou na localidade do Gavião várias famílias de posseiros que, uma após outra, tiveram que retirar-se. Algumas sem a devida indenização pela perda de suas roças e plantações de fruteiras, como foi o caso do Sr. Manoel Celestino da Silva e dona Dina Cláudio de Souza.

Há cinco anos que o Sr. Augusto Ferreira da Costa, ex-posseiro do Gavião, recebeu licença para plantar na chamada "ilha" pertencente à APLUB. Atualmente, mais pessoas têm suas plantações nesse terreno. É a única terra que não alaga, à disposição para plantio de roças dos ex-posseiros. Os últimos foram obrigados a mudar-se para terras da marinha onde as condições de moradia na época da cheia são péssimas. No início do mês de julho o Sr. Augusto procurou a paróquia e membros da diretoria pró-sindicato pedindo apoio, pois tinha recebido aviso do gerente para desocupar a terra porque o mesmo precisava dela para a criação de porcos. No dia 12 de julho, o padre e 2 membros do sindicato em formação foram, a pedido dos agricultores, ao local e constataram estragos já feitos pelos porcos nas roças destes agricultores.

O sistema de represálias funciona com todo rigor contra os trabalhadores. O Sr. Manoel Celestino foi dispensado sem justa causa por ter participado de uma reunião sindical em Carauari, onde acusou a firma das injustiças sofridas pelos posseiros do Gavião.

As irregularidades contra as leis trabalhistas são numerosas. Somente no ano passado, após sofrer denúncias que resultaram em visitas de um representante do Ministério do Trabalho de Manaus, a firma começou a assinar Carteiras de Trabalho de alguns funcionários. Reclamações justas a respeito de salário resultam em dispensa do trabalhador. Muitas vezes, o mesmo entrega a Carteira de Trabalho recebendo-a de volta meses depois com uma data de admissão recente. Sempre houve atraso no pagamento dos funcionários, levando-os a fazer "bicos" de

trabalho noturno, sendo, por isso, dispensados. Menores com mais de dezesseis anos deixam de receber o salário mínimo regional em vigor, como manda a lei. Trabalho noturno e horas extras não estão sendo pagos e os vigias não recebem o descanso semanal.

Denunciamos, em nome dos Raimundos e Marias, sem voz e sem vez, que enfrentam dia a dia o sol ardente e a chuva castigante, dormem cansados e sub-alimentados, explorados pela APLUB de Carauari.

Mas, ao mesmo tempo, denunciar é anunciar: anunciar a justiça e a esperança de que juntos quebraremos o cativeiro (Carta aos Romanos 8,21).

Carauari, 14 de agosto 1981

Pe. José Van Roy.

Pe. João Derickx.

Pe. Selço Eissing.

Esta carta-denúncia foi amplamente divulgada pelo Brasil afora. Até hoje, guardo uma pasta cheia de cartas de solidariedade que recebemos de todas as partes do País como também recortes de jornais do Sul que publicaram as denúncias. Um dirigente do Movimento Sem-Terra de Sumaré (SP) nos escreveu assim: "Mesmo diante dos grandes Faraós temos que continuar firmes na luta, pois o que queremos é uma vida mais digna e uma sociedade de partilha onde ninguém terá domínio sobre o outro. Assim como Davi derrotou Golias, um dia venceremos nossa dura batalha contra os grandes latifundiários, multinacionais e este governo injusto".

Pessoalmente fiquei bastante comovido com um abaixo-assinado contendo centenas de assinaturas dos moradores do bairro de Jurunas, de Belém, onde havia trabalhado por 10 anos, manifestando sua solidariedade. Ficamos confortados com uma carta que o nosso bispo nos escreveu, que será transcrita mais adiante.

Com a ajuda do advogado da Prelazia, abrimos um processo contra a firma APLUB. Este, em entendimento com o advogado da firma, conseguiu que as reivindicações dos trabalhadores da APLUB fossem atendidas (assinatura da Carteira de Trabalho para todos, escola para os filhos dos

funcionários, indenizações pelas plantações estragadas, etc.). Com isto nós arquivamos o processo contra a firma. Infelizmente, os conflitos e tensões da empresa com seus operários em Carauari continuam até hoje.

Carta de Dom Mário, bispo de Tefé

Aos Revmos. Srs. Pe. José, Pe. João, Pe. Selço

Aos católicos da Paróquia de Carauari

CARAUARI - AMAZONAS

Saudações,

Tendo chegado de viagem, tomei conhecimento, aqui em Tefé, de maiores detalhes dos recentes acontecimentos que se verificaram nesta paróquia, na localidade do Gavião. Foi atingido o direito do povo de praticar sua fé, direito assegurado pela constituição do nosso País. Foi impedida a realização de um ato religioso central de nossa fé que é a Missa. Desde os primeiros momentos em que os descobridores pisaram em nossa terra e celebraram a primeira Missa, este tem sido até hoje um dos direitos mais límpidos e claros de todo habitante deste País.

Fiquei especialmente preocupado pelo fato de ter sido invocado como justificativa para essa violência, que a Igreja estava defendendo os direitos mínimos do povo, direitos assegurados pelas leis trabalhistas. A Igreja não poderá nunca deixar de cumprir sua missão. Se deixasse, não seria mais a Igreja de Cristo. Cristo de fato, no cap. 15 do Evangelho de S. Mateus, deixa muito claro: "No fim dos tempos, nós seremos julgados exatamente por isto. Se vimos alguém sofrendo necessidades ou injustiças e não socorremos, ele nos dirá: 'Ide, malditos, para o fogo eterno destinado ao demônio e a seus anjos.'"

Em outra parte do Evangelho, na Parábola do Bom Samaritano, Cristo nos mostra que não adianta ser muito religioso, nem adianta ser padre se não ajudamos os que precisam de nós. Para explicar isto, Jesus fez uma comparação: Havia um homem caído ao lado do caminho.

Veio primeiro um sacerdote (um padre), olhou e foi embora, veio depois um levita (homem muito religioso que vivia no templo, na Igreja) e também não ajudou. Finalmente veio outro, um samaritano, e cuidou do homem que tinha caído nas mãos dos ladrões. E Cristo concluiu: “Este sim foi próximo daquele homem, este usou de misericórdia. Vocês devem fazer a mesma coisa” (S. Lucas 10,25-37). É por isto que Deus nos diz na primeira Carta de São João 4,20-21: “Aquele que não ama seu irmão a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê”. Temos de Deus este mandamento: “Quem amar a Deus, ame também a seu irmão”. Assim, o cristão não pode deixar de ajudar o seu irmão que precisa dele. Se deixar não é mais cristão.

Deus, embora tenha um carinho todo especial pelos pobres e fracos, ama e quer a conversão de todos. Seu convite para mudar de vida e amar aos outros vale para todos nós. O que mais agrada a Deus é a paz e a união. Por isso faço um apelo para ambas as partes do conflito que, dentro de um espírito cristão ou simplesmente humanitário, procurem uma solução que no futuro estabeleça uma situação de paz. Não uma paz apoiada numa situação injusta, mas uma paz fundada na justiça, no respeito aos direitos das pessoas. Esta terá condição de durar, pois uma trégua, enquanto permanece a injustiça, não é verdadeira paz. Que os empregadores tenham o direito de se reunir livremente, de pedir assessoria a quem eles quiserem, de defender seus interesses. Mas que também os empregados tenham exatamente os mesmos direitos de se reunir, de se associar em Sindicatos, de conversar sobre os seus problemas, de pedir ajuda e assessoria para defender seus direitos. Esta igualdade de direitos é fundamental em nossa fé cristã. Peço a Deus que abençoe a todos vocês da Paróquia de Carauari. Uma bênção muito especial aos dedicados ministros da Igreja de Deus presente na Amazônia: Pe. José, Pe. João, Pe. Selço.

Tefé, 19 de agosto de 1981

D. Mário Clemente Neto
Bispo da Prelazia de Tefé

2 - Conflitos com o poder Público/Homenagem.

O apoio ao Sindicato, às comunidades interioranas e ao povo marginalizado causaram sempre conflitos com as autoridades locais. Mas houve um momento em que a própria Câmara dos Vereadores, cujos componentes costumavam acusar as nossas entidades (Meb, Sindicato e Paróquia), nos elogiou concedendo até uma Moção de Honra ao Mérito. Isto não era de se estranhar tanto, pois naquele ano estávamos às vésperas das eleições municipais.



A bicicleta do ribeirão

ESTADO DO AMAZONAS.CÂMARA MUNICIPAL DE CARAUARI

Of. CMC.n. 0200/G.P./88.

Carauari , 05 de abril de 1988

Ilmo. Sr. Pe. João,
Casa Paroquial
Nesta

Cumprimentando cordialmente V. Sa., estamos encaminhando, em anexo, cópia autenticada do requerimento n. 008/88, de autoria da Vereadora ÍRIS CORRÊIA PEREIRA DA SILVA, o qual foi aprovado pelo plenário desta casa em sessão realizada dia 29 de março deste ano.

Na oportunidade, convidamos V. Sa. a comparecer nesta Casa, na próxima sexta feira, dia 08 de abril do corrente ano, às 10h, a fim de receber a “MOÇÃO DE HONRA AO MÉRITO” que estaremos lhe oferecendo, em reconhecimento profundo pelos relevantes serviços que tem prestado à nossa comunidade.

No aguardo de seu comparecimento, aproveitamos o ensejo para apresentar a V. Sa., nossos elevados protestos de estima e consideração.

Francisco Walter Pereira.
Presidente da Câmara de Vereadores.

DISCURSO DO PE. JOÃO DERICKX

Senhor Presidente da Câmara,

Senhores Vereadores,

Senhora Vereadora Íris Corrêia Pereira da Silva, autora do requerimento que me trouxe hoje a esta casa do povo.

É com surpresa, e ao mesmo tempo com muita honra, que recebi o convite para a homenagem de hoje.

Mais do que a homenagem, quero agradecer aos senhores vereadores o reconhecimento de um trabalho feito em conjunto com o MEB, que tem o Manoel Cavalcanti como coordenador, e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e dos Seringueiros, que tem o Sr. Sebastião Rosa como presidente.

Um reconhecimento tão necessário, pois a maior parte de nosso povo vive na pobreza, oprimido e marginalizado, sem voz e sem vez.

Nada mais justo do que os senhores, como representantes deste povo sofrido, preocuparem-se com a injustiça e opressão. Nada mais justo do que os senhores apoiarem as entidades acima citadas e devidamente reconhecidas por lei, no seu objetivo de esclarecer o povo sobre seus direitos e ajudá-lo na caminhada para uma vida mais humana e digna.

Senhores vereadores, faz parte de nosso trabalho conviver com mal-entendidos, incompreensão e acusações infundadas.

Sabemos que vivemos numa sociedade de interesses conflitantes, uma sociedade fabricadora de desigualdades sociais, uma sociedade de injustiças na qual a maior parte do povo é desprezada e explorada.

O objetivo da Igreja e do MEB é promover a justiça e conseqüentemente a fraternidade entre os homens. Só assim ela é fiel à sua missão no mundo. O objetivo de um Sindicato é organizar e orientar seus sócios, mostrar seus direitos promovendo, assim, também, a justiça, dando voz e vez a seus membros.

Isso causa conflitos, pois a nossa sociedade não facilita a promoção da justiça, não facilita a promoção da verdadeira fraternidade.

Mas vale a pena lutar, não contra os homens, mas contra a injustiça e abuso do poder que faz escravos e oprimidos.

Senhores vereadores, no próximo mês comemoraremos o centenário da LEI ÁUREA. A Igreja Católica promoveu a sua Campanha da Fraternidade em favor dos negros que sofrem uma discriminação secular.

A Igreja de Carauari se preocupa também com a escravidão, camuflada sob diversas formas, na nossa região.

Escravo é o seringueiro que não recebe o preço justo (estipulado pelo governo) pelo produto e paga preços exorbitantes pelas mercadorias.

Escravos são os ribeirinhos que trabalham na extração da madeira (um serviço penoso e perigoso) sendo prejudicados na cubagem, pagando às vezes uma renda absurda, inclusive uma taxa de 15% do Funrural, o que é contra a lei.

Escravos são os índios que não têm suas terras demarcadas, são explorados e espoliados.

Escravo é o operário de Carauari que trabalha na firma Lopes Filho e é lesado nos seus direitos trabalhistas.

Escravo é o agricultor que enfrenta, constantemente, a ameaça de perder suas roças com a expansão dos campos de gado, mal escolhidos e que não tem um caminho à disposição para escoar seus produtos, nem a assistência da EMATER.

Escrava é a dona-de-casa de Carauari que não encontra no mercado o seu alimento básico, porque há pesca predatória nos lagos e rios e os pescadores levam o nosso peixe para Manaus.

Escravos são todos, especialmente os injustiçados e menos favorecidos, que necessitam de um juiz e de um promotor atuante no município e não podem contar com o poder judiciário.

Senhores vereadores, quem disse que a escravatura foi abolida?

Quero agradecer, mais uma vez, o apoio e a solidariedade ao nosso trabalho, o que nos anima.

Finalmente, quero aproveitar a oportunidade para pedir, em nome do povo, a sua valiosa colaboração na resolução de duas questões urgentes:

1. Um juiz e promotor permanente para o nosso município.

2. A criação de uma Comissão Municipal de Pesca para a qual damos, em anexo, subsídios e sugestões.

Termino com uma oração que foi pronunciada nas igrejas católicas do mundo inteiro, há sete dias, na Sexta-Feira Santa:

pelos poderes públicos:

“Ó Deus, olhai com bondade aqueles que nos governam. Para que atendam os anseios do povo e sejam promotores de paz, justiça e prosperidade”.

CÂMARA DOS VEREADORES DE CARAUARI - AM

08 de abril de 1988

No dia 25 de julho de 1989 comemorou-se mais uma vez o “Dia do Agricultor”. A seguir, o pronunciamento a respeito deste encontro, feito pelo Vice-Prefeito de Carauari, e a nossa resposta.

“Nós somos criticados por falsos ideologistas. Eles vão levando recados aos nossos amigos agricultores. Nosso amigo agricultor, eles estão usando, eles estão fazendo reuniões, eles estão te dando almoço para te enganar e nesta oportunidade, reunindo as pessoas, eles aproveitam para direcionar as suas maldosas metralhadoras contra a nossa administração.

Meus amigos agricultores, procure esta administração que está aberta a vocês, que está aberta ao diálogo. Agora mesmo chegou em Carauari mais um Técnico da EMATER, e vai chegar outro, porque existe a preocupação desta administração em desenvolver um trabalho na área da produção e abastecimento. Nós, meus amigos, não estamos preocupados em agradar as elites de Carauari, em absoluto. Nós estamos preocupados em agradar a toda comunidade carauariense e mostrar o trabalho. Mas existe uma preocupação muito grande, é o que eu sinto por esses nossos opositores, hoje já declarados. Não estamos preocupados com a nossa sucessão por que estamos apenas um pouco mais de seis meses frente ao destino do Município de Carauari. Temos ainda bastante tempo para administrar Carauari. Você, na hora de escolher nossos sucessores, vai nos julgar,

carauariense. É você que vai julgar nosso trabalho. Nós estamos aqui, meu amigo agricultor, eu repito, venham ao nosso gabinete. Nós vamos ao nosso secretário de abastecimento e levar o que há de melhor para você. Não te deixes enganar, meu amigo.

Meu amigo carauariense, eu agradeço pelos poucos minutos que passei."

(Parte do Pronunciamento do Vice-Prefeito de Carauari. Jornal Local, TV Manchete- dia 27 de julho de 1989.)

Resposta do MEB, Sindicato e Paróquia que organizaram, em conjunto, as comemorações do Dia do Agricultor / 1989.

Como em muitos lugares no Brasil, também o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Seringueiros de Carauari comemorou, recentemente, o DIA NACIONAL DO AGRICULTOR.

Já é uma tradição de 8 anos se fazer uma Assembléia Geral com os lavradores e seringueiros da região. Além da reunião houve, como de costume, um almoço, culto de agradecimento e, à noite, uma festa dançante.

Na reunião, que contou com a presença de mais de 100 lavradores, tiveram a palavra o Juiz, Dr. Adair Rebelo, o Delegado da PM., Sr. Newton Carlos, o Representante da EMATER, Sr. Alexandre, o Secretário Municipal da Produção e Abastecimento, Sr. João Bosco, o Vereador pelo PDC, Sr. Boanerges Cavalcante, o ex. Vereador pelo PMDB, Sr. Walter Pereira Corrêia, a Sra. Dercy Teles de Carvalho, pelo Movimento de Educação de Base e o Pe. João Derickx, pela Paróquia de Carauari. Da parte dos agricultores e seringueiros, analisaram-se os fatores que tanto os prejudicam, como: falta de terra para plantar, assistência técnica, falta de abertura de estradas e vicinais, de sementes, como também insumos, transportes e outros.

Todos os itens acima faziam parte das promessas feitas nos palanques durante a campanha eleitoral dos atuais administradores. Por sinal, o Plano Municipal foi fartamente distribuído através de um folheto.

No dia 27 de julho '89 o vice-prefeito do Município, por ocasião dos 200 dias da administração municipal quando, na

televisão local fez uma avaliação dos trabalhos realizados, referiu-se negativamente ao Movimento dos Trabalhadores Rurais. Para surpresa de muitos, tachou os mesmos de objetos quando dizia que os agricultores estão sendo “usados”. Falou também de “falsos ideologistas” que direcionam as suas maldosas metralhadoras contra a administração municipal.

Resumindo, acusou pessoas de enganadoras do Sindicato.

Analisando os pronunciamentos de todas as pessoas, agricultores ou não, presentes na reunião, não se encontrou fundamento que justificasse essas acusações. Ao contrário, o Juiz, o Delegado e os Vereadores se colocaram à disposição dos agricultores e seringueiros para somar forças no sentido de ajudá-los, inclusive nas suas justas reivindicações diante de outras autoridades constituídas.

Lamentamos que o Vice-prefeito não tenha tido a responsabilidade para procurar um diálogo, que tanto estima para, antes de fazer suas acusações gratuitas num programa de televisão, saber do conteúdo da citada reunião.

Como diz o ditado popular, ele caiu no “disse-me-disse”.

Como político inexperiente e mal intencionado prejudicou, mais uma vez, a classe dos trabalhadores rurais e seringueiros, já bastante marginalizada pelos poderes públicos.

Reafirmamos a nossa disposição em continuar reivindicando os nossos direitos como agricultores e

seringueiros, o que já fazemos desde 1981, ano da fundação do nosso Sindicato.

Por isso, esperamos que as promessas da atual Administração Municipal, da qual o vice-prefeito faz parte, saiam do papel.

Carauari, 8 de julho de 1989.

José Pereira do Nascimento / Francisco das Chagas de Lima / Pedro Raimundo Reis.

Pe. João Derickx / Dercy Teles de Carvalho Cunha.

No início do ano de '90 houve mais um congelamento de preços que não vigorou no Município de Carauari. Pior, o Prefeito Municipal decretou um aumento de 30% sobre a

tabela. A população reagiu, houve protestos junto à Sunab de Manaus em Brasília e fez-se um abaixo-assinado. Uma das razões para o prefeito pedir transferência do Pe. João foi ter ele apoiado os protestos da população carauariense.

A seguir, os documentos deste episódio.

DEAM/GAB/151/50

Delegado da SUNAB no Amazonas

Av. Japurá, 443 - Centro - Manaus-AM

MD. Prefeito Municipal de Carauari - AM

Pelo presente, e conforme denúncias recebidas por esta delegacia,

Comunico a V. Sa. que, de acordo com a lei n. 8.030, de 12/04/90, que instituiu a nova sistemática de preços e salários em geral,

somente a Sra. Ministra da Fazenda, Economia e Planejamento poderá autorizar, através da SUNAB, alterações ou reajustes de preços na tabela oficial para o Estado do Amazonas, instituída através da Portaria SUPER n. 29/90, do Senhor Superintendente da SUNAB.

Diante do que acima foi exposto, fica sem efeito a Tabela de Preços elaborada por essa Prefeitura para esse município, sem obedecer os critérios acima mencionados.

Outrossim, esclarecemos que estamos remetendo à superior administração da SUNAB um abaixo-assinado dos moradores desse município, bem como uma cópia da Tabela de Preços dessa Prefeitura, a fim de que seja solucionado o problema.

Atenciosamente,

Edivaldo Manoel do Nascimento

Delegado Regional da Sunab



Açaí, fonte de vida

ESTADO DO AMAZONAS
CÂMARAMUNICIPAL DE CARAUARI

Of. PMC/GP/n. 082/90.

Carauri, 07 de julho de 1990

Exmo. e Revmo.

Dom Mário Clemente Neto

DD. Bispo Prelado de Tefé

Senhor Bispo,

Venho muito respeitosamente a Vossa Excelência, nesta oportunidade, na condição de cristão católico e de Prefeito deste Município, solicitar a transferência do padre João para outra Paróquia da Vossa jurisdição, pelos seguintes motivos:

Desde o início da nossa administração, o Padre João, juntamente com elementos do MEB local, vem tentando descentralizar nossos trabalhos, buscando jogar a comunidade mais humilde contra o prefeito. Nestes últimos meses a situação piorou, nos colocando a uma condição de nos afastarmos dos Atos Litúrgicos do Templo Sagrado que tínhamos por obrigação frequentarmos. Assim estão procedendo inúmeros fiéis que não aceitam o procedimento radical do referido sacerdote. Observando assim, o esvaziamento dos cristãos da Igreja Local. Se não bastasse as reuniões do Sindicato Rural, com a participação de elementos ligados ao MEB local, que este último deixou de ser um órgão de educação de base, para ser um instrumento de politicagem, o padre João ainda usa os sermões para atingirmos frontalmente. Nesta oportunidade, não levando em consideração a sua condição de ser um cidadão estrangeiro, o Padre João, ainda tenta intervir na política partidária e até na administrativa, com a participação de outros elementos que não pertencem a nossa sociedade que também, têm contribuído para o afastamento de inúmeros fiéis da Igreja. Nunca em momento algum tive o pensamento de chegar a esta condição, mas para que a nossa Igreja volte as suas verdadeiras atividades de evangelizar, sem a interferência de um sacerdote que tem o procedimento estranho dos que já conhecemos no passado, achei por bem, não usando as armas do poder, mas de cristão, de solicitar a transferência desse religioso, vindo a ser substituído por outro, para não somente o Executivo Municipal, mas outros cristãos, se voltem à Igreja Mãe.

Na certeza de que, Vossa Excelência, haverá de tomar as medidas solicitadas, para o bem da Igreja e da sociedade, com o respaldo da fé cristã que nos norteiam para o exercício do bem. Teremos o retorno do convívio harmônico, entre o Governo Municipal e a Igreja, que hoje em Carauari estão em divergências por causa de um homem que se identifica religioso mas que não teve formação básica dos princípios do seminário menor, que só depois resolveu ingressar na vida sacerdotal. Espero ainda, que o Senhor, tome as medidas cabíveis pelo ordenamento canônico, e com as bênçãos de Deus e a proteção de Maria Santíssima, voltaremos a orarmos na mesma Igreja, que fomos batizados e confirmados cristãos.

Nesta oportunidade, elevo vossa Excelência, meus protestos de estima e respeitosa considerações cristãs.

Prefeito Municipal de Carauari.

DD. Prefeito Municipal de Carauari

Acuso o recebimento de seu ofício n. 082/ 90. Peço desculpas por não ter podido responder imediatamente. Devido aos vários compromissos e viagens somente agora atualizo a correspondência.

Quanto à questão a que se refere o supra dito ofício, ou seja o pedido de transferência do Pe. João, devo dizer-lhe que não vejo possibilidade de atender por razões de várias ordens, como exponho abaixo.

Por um lado, a Prelazia não dispõe de sacerdotes suficientes para transferir e substituir, estando várias paróquias sem padre.

Depois, devo levar em consideração que o Pe. João, deixando a sua terra distante, veio como missionário e durante tantos anos tem mostrado uma grande dedicação aos menos favorecidos e empobrecidos ao longo dos rios e na cidade. Ninguém pode negar que toda sua atividade e recursos são para este povo. Posso dar meu testemunho pessoal de inúmeras viagens que fiz com ele por todo o interior do município.

Estes seus merecimentos foram inclusive reconhecidos pela Câmara dos Vereadores do Município pela "Moção de

Honra ao Mérito”, concedida ao Pe. João em data de 8 de abril de 1988.

Quanto à afirmativa de seu ofício de que, desde o início da atual administração, o Pe. João, juntamente com o MEB local, vem tentando prejudicar a mesma, tenho em meus arquivos cópia de ofício do Pe. João, datado de 31/12/88, encaminhado ao Sr. Prefeito, oferecendo colaboração bem precisa para a melhoria do ensino no interior. Aí consta um levantamento de situação e propostas concretas. Ele queixasse de não ter obtido ressouância por parte da Prefeitura.

Quanto à “situação nestes últimos meses” conforme seu ofício, pelas informações seguras que tive e por documento em meu poder, liga-se à questão da carestia que castigava muito o povo de baixa renda e que foi provocada pela não observância, pelos comerciantes, da tabela oficial. Houve um movimento justo das organizações populares como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais que contrariou os comerciantes. Nesta circunstância o Pe. João se posicionou ao lado do povo que sofria e isto está conforme os ditames da consciência cristã e a orientação da Igreja “que fez uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres” (conf. Documento de Puebla n. 1.134).

Infelizmente a política praticada por muitos de nossos homens públicos está longe de favorecer as classes mais pobres.

Com freqüência ela norteia-se pela corrupção e favorecimento de pequenos grupos privilegiados. Por isso acontecem conflitos com certa freqüência. Assim, não sei se, no caso presente, a conflitividade possa ser atribuída ao “procedimento radical do referido sacerdote” (cf. seu ofício). Parece-me que o conflito haveria com qualquer um que assumisse mais decididamente a defesa dos mais pobres e favorecesse sua organização para melhor se defender.

Sem mais para o momento, apresento cordiais saudações.

Tefé, 27 de julho de 1990
Dom Mário Clemente Neto
Bispo Prelado de Tefé.

Capítulo III

ÍNDIOS E SERINGUEIROS. O ECO DE UM POVO SOFRIDO

Dedicado à memória de Viviane Guimarães Rezende
e Geraldo Torquato

“O homem que ama não mata.
Respeita a mata.”

Cacá Horstige

No presente capítulo, vamos ouvir alguns ECOS dos personagens mais importantes que habitam a região do Rio Juruá, ou seja, os seringueiros e os índios. Relata-se a dramaticidade da vida nos seus pormenores. O cotidiano destas pessoas está recheado de casos de injustiças, exploração, violência, doenças e mortes. O descaso das autoridades é muito grande. Pe. João narra com extremo conhecimento o caso do surto de tuberculose que mata os índios Deni. O caso de Kiutini nos apresenta o abandono a que são submetidos os índios pelas autoridades responsáveis pela questão indígena e, ao mesmo tempo, a humanidade de outros, que procuram de todas as maneiras salvar uma vida. Os recursos são precários, a floresta tantas vezes aparece inóspita, porém existem muitas pessoas que se dedicam intensamente, caso por exemplo dos agentes de pastoral.

Os ECOS dos índios e seringueiros são bastante retumbantes e devem ser ouvidos. Relatam-se os casos a partir da experiência vivida, por isto eles falam por si mesmos. A vida dos seringueiros é marcada pela violenta dominação que chega a chocar as pessoas com senso de humanidade no coração. O relato do Pe. João é claro. O seringueiro clama aos céus por melhores dias. O caso do Elso Pacheco, narrado por Mary Alegretti, é ilustrativo, por si só,

das ofensas, calúnias, crimes e injustiças aviltantes a que são submetidos os seringueiros. Como este, houve e ainda há muitos outros. A escravidão ainda existe neste País. Apesar do sofrimento, sempre há esperança, e os trabalhos de organização começam a dar seus frutos. Já houve vários encontros de seringueiros. Destes têm saído muitas propostas para a melhoria da condição de vida destes povos. Esperamos que estas se concretizem e a vida dos habitantes das florestas seja respeitada na sua dignidade.

Estamos conscientes de que estes ECOS, em forma de grito de dor, farão germinar no interior da Nação Brasileira uma consciência ecológica que se traduza em QUALIDADE DE VIDA, substância primeira da teologia pregada no Santo Evangelho. Mesmo os santos da Igreja primitiva anunciavam o amor de Deus pela salvação da vida do homem. Que a fauna, a flora, os homens todos, possam partilhar das maravilhas da criação do Senhor da História.

1 - O eco dos indígenas

a) Tuberculose mata índios Deni

Dia 7 de maio de 1979. Maloca do Palermo, no Igarapé Cujubim, afluente do Rio Xerua. Deitada em sua maqueira, feito esqueleto humano, dorme o seu último sono, a jovem mãe índia de 20 anos, chamada Vinutini, à espera de que seus irmãos



Demarcação para o nosso irmão

a levem para a sua "hemeté" (sepultura). Morreu de "morte matada", da tuberculose que ameaça levar um por um, todos os Deni. A equipe de Pastoral Indígena da Prelazia de Tefé comunicou o fato à FUNAI que enviou, com atraso, um médico. Este cuidou da pereba de uma criancinha índia, distribuiu vitaminas e preferiu ignorar que

SURTO DE TUBERCULOSE MATA 85 ÍNDIOS DENI

A denúncia foi feita no Jornal PORANTIM do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) pelo Pe. Egon Dionísio,

um gaúcho que era Coordenador da Pastoral Indígena da Prelazia de Tefé.

Foi ele quem descobriu que a morte de Vinutini não era um fato isolado, conforme dados levantados com os próprios índios. Nos anos 70, pelo menos 85 Deni, que eram conhecidos como Jamamadi, localizados nas malocas dos igarapés do Rio Xeruã, morreram vítimas de tuberculose pulmonar ou ganglionar, de acordo com os sintomas apresentados e os exames de baciloscopia feitos pelo laboratorista do hospital de Carauari, José Maria Parrilha.

O Pe. Dionísio e o Sr. José Maria, imediatamente após a morte de Vinutini, comunicaram-se com a 1ª Delegacia Regional da FUNAI, com sede em Manaus, através de uma carta na qual informavam que um grande surto de tuberculose estava vitimando a população de quase 300 índios em 4 malocas.

Pedia-se que a FUNAI cumprisse o próprio Estatuto do Índio (Art. 2) com vistas a identificar, controlar e erradicar a doença. Enquanto se esperava a chegada do médico, contactou-se diversas entidades tais como a Prefeitura Municipal de Carauari, que colocou um barco à disposição, viabilizando o deslocamento; a Petrobrás que se encontrava na região à procura do petróleo; e a própria Paróquia que se dispôs a custear o rancho e outras despesas de viagem.

No início do mês de junho, uma “Equipe Volante de Saúde” (EVS) da FUNAI chegou a Carauari, chefiada pelo Dr. Paulo que, além do meio-expediente dado na Casa do Índio em Manaus, era médico do FAST clube. Junto com ele um enfermeiro e um laboratorista.

Durante 6 dias a equipe ficou hospedada no hotel de Carauari, jogando futebol de salão entre uma refeição e outra, e alegando que não podia deslocar-se para as malocas porque o “motor da Prefeitura deu prego e, portanto, resolveram aguardar”.

No último dia desta “folga”, o Pe. Dionísio e o Sr. José Maria retornaram de mais uma viagem de visita aos Deni. O Dr. Paulo, bem descansado, mostrou uma pressa muito grande talvez porque o FAST tinha uma “importante” partida de futebol em Manaus, e pediu os dados “para fazer o relatório e enviá-lo a Brasília”. Os dois insistiram na

necessidade de ir ao local e conseguiram um helicóptero da Petrobrás. "Para não ser uma viagem turística - disse o Pe. Dionísio - temos que passar no mínimo seis dias na área". O médico alegou que não podia, tinha ordens da direção da FUNAI para voltar na segunda-feira de manhã (era sábado à noite). Finalmente, convenceram-no a ficar pelo menos até terça-feira. Viajaram, então, domingo de manhã para a maloca de Palermo.

"Viemos aqui para ajudar vocês, ver a saúde de vocês". Com essa saudação do Dr. Paulo, a Equipe Voante de Saúde entra em ação. O modo de operar da EVS deve ser analisado mais detalhadamente.

Depois da saudação, o Dr. Paulo puxa o saco de bolachas e começa a distribuição. Após pequeno intervalo, a segunda rodada, desta vez com pastilhas e comprimidos de vitamina C. Segue a distribuição de copinhos para cuspir dentro (para o exame de baciloscopia). O Pe. Dionísio insiste para o médico fazer a biópsia numa índia com os gânglios supurando. Este mostrou má vontade e começou a cuidar da pereba de uma criança. "É imperdoável - prossegue Dionísio - que ele não tenha feito a biópsia naquela índia e que ele mesmo afirmava ser 97% provável que tivesse tuberculose ganglionar". Como outros índios estão na mesma situação, é praticamente certo tratar-se de um grande surto de tuberculose.

No dia seguinte o Dr. Paulo segue até a maloca Humanã onde só encontra 17 índios. Os demais estavam na maloca velha fazendo farinha ou trabalhando na sorva. Depois de seis horas de caminhada no dia anterior, o resto da equipe se recusou a ir até a outra maloca. Entre descansar, almoçar e serviço de saúde, a permanência em Humanã foi de duas horas.

A Equipe Volante de Saúde da FUNAI não tinha a mínima preocupação com a saúde dos DENI mostrando, mais uma vez, que não estava comprometida com a causa indígena. "É inconcebível - diz o Pe. Dionísio - que uma equipe de saúde vinda de Manaus a Carauari de avião permaneça uma semana na cidade e depois se desloque de helicóptero até a região das malocas para permanecer ali apenas dois dias, dos quais dão umas três horas de

atendimento médico, sendo que o resto do tempo gasto foi para almoçar e descansar da caminhada”.

Só o custo das duas viagens de helicóptero, umas 6 horas de voo, fica aproximadamente em 2.500 dólares. Pouco importa que tenha sido a Petrobrás que tenha cedido esse transporte.

“Explica para eles (os índios) que eu sou médico da FUNAI”, insistiu o Dr. Paulo repetidas vezes. A outra frase mais ouvida foi: “Já tenho bastante dados para o meu relatório”.

“A grande preocupação mesmo parecia ser o relatório que tinha que ser enviado a Brasília e não o surto de doença que vinha dizimando os Deni.” “Retrato fiel e alarmante” - diz Pe. Egon - “de um órgão transformado em cabide de emprego e esvaziado de qualquer ideal humanitário”.

No mesmo artigo do Porantim, o CIMI Norte de Manaus exige que seja prestada uma assistência médica constante ou, do contrário, todos eles serão exterminados, sem ninguém assumir a responsabilidade do crime, o que é uma maneira “civilizada” de matar. O jornal comenta ainda que as raízes deste processo de extermínio que se acelera face a omissão da FUNAI vêm de longa data. Até a segunda metade do século passado, os diversos grupos da grande e numerosa nação DENI viviam aos milhares nas florestas, sadios e alegres, numa extensa região, compreendida entre os rios Purus e Juruá, cabeceiras do Tapauá, Pauini e afluentes de Xerua.

b) Encaminhamento para tratamento

Com a corrida da borracha (como relatamos em outras páginas), milhares de nordestinos foram aliciados e jogados nessas matas para produzirem para a guerra. Daí para frente, as balas, epidemias e outros “recursos” foram completando o massacre.

No início dos anos 80, tanto o CIMI Norte I de Manaus como a Prelazia de Tefé insistiram junto à FUNAI para abrir um Posto de Atendimento na área do Xerua. Mas o único serviço da entidade em relação aos DENI foi receber doentes, encaminhados com frequência pela Paróquia de Carauari, no Aeroporto de Manaus e tratá-los na Casa do Índio.

Tivemos sorte com esses encaminhamentos rotineiros. Na época, a Petrobrás desenvolvia intensas atividades de prospecção de gás e petróleo na região, tendo Carauari como Base de Apoio.

Quase diariamente, a Empresa de Aviação RICO, contratada pela Estatal, trazia de Manaus material, mantimentos e pessoal. Os aviões voltavam vazios ou com poucos passageiros. Os pilotos eram bastante humanitários e nunca se negaram a “quebrar o galho” levando o doente e entregando-o à pessoa encarregada da FUNAI (por nós avisado pelo telefone) no Aeroporto de Manaus.

Numa ocasião desses encaminhamentos levei um grande susto. Enquanto conversava com os pilotos, a Aniká com seu filho de peito fugiu para o mato do lado do aeroporto, sem que alguém percebesse. Já tinha notado seu medo com a chegada do DC 3. Para ela, que nunca tinha saído do mato, um pássaro assustador e barulhento... Uma busca rápida foi inútil e o avião levantou vôo sem a fujona. Preocupado, juntei uma turma de homens para procurá-la, mas como a índia não trilhou pelos caminhos comuns (rumo roçado ou casa de farinha) demorou-se o resto do dia para achá-la. Sem falar a língua (“saúde, ficar forte, voltar sim”), foi difícil convencê-la a viajar no outro dia.

O tratamento da tuberculose é de seis meses e o doente necessita ainda de uma boa alimentação para recuperar-se. O índio que for retirado da maloca para ser encaminhado a Manaus pode levar um ano para retornar a seu povo, devido ao difícil acesso à área e poucos transportes. Aliás, a experiência nos ensinava que não adiantava apenas encaminhar os casos de tuberculose positivos para Manaus sem que fosse esquematizado um plano para erradicação da doença na própria área.

Verdade é que os doentes voltavam sadios, fortes e bem nutridos. A gente, às vezes, nem os reconhecia mais. Hospedava-os no salão da Casa Paroquial enquanto procurava uma embarcação que passasse pela boca do Rio Xerua. Encontrando um transporte, embarcava-se o índio que, depois de 4 ou 5 dias; conforme a marcha de viagem, chegava à entrada do rio Xerua, onde um seringueiro, avisado pela Rádio de Tefé ou Manaus, o esperava.

Enviávamos sempre uns 20 litros de gasolina para que o seringueiro, com sua canoa e motor-de-popa, pudesse deixá-lo junto à terra firme das malocas, viagem essa que levava mais um dia.

A demora em achar condução levava, às vezes, 7 a 15 dias. Nesse meio tempo, havia uma certa convivência com os índios que eu apreciava bastante. A maioria dos homens que passava por aqui falava o português, mais ou menos, as mulheres nada ou quase nada. (Os primeiros costumavam ter algum contato, no corte da seringa ou sorva, com os seringueiros da região.) Chamavam a gente de “compadre”, embora eles e seus filhos nunca tivessem sido batizados.

Havia sempre o ensino mútuo: pegando ou indicando algum objeto e perguntando o nome do mesmo. As vezes, tentavam ensinar-me algum canto e se divertiam muito com minhas trapalhadas lingüísticas.

Certa vez, um interiorano pediu-me emprestado um dinheiro para pagar uma prótese dentária, prometendo devolver-me o dinheiro na próxima visita à sua localidade. O índio Kurupá estava presente durante a conversa e acompanhou o seringueiro ao dentista prático a quem disse “eu dentes também, padre pagar”... Fiquei sabendo disso no dia seguinte quando, com um sorriso largo e alegre, entregou-me a conta.

Na maloca, Kurupá fez o maior sucesso no meio dos companheiros banguelas de modo que os próximos hóspedes se achavam com o direito de ganhar também uma dentadura, além de uma rede, roupas e chinelos indispensáveis à viagem.

Uma vez, voltando do porto onde embarcaram 3 índios hospedados em nossa casa, o colega José me perguntou: “João, você emprestou meu gravador e umas fitas?”. No mesmo momento exclamamos: “os compadres” (assim nós os chamávamos também). Alcancei a embarcação a tempo para recuperar os objetos do saco de viagem. O índio não achou bom e disse ainda:

“Eu querer ficar, vocês ter dois”, o que não deixa de ser uma lógica evangélica...

Como já disse, o “vai e vem” dos doentes não era o ideal pois não se atacava o foco da tuberculose.

A FUNAI, apesar da nossa insistência, nunca abriu um posto de atendimento na área nem despachava uma expedição de socorro que permanecesse um tempo razoável entre os DENI, com o objetivo de erradicar definitivamente a doença.

Fornecia apenas vacinas, lâminas e outro material para baciloscopia às equipes que a própria Prelazia conseguia formar, de vez em quando, para algumas viagens de atendimento.

Por falta de pessoal, a Prelazia e o CIMI só conseguiram enviar uma equipe fixa na área, em meados dos anos 80.

Em 1982, fiz minha primeira visita aos DENI, acompanhando o Pe. Dionísio, que pretendia levantar dados geográficos para a identificação e delimitação da área indígena.

c) Uma viagem atrapalhada

Naquela ocasião escrevi o seguinte relatório pessoal:

“Na terça-feira gorda de 1982 saímos para uma viagem de visita aos DENI na área do Rio Xerua. Somos 4 tripulantes:

Motias, o motorista responsável pela embarcação TUPÃ, o Waldir da Diretoria do Sindicato dos Agricultores e Seringueiros do Município de Carauari, o Pe. Dionísio, Coordenador da Pastoral Indigenista da Prelazia de Tefé, e o abaixo-assinado.

De carona embarcaram 20 ribeirinhos que um dia depois deixamos na beirada, conforme seu local de moradia.

Resolvemos não parar durante a primeira noite mas continuar viagem trabalhando em rodízio: das 18 às 24 horas, Motias e Waldir; de meia noite às 6 horas, Dionísio e eu.

Para nós dois era uma boa oportunidade para trocarmos informações sobre as reuniões regionais das quais tínhamos participado recentemente: Dionísio do CIMI em Boa Vista (Roraima) e eu da CPT (Comissão da Pastoral da Terra em Manaus). Na manhã seguinte, após algumas horas de sono, fizemos uma parada no local onde o nosso colega,

Pe. Guilherme, tinha desaparecido, tragado pelas águas do rio Juruá, no ano anterior.

Não era fácil encontrar a cruz, plantada pelos ribeirinhos vizinhos, no meio da canarana que estava cobrindo a mesma. Finalmente, conseguimos vê-la: Guilherme-PAZ, 28-01-1981.

Do toldo do barco tiramos algumas fotografias, o gravador tocou a missa (Terra sem Males), algumas velas foram acesas e as passageiras iniciaram a reza do terço.

Era quarta-feira, não precisávamos de cinzas para lembrar-nos a relatividade da vida.

Aliás, o dia era de contrastes. Ao meio-dia cantávamos:

“Parabéns a você”, em homenagem ao Motias, companheiro de viagem que estava aniversariando. Isto soubemos através da sua esposa Darlete que, na Casa Paroquial, esperava pelo contato diário da nossa radiofonia. Era a primeira vez que tínhamos esta comunicação a bordo e a mesma nos ajudou bastante, como veremos mais adiante, pois com ela conseguimos salvar uma vida.

Depois de duas noites e dias de viagem chegamos à boca do Rio Xeruã, afluente do Rio Juruá. Vicente, um seringueiro-morador daquela área, estava a nossa espera, pois tinha sido avisado pela Rádio de Tefé. Vinte litros de gasolina eram suficientes para que nos deixasse, com sua canoa com motor-de-popa na terra firme, onde iniciamos nossa caminhada rumo às malocas dos índios DENI. Nas mochilas apenas o necessário: rede, mosquiteiro, algumas roupas e remédios. Marcelino, filho de Vicente, que se dizia amigo dos índios, guiava-nos pelo varadouro. Nos próximos dias descobrimos que a amizade de Marcelino com os índios não era tão benéfica para os últimos. Comportava-se como patrão, trocando a borracha e sorva por mercadorias das quais os índios não sentiam falta num passado recente, como: roupas, fumo e cachaça. Quanto à última: a caiçuma (bebida fermentada feita de macaxeira) é muito menos prejudicial à saúde.

Depois de uma caminhada de 2 horas chegamos ao primeiro encontro com os índios. De longe já tínhamos ouvido os gritos “MEZÉ, MEZÉ”, a advertência para

amarrar os cachorros, bons caçadores de bichos-do-mato e pessoas estranhas. De fato, os mesmos latiam, assustadoramente, atados embaixo dos tapiris. As crianças, não acostumadas com visitas dos KARIU (brancos), fugiam para os braços e peitos das mães. Mas a recepção pelos adultos foi cordial e a alegria muito grande pelo reencontro com o amigo Dionísio.

Gesticulando, comentavam divertidos entre si a minha altura, 1.92, conforme Marcelino me explicava.

Recebemos logo um prato com mandioca cozida, que mostra a hospitalidade dos DENI para com aqueles que chegam de viagem. Comendo e repousando, pude observar a palidez dos índios que era consequência de um surto recente de malária, outra doença (além da tuberculose) que costuma castigar a tribo. A anemia se manifesta também através da pele amarelada e córnea sem coloração.

Deixamos com eles sulfato-ferroso, vitaminas e ascarotrat para as crianças com verminose, cujos sinais eram aparentes, havendo nos próximos dias expulsão de lombrigas em grande quantidade.

Aprendi um costume antigo de medir o tempo quando me dei conta de que era o único a usar um relógio, num raio de, talvez, centenas de quilômetros, uma vez que nem os companheiros de viagem faziam uso do mesmo. Como explicar a hora certa para tomar um remédio? Simples, observa-se a posição do sol, de 12 em 12 horas. Leste-oeste, de 6 em 6 horas entre o sol empinado que é meio-dia.

Esse primeiro encontro com os DENI não se deu na sua maloca. Encontramo-nos num local de moradia provisória, em cuja redondeza os homens estavam trabalhando no corte da seringa e sorva. A maloca, onde um casal mais idoso tomava conta das criações de galinhas e porcos, ficava distante 5 horas de caminhada. Aliás, depende de quem faz a caminhada. Eu perdia de todo mundo, tendo as pernas mais compridas (da mulher gestante até as crianças que não eram carregadas nos ombros ou no BATU, que é uma tipóia de envira).

Como era difícil andar nos varadouros que são os caminhos do mato. A gente se machucava bastante, pisando nos tocos, cobertos de folhas secas e podres, ou raspando os

ramos, às vezes espinhosos, na beira do atalho. O pior eram as partes inundadas da floresta que, em certas ocasiões, obrigavam a gente a nadar.

Admirava a resistência e a facilidade com que Dionísio enfrentava as caminhadas. Não era só devido à diferença da idade, ele estava melhor treinado mesmo. Do Waldir (ex-seringueiro) nem se fala. Além da sua bagagem, levava ainda uma espingarda e desviava continuamente, junto com uns índios e seus cachorros, o caminho atrás de uma caça, como cutia, tatu, paca, nambu ou jacu que traziam para os nossos jantares. Certo dia, participei de uma caça aos macacos, um prato preferido dos DENI (não se preocupem os ecologistas, não há perigo de extinção, essa caça é secular). O Waldir ofereceu sua espingarda e cartuchos, mas a arma foi dispensada. Preferiram as armas costumeiras: arcos e flechas e a zarabatana (tubo comprido pelo qual se sopra setas que têm no bico a dosagem necessária de veneno para derrubar o animal).

Quando encontramos um bando de macacos gritando e pulando nas copas das árvores, ficamos escondidos nas moitas do mato. O chefe dos caçadores apontava a zarabatana com perfeição, de modo que atingia o alvo no primeiro sopro. Caído no chão, todo bando descia das árvores gritando e pulando em redor do "companheiro". Nesse momento, as flechas soaram garantindo as refeições da maloca toda. Naquela hora entendi a recusa da espingarda. Um tiro causaria a fuga da tropa toda garantindo, no máximo, um jantar de apenas uma família.

Enquanto meus dias eram de sacrifício devido às caminhadas, as noites eram agradáveis. Deitado na rede, apreciava as reuniões que o Dionísio fazia com os moradores das diversas malocas que visitamos. No gravador passava uma fita com mensagens, conversas e cantos, gravados nas malocas distantes da tribo que ele tinha visitado. Os índios se divertiam bastante e acrescentavam as suas mensagens e opiniões a respeito de um assunto que era muito importante para eles e que foi o motivo principal da nossa viagem: a demarcação da área DENI que, conforme os dados do Pe. Dionísio, se estendia até o rio Cunhuá, afluente do rio Purus.

Que a estagnação do processo da demarcação da área perdura até hoje, ano de 1992, são outros quinhentos... (disse quinhentos? Acertei, infelizmente).

No final do 5º dia eu estava num estado de exaustão. Em um trajeto que faria em 5 horas no primeiro dia, gastava 11. Uma chuva constante aumentava ainda mais as dores musculares. Com pernas bambas, interrompia a caminhada a cada instante. Só pensava na rede que queria que fosse estendida ali mesmo, no meio do caminho...

Finalmente, a mesma rede e duas pílulas AAS me fizeram esquecer toda a desventura daquele dia e dormi umas doze horas seguidas. Fomos obrigados a fazer uma pausa e passei quase o dia todo deitado na rede recebendo umas massagens com óleo de copaíba, que aliviavam as dores. A vantagem do repouso forçado foi a oportunidade que tive de observar a vida da maloca.

Havia 12 casas (tapiris) construídas de madeira irregular em torno de um terreiro. As casas são do tipo tradicional da região. Palafitas, assoalho de paxiúba com a cobertura de palha de caraná. A única diferença das moradias dos seringueiros é que não possuem paredes.

O acesso às casas se dá por uma escada feita de um tronco roliço com escavados de 45 graus. O fogo fica dentro das casas sobre um amontoado de barro e é mantido aceso dia e noite (de noite para afastar visitas inoportunas, como o gato maracajá ou uma cobra).

Nos objetos das casas a influência dos KARIU. O arco, a flecha e a zarabatana ao lado de anzóis e uma espingarda enferrujada; uma panela de alumínio e pratos plásticos junto com potes e vasilhas de cerâmica; uma rede industrializada no meio das maqueiras feitas de algodão. Uma índia passava o dia fiando as pastas de algodão, que estava dentro de uma cabaça, com uma rapidez impressionante.

Num canto da casa, uma mala de compensado e um saco de pano defumado (o último mais prático para viagem, pois não deixa molhar o conteúdo).

Uns feixes de ervas medicinais e uns vidros de remédios, como mebendazol - benzoato de benzila e elixir paregórico.

Numa das casas cruzei meu olhar com uma vaca bem nutrida rotulada numa lata de leite: Greenland - Made in Holland.

Fiquei pensando, quanta borracha e sorva foram entregues aos patrões e regatões em troca desses objetos. Os DENI não têm nenhuma noção do valor monetário. Literalmente, eles não possuem um tostão. Aliás, é bem provável que nunca tenham visto uma cédula ou moeda a não ser aqueles que já estiveram em Manaus para tratamento de tuberculose.

Sóube depois que a troca se torna mais injusta ainda quando o regatão traz a cachaça embriagando os índios na entrega do produto, deixando os mesmos apenas com bugigangas.

De tardinha, com corpo ainda doído, dou uma volta na maloca, brinco com as crianças e tomo banho com elas no igarapé (riacho). Tento conversar com algumas mulheres que estão pilando milho mas não consigo. A culpa é minha, sou eu que venho visitar o povo....

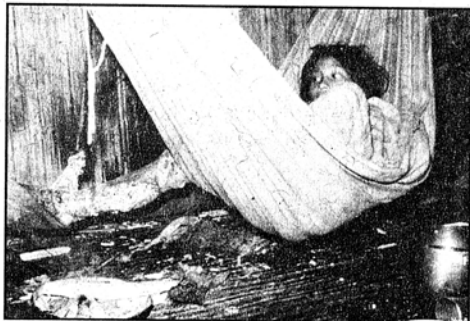
Peço a um homem para tocar a flauta, tipo transversal, 35 cm de comprimento, dois centímetros de diâmetro, com orifício bucal e dois outros na extremidade. Algumas crianças acompanhavam o flautista batendo palmas. Uma moça me mostra seu colar de dentes de macaco, intercalado com sementes pretas, tecido com algodão.

A moenda de cana é de uso comunitário como também o pilão. Tomo garapa e janto um pedaço de caititu (porco-do-mato) que está sendo assado, para quem quiser, na brasa de uma fogueira no terreiro. À noite, me deito cedo de novo, recuperando ainda mais as forças.

d) A salvação de uma vida

KIUTINI era o nome da menina indígena que se tornou minha amiga pelo resto da viagem.

Kiutini, mobilizando muita gente para João, 10, 10



Nós a encontramos num estado deplorável na maloca Kaikiri. Já fazia alguns dias que ela tinha sido picada por uma das cobras mais venenosas, a pico-de-jaca. O tratamento dado pelos parentes evitou o envenenamento do sangue, mas o lugar da mordida estava infeccionado de tal forma que a ferida expunha o osso da tíbia. A perna ficava numa tira de cipó, na fumaça de um fogo brando. Isso para afastar os insetos. Seus lábios estavam inchados por causa da febre e o rostinho pálido e magro. Foi mais uma situação de vida que fez lacrimejar meus olhos.

Chamando os parentes, Dionísio tratou logo de encaminhar uma ação salvadora. A eritromicina, o AAS infantil contra dor e febre e mais as polivitaminas não podiam evitar o perigo eminente de uma gangrena e, certamente, a morte. Precisava de uma cirurgia, uma amputação, talvez, com a máxima urgência. Mas como? Onde, no meio do mato, a mais de mil quilômetros de um hospital, sem nenhum transporte adequado?

Na pasta de Dionísio tinha um mapa de todas as malocas dos DENI, inclusive as do Rio Cunhuã, afluente do Purus. Conforme as informações da Missão Summer Institute of Linguistics, a maloca Marrecão possuía um campo de pouso. Avaliamos a distância para chegar na citada maloca em 3 dias, o mesmo tempo que precisaríamos para voltar pela mata na nossa embarcação Tupã. A mesma levaria 2 dias de baixada para chegar em Carauari onde, no hospital local, não se teria nenhuma condição para a operação, o que implicaria em mais espera para poder transportar Kiutini a Manaus.

Escolhemos o caminho para Marrecão com o seguinte esquema. O Pe. Dionísio e o Waldir voltariam, imediatamente, para a embarcação. Comunicar-se-iam através da radiofonia com Tefé. De lá telefonariam para o CIMI de Porto Velho em Rondônia. O CIMI entraria em contato com representantes do Summer Institute e a FUNAI regional para providenciarem um teco-teco até a maloca. A grande vantagem era que a nossa viagem até Marrecão podia ser feita de canoa uma vez que o lugar Kaikiri estava localizado nas cabeceiras do Igarapé “Água Preta”, afluente

do Rio Cunhuã. Além de ganhar tempo, evitaríamos uma viagem penosa para a doente, sendo carregada numa rede pelo mato. Todavia, o risco era grande em todos os sentidos; a comunicação poderia falhar ou a Kiutini não resistir à viagem.

Tivemos sorte que dois seringueiros do Rio Cunhuã estavam tirando sorva nas matas das redondezas, já prontos para embarcar sua produção numa canoa bastante grande.

Vendo a situação da índia, não foi difícil convencê-los de buscar seu produto numa outra oportunidade e levar a gente até a beira do Cunhuã onde procuraríamos outro transporte.

Despedi-me do Dionísio e Waldir, enquanto pedimos a Deus que nos acompanhasse e salvasse a Kiutini.

Azu, um dos seus irmãos, nos acompanhou na viagem. Em contato com os seringueiros da região, ele aprendera o português e se comunicava conosco. Ao mesmo tempo, consolava sua irmãzinha no sofrimento.

Esqueci de contar que calculamos a idade da menina em 9 anos. Nunca se tem certeza sobre a idade exata dos DENI e apenas uma vez soube da idade certa quando a mãe falou que sua criancinha tinha 6 luas, isto é, 6 meses.

Na despedida, Kiutini teve um ataque de choro de fazer dó. Tinha medo da gente e gritou quando quis carregá-la. A viagem se tornou, no início, um pesadelo, pois tinha que deixar seus parentes na maloca. Uma dose extra de AAS ajudava-a a pegar no sono. Já pelo meio dia, fiquei feliz da vida quando notei sua aproximação. Deixou que eu acariciasse seu rostinho e penteasse seus cabelos. Quando, com os sacos de viagem, improvisei uma posição mais cômoda, se encostava nas minhas pernas e deixava que segurasse a sua mão. Instintivamente, percebia que a nossa viagem tinha como finalidade aliviar sua dor.

Azu e os dois seringueiros se revezavam nos remos. O igarapé estreito, com suas curvas inesperadas, castigava a gente por causa dos ramos baixos que nos batiam.

Ao anoitecer do primeiro dia, chegamos num tapiri abandonado onde armamos nossas redes e nos alimentamos com bananas, peixe moqueado e farinha que tínhamos trazido da maloca.

O segundo dia se tornou monótono. A Kiutini já estava sem febre mas a dor continuava. Sem falar sua língua, eu começava a entender algumas palavras porque repetia muito, como UVA KUMARU (dor) UTAMIDINI ZARI (sede), UPEMIARU (fome) e UTABAKHUNI (estou com medo).

De vez em quando, os remadores falavam que sentiam falta de uma espingarda quando, ao longo do percurso, defrontávamos com um pato ou macaco. De fato, comemos mal e se começou a sentir fome até de tardinha, quando chegamos na casa de um dos remadores, cuja mulher nos preparou uma galinha. Em agradecimento deixamos, como lembrança, os ossos bem limpinhos e continuamos a viagem até a casa do Sr. Nogueira, já na beira do Rio Cunhuã onde dormimos a segunda noite.

Deus estava conosco. O Sr. Nogueira tinha um motor-de-popa YAMAHA 5 HP., bastante gasolina e disposição para levar a gente até a maloca Marrecão. Para proteger Kiutini do sol ardente foi feita uma cobertura de palha e embaixo providenciou-se, com dois cobertores, uma cama.

Ganhamos bastantes frutas para a viagem que levou 8 horas, descendo o Rio Cunhuã quando, finalmente, chegamos ao nosso destino provisório, Marrecão.

Lá encontramos apenas algumas mulheres e crianças, pois os homens, outras mulheres e filhos estavam num acampamento temporário, distante na mata, onde os índios tiravam sorva.

Já é o dia seguinte. Começo a escrever o presente relatório enquanto esperamos uma salvação do céu, isto é, um transporte aéreo para nos levar até o hospital de Porto Velho.

Admiro a resistência da Kiutini. De vez em quando ouço, penalizado, seus gemidos embaixo do mosquiteiro.

Calculo que o S.O.S., que Dionísio já deve ter mandado ao ar (ontem ou anteontem), talvez tenha alcançado o destino. Ou não? Quero ser otimista mesmo sabendo que a comunicação é sempre um grande problema nesse mundão amazônico.

As preocupações do novo dia são Kiutini, a incerteza e a praga dos piuns. Pelo meio-dia, o Azu, que estava assando

cará (batata), se levanta e dá um pulo. Olha para o céu e grita: “motor, motor!”.

Eu custei a acreditar. Desde jovem sofro da audição, devido a uma operação no tímpano, e passei uns dois minutos antes de ouvir a zoadá de um avião. Finalmente, lá vem o monomotor que nos faz correr para o campo de pouso. O aviãozinho dá algumas voltas, desce até perto da pista e levanta vôo de novo.

Entendo, são manobras para reconhecer o terreno. Mais uma volta e as rodas tocam no chão e o CESSNA pára na nossa frente.

Os meus abraços aos 3 passageiros desconhecidos foram um tanto exagerados. O médico José, da FUNAI, aplicou logo uma injeção, comentando a sorte da Kiutini não ter morrido de tétano.

Quando converso com o Jorge, da missão do SIL (*Summer Institute of Linguistics*), o piloto Miguel faz uma inspeção do “aeroporto” e volta dizendo que o campo não oferece condições de decolar com mais 3 passageiros, isto é, o monomotor precisava de mais chão para poder levantar vôo, “a não ser que a gente tapasse alguns buracos”, sugere laconicamente...

Não era brincadeira não, dito e feito... Sorte nossa foi que alguns índios atraídos pelo barulho do avião apareceram não sei de onde e ajudaram a carregar areia e igualar o campo.

O piloto fez ainda os cálculos do nosso peso total e, sem mentir, pude descontar uns quatro quilos que tinha perdido nos últimos dias.

No embarque, a Kiutini teve outro ataque de choro recebendo um calmante do Dr. José. Pelas três horas da tarde levantamos vôo iniciando uma viagem de uma hora e cinquenta minutos que nos fez ultrapassar a fronteira do Amazonas rumo a Porto Velho, em Rondônia.

Uma ambulância nos esperava e entregamos Kiutini e seu irmão às pessoas competentes do hospital local cuja junta médica (já no dia seguinte) chegou à conclusão que uma amputação podia ser evitada, e havia condições de fazer o enxerto depois de curar a ferida.

Agradei a Deus de todo o coração por Ele ter motivado tanta gente a socorrer e salvar Kiutini, filha de uma raça tão desprezada e marginalizada.

Foi Ele que me trouxe de volta para Carauari através das colegas da “multinacional”, onipresente neste Brasil afora.

Tinha me tornado um mendigo, com apenas a roupa do corpo, sem documentos, nem dinheiro no bolso, mas isso já é uma outra história.

e) A viagem de volta

Claro, a viagem de volta de Dionísio e Waldir foi menos complicada e bem proveitosa para 3 índios que, demonstrando sintomas avançados de tuberculose, pegaram uma carona até Carauari de onde foram encaminhados para tratamento em Manaus.

Nos meses seguintes, depois de muita insistência, a FUNAI Regional assinou um convênio único com a Prelazia para uma viagem de vacinação aos DENI. Dom Mário Clemente Neto coordenou os trabalhos, solicitando um médico e um bioquímico da Universidade Federal de Juiz de Fora, que tinha um Campus Avançado em Tefé.

Começou uma operação gigantesca que impressionou em muitos aspectos, sobretudo devido às distâncias que tinham que ser vencidas. No dia 2 de junho, saímos com a embarcação Tupã de Carauari rumo a Xerua, para avisar os índios e concentrá-los em duas malocas mais acessíveis. Na mesma semana partiu a embarcação Gaivota de Tefé para Carauari onde embarcaram o médico, o bioquímico de Juiz de Fora, uma enfermeira da FUNAI de Manaus, um laboratorista de Tefé. Todos vinham de avião até Carauari (os dois primeiros haviam feito o trajeto Juiz de Fora-Manaus pelo Búfalo da FAB; a equipe do Gaivota encontrou-se com a equipe do Tupã, no dia 13 de junho, dia propício para começar um trabalho em conjunto para atender os índios na campanha de vacinação e exames médicos). A esta altura, muitas distâncias já tinham sido percorridas: Carauari -Xerua (Tupã), 500 km. Tefé-Xerua (Gaivota), 1300 km. Mais as viagens aéreas: Manaus-Carauari, 780 km. Tefé-Carauari, 310 km. Juiz de Fora, Manaus, sei lá.

Viajamos ainda 3 horas de canoa com motor-de-popa para chegarmos à maloca Madeira, no Igarapé Parum, onde encontramos também os índios da maloca Mutum que tínhamos avisado anteriormente. Os resultados da biópsia, exames de saúde e da vacinação constam num relatório feito na ocasião com a conclusão de que a epidemia da tuberculose permanecia.

Não houve condições de voltarmos às embarcações naquele primeiro dia de trabalho. Quanto à comida, lembro-me que o AZAVA não se deu ao trabalho de sair do tapiri para jogar milho no terreiro facilitando a captura de galinhas; sentado na sua rede, flechou algumas, que a mulherada preparou para o nosso jantar.

O serviço da segunda etapa era mais difícil e demorado devido ao deslocamento dos índios para a maloca Porto Novo na beira do Igarapé Cujubim. Os moradores das malocas Sassuru e Kaikiri precisavam de dois dias para chegar. Algumas famílias da maloca Humanã estavam nas bandas do Rio Cunhuã, tão distante que não havia condições de avisá-los. No final de todo esse trabalho foram atendidas 342 pessoas. A equipe médica resolveu embarcar 10 Deni para um tratamento de tuberculose em Manaus.

Muitos outros, já contaminados pela doença, ficaram esperando pela volta do Benedito Souza, agente de saúde da prelazia de Tefé, que fazia parte da nossa equipe. O mesmo traria os remédios e ficaria seis meses contínuos na área para aplicá-los.

f) Tratamento de emergência para os índios DENI

A seguir transcreveremos o projeto "Tratamento de Emergência aos índios DENI" que Dom Mário encaminhou à FUNAI no dia 10 de julho de 1982.

1. Introdução

Entre os dias 5 e 30 de junho de 1982, duas equipes se deslocaram para o Rio Xeruã (afluente do Juruá) para tentar reunir os índios Deni, fazer PPD, vacinar contra



Área indígena demarcada é como uma casa de farinha, pão de cada dia

tuberculose, fazer exame de escarro, estudar a viabilidade de tratamento e possibilidade de vacinação contra sarampo. O trabalho foi coordenado pela Prelazia de Tefé, supervisionado na parte médica pela FSESP de Tefé, financiado pela FUNAI e Prelazia. Contou ainda com a colaboração do Campus Avançado da Universidade de Juiz de Fora, em Tefé, do Hospital de Tefé, Hospital de Carauari.

Os membros das equipes foram: um padre de Carauari, um enfermeiro (coordenador do trabalho), um acadêmico de Medicina, um acadêmico de Farmácia e Bioquímica, um laboratorista, uma enfermeira da Funai, um prático de navegação, tripulações.

A situação dos índios, conforme foi constatada, é calamitosa.

Segundo a opinião dos participantes das equipes, se continuarem na mesma situação, caminharão rapidamente para uma extinção total, como já aconteceu com alguns grupos do povo Deni nos últimos anos.

2. Dificuldades para um tratamento e sugestões

Além das dificuldades para o atendimento médico, existe o problema social e econômico dos índios: a presença de comerciantes que exploram o trabalho índio quase sem remuneração. Introduzem doenças, bebidas alcoólicas, costumes que exigem a compra de produtos dos regatões e, conseqüentemente, exigem que eles trabalhem na extração de borracha e se desloquem constantemente para a extração de sorva pelo interior da mata. Esta situação de exploração faz com que eles não desenvolvam sua agricultura e vivam em um estado de subnutrição muito grande.

A opinião da equipe de saúde que os visitou é que, se não for feito um trabalho de base, não se conseguirá resolver o problema da saúde. É preciso resolver urgentemente a demarcação de terras, estudar a presença de pessoas estranhas em suas áreas, o problema da introdução de bebidas alcoólicas e a exploração comercial de sua mão-de-obra.

3. Proposta de colaboração da Prelazia de Tefé

Para um atendimento de emergência na parte da saúde, a Prelazia de Tefé oferece sua colaboração no seguinte:

Conseguir um enfermeiro que se propõe permanecer 6 meses na área, tentando reunir os índios que estiverem doentes numa maloca e ministrar os medicamentos. Um dentista para fazer extração de dentes e limpeza da cavidade bucal.

Há uma dificuldade, porque de agora até outubro, o Rio Xerua e afluentes estão com as águas baixas e não é possível a entrada de barcos, mas somente de canoas com motor-de-popa dos seringueiros que moram na região. Para isso precisariam fornecer combustível e dar alguma gratificação aos donos das embarcações. Precisariam também de alimentação para eles e os índios em tratamento, alguns utensílios de pesca, cartuchos para caça, medicamentos vários, etc. Tentaremos fazer uma previsão que, todavia, não poderá ser completa. No desenvolver do projeto, comunicaremos à FUNAI as necessidades que surgirem, comprometendo-nos sempre em limitar-nos ao estritamente necessário.

Especificação

a. A permanência de um enfermeiro durante seis meses na área. Ele tem estágio de tratamento de tuberculose no Hospital Cardoso Fontes de Manaus.

b. Presença de um dentista durante dois meses.

c. Farão o tratamento dos casos de tuberculose, profilaxia dos casos de reação ao PPD constatados, tratamento de verminose e outras doenças, extração de dentes, tratamento de problemas de boca, etc.

d. Para isto precisarão dos medicamentos e materiais.

e. O enfermeiro tentará colher material para exame e fará lâminas que, na medida do possível, enviará para a FSESP de Tefé para o acompanhamento do tratamento. O resultado desses exames será comunicado por ele pela Rádio Rural de Tefé para que ele possa iniciar, o quanto antes, o tratamento.

f. No mês de outubro, quando as águas começarem a subir, espera-se a ida de um barco da Funai (talvez no posto de Andirá) para levar apoio e algum material que se fizer necessário.

4. Despesas previstas

Apesar da dificuldade de uma previsão, tentamos calcular o que seria necessário para o trabalho até outubro. Até lá poderíamos fazer uma avaliação, inclusive se será necessário e possível o enfermeiro permanecer por mais tempo na área. Uma incógnita é se se conseguirá atender todas as aldeias, que ficam distantes umas das outras, se os índios doentes aceitarão permanecer reunidos numa maloca para o tratamento.

As mercadorias abaixo citadas foram calculadas com base numa sondagem de preços no mercado de Carauari (omitimos os preços por estarem desatualizados): 400 litros de gasolina, 05 latas de querosene, 02 sacas de arroz, 02 sacas de açúcar, 06 sacas de farinha, 02 sacas de sal, 04 caixas de cartuchos de cal. 16, 04 caixas de cartuchos de cal. 20, 01 caixa de anzóis n. 9, 01 carretel de linha n. 24, 02 dúzias de pilhas grandes, 01 dúzia de pilhas médias, aluguel de canoas e despesas imprevisíveis.

Observações

1. Os medicamentos necessários estão especificados em lista anexa. Pedimos somente o que não foi possível ser concedido pela FSESP de Tefé. Nela não constam medicamentos específicos para o tratamento da tuberculose. Parte destes últimos a FSESP já forneceu e, na medida do que for possível, o envio de novas lâminas para exame. Tentaremos obter da FSESP os medicamentos para cada caso. A Prelazia está adquirindo a parte do instrumental que falta para o dentista.

2. As águas da Bacia do Xeruã chegam ao seu nível mais baixo em agosto. Há portanto urgência no início do projeto pois, do contrário, não será possível chegar à área nem de canoa.

3. Estamos contando com a subida do barco Tupã da Paróquia de Carauari que passará pela boca do Xeruã. Ele subirá no dia 17. Se não for possível organizar a expedição até esta data, será necessário ver a possibilidade de um barco da FUNAI levar o pessoal, talvez o mesmo que levará para Carauari a equipe que estará atendendo os casos de malária no rio Andirá.

Tefé, 10 de julho de 1982
D. Mário Clemente Neto
Bispo de Tefé

Com o enfermeiro Bené, apresentado no Projeto acima, a Prelazia quis iniciar uma permanência mais estável na área Deni, uma vez que da parte da FUNAI não havia nenhuma perspectiva de uma assistência mais eficiente, muito menos um posto de atendimento. Duraria mais dois anos para a Prelazia realizar tal objetivo. Em 1983 Bené adoeceu de hepatite e teve que abandonar a área. Em 1984 Terezinha de Souza (a Teka) e eu fizemos uma visita de apoio, e só no ano seguinte a Prelazia e o CIMI conseguiram formar a primeira equipe de voluntários.

Desde então já se passaram seis anos e a luta continua. Até hoje os Deni não conseguiram a demarcação da sua área nem se livraram dos patrões e regatões, enquanto que o foco da tuberculose não foi erradicado, e a doença volta a atacar de tempo em tempo.

As equipes do CIMI sofrem de uma alta rotatividade devido o trabalho extremamente difícil. Doença, solidão e o abalo pela sensação de impotência perseguem seus jovens componentes.

Neste mês de novembro de 1991 uma equipe de 4 pessoas encontra-se na área dos Deni; Jodair, um índio Tikuna das redondezas de Tefé, o Jean, Agente de Pastoral da Prelazia, a Pâmela, uma médica mineira e a Madalena, engenheira agrícola, recém-formada e novata na equipe.

Conforme combinamos, a embarcação Tupã estará na boca do rio Xeruã para buscar a equipe no dia 15 do próximo mês. Enquanto isso, acompanho, diariamente, os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a internacionalização da Amazônia. Aproveita-se a presença duvidosa de certas seitas estrangeiras para atacar a Igreja Católica e o CIMI. Os porta-vozes dos latifundiários e firmas mineradoras atacam: "As suas missões religiosas ocultam segundas intenções, ou seja, tentam descobrir a riqueza do subsolo tão abundante nas áreas indígenas..."

Penso em tantos jovens patriotas que abraçaram com idealismo a causa indígena. Oferecem anos da sua juventude, engajando-se nos serviços do CIMI e OPAN (Operação Anchieta) em prol do bem-estar dos indígenas.

Muitos oferecem também parte da sua vida profissional, recebendo apenas dois salários mínimos como gratificação por trabalharem em áreas indígenas. Mais uma vez me envergonho e me revolto contra os poderes dominantes nesta região amazônica.

Pretende-se concluir o relatório da CPI até o fim de 1991. Como os anteriores, não deve levar a nada. O deslocamento da Comissão e seus convocados para Manaus, Boa Vista, Porto Velho e outros lugares custam rios de dinheiro aos cofres públicos. Para os Deni e tantas outras tribos sobram a não demarcação da sua área, exploração, doença e descaso das autoridades.

g) Homenagem de gratidão

Quero finalizar o eco dos indígenas com uma homenagem de gratidão pelo testemunho de vida de Viviane Guimarães Rezende, publicada pela Prelazia.

“Aos colegas e amigos que apóiam a causa indígena, queremos comunicar com pesar o falecimento da companheira e amiga VIVIANE GUIMARÃES REZENDE, ocorrido no dia 11.03.90.

Ela estava em uma viagem de vacinação dos índios Katukina, do Rio Biá. Da equipe também faziam parte: Irmã Conceição (das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria), Raimundo Cruz (índio Cambeba e Agente de Saúde da Comunidade Indígena do Jaquiri, no médio Solimões), Valdomiro Oliveira Silva (prático do barco) e a Sandra, colega da Viviane.

Viviane nasceu em 11.10.61 em Jacarezinho, Paraná, sendo filha de Sydney e Cecília Guimarães Rezende. Chegou à Prelazia de Tefé (Pastoral Indigenista) em 1986, para iniciar um estágio junto aos índios Kanamari, no Rio Juruá, próximo a Eirunepé.

Em 1987 Viviane, juntamente com sua amiga Sandra Mara Schmidt, fizeram contatos com o povo indígena do Rio Biá, que pertence à família lingüística Katukina e ao clã Pidá-Djapá (gente onça).

O povo Katukina sofreu e sofre de muitas doenças, como malária, sarampo e gripe. Já foi vítima no passado de epidemias que, algumas vezes, mataram quase todas as crianças. Outras vezes, grande parte de população morreu. Hoje mesmo, há muitos deles morrendo de malária. Esta é a situação de muitos índios, como é o caso dos DENI no Rio Juruá, que aos poucos estão sendo dizimados pela tuberculose, subnutrição e outros problemas.

O grupo Katukina também sofre exploração por parte dos comerciantes e invasores que retiram a madeira de suas terras.

A equipe conseguiu vacinar 4 aldeias e, devido ao estado delicado de saúde da Viviane, decidiu retornar antes mesmo de completar o programa de vacinação. Durante o regresso para a cidade de Foz do Jutai, Viviane vomitava muito, não conseguindo ingerir alimentos e líquidos já há 3 dias.

Foram 3 dias de viagem para descer o rio, com muita luta por parte de Raimundo Cruz (Índio Cambeba e Agente de Saúde), Irmã Conceição (enfermeira) Sandra e Valdomiro, para salvar Viviane.

Quando faltavam 5 horas para chegar à cidade de Foz do Jutai (domingo, 11.03.90, às 23:30 horas) Viviane faleceu a bordo do barco da Prelazia de Tefé - "AJURI", que significa mutirão, na língua geral indígena. Viviane faleceu com malária falsipara (2+).

O corpo chegou a Foz do Jutai por volta das 5 horas da manhã do dia 12.03.90. Apesar dos meios precários, foi feito um grande esforço para a conservação do corpo, e num barco mais veloz foi transportado para Fonte Boa, onde chegou às 19:30 horas, pois, em toda região, só aí existe campo de pouso. Mas, devido à impossibilidade de decolar à noite, o táxi aéreo fretado de Manaus só pôde decolar com o corpo de Viviane no dia seguinte. Durante toda aquela noite o corpo foi velado na Casa Paroquial de Fonte Boa.

h) Na manhã do dia 13 passou por Tefé, chegando a Manaus às 13 horas. As 15 h seguiu para São Paulo no vô da VARIG. Dom Erwin Kräutler, Presidente do CIMI-Nacional, conseguiu passar por Manaus, dando seu apoio.

No dia 14, pela manhã, houve uma missa de corpo presente, seguindo-se seu sepultamento às 10 horas. Padre Miguel Feeney, Coordenador da Pastoral Indigenista da Prelazia de Tefé, que acompanhou o corpo de Viviane até Curitiba, onde mora sua família, falou durante a missa sobre a dedicação de Viviane em favor da Causa Indígena, especialmente junto ao Grupo Katukina. Viviane chegou ao ponto de doar a própria vida por esta causa, por este povo.

Durante toda esta difícil e angustiante situação, tivemos um apoio admirável de muita gente, sendo impossível citar todos. Foram admiráveis a bordo do "AJURI", em Jutai, Fonte Boa, Tefé, Manaus, São Paulo, Curitiba, Cuiabá. Que Deus abençoe a todos.

Um índio Katukina falou assim: "Viviane morreu aqui, eu ti enterra embaixo de minha rede e cuida de ti."

A impressão que temos é que Deus quer nos mostrar alguma coisa com a morte de Viviane. O que será? Não seria algo relacionado com a nossa fé? Ao trabalho da Prelazia e da igreja em geral? Ou aos objetivos e conseqüências da nossa militância? Vamos todos refletir sobre isto!

Algumas características de Viviane:

Mulher forte, determinada e inteligente. Era decidida a enfrentar tudo para alcançar seus ideais. Lutava pelo interesse da causa de maneira sistemática e organizada. E, apesar de tímida e reservada, sua presença era marcante na defesa de suas opiniões.

Estas características muitas vezes escondiam a meiguice e sensibilidade que qualificavam VIVIANE. Era muito querida pelos Katukina.

Viviane deixa para todos nós um grande TESTEMUNHO EVANGÉLICO.

Dom Mário Clemente Neto Tefé, 15 de março de 1990
Bispo de Tefé
Doris Kieslich
Pastoral Indigenista de Tefé-AM

Observação:

A demarcação da área DENI de 1.530.000 hectares, foi concluída em agosto de 2003.

Finalmente, os índios foram respeitados na sua própria casa, ou seja, a sua moradia secular na floresta amazônica.



A demarcação traz alegria

Numa visita recente em Carauari, encontro algumas lideranças dos DENI na cidade, entre estes, um professor e um agente de saúde, homens fortes e saudáveis, nunca vistos nos tempos que visitava as suas malocas nos anos '80.

Eles me oferecem um livro: MITOS DENI (Editora OIKOS Ltda. São Leopoldo/RS.) O mesmo foi coordenado pelo missionário Walter Sass da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil que, junto com 2 membros do CIMI, apoia a causa indígena na Reserva DENI.

O Walter relata: "O povo DENI tem contato com os brancos desde a chegada dos soldados da borracha na década de '40. Seu modo de vida mudou, se desestruturou. Contraiu muitas doenças, entre elas, a tuberculose que vitimou muitos DENI. (Como eu conto no meu livro, *Juruá, o rio que chora*).

Por muitos anos, a escravidão entrou na vida deles através dos patrões que os enganavam no 'comércio' da sorva e da borracha. Finalmente, decretou-se a demarcação das suas terras.

Com a saída dos seringueiros, patrões e madeireiros da área, os DENI começaram a plantar muito como nos tempos antigos.

A tribo se reestruturou. Além de cultivar abundantes plantações das roças, re-começaram a preservar a sua cultura e sua língua, contando os seus mitos e celebrando suas festas."

Lendo o livro MITOS DENI (IMA BUTE DENIKHA no seu idioma), chego a conclusão que tanto a demarcação das

áreas indígenas como a criação de Reservas Extrativistas, além de preservar a natureza, beneficiam sempre os seus povos aumentando a qualidade de vida.

2 - O eco dos seringueiros

“Vamos dar valor ao seringueiro,
vamos dar valor a esta nação,
pois, é com o trabalho deste povo
que se faz pneu de carro e pneu de avião,
fizeram sandalinha, fizeram chinelão,
inventaram umas botinhas que a cobra não morde não.
Tanta coisa da borracha que eu não sei explicar não,
encontrei pedaço dela em panela de pressão.”

Este canto, feito por um seringueiro do rio Juruá, já foi cantado no Congresso Nacional por ocasião da entrega das conclusões do *I ENCONTRO NACIONAL DOS SERINGUEIROS DA AMAZÔNIA*, realizado em Brasília, de 11 a 17 de outubro de 1985.

No início de '80, recém-chegado a Carauari, fiz minha primeira viagem no rio Juruá e fui conhecer a vida e o trabalho do seringueiro. Nunca esquecerei esta viagem que foi a pior da minha vida. Não falo em termos de desconforto ou em relação às pragas de pium e carapanã (mosquitos), mas foi o tipo de escravidão que me chocou profundamente, pois pensava que não existia mais. Nunca pude imaginar que no meio de uma natureza tão exuberante existisse tamanha exploração do ser humano. A natureza, dádiva de Deus, como descrevem as primeiras páginas do livro da criação, escondia uma grande violência contra suas maiores e melhores criaturas que são a mulher e o homem, imagem de Deus.

Nestas bandas do Juruá, a natureza até hoje é praticamente intocável, sem queimadas ou poluição das águas, mas o homem da selva está ferido e espoliado. Nenhuma região do Brasil, e do mundo, deve ter tantas terras para tão poucos “donos” (entre aspas, porque temos provas que a maioria deles não está em dia com seus impostos territoriais, devendo ao Estado, quanto mais aos seringueiros que, de fato, trabalham na terra).

Coisas absurdas acontecem até hoje. Paga-se renda para tirar látex da seringueira ou para derrubar uma árvore da qual se faz uma canoa. Aplica-se o dinheiro, subsidiado pelo governo, para finalidades lucrativas que não têm nada a ver com a produção da borracha e a promoção do seringueiro. Alugam-se lagos aos pesqueiros de Manaus e Belém, para tirar, predatoriamente, o peixe. Obriga-se o seringueiro a trocar a borracha e se rouba no peso, no preço e na troca das mercadorias, prejudicando-o.

Inúmeras viagens neste beiradão do rio da borracha, oito encontros dos seringueiros dos Municípios de Carauari e Jutai, um Encontro Estadual e dois Encontros Nacionais dos Povos da Floresta me autorizam a denunciar crimes cometidos contra este povo marginalizado, que é o seringueiro. Na atual onda eufórica dos ecologistas, são eles e o índio, com suas vidas sacrificadas, os verdadeiros defensores do meio ambiente.

a) O clamor do seringueiro

“Se eu soubesse escrever, eu ia fazer um jornal pra espalhá no meio do mundo nosso padecer” (Maria da Conceição).

“O sujeito aqui fica doente e só escapa com os poder de Deus e a água do rio” (Amazonina).

“Aqui o cara morre de barba branca e não sabe o que é escola” (Manoel).

“O camarada tem que trabalhá que nem burró cargueiro, trabalho prá morrer e nada possuiu” (Aluizio).

“Nóis todas as mulheres aqui, a situação nossa é mortificar- se junto com o marido, porque nós não é de ver nossos maridos sofrê só” (Rosa).

Foram alguns clamores que ouvi nas primeiras viagens dos anos '80. Clamor de padecimento, doença, falta de escola, trabalho escravo e a mortificação da mulher seringueira.

Ao mesmo tempo lia tudo que fosse possível sobre a história do rio Juruá, a chegada dos nordestinos à região, a vida dos seringueiros, e descobria que existe pouca documentação a respeito destes assuntos.

O Juruá foi um dos últimos rios do Amazonas a ser invadido e explorado pelos brancos. Quando alguém invade a casa da gente, chama-se a polícia ou se usa as armas que tiver para defender o que nos pertence. A maioria das tribos indígenas que habitava o rio Juruá também pensava assim. Por isso, quando foram chegando os invasores brancos, eles juntavam os guerreiros e procuravam impedir a invasão. Tem-se notícia que isto aconteceu muito, principalmente no alto Juruá. Lá os rios Tacauacá, Gregório e outros ficaram muito tempo sem os brancos conseguirem entrar.

Outros índios resolveram receber bem os invasores para ver se eles eram gente de bem. Ofereciam o que tinham de melhor. Mas se enganaram. Os brancos foram mesmo invadindo essas terras para pegar os produtos que lhes interessavam ou até para levar os índios como escravos. Tem-se notícia, também, que esses índios que receberam bem os invasores se acabaram todos. Até por volta de 1860 não morava nenhum branco dentro do rio Juruá. Nessa época, João Ferreira Oliveira, conhecido por Joanico, tentou fixar residência no rio. Vamos ver o que aconteceu:

“Barreira do Joanico: subindo o Juruá, numa de suas viagens, Joanico saltou na terra firme à procura de salsa e óleo de copaíba, deixando no igarité (tipo de canoa) alguns índios presos. De volta à canoa, ele e seu companheiro foram surpreendidos pelos índios, já soltos, que os atacaram com flechadas. O companheiro de Joanico pereceu no ataque. O Joanico salvou-se atirando-se no rio. Os índios, então vencedores, apoderaram-se da canoa, saquearam-na, afundando-a depois, ficando, assim, livres da prisão e da penosa viagem...”, como se pode ler em Caminhos do Acre.

Os Kaxinauas, Jaminauas e outros resistiram muito à penetração do Kariú em seus territórios no alto Juruá. Por isso foram feitas muitas expedições exterminando os índios. Essas “limpezas” do rio chamavam-se CORRERIA.

No rio Gregório, afluente do Juruá, os índios Kulina conseguiram resistir à entrada dos brancos até 1883, quando alguns seringueiros acabaram vencendo a resistência.

A história nos conta que as secas (entre elas a de 1877) do Nordeste fizeram migrar milhares de flagelados para a região amazônica. Paul le Cointe, diretor do Museu

Comercial do Pará, estima que, entre os anos de 1890 a 1913, a população da Amazônia tenha aumentado para mais de 600.000. Deste total, cerca de 40.000 nordestinos ocuparam a região banhada pelo rio Juruá.

Um entendido, lendo meus escritos antes da sua publicação, me alerta para um perigo. O ribeirinho (ou qualquer outro oprimido), tendo chance, pode tornar-se opressor. O que fará o seringueiro possuindo a terra, mesmo em coletividade? Vai querer “destacar-se” no sentido de dominar os outros, virar patrão?

É um alerta real do qual Paulo Freire fala no seu livro *Pedagogia do Oprimido*. É a introjeção que faz virar a cabeça e o coração.

Podemos citar até o próprio Cristo, que melhor do que ninguém conhece o homem por dentro (João 2, 23 a 25), “vendo os sinais que Ele fazia, muitos acreditaram no seu nome. Mas Jesus não confiava neles, pois conhecia a todos...”

De fato, podemos ter surpresa perante os acontecimentos e chances das pessoas que fazem esquecer seus compromissos de solidariedade que deve crescer, em vez de um prevalecer sobre o outro. É a tal conversão imperfeita.

Deus é bom e por isso os escolheu para seu Reino. Não porque os pobres são bons e perfeitos. Mas quando os mesmos descobrem essa bondade de Deus, eles se evangelizam em profundidade. Por isto, a libertação deve ser evangélica, pois, só quando o Evangelho penetra profundamente no ser humano, podemos seguir o Cristo que diz: “Porque o Filho do Homem não veio para ser servido. Ele veio para servir e dar sua vida como resgate em favor de muitos.” (Mc. 10,45)

Warren Dean, em seu livro *A luta pela borracha no Brasil*, nos relata: “Os seringueiros mais autoritários e duros estabeleciam direitos de propriedade sobre as terras. Recebiam artigos comerciais a crédito dos negociantes e, por sua vez, forneciam-nos aos seringueiros. Estes, aceitando tais adiantamentos, garantiam-se o “direito” de explorar as árvores de látex e passavam a reconhecer os ex-colegas como patrão, contanto que lhe entregassem toda a borracha e comprassem dele todos os suprimentos. Tal sistema, chamado “sistema do barracão”, representava uma grande

exploração dos seringueiros, pois o patrão obtinha o lucro mediante a venda de artigos de comércio, cujos preços manipulava, de modo que no final do ano o saldo dos seringueiros era negativo. O negociante da borracha, conhecido como “aviador”, não passava de um intermediário que vendia para o exportador, a fonte direta do capital de além-mar, na maior parte britânico”.

“A mortalidade elevada era a principal causa da escassez de mão-de-obra, o que obrigava aos aviadores o recrutamento contínuo de nordestinos, talvez 14.000 por ano na década de 1900”.

O “boom” da borracha teve seu pico em 1910. A queda ulterior, desde 1911, está ligada à oferta asiática e à criação da borracha sintética.

Mas aqui não é o lugar para historiar a luta pela borracha mas sim resgatar na memória o seu produtor, sempre escravo em todas as épocas. Construíram-se palácios em Manaus, Belém, Londres... acumularam-se fortunas, formaram-se “doutores” (exploradores) às custas do trabalho do seringueiro. Em seu tapiri, rodeado de filhos, miséria e dívidas ao patrão e regatão, ele sobrevive teimosamente no meio da exploração e opressão.

b) O soldado da borracha

Como sobrevivem alguns soldados da borracha que me procuram desde 1989 quando o Senado aprovou a lei de pensão especial mensal vitalícia correspondendo a dois salários mínimos vigentes no País.



Vamos dar valor ao seringueiro

Soldados da borracha são aqueles nordestinos que foram trazidos para a Amazônia, em vez de ir à Itália para lutar na Segunda Guerra Mundial. Eles me contam: “Nós, os soldados da borracha, tivemos que optar entre duas guerras: a Segunda Guerra Mundial ou a da borracha no rio Juruá.

Nunca poderíamos imaginar que a escravidão, e até a morte, nos esperava. Já pensou, Pe. João, morreram muito mais na guerra da borracha do que nos campos de batalha na Itália” (João Pessoa do Seringal Marimari).

A justificativa da lei de pensão especial para o soldado da borracha destaca que os mesmos colaboraram, indiretamente, com a vitória dos aliados. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Japão ocupou rapidamente os seringais cultivados da Malásia e da Birmânia com o objetivo estratégico de impedir que a indústria norte-americana atendesse às necessidades de matéria-prima para equipar os aviões de combate e os veículos motorizados indispensáveis ao deslocamento de tropas para as diversas frentes de batalha. O intuito do Alto Comando Japonês se afortunando, reduziria em muito a capacidade de mobilização de forças terrestres e restringiria o poderio aéreo das Nações Unidas aumentando, assim, as chances de vitória do eixo Roma-Berlim-Tóquio.

O presidente dos Estados Unidos da América, Franklin D. Roosevelt, deslocou-se para o Brasil e, no encontro com o Presidente Getúlio Vargas, acertou o programa de reabertura dos seringais nativos da Amazônia, então quase abandonados, em decorrência dos preços vis da borracha nacional, sem condições de competir com a produção dos seringais de cultivo do Oriente. O governo brasileiro conclamou a população nordestina a emigrar para a região Norte, a fim de que, repovoados os seringais, os povos livres pudessem enfrentar as forças nipo-nazi-fascistas.

O escritor amazonense, Álvaro Maia, retrata no livro intitulado *Na Vanguarda da Retaguarda* a epopéia dos homens e mulheres que se deslocaram do Nordeste do Brasil e, enfrentando as agruras da selva, para eles desconhecida e hostil, conseguiram fornecer ao complexo industrial anglo-americano a matéria-prima indispensável ao esforço de guerra das Democracias Ocidentais. Terminado o conflito em 1945, poucos retornaram, muitos permaneceram trabalhando na Amazônia, milhares e milhares perderam a vida neste esforço e estão sepultados em covas anônimas nas barrancas dos rios, entre eles o Juruá.

A lei da pensão vitalícia aos soldados da borracha é uma justiça aos que ainda vivem e uma homenagem aos muitos heróis, cujos nomes a história jamais registrará.

Palavras bonitas, não é? Uma homenagem, convertida em lei de uma pensão de dois salários mínimos, 45 anos depois da guerra... Que homenagem é essa? O sobrevivente João Pessoa, acima citado, morreu em 1989, com a idade de 77 anos. Assim a palavra “vitalícia” se torna uma piada como também o artigo da Constituição que diz: “a comprovação do estado de carência do beneficiário da pensão far-se-á mediante apresentação de atestado fornecido por entidade oficial”. Aliás, senhores constituintes, exigir um atestado de pobreza de um seringueiro não é mais piada, não, é deboche vergonhoso.

Verdade é que essa pensão é transferível aos dependentes, por morte, desde que comprovem que são familiares dos arigós como são chamados os soldados da borracha e todos os nordestinos que migraram para a região. Mas comprovar como? Quem pode apresentar um documento probatório do falecido pai ou esposo, expedido meio século atrás? O próprio tempo, a barata, a alagação da canoa nas constantes mudanças de um seringal para outro e até um “papelzinho” para fazer um cigarrinho, se encarregaram de dar sumiço ao mesmo.

Na entrega dos batistérios insiste-se que os guardem com muito cuidado. É talvez o único documento de identificação da pessoa, uma vez que, nesta hinterlândia, não existe cartório de registros a não ser na cidade, onde os preços, sempre além da tabela, não convidam os pobres a registrar-se. É o que atesta um deles mostrando, com orgulho, uma garrafa “61” pendurada no teto com a certidão de casamento e os dez batistérios da criança enrolados dentro dela: “Está vendo padre, segui seu conselho, tomei a pinga, lavei bem a garrafa, tampei com sabugo de milho e a papelada esta bem guardadinha...”

Concluindo, as exigências burocráticas para obter a pensão do soldado da borracha são praticamente inviáveis para os sobreviventes e seus descendentes e, com isso, o INSS terá mais dinheiro à disposição para suas falcatruas.

e) As revoltas dos seringueiros

O que se passou nas matas do rio Juruá durante esse século? Procurou-se esquecer a memória perigosa desta história de escravidão e morte dos índios e seringueiros. Destes últimos, conseguimos dois depoimentos de revolta contra a opressão. O primeiro, de João Pessoa, em 1984, no seringal Marimari:

“Em 1914 se deu este caso no seringal Antônio de Brito, da Freguesia que atacaram o patrão, pois ele mandava bater e fazia escravos dos fregueses. Então, vieram 10 ou 12 fregueses se aviar e eles não foram atendidos. Voltaram para casa. Teve deles que até chorando foi de raiva, aí dizendo pros companheiros:

- Como nós vamos dessa forma, nossos filhos chorando sem comer?

Aí os outros que eram mais entendidos disseram:

- Vamos se arretirar desse lugar de cativoiro.

- Como é que a gente se arretira?

É só juntar toda a freguesia e se revoltar e atacar o patrão a sair.

- Mas como, ele tem condições, tem boas casas, tem barco. O mais, ele é forte, tem armas, tem capangas e tudo mais.

- Não tenho nada com isso, muito homem combate tudo.

Aí se reunia toda freguesia, umas cinqüenta e tantos, começaram a atacar das 2 horas da madrugada até 4 horas. Tomaram todo o armamento dos capangas e o último foi ele, Chico de Brito, às 4 horas. Ele estava escondido no armazém por trás das bolas (da borracha). Colocaram a boca do rifle em cima dele e disseram:

- “Teje preso”. Agora, entrega todo armamento (que ele era prevenido).

Aí ele disse:

- Vou buscar as armas para entregar.

- Não, você não pega mais em arma nenhuma, daqui da ocasião não sai.

Aí chamaram um rapazinho que era criado dele que foi buscar as arma e entregou, menos o revólver.

- E o revólver?

- Este está dentro da mala.

Aí o moleque foi com dona Josefa, mulher do Chico. Quando ela abriu a mala, chutou ela com o pé que ela caiu.

- Ah, negro safado, você fazer uma grosseria dessa comigo.

Foi a vingança. E o menino disse assim:

- Hoje você paga o velho e o novo.

Sabe, o molequinho apanhava e a peia comia. Isso se chamava peixe-boi. Os fregueses que não produziam bem, tratava era na peia. Minha mãe cansou de lavar as costas da gente com água de sal, que estava em sangue que o Chico Brito açoitava.

Aí foram fazer uma aviação toda completa, redes, pano pra mosquiteiro, todo o alimento: farinha, jabá que é o que existia nesse tempo, banha, feijão e arroz. Aí se retirou quase a freguesia dele todinha. Baixaram no barco do Chico de Brito, que pegava de 4 a 5 toneladas, com toda freguesia, mulher filho e tudo. Quando chegaram em Carauari naquela mediação, foi ficando uns praqui, outros pracolá... foram se espalhando. Nesse tempo, a justiça era a boca do 44, a boca do rifle. Chico de Brito teve sorte, deixaram ele sem nada, mas não maltrataram, nem botaram no tronco, o peixe-boi, para açoiar. Fez muita judiação, ficou pobre, pobre e doente que foi o mais castigo dele.”

O segundo caso de revolta aconteceu, bem mais tarde, nos anos '60 no rio vizinho, o Jutai: o relato é de Joaquim Teles:

“Quando o Benjamim Afonso foi pra Manaus deixou o Ildebrando tomando de conta. Ele achou pouca borracha. Aí mandô vir soldados de Manaus. Esses soldados dele vieram subindo o rio, dando pancada, cobrando 60 quilos de borracha de arrendo. Quem não tivesse, era pra dá 60 borrachada. Encostavam o motor, saltavam pra terra. O pobre ia lá e lá ficava preso. Aí davam borrachadas. Os que não recebiam borrachada jogavam lá no porão. Quando acabavam reparavam a mala, rebentavam tudo. Aí soltavam aquela pessoa tocando um empurrão no peito, fazendo o coitado caí na água ou em cima de um toco.

Na volta vieram tomando tudo e querendo dá pancada em todo mundo. Vinham a- trais das mulhé dos outro. Aí foi que eles encontraram gente esperando por eles. Foram chegando e fazendo atracação: Cadê esses filhos dumas éguas, bandidos, sem vergonha? Agora, cadê as mulhé? Nós vamos pegá elas e se servi dela e quando eles chegá damo uma pisa neles. Aí o motor atracou. O rapaiz falô: Tá amarrado. Ah!... vamos pegá esse filho de uma égua. Aí foi o tempo que o Raimundo queimô de lá: Pá... Pá... Quando parô a fumaça fomo espiá. Tavam morto Pedro Vela, o Chico Pandeiro e mais 4 soldado”.

Viajando pelo Rio Juruá e já tendo lido e ouvido muita coisa sobre a história dos seringueiros, parando nos tapiris, nos barracões, ou mesmo nas malocas, fico imaginando o que significou um século de extração da borracha.

Milhares de seringueiros mortos e dezenas de povos indígenas completamente exterminados. Conheço três tribos sobreviventes: Kulina, Deni e Kanamari. Vivendo confinados nos fundos de seringais e cabeceiras do Rio Xerua, os índios continuam ameaçados de sua sobrevivência.

Multidões de seringueiros, principalmente do Nordeste, jogados na beira desse rio e aí, num processo de violência, explorados e escravizados numa situação de miséria e morte.

Enquanto isto, em Manaus, sangue seringueiro dourando os palácios, o Teatro Amazonas, lugar de diversão dos patrões exploradores.

d) O seringueiro nos anos '80. Seus encontros



RESEX, terra de leite e mel

Hoje em dia entrando em qualquer barraca de seringueiro a gente encontra ainda o retrato da pobreza: rede e mosquitoireiro, os utensílios do trabalho e da cozinha e nos rostos sofridos a expressão de cansaço.

Enfrentando o isolamento, a solidão, os perigos da floresta, as pragas de insetos, a malária e outros tipos de doença, abandonado pelo serviço público no que se refere a escola, saúde e transporte, o seringueiro traz consigo um germe de esperança. A grande fé em Deus e a coragem de enfrentar o dia-a-dia me dão a certeza disso. Os seringueiros do rio Juruá, vítimas no passado e no presente do mesmo sistema explorador, continuam lutando por sua sobrevivência e vida digna.

Em dezembro de 1981 os seringueiros dos rios Juruá e Jutai reuniram-se pela primeira vez. Os últimos viajaram durante uma semana para chegar a Carauari.

Do folheto de trabalho que fizemos na ocasião, citamos: "São muitos os problemas que o seringueiro enfrenta e, por isso, é preciso trocar idéias com os companheiros para ver o que a gente pode fazer. Se a gente quer melhorar a vida, não adianta cada um buscar sua melhora sozinho. Ninguém vai pra frente sem a ajuda dos companheiros."

Cantamos e analisamos a música PANEIRO, feito por um dos seringueiros (Paneiro é uma espécie de balaio/cesto muito usado no Amazonas).

"Paneiro é coisa comum
que todo barraco tem
não custa muito dinheiro
nem custa fazer também.
Mas quero levar comigo
pra sempre no coração,
a lição que o paneiro ensina:
como é bela a união.

As talas viviam à-toa
na mata sem serventia
mas agora de mãos dadas
todas tem força e valia.
Mas quero levar comigo
pra sempre no coração,
a lição que o paneiro ensina:
- como é bela a união!"

Comentamos no folheto:

“Nesta música, a gente aprende que as talas separadas não servem para nada. Aí a gente pega um monte de talas e vai fazendo o paneiro. As talas unidas formam o paneiro, que é um objeto de grande serventia para aqueles que vivem da seringa ou da agricultura. Vamos nos unir para formar o paneiro da AMIZADE por um mundo mais justo, onde todos tenham seus direitos reconhecidos.

Aí a gente pergunta: - Como é que se faz para ter a união? Para se ter a UNIÃO, é preciso que a gente se reúna sempre para conversarmos sobre os nossos problemas.

Muitas pessoas já devem ter ouvido falar do sindicato, não é mesmo? Pois o sindicato é justamente o produto da união das pessoas. Não adianta a gente se associar ao sindicato e viver desunido com os nossos irmãos seringueiros. É preciso que todos falem por uma boca só.

Quando um seringueiro tem um problema no seringal, ele deve reunir os companheiros para conversar sobre aquele problema. Todos juntos, então, devem lutar para resolver o caso do companheiro. Se for um caso com o patrão, todo mundo se une e vai junto com o companheiro, defender a situação do seringueiro. Se o caso for muito grave e a união dos seringueiros não conseguir resolver, aí juntam-se aqueles que puderem e vem todo o mundo ao sindicato, para ver em que o sindicato pode ajudar.

No entanto, a primeira coisa a fazer é se unir e procurar resolver no seringal. Muito seringueiro ainda está por fora e não entende que é importante se unir com os companheiros para resolver os seus problemas e os problemas dos colegas. Muitos pensam que é melhor ficar do lado do patrão. A gente precisa explicar para todos os seringueiros a **IMPORTÂNCIA DA UNIÃO**, para que todos os companheiros formem juntos o **NOSSO PANEIRO**, isto é, o nosso sindicato.”

Assim analisamos também letras de outras músicas, feitas pelos próprios seringueiros. Sempre admirei a capacidade de alguns em saber compor suas músicas com tanta facilidade e sem usar papel. Nesta mesma dinâmica seguimos o trabalho analisando casos de vida, ou seja, a partir de experiências concretas que vivem os seringueiros,

tirando daí as conclusões e modos de agir. Elaboramos também séries de slides sobre a vida do seringueiro¹, uma das quais junto com o IBASE do Rio de Janeiro que levou o título VAMOS DAR VALOR AO SERINGUEIRO.

Os encontros foram sempre bastante animados. Pode-se imaginar a alegria desses homens ao encontrar seus companheiros, muitos deles desconhecidos um do outro, até o dia da primeira chegada em Carauari. Nenhum problema de entrosamento. Ao contrário, um forte laço de amizade e de companheirismo daqueles que, pela profissão, vivem no maior isolamento do mundo, dispersos um do outro, neste rincão do Amazonas.

Um dia, num papo durante a merenda, o Vicente e o Raimundo, ambos já com seus trinta e tantos anos, descobriram que eram primos em primeiro grau. Seus pais foram recrutados como soldados da borracha e vieram juntos do Nordeste nos anos '40. Separaram-se em Manaus quando tio Manoel foi levado para o rio Jutaí e o tio Joaquim para o Juruá. Os dois nunca mais tiveram notícia um do outro. A amizade repentina dos primos foi comovente. Depois da "descoberta", ficaram conversando a noite toda até a hora do café da manhã e ficaram inseparáveis durante todo o encontro. Até nas peladas diárias, no final das tardes, não aceitaram jogar em times opostos.

Enquanto isso, nós coordenadores - Dionísio, eu e os componentes do MEB - fomos descobrindo as nossas falhas na organização dos encontros. Queríamos aproveitar o máximo do tempo nos 4 ou 5 dias das reuniões sem levar em conta o cansaço dos seringueiros, acostumados a andar 20 km no mato diariamente, mas não ficar sentados tantas horas a fio, para debater seus direitos, problemas e organização. Descobrimos que estávamos, de vez em quando, queimando etapas no sentido de nem sempre respeitar a dolorosa caminhada dos seringueiros rumo à sua libertação. Para nós, economicamente independentes, era fácil apresentar os direitos humanos, tão aviltados secularmente.

Mas os seringueiros voltavam para seus lugares de trabalho onde tinham que enfrentar, além da onça do mato, as garras do patrão. Porém, aos trancos e barrancos, fomos

acompanhando seus encontros e descobrindo caminhos para sua organização.

e) Primeiro Encontro Nacional dos Seringueiros

Em 1985 fizemos um Encontro Regional, em Manaus, em preparação ao PRIMEIRO ENCONTRO NACIONAL DOS SERINGUEIROS DA AMAZÔNIA, que se realizou em Brasília. Doze seringueiros dos rios Jutai e Juruá participaram destes dois encontros. Há mais de um século enclausurado sob densa floresta amazônica, o seringueiro teve um lugar ao sol. Foi uma oportunidade ímpar na história do extrativismo no Brasil, embora tardia, o próprio seringueiro denunciar, a nível nacional, as agruras por que passou neste esquecido século, nos seringais.

Era chegada a hora de largar sua espingarda, sua poranga e sua faca de seringa para bradar, na capital da República, que é brasileiro e precisa de mínimas condições para continuar a viver nessa imensa região amazônica. Foi a primeira vez que a categoria foi ouvida pelos órgãos governamentais, como a Universidade Federal de Brasília, a Câmara dos Deputados e a Superintendência da Borracha. Discutiu-se com autoridades federais a política de desenvolvimento para a Amazônia; a política da borracha; a reforma agrária; os direitos dos soldados da borracha; a cultura; a educação e a saúde nos seringais. Uma semana antes do Encontro, o presidente Sarney havia assinado o primeiro *Plano Nacional da Reforma Agrária* (PNRA), com o qual os seringueiros não concordavam. O PNRA destinava, no máximo, 30 hectares de terra ao trabalhador, quantia insuficiente para a manutenção do sistema de exploração extrativista da seringueira e para a preservação da floresta. O representante do Ministério da Reforma Agrária foi duramente criticado pelos seringueiros. "Esse plano não serve a nenhum seringueiro" - protestou um dos participantes - e "a implantação do PNRA significará o fim da profissão de seringueiro, na medida em que a exploração da seringa nativa só pode ser feita em, no mínimo, 300 hectares."

Na proposta encaminhada ao Governo, logo após o encontro, os seringueiros defendiam a demarcação

comunitária das terras, ou seja, que a metragem fosse definida pelos próprios seringueiros, conhecedores da área em que trabalham, numa média de 300 hectares para cada um. Eles querem também um título de propriedade coletiva e definitivo para garantir que alguns seringueiros não caiam na tentação de vender suas terras depois de efetivada a reforma agrária. Com esta proposta pediu-se que todas as áreas ocupadas por seringueiros fossem consideradas RESERVAS EXTRATIVISTAS.

As discussões em relação a esse tipo de Reforma Agrária para os seringueiros foram as mais importantes durante o encontro. Quero citar, ainda, algumas reivindicações a respeito do Desenvolvimento da Amazônia, apresentadas no Documento Final:

- Exigimos uma Política de Desenvolvimento para a Amazônia que atenda os interesses dos seringueiros e que respeite os nossos direitos. Não aceitamos uma política que favoreça as grandes empresas que exploram e massacram trabalhadores e destroem a natureza.

- Não somos contra a tecnologia, desde que ela esteja a serviço nosso e não ignore nosso saber, nossas experiências, nossos interesses e nossos direitos. Queremos que seja respeitada a nossa cultura e que seja respeitado o modo de viver dos habitantes da floresta Amazônica.

- Queremos uma Política de Desenvolvimento que venha apoiar a luta dos trabalhadores amazônicos que se dedicam ao extrativismo, bem como às culturas permanentes e a outras culturas de seu interesse, e que preserve as florestas e os recursos da natureza. Queremos uma política que traga benefícios a nós trabalhadores e não aos latifundiários e empresas multinacionais. Nós, seringueiros, exigimos ser reconhecidos como produtores de borracha e como verdadeiros defensores da floresta.

Neste Encontro, em Brasília, criou-se o *Conselho Nacional do Seringueiro*.

f) Sexto Encontro de Seringueiros em Carauari

E as águas do rio Juruá continuavam rolando e os seringueiros cortando seringa e lutando por seus direitos. Em 1986 houve outro encontro em Carauari que resultou

num documento de protesto sobre a violação dos Direitos Humanos nos seringais, elaborado pela assessora Mary Alegretti e que comentaremos nas próximas páginas.

Em 1987 realizou-se o *Sexto Encontro de Seringueiros*, alguns meses depois da prisão arbitrária de Elso Pacheco. Na introdução do fascículo desta reunião, escrevemos assim: "Todo ano a gente se reúne e pode parecer que não adiantam tantos encontros mas, pelo contrário, a gente sente que a coisa estaria pior caso tivesse ficado de braços cruzados".

Naquela reunião retomamos o estudo do *Estatuto da Terra* e batemos novamente nas seguintes teclas: É proibido o seringalista exigir do seringueiro:

- Exclusividade de venda da borracha.
- Obrigatoriedade da aquisição de gêneros e utilidades em seus armazéns e barracões.
- Aceitação de pagamentos em "ordens", "vales", e outras formas regionais que substituam o dinheiro.
- Ao seringalista que financiar o seringueiro (o chamado aviamento) por inexistência de financiamento direto, será facultado o direito de exigir a venda da colheita até o limite do financiamento concedido, observados os níveis do mercado local. Também falamos sobre os direitos na *Consolidação das Leis do Trabalho* que diz no artigo 517, § 2: "Dentro da base territorial do sindicato, é permitido construir delegacias para melhor proteção dos associados".

Todos esses assuntos tratados ainda eram motivos pelos quais os patrões perseguiram os seringueiros. Mas, pouco a pouco e a duras penas, os mesmos fizeram valer seus direitos.

g) Primeiro Encontro dos Povos da Floresta

Em março de 1989 realizou-se em Rio Branco-Acre o **SEGUNDO ENCONTRO NACIONAL DOS SERINGUEIROS**, também chamado **PRIMEIRO ENCONTRO DOS POVOS DA FLORESTA**, por ter



Em defesa dos povos da floresta

participação dos representantes dos povos indígenas. Foi a primeira vez que os seringueiros e índios da região amazônica se aliaram na luta pela sobrevivência e preservação do seu ambiente. Sabemos pela história da região que as duas categorias já se enfrentaram em muitos conflitos. Agora era a hora de comemorar a maior conquista que foi essa união dos povos da floresta.

Novamente, alguns seringueiros dos rios Jutai e Juruá estiveram presentes e colaboraram com o Documento Final, que tem uma grande importância histórica.

h) Violação dos direitos. O caso de Elso Pacheco

Em 1986 Mary Alegretti, antropóloga e presidente do *Instituto de Estudos Amazônicos*, participou, junto com Osmarino Amâncio Rodrigues, secretário do *Conselho Nacional de Seringueiros*, do Quinto Encontro em Carauari. A primeira ficou tão indignada com os relatos da perseguição aos seringueiros do rio Juruá que resolveu escrever um protesto de 39 páginas intitulado: *Violação aos Direitos Humanos nos Seringais da Amazônia*, que encaminhou aos organismos de Defesa dos Direitos Humanos do País. E justifica: "O presente relatório resultou da verificação de que, nas regiões distantes do País, os direitos básicos de qualquer cidadão, especialmente dos trabalhadores rurais, não são respeitados. Autoridades locais, especialmente ligadas às instituições criadas para cuidar da ordem social, como são as Delegacias de Polícia, abusam do poder que lhes é conferido pelo sistema de segurança pública e ameaçam, impunemente, pessoas indefesas.

O inquérito a que assistimos entre o delegado de polícia de Carauari e o seringueiro Elso Pacheco da Silva - um entre muitos que ocorrem sistematicamente nessa cidade e em outras da região amazônica - revoltou-nos. Decidimos divulgar os fatos como forma até de proteção à integridade física do seringueiro.

É claro que ele corre risco de vida. É claro também que os trabalhadores que vivem essa situação no cotidiano não têm forças para contra ela se insurgirem. É claro também que os órgãos que se contrapõem a essas medidas arbitrárias, na região, são visados e perseguidos.

Entrevistamos Elso, conversamos por telefone com o Juiz de Direito da Comarca, analisamos a situação com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, com a Paróquia de Carauari e o Movimento de Educação de Base e decidimos divulgar essa situação.”

A entrevista é longa demais para ser transcrita na íntegra. O conflito de Elso foi o resultado “lógico” da sua conscientização e da procura dos seus direitos. Elso tinha participado de todos os Encontros de Seringueiros de Carauari como também do Encontro Regional de Manaus e do I Encontro Nacional de Brasília.

Ele e os companheiros do lugar chamado Gumo do Facão eram sócios do Sindicato, o que era considerado um crime pelo patrão. Pior, resolveram fazer uma Casa Comunitária para servir de Delegacia Sindical, Escola de Alfabetização orientada pelo MEB, e local para qualquer reunião. Resolveram também apenas pagar a renda e ficar com o resto da borracha para vender onde recebessem um melhor preço. Ao mesmo tempo combinaram comprar as mercadorias em Carauari onde eram 100% mais baratas que no barracão do patrão. Uma decisão completamente justa e legal. Aliás, no ano anterior, em Brasília, os seringueiros tinham exigido a extinção da renda da borracha, mas Elso e seus companheiros estavam ainda dispostos a pagá-la. Nesta altura, o patrão, enfurecido, tentou, de todas as maneiras, expulsar Elso do seringal. “Quem for sócio deste maldito Sindicato, eu expulso”, falou.

Na entrevista com Mary Alegretti, Elso conta:

“Ele (o patrão) disse que se eu não saísse do seringal, ia ficar perigoso pra mim, porque ele ia me perseguir. Aí eu perguntei como era que ele ia me perseguir. Ele disse que podia botar uma cobra lá no meu caminho, no meu trabalho, pra me pegar. Eu até disse pra ele que cobra mesmo eu sabia que não botava. Podia botar umas pessoas pra me perseguir, mas cobra mesmo não. Isso foi em fevereiro desse ano (1986). Tem testemunho disso, tinha três pessoas que ouviram...”.

Nunca podia imaginar que as cobras fossem o Juiz e o próprio Delegado da Polícia de Carauari...

A entrevista continua:

“Aí passou uns tempos e chega lá um Oficial de Justiça do Cartório e um policial, entregaram um ofício pra mim e o compadre Dico. Nós viemos aqui, no Juiz.

Aí o Sindicato achou que devia ter participação de um advogado. O Juiz marcou uma data pra ser resolvida. Nós viemos nesta data e o Juiz estava em Manaus, o advogado veio de lá.”

Foi um absurdo: com muito sacrifício, o Sindicato tinha pago uma passagem aérea para o Advogado e o Juiz; este, conhecedor dos gastos com transporte, nem teve a delicadeza de telefonar da capital justificando o seu não comparecimento. Como em outras ocasiões, quis dobrar o seringueiro e o Sindicato, pelo cansaço.

O advogado deu entrada no Cartório de uma Contestação à Ação de Reintegração de Posse na qual contestou a Ação movida pelo Advogado ao suposto patrão.

Citamos:

“O réu Elso Pacheco da Silva passou a trabalhar no seringal Providência, no ano de 1976, sob a forma de arrendamento rural, com a finalidade de explorar o látex..., passando a residir com sua família na referida localidade, tendo construído uma casa para sua residência e beneficiando com plantações de roça, mandioca, arroz, caju, abacate, coqueiros, pupunhas, bananeiras, mangueiras, limoeiros e outros. Nessa localidade nasceram seus cinco filhos conforme consta da Certidão de Batismo expedida pela Prelazia de Tefé. No final de 1985 construiu sob a forma de mutirão, juntamente com outros seringueiros, uma casa para servir de escola, reuniões e lugar de atendimento pastoral.”

Com base nestes dados, o advogado afirma não se tratar de Esbulho ao Direito de Propriedade do Autor, mas tão-somente de um Contrato Agrário, sob a forma de arrendamento rural, na modalidade verbal. Concluindo, solicita o reconhecimento dos seguintes itens:

- Direito dos seringueiros em permanecer no seringal Providência.

- Que seja o proprietário compelido a assinar contrato escrito.

- Pagamento dos frutos em arrendamento em 10% ao proprietário, por este concorrer apenas com a terra nua.

- O direito de construir uma sede dentro da base territorial da propriedade seringal Providência na forma do que dispõe o art. 517 § 2 da CLT.

Embora não sendo atendido, fiz questão de transcrever uns trechos do processo encaminhado pelo advogado por ser a primeira vez que, no rio Juruá, um seringueiro teve a defesa de uma advocacia. O comum era ser tratado apenas como “caso de polícia”.

A perseguição ao seringueiro Elso não terminou..., uma verdadeira Via-Sacra durante a qual o patrão, um Juiz omissor e um Sargento prepotente se encarregaram de dar as chicotadas.

Quase um ano depois, o Delegado conseguiu seu intento mantendo Elso no xadrez por 24 horas. Fez uma chantagem com o pai e irmão de Elso enviando um convite para uma conversa amigável na Delegacia. Naquela ocasião fizemos uma carta-denúncia ao Comando Geral da Polícia Militar do Amazonas e enviamos uma cópia aos jornais de Manaus. Queremos relembrar o trecho que fala dessa última picada de cobra que Elso sofreu. Citamos o jornal A NOTÍCIA de Manaus, 20/05/87:

“Quando se trata de um desentendimento entre agricultor ou seringueiro com o patrão, o Delegado mostra toda a sua prepotência e abuso de autoridade, prejudicando sempre o trabalhador. Chegou ao absurdo de intimidar por diversas vezes o seringueiro Elso Pacheco por causa de uma questão cujo processo encontra-se na justiça. Pressionado pelo seringalista, o Delegado mandou intimidar o pai e o irmão do seringueiro, Srs. Raimundo e Francisco Pacheco, para que esses convencessem Elso a retirar-se do seringal. Como o Sr. Raimundo Pacheco, de 82 anos, encontrava-se adoentado e com dificuldades para deslocar-se da beira do rio até a Delegacia (uma distância de 10 km), Elso, representando o pai, acompanhou o irmão à Delegacia no dia 3 de maio/1987, às 9 horas (data e horas estipuladas pelo Delegado). Os dois estavam acompanhados pelos Srs. Raimundo, conhecido por “Caboclo”, que é seringueiro também, e pelo Sr. Antônio Barroso de Aguiar, membro da diretoria do Sindicato dos

Trabalhadores Rurais de Carauari. Conforme gravação da conversa com o Delegado, este ofendeu logo o Sr. Antônio Barroso de Aguiar dizendo um palavrão em relação ao Sindicato. Dirigindo-se para Elso, perguntou se ele não tinha medo de levar um tiro no pé do ouvido. O mesmo respondeu que não. Isto bastou para que o Delegado enfiasse o Elso no xadrez por 24 horas alegando desacato à autoridade.

Durante o dia, um membro da Paróquia e do MEB procuraram o Delegado por diversas vezes, exigindo a soltura do seringueiro, já que o caso em questão se encontra na justiça e de não ter havido, conforme o depoimento de testemunhas, desacato à pessoa do Delegado, o Sargento José Rodrigues...”

Terminamos a carta-denúncia assim:

“Protestamos veementemente contra as ações arbitrárias do Sargento José Rodrigues e pedimos que sejam tomadas as devidas providências para que a delegacia de Carauari passe a agir nos princípios da lei.”

A história de Elso é uma homenagem ao homem do mato, defensor dos seus direitos e do meio ambiente, membro do povo da floresta, tantas vezes esquecido na atual onda ecológica que se preocupa com queimadas, devastação, efeito estufa e a natureza, mas desconhece a vida de sacrifícios daquele que luta e procura sobreviver na selva amazônica.



Verão, água baixa

Capítulo IV

PISTAS PARA UMA TEOLOGIA PÉ-DE-CHINELO

“O barco navega
levando na proa
o horizonte aberto.
O rio é grande e profundo,
fundas são as suas águas.”

José Antônio Trasferetti

O barco navega sem parar. Com a mesma batida rítmica desliza pelas águas fundas. Na certeza de que vai, caminha acompanhado pelo ronco do motor e o barulho das ondas, que se movem para lá e para cá. Esta melodia se repete dia após dia. Sol e chuva, manhãs e tardes, animais e plantas colocam os viajantes em sintonia com o universo todo.

As águas que banham o Juruá são barrentas. A cor amarela contrasta com o verde da mata dando um colorido todo especial, sobretudo quando o sol desaparece no horizonte e a lua nasce gloriosa. Os animais se recolhem em seus ninhos e dormem. A natureza toda canta um hino como se estivesse louvando o seu Criador.

Nestas águas e nestas matas, os animais e homens constroem suas moradas, plantam suas roças, cortam as árvores, pescam seus peixes, fazem a vida. Vida diferente.

Vida de gente. Os missionários vêm e também fazem morada. Constroem Teologia. Já nos séculos XVII e XVIII, sacerdotes Carmelitas entravam na mata, depois os Espiritanos e outros.

Hoje, Igreja feita já em forma de Prelazia, as histórias continuam. Pe. João relata as primeiras expedições missionárias pelo Rio Juruá, e duas "Paradas na caminhada". (São momentos de estudos, silêncio e oração que os agentes de pastoral realizam de seis em seis meses.) Nestes encontros procura-se descortinar a realidade vivida e meios para enfrentá-la. Daí nasce uma teologia, uma espiritualidade profundamente encarnada na vida sofrida dos habitantes da floresta. Em forma de esboço e de maneira provisória serão apresentados aos leitores os elementos centrais que nortearam as discussões nos encontros de janeiro e julho de 1991. Do encontro entre a vida dos habitantes da floresta e a teologia pregada, gostaríamos de contribuir para a elaboração de uma Eco/Teologia. Sabemos que isto ainda se faz de modo embrionário, apresentando-se mais como desafio do que como realidade. Porém, desejamos aprofundá-la e qualquer dia apresentá-la de forma mais consistente. Sabemos que já existem estudos neste sentido. Nossa contribuição é modesta. Ela aponta alguns caminhos nascidos nas discussões de base.

Seguindo esta linha de raciocínio, apresento algumas anotações de viagem. É uma tentativa modesta de contribuir com as reflexões pastorais que se realizam. Minhas observações devem ser entendidas como impressões vagas, retratos de um viajante. Entendo que Teologia e Ecologia se cruzam nos caminhos de defender a QUALIDADE DA VIDA do ser humano na face da Terra. Por isto Biofilia e Antropofilia se encontram no mesmo processo libertador. Destas relações simbióticas nasce o Homem e a Natureza, libertos em nova formação.

Intitulamos o capítulo Pistas para uma Teologia Pé-de-Chinelo porque gostaríamos de valorizar o pensamento e a forma de vida das pessoas destas plagas amazônicas. Eles pensam como vivem e vivem como pensam. O pé está quase sempre acompanhado do chinelo. Adoram e veneram seus santos. Constroem seus mundos, criam sua teologia,

resistem... Eco/Teologia, Teologia Pé-de-Chinelo e outros são nomes que estamos dando... Oxalá um dia estas formas se concretizem e se transformem em luzes que farão este povo levantar-se do cativeiro.

1 - O seringueiro do rio Juruá e a presença da Igreja

- Desde a época em que os primeiros portugueses e espanhóis pisaram o chão e navegaram os rios da Amazônia, dando início ao longo sofrimento e morte da grande maioria dos povos nativos, a Igreja estava presente. Quase sempre ao lado do invasor, do colonizador.

Raríssimas têm sido as exceções de representantes da Igreja que se colocaram ao lado dos índios, defendendo os seus direitos. Podemos facilmente concluir que a Igreja não conseguiu evitar o lento extermínio e a dominação dos povos indígenas, consequência da ocupação feita pelos brancos.

A Carta Régia, de 19 de março de 1693, determinou a divisão do Vale Amazônico em áreas de domínio das diferentes ordens religiosas.

Embora os Carmelitas tivessem que atuar através dessa Ordem Régia, no alto Amazonas, junto ao Rio Solimões e seus afluentes, faltam vestígios que indiquem que os missionários Carmelitas tenham estendido suas atividades até o rio Juruá nos séculos XVII e XVIII. Também os brancos não entraram nesta área. Até o fim do século XIX, as tribos indígenas do Rio Juruá estavam com a PAZ de Deus... ou seja, Tupã.

a) As primeiras expedições missionárias pelo rio Juruá

Os padres Parissier e Augusto Cabrolié, da Congregação do Espírito Santo (conhecidos por Espiritanos), foram os primeiros que se lançaram na aventura do desconhecido no Rio Juruá. O relatório desta viagem de novembro de 1897 até abril de 1898 se encontra nos arquivos da Congregação: "Seis meses na terra da borracha, ou excursões apostólicas no Rio Juruá."

O Pe. Tastevin, conhecido como grande missionário do Rio Juruá, percorreu todo o rio chegando a Cruzeiro do Sul

no Acre, em 1911, visitando também seus afluentes. Destacou-se pelo trabalho científico sobre as tribos indígenas, escrevendo dezenas de estudos e artigos, além de livros publicados sobre a gramática e vocabulário da língua tupi. As suas inúmeras publicações são frutos das suas viagens constantes que ele empreendeu em todo Amazonas, especialmente na região do Juruá. Nas primeiras décadas deste século, todos os missionários que viajaram pelo Rio Juruá eram verdadeiros nômades. Entenda-se: a situação geográfica e a escassez de pessoal não permitiram que os mesmos fixassem residência.

b) Uma presença mais contínua

A Paróquia de Carauari foi definitivamente fundada em 1947. A de Itamarati desmembrada da Paróquia de Carauari em 1958. Os missionários entenderam sua missão como um atendimento mais global ao homem, de modo que a educação e a saúde tiveram um lugar destacado na sua ação. Sendo assim, tanto as primeiras escolas como os ambulatórios e um hospital foram construídos pela Igreja. As paróquias possuíam (conforme interesse e habilidade dos religiosos) serrarias, olarias e oficinas, que eram necessárias para as construções das Escolas, Ambulatórios, Igrejas, Casas Paroquiais e Internato. Muitos missionários dedicaram-se à criação de gado.

Antes que os ventos de Medellín e Puebla soprassem sobre as selvas amazônicas, os religiosos que trabalhavam no Rio Juruá já sabiam que os seringueiros viviam numa situação de “violência institucionalizada”, ou seja, numa situação de permanente violação da dignidade humana. Cf. *Puebla* n. 41.

Eles dedicaram todos os seus esforços para minorar os sofrimentos dos seringueiros e foram batalhadores incansáveis para libertar os mesmos da escravidão dos patrões e regatões.

Os missionários denunciaram continuamente essa situação de exploração e perseguição ao povo que, até hoje, clama por justiça e vida digna.

2 - As paradas na caminhada

a) Tefé e o eclipse solar

Tefé - a princesa do Solimões - um elogio de várias outras cidades do mesmo rio que cultivam um bairrismo "aristocrático". Cidade central da nossa Prelazia, sede do Bispo Dom Mário Clemente Neto, como também da Coordenação de Pastoral.

A nossa área de atuação é de 264.000 km² (16,4% do Estado do Amazonas), abrangendo 9 municípios, chegando quase ao tamanho da metade do Estado de Minas Gerais e maior que o Estado de S. Paulo ou de Rondônia. Quanto ao número populacional, ninguém oferece dados confiáveis. O IBGE local não tem condições de adentrar nos confins desta imensa hinterlândia. Ademais, as prefeituras costumam aumentar o número dos seus habitantes para conseguir mais verbas para seus cofres públicos e particulares. O próprio Tribunal de Contas dos Municípios não me deixa mentir. Existe uma enxurrada de processos por malversação do dinheiro público. Só no período de 1983 a 1988 acumularam-se mais de 500 processos contra os detentores de mandatos como prefeitos e vereadores. Dizia o presidente do TCM que o órgão enfrenta muitas dificuldades no julgamento dos processos uma vez que, enquanto o TCM desaprova a prestação de contas do prefeito, as Câmaras, igualmente de mãos molhadas, assinam um parecer favorável.

No dia 12 de julho de 1991 Tefé foi manchete nacional e até internacional, por oferecer o fenômeno do eclipse solar total. Cerca de quinhentos quilos de instrumentos destinados à observação deste fenômeno foram trazidos pelo Búfalo da FAB com destino a Manicoré, a Tefé, além de 70 observadores entre soviéticos e brasileiros. As 16 horas a cidade escureceu, iluminada apenas pelas estrelas ou pela iluminação pública e precária de mercúrio que acende automaticamente ao anoitecer. Enquanto os tefeenses se deliciavam com mais uma maravilha da natureza, tão exuberante nesta região amazônica, as galinhas se recolhiam e os morcegos deixavam seus abrigos. Os adeptos de uma seita do interior do município correram das suas

roças e casas para juntos aclamarem a Deus pelo tão esperado fim do mundo.

Um “gaiato” falou que o sacristão já estava a caminho da Igreja para bater o sino da missa noturna.

Verdade é que os cientistas-observadores abraçaram-se alegremente, alguns até chorando pelo êxito dos seus trabalhos. Naquele dia, a cidade de Tefé, carente de tantas necessidades terrestres como, por exemplo, emprego e moradias decentes, proporcionou à ciência novos dados e conhecimentos do espaço.

Tefé, nome também da nossa Prelazia, recebe duas vezes por ano seus Agentes de Pastoral para uma assembléia, estudo ou retiro. Os encontros realizam-se nos meses de janeiro e julho. São as chamadas “Paradas na Caminhada”, tão necessárias para todos nós que vivemos e trabalhamos distantes uns dos outros como também distantes das fontes de abastecimento que são os cursos de atualização, um recolhimento comunitário, uma avaliação dos trabalhos e uma confraternização com os companheiros e companheiras da caminhada.

Queima-se muito combustível e gastam-se dias de viagem para reunir a turma cujo meio de transporte é o barco, uma vez que não há estrada em toda a nossa região.

A paróquia de Itamarati é a mais longínqua: a 1830 km. Depois vem Carauari: a 1013 km. Caitaú, no Rio Juruá, também se encontra 535 km distante de Tefé.

Do Rio Japurá precisa-se viajar 350 km. No Rio Solimões, a paróquia de Foz do Jutai é a mais afastada: 522 km. Depois vem a de Fonte Boa: 348 km. (Os dados de navegação são frutos de reconhecimento hidrográfico efetuado pela Marinha do Brasil no ano de 1980.) Finalmente, as paróquias da Missão Alvarães e Uarini encontram-se na proximidade de Tefé, ou seja, distantes uma, duas a três horas.

Descendo para Tefé, rios abaixo, são 18 a 20 km/h conforme a potência da máquina do barco (Yanmar, fabricação nacional de 18-22 ou 36 HP).

Subindo os rios de volta para as paróquias, a marcha de viagem é de 10 a 12 km/h devido à correnteza. Sendo assim,

retornando para Carauari ou Itamarati, leva-se mais do que uma semana.

b) A máquina encrencada...

E quando dá “prego” na máquina? E as peças sobressalentes, como hélice, correia ou filtro não resolvem? E nem o motorista do barco (e muito menos o Agente de Pastoral) consegue dar o famoso jeitinho? Haja paciência para enfrentar o atraso, a praga de mosquitos e um barco que pode oferecer reboque. Ainda bem que estes casos são esporádicos.

Mas o Pe. Geraldo não teve sorte. No meio do caminho, sem a ajuda de um motorista-mecânico, desmontou sozinho umas peças à procura do defeito.

O Manoelzinho, filho da dona Maria, passageiros de viagem, fez tudo para ajudá-lo, mas a boa vontade do menino só atrapalhou. O Pe. Geraldo, cuja paciência estava se esgotando, pediu, pelo amor de Deus, que Manoelzinho se afastasse da máquina, passasse um pano e fizesse uma limpeza no barco. Nisso foi prontamente atendido. Assim, uma lata enferrujada com óleo sujo foi parar no fundo do rio... Nela é que se encontravam os parafusos, porcas, arruelas e pinos das peças desmontadas... A esta altura, Pe. Geraldo perdeu o último restinho da paciência, a esperança de “conserto” e outras virtudes que costumava pregar.

c) O rumo da assembléia

De 3 a 10 de janeiro de '91, realizou-se mais uma Assembléia Geral da Prelazia de Tefé, da qual participaram 58 Agentes de Pastoral.

Desta vez, o objetivo foi a revisão do trabalho que vem sendo desenvolvido no interior, isto é, nas comunidades ribeirinhas da



*Padres Espiritanos,
122 anos em missão neste chão*

região. São mais ou menos 300 comunidades que são visitadas com certa regularidade e cujas lideranças participam de cursos e encontros.

Quanto ao rio Juruá, visitam-se anualmente ainda muitos grupos de famílias (duas, três, quatro casas) espalhadas na beirada do rio e seus afluentes que se reúnem numa visita pastoral, mas não são organizadas comunitariamente.

Trabalhamos com o método VER-JULGAR-AGIR.

A divisão em grupos de estudos foi feita com nomes de peixes: aruanã, tucunaré, tambaqui, jaraqui, pacu, sardinha e surubim.

Primeiramente, vimos as respostas aos questionários, enviados com antecedência pela Coordenação de Pastoral para as paróquias.

Olhando a realidade, como está a vida do povo e quais os principais problemas que o mesmo enfrenta?

Em relação à EXPLORAÇÃO: por parte dos patrões e comerciantes, a troca (produtos por mercadorias) é sempre desigual. Além da desvalorização dos produtos, há falta de condição para o escoamento dos mesmos.

SAÚDE: Muitos problemas de doenças, surtos de malária, hepatite, sarampo. Aumentam os casos de hanseníase e de leishmaniose. Falta de assistência médica, postos de saúde e vacinas.

INVASÃO DOS LAGOS: Os pescadores de Manaus continuam praticando a pesca predatória. Eles escasseiam o peixe trazendo fome para os ribeirinhos.

EDUCAÇÃO: Falta de escolas ou condições mínimas para o funcionamento das já existentes, como: giz, quadro-negro, carteiras e outros materiais. A merenda escolar (que não deixa de ser uma motivação de frequência às aulas) é continuamente desviada pelos políticos eleitoreiros. Falta de cursos de treinamento para os professores que recebem salários baixos e atrasados.

2. Quais as formas de organização que o povo tem para se defender?

- Reuniões comunitárias com o AJURI (encontros semanais de círculos bíblicos iluminando os acontecimentos da vida).

- Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e Seringueiros.

- Comitês de Pesca, ou, melhor dizendo, de preservação de lagos.

- Encontros do setor ou intersetorial. (Um conjunto de comunidades que se reúne procurando soluções para seus problemas.)

- CPT (Comissão de Pastoral da Terra) e MEB (Movimento de Educação de Base) que apóiam os nossos trabalhos.

- Cooperativas em vias de organização.

3. Quais os assuntos mais discutidos nas comunidades?

- Saúde - Educação - Sindicato - Dízimo.

- Preservação dos lagos - Comitês de Pesca.

- A organização e participação nas comunidades.

- Educação Política (ainda há gente que vota naqueles que pisam nele, trocando o voto por camisa, bola, rede ou mosquito).

4. Quais foram os avanços do povo nos últimos tempos?

- Em muitas comunidades existe mais organização e participação.

- Aumentou o número de lagos preservados e roças comunitárias.

- Há mais lideranças preparadas.

5. Diante dessa realidade, como tem sido o nosso trabalho de Agentes de Pastoral?

- Maior apoio à organização das comunidades e à formação de lideranças e catequistas.

Neste item, avaliamos nosso serviço de acompanhamento às comunidades (Conselhos Comunitários, Comissões Financeiras, AJURI, Comitês de Pesca, Sindicato, Evangelização, Liturgia, Festas Populares dos Santos, Administração dos Sacramentos, Cursos de Formação de Lideranças, Catequistas e Ministros da Eucaristia.)

No JULGAR tentamos distinguir o certo e o errado da nossa caminhada. Tentamos lançar algumas sementes sobre a realidade vista com a ajuda da Palavra de Deus, da orientação dos documentos da Igreja e dos conhecimentos das ciências humanas.

Procuramos fazer uma reflexão comprometedora para chegar a uma ação transformadora.

Julgamos os Ministérios existentes nas comunidades ribeirinhas:

- Ministro da Palavra de Deus
- Ministro de Batismo e Casamento
- Ministro de Animação e Cantos
- Ministro de Formadores
- Ministro de Agentes de Saúde, etc.

Na reflexão sobre Atos 6,1-7 vimos que os Apóstolos chegaram à conclusão que o trabalho era demais. Pararam, refletiram e repartiram os serviços para não se esgotarem e não dominarem. Percebeu-se que foram escolhidos homens de boa reputação, sabedoria e cheios do Espírito Santo. Vimos que o leigo deve continuar leigo e reconhecemos o perigo de o mesmo clericalizar-se.

Só tem sentido a existência de Ministérios onde houver comunidade organizada e se fizer sentir a necessidade dos mesmos. O Ministério para ter validade precisa ser aprovado pela comunidade e apoiado pela Igreja.

Trocamos idéias sobre um melhor funcionamento e o surgimento de novos Ministérios que atendam às necessidades da comunidade. Ousamos até sonhar com a ordenação de padres casados, no futuro.

Neste julgar, avaliamos ainda os Cursos de Formação (Pastoral, Familiar, Catequese, Educação Política, etc.) como também a questão financeira e as programações da nossa Rádio Educacional Rural de Tefé.

A avaliação dos Ministros das comunidades ribeirinhas é bastante positiva. São centenas de mulheres e homens assumindo, com afinco, sua vocação batismal, desempenhando uma missão heróica nos rincões amazônicos, num grande isolamento, onde a comunicação é difícil, as viagens sacrificantes, o saber das letras, pouco.

É gente corajosa, criativa e carismática no bom sentido.

AGIR

Retomando o método VER-JULGAR-AGIR, refletimos a partir de uma “embarcação”, instrumento de trabalho dos pescadores da região e nosso meio de transporte. Os pescadores descobriram que o barco não estava mais em boas condições para o trabalho. Pararam e foram VER os defeitos, os problemas que havia no barco.

Analisaram o que deveria ser melhorado e o que poderia permanecer como estava. JULGARAM os problemas do barco.

Vendo todos os problemas, selecionaram os que seriam mais urgentes. Decidiram consertar o que era mais urgente, para evitar problemas maiores lá adiante. Começaram a tomar providências necessárias: AGIR.

Em nosso trabalho pastoral, queremos chegar a uma AÇÃO TRANSFORMADORA, uma vez que a nossa opção é libertadora e não assistencialista. Para que nossa ação seja transformadora é preciso haver ações a curto, médio e longo prazo.

É importante haver consenso, solidariedade, coleguismo e amizade no trabalho a ser realizado.

Maneira de atingir os pontos priorizados:

- através de objetivos claros e bem definidos,
- descoberta do que precisa ser priorizado em cada situação,
- percepção das pistas de ação, projetos que devem ser executados.

Diante disso surgiram as perguntas:

Como fazer? Quando fazer? Onde fazer? Quem vai fazer?
Com que recursos fazer?

Aceitamos a proposta de levantar algumas pistas para a caminhada das comunidades ribeirinhas, nas prioridades: MINISTÉRIOS-FORMAÇÃO-FINANÇAS.

MINISTÉRIOS

- Incentivar a formação de uma equipe de Ministros para descentralizar os trabalhos na comunidade e se apoiarem mutuamente.

- Formar mais de um Ministro para cada função.
- Ajudar a comunidade a perceber as necessidades para fazer uma escolha criteriosa dos Ministros que precisa.
- Formar um grupo de reflexão sobre Diácono Permanente na Prelazia (sem abandonar o sonho de preparar gente casada para o sacerdócio).

FORMAÇÃO

- Dar continuidade aos cursos existentes e prever novos cursos para outras lideranças e serviços que surgem.
- Continuar elaborando, na Prelazia, as Novenas de Natal em Família, Campanha da Fraternidade e o AJURI da Palavra de Deus (este material deve ser bastante ilustrativo e adaptado à realidade regional).
- Fazer mais uso dos meios de comunicação como: radiofonias que todas as paróquias possuem e a Rádio Educacional Rural da Prelazia.
- Melhorar as programações de formação e transmiti-las num horário mais estratégico.

FINANÇAS

- Incentivar o povo a fazer mais roçados comunitários para enfrentar as despesas correntes.
- Fazer promoções nas comunidades de acordo com as necessidades que surgem.
- Continuar insistindo para que as comunidades colaborem com a alimentação (frutos-farinha-peixe) para os cursos, reuniões, viagens e encontros.

Encerramos a nossa Assembléia com um abaixo-assinado ao IBAMA, transcrito em outras páginas, denunciando a pesca predatória nos rios e lagos dos nossos municípios, uma avaliação dos trabalhos e a Celebração Eucarística.

3 - Parada na caminhada. Retiro/Julho de 1991

a) O povo que anda com seus próprios pés

Deste encontro participaram apenas os Agentes de Pastoral que atuam na Prelazia em tempo integral: bispo, religiosos e leigos, entre eles o CIMI e o MEB.

Refletimos sobre as opções básicas que devem caracterizar o nosso agir na Igreja de Tefé. Novamente quero resumir as nossas conclusões daqueles dias, acrescentando as minhas reflexões pessoais.

As opções básicas que descobrimos em nossa caminhada são:

- 1) Opção pelos pobres.
- 2) Respeito à cultura.
- 3) Promoção da vida.

O nosso agir nessas opções deve facilitar a realização do nosso lema: Um povo que anda com seus próprios pés.

Neste rincão do Amazonas fazemos parte de uma Igreja de fronteiras, de periferia. Trabalhamos e convivemos com um povo pobre, oprimido e bastante marginalizado, como são os ribeirinhos, os índios e a maior parte das populações urbanas oriundas do interior, forçadas ao êxodo rural.

Nesta região tão decantada por suas riquezas naturais, o caboclo (como é chamado o interiorano) encontra-se numa situação de penúria, e sua sobrevivência é uma realidade dura, cruel e sombria.

As injustiças são gritantes em consequência de uma opressão secular. Em muitos lugares do interior, os "coronéis do barranco" mandam e desmandam, como também os políticos, corruptos quase sem exceção.

Enfrentam-se situações difíceis de distância e isolamento numa região inóspita.

Não são raros os casos de malária, hepatite, anemia, infecções intestinais, diarreias, quase crônicas e doenças da pele que os próprios Agentes de Pastoral vêm enfrentando. Os padres Guilherme e Francisco e a missionária Viviane foram até as últimas consequências da sua opção, oferecendo suas vidas na luta da caminhada.

Sim, somos privilegiados em comparação com a vida sofrida do nosso povo. Temos nossas moradias e embarcações razoavelmente equipadas. Por ocasião de uma doença mais grave, encontramos recursos para o tratamento, até fora da região, se for necessário. Não passamos fome de jeito nenhum. As finanças nos permitem

participar, ocasionalmente, de cursos ou encontros em Manaus ou fora do Estado. Tiramos nossas férias, o que implica em passagens caras para os Agentes de Pastoral estrangeiros que costumam visitar seus familiares de três em três anos (embora as viagens sejam custeadas pelos últimos).

Resumindo, somos ricos aos olhos do povo.

Mas, além do bem-estar material, somos portadores da solidariedade humana. Inspirados pelo Evangelho de Jesus Cristo, queremos assumir a causa dos oprimidos, estar do lado deles. Procuramos interpretar a história tão mal contada a partir do povo amazônico, marginalizado e massacrado pelos invasores de então, e pela ambição dos exploradores de hoje. A gente se escandaliza diante da opressão e violência.

Queremos repartir o nosso ser e ter, compartilhar os sofrimentos, como também as alegrias e esperanças do povo. Apesar das nossas limitações e falhas, tentamos ser uma presença evangélica junto a ele.

Não é de estranhar que, numa pesquisa realizada por um casal de universitários (haja estudos em cima dos amazônicos na atual onda ecológica), a Igreja junto com o MEB, o CIMI, e algum sindicato apoiado pela mesma, são os únicos “confiáveis” na opinião da população.

Mas sejamos humildes e realistas...

Reconhecemos as nossas atitudes de paternalismo, ativismo e imediatismo. De romantismo até, e de tantos outros “ismos”.

Não tratamos sempre o povo como adulto capaz de andar pelos próprios pés.

Muitas vezes apresentamos uma Igreja Institucional, sacramental e não profética.

Assim, também a segunda opção básica: “Respeito à cultura”, dá sempre muito pano para a manga.

Para começar, 90% dos Agentes de Pastoral que trabalham em tempo integral na Prelazia são forasteiros, estrangeiros ou de Outros Estados do Brasil.

Não são poucos os visitantes brasileiros que, em todos estes anos, viajaram comigo pelo Rio Juruá. Todos são unânimes num comentário: "O Amazonas parece um outro país". O calor, ou seja, o clima em geral, com alto grau de umidade, a natureza exuberante, a imensidão das florestas com sua bela fauna e flora inimagináveis, seus inúmeros rios, lagos, ilhas, paranás E, por último, mas não menos importante, o seu povo carinhoso e pacífico, com suas feições mestiças, sua cultura, sua hospitalidade e serenidade. Tudo impressiona o visitante.

Imaginem a repercussão dos estrangeiros que estabelecem moradia na região e resolvem, embora muitas vezes com fraqueza e vacilação, atender o "chamado de Deus" para propagar a fé até os confins do mundo (Isaías 49,6 retomado em Atos 13,47).

Todos nasceram na Europa onde passaram seus primeiros 25 anos de vida. Somos descendentes de um povo secularmente conhecido na América Latina. Os nossos antepassados já pisaram nestas terras com uma missão que nos envergonha e que nos coloca ao lado daqueles que protestam contra qualquer comemoração eufórica dos 500 anos neste 1992.

Desta vez, em tempos novos e desarmados, fazemos outras descobertas que enriquecem a nós e a nossa cultura européia. São descobertas já ocultas, esquecidas ou desaparecidas, em outras plagas de um mundo moderno. É uma riqueza que nada tem a ver com o pau-brasil, ouro ou ervas tropicais.

O povo amazonense nos apresenta valores que precisam ser resgatados nas culturas dominadas por um capitalismo alienante e selvagem. Os povos da floresta não têm vocação para acumular. Sem ambição para bens supérfluos, querem

viver no seu habitat. Eles nasceram ECOLOGISTAS sem precisar de estudos, teses, pesquisas, e muito menos da ECO 92.

São defensores natos do meio ambiente onde querem e sabem sobreviver, apesar da hostilidade da própria natureza.

b) Os verdadeiros inimigos dos povos da floresta

Os perigos não são poucos. Embora conhecedores profundos da selva, levam, às vezes, desvantagem na sobrevivência que se torna morte: uma picada de cobra venenosa, uma onça na estrada de seringa, um pau que cai e esmaga, um afogamento.



Extração de copaíba

Mas os verdadeiros inimigos dos povos da Amazônia são aqueles que invadem as terras, indígenas ou não, à procura de ouro e outros minérios no subsolo, transmitindo doenças aos seus donos e poluindo os rios.

São aqueles que praticam a pesca predatória, causando danos ao meio ambiente e fome aos ribeirinhos. São aqueles que enriquecem vergonhosamente com os produtos da natureza, roubando na compra dos mesmos como também na venda das mercadorias.

Finalmente, são as próprias autoridades que se tornam inimigos públicos dos povos da floresta não demarcando suas terras e não atendendo seus mínimos direitos fundamentais, no que diz respeito à saúde, educação e outros

A resistência diante destes sofrimentos é comovente, e a nossa presença só se justifica se conseguirmos somar forças para inverter o quadro, como Jesus falou nas bem-aventuranças. As sementes do Reino estão presentes na cultura deste povo paciente, despojado, acolhedor, solidário, generoso e confiante em Deus.

São sementes que costumam encontrar uma terra menos fértil em outras plagas mais “desenvolvidas”.

Mas nenhum povo é santo e cada cultura tem suas ervas daninhas. Questiona-se o medo, o machismo, a sujeição, o fatalismo, a falta de confiança nos próprios companheiros e a aceitação da manipulação política (gente lascada votando nos opressores; 60% de eleitores femininos e nenhuma mulher representante no governo municipal de Carauari,

por exemplo). Consequência de uma opressão secular? Desconfio que sim.

Espero que os especialistas, historiadores e antropólogos, ofereçam subsídios para uma melhor compreensão. Enquanto isso, continuo na caminhada, pé-de-chinelo, aprendendo e servindo o povo juruaense.

Reconheço que minha aculturação é falha. Basta abrir a boca e o sotaque denuncia que não sou brasileiro nato.

Sou holandês de nascimento e amazonense de coração, como costumo responder às perguntas a respeito da minha origem. Experimento, diariamente, a sensação de que os amigos e o povo me aceitam assim, carinhosamente.

A terceira opção, "Promover a vida", não necessita de muito comentário. A inspiração é evangélica (Jo 10,10): "Para que todos tenham vida em abundância".

A natureza da nossa região é abundante, cheia de vida, comparável à Criação de Deus da qual nos fala o Gênesis, primeiro livro da Bíblia. As florestas deste rincão amazônico não sofreram ainda queimadas, nem os rios a poluição. São arranhados sim, pela derrubada da madeira de lei nas margens dos rios e pela pesca predatória.

Mas são a mulher e o homem, imagem e semelhança de Deus, coroa da Criação, que são desfigurados, como mostramos nas páginas anteriores.

Queremos estar a serviço da VIDA e lutar contra tudo aquilo que causa a morte do povo.

Nos dias de retiro desta segunda "Parada na caminhada", faço minhas reflexões inspirado no subsídio oferecido pela Conferência dos Religiosos do Brasil - Regional de Manaus. Num encontro em 1990 refletiu-se sobre a Espiritualidade da Nova Evangelização para os Religiosos da Amazônia.

c) Características básicas da espiritualidade

Partiu-se da figura bíblica do SERVO DE JAVÉ para inspirar a nossa espiritualidade. Nos textos de Isaías (42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13 e 53,12) identificamos quatro grandes características básicas da espiritualidade: ela é contemplativa, libertadora, martirial e de esperança.

1. CONTEMPLATIVA: Como o Servo de Javé, o religioso se sente servo, discípulo, escolhido, enviado para servir e aprender. Isso pede intimidade com Deus e intimidade com o povo: CONTEMPLAÇÃO.

Esta dimensão contemplativa se manifesta na valorização do contato pessoal e comunitário com a Palavra de Deus, lida e refletida a partir da realidade do povo (Ajuri).

A contemplatividade é uma característica do povo regional.

Nos tapiris, espalhados pelas matas e beirada dos rios, no roçado, no caminho da seringa, na caça ou na popa da canoa à procura do peixe, o interiorano se defronta continuamente com a natureza e o silêncio, está envolvido nestes componentes elementares para a contemplação.

Nas minhas viagens, depois do serviço numa comunidade e um banho refrescante, gosto de ficar no toldo da embarcação para curtir a natureza, fazer uma reza e refletir, embora a máquina barulhenta (36 HP), não permita o silêncio.

Neste item observa-se que a Palavra de Deus, lida e refletida em comunidade, está sendo facilitada pelos AJURIS elaborados pela Coordenação de Pastoral da Prelazia. Semanalmente, mais ou menos 300 comunidades da Prelazia se reúnem para refletir sobre a Palavra de Deus, deixando que a mesma ilumine sua caminhada.

Jesus Cristo é sempre o modelo a seguir. Ao mesmo tempo que nós, Agentes de Pastoral, também somos iluminados pela palavra de Deus, somos ao mesmo tempo convocados a aprender com a vida do povo.

2. LIBERTADORA. O Servo de Javé parte da percepção de que o Plano de Deus - o direito e a justiça - está desfigurado, ainda não está acontecendo no meio dos pobres.

Nós Agentes de Pastoral, como já foi dito, estamos a serviço da vida e contra tudo que origina a morte do povo. Consideramos a pessoa humana na sua unidade, superando toda a forma de dicotomia no perceber e no interpretar a vida. Assim entendo a ressurreição dos corpos: se eu cuido da barriga e da saúde do meu irmão sou digno da salvação. Aí vêm as queixas dos opositores querendo reduzir a missão dos religiosos à sacristia.

Nossa inserção e aculturação (precária como citamos acima) nos une à força transformadora do povo e nos faz descobrir nele o sujeito da libertação, assumindo as mesmas dificuldades e esperanças.

3. MARTIRIAL. Tal como o Servo de Javé, carregamos o pecado, a dor do povo, e alimentamo-nos da paixão de Cristo que vence as tentações: de centrar-se em si mesmo, do medo da solidão (angústia minha), da busca do poder, da fuga da dor e de não aceitar o abandono. Ao mergulhar no meio do povo, nós nos despojamos de nós mesmos, com a certeza de que a graça de Deus passa através do pobre, que é sacramento de Deus. A solidariedade, a partilha, a inserção, o gastar-se no serviço, a perseguição dos opressores do povo fazem parte do nosso martírio também. A atitude constante de aprender, ser discípulo, admitir a fraqueza e o fracasso devem suscitar em nós a paciência, o respeito, a resistência e a misericórdia (as sementes do Reino na vida do povo).

4. ESPERANÇA. A esperança do Servo de Javé se alimenta da certeza de que a morte não tem a última palavra, não triunfará. Ele crê que carrega dentro de si a vida de um Deus, que age no aparentemente inútil e ilógico.

A esperança é necessária para ajudar o povo a ser agente da própria libertação. Sustentados pela paciência histórica e pela paciência de Deus, aprendemos do povo e da nossa própria experiência de fé a celebrar a esperança: resistindo solidariamente, trabalhando juntos, partilhando os dons e festejando com alegria. Quem melhor do que o povo para ensinar-nos a alegria e a esperança?

4 - Impressões de viagem do pe. José Antonio Trasferetti.

a) Manaus / Capital do Amazonas

Às 15:30h, o vôo 874 da Varig, procedente do Rio de Janeiro, aterriza no Aeroporto Internacional Eduardo Gomes de Manaus. De cima do avião impressionou-me o imenso verde que cobria a terra. O Rio Amazonas e muitos outros rios que cortavam a mata verde. Assim, surpreso e curioso, comecei a escrever estas anotações de viagem.

No aeroporto esperava-me João Derickx, com a mesma alegria de sempre e o sorriso matreiro que caracterizam seu jeito de ser.

Chego, e em seguida fomos visitar o INPA (Instituto Nacional de Pesquisa do Amazonas). Fomos lá para saber como se faz para plantar celósia. O pesquisador deu todas as informações. Depois visitamos a CPT e o CIMI regional. Conversamos um pouco com algumas pessoas. Lá estava Zila, menina morena filha do Amazonas. Visitamos o Teatro do Amazonas, a Universidade do Amazonas, vimos as praças cheias de namorados e jogadores de bola.

Cidade aberta. Fazia muito calor. Conversei com Dom Mário, Bispo de Tefé, que estava em Manaus. Algumas religiosas pediram para a gente visitar os cinturões, lugares onde a pobreza atinge níveis alarmantes. O João já fez suas "ironias" e depois partimos. Jantamos no Restaurante Panorama perto do Rio Amazonas. Olhando de cima, as luzinhas fosforescentes que brilhavam na cidade entre as águas flácidas e calmas.

Faz muito calor. Em todo lugar o povo nas ruas, música, cerveja, mulheres e homens. Mistura de tristeza com alegria. Uma composição de beleza, festa e pobreza. Os sorrisos desconsolados daqueles doentes pedindo esmolas nas ruas, e o carinho do povo. Fatos de todos os dias, relato das crônicas dos jornais, anúncios de futuro melhor.

No aeroporto de Manaus encontramos um casal finlandês esperando seu vôo. O casal vendo que o João era estrangeiro puxou conversa. Ela é representante da fábrica "Volvo" na Suécia. Aqui a mão-de-obra é barata trazendo melhores lucros para a matriz. Ele nos conta do seu passatempo predileto: tem em sua casa muitos aquários, com grande coleção de peixes tropicais. Disse que veio visitar Manaus por ser o "lugar por excelência" do peixe.

Pode-se imaginar o que este "lugar por excelência" - para estes dois turistas que se hospedaram no Hotel Tropical, o mais caro do norte do Brasil - significa para o amazonense, que é convidado mais uma vez a exportar, por preços vis, sua beleza e natureza para estes "senhores" do Primeiro Mundo.

b) Carauari: A cidade no coração da selva

Embarcamos às 6h da manhã em Manaus. Do céu via-se embaixo a floresta verde com os rios, os igarapés e as águas todas cortando a mata impassível. Depois de 2:30 horas de vôo chegamos a Carauari.

Leio num pequeno artigo de jornal: "Carauari, um Paraíso na Selva". Assim relata a história da cidade: "Situada no coração do Amazonas, Carauari fica a 780 km de Manaus por via aérea e tem como meio de transporte apenas a navegação fluvial. Carauari - do idioma indígena: cará (batata) auri (do céu) tem 80 anos de idade (1911). "Uma bela morena que permaneceu sentada à beira do esquecimento" (cf. Jornal Petrobrás, p. 4).

Visitamos a sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Carauari, a Capela de N. S. de Fátima, a comunidade rural, chamada Igarapé da Roça. O povo é pobre.

c) Espiritualidade e defesa da vida do corpo

Conto histórias do João Derickx. Afinal, como vive ele a sua espiritualidade nestas terras? Completamente voltado para a realidade sofrida deste povo que sabe amar. Os problemas cotidianos, casos concretos, preocupação com remédio, óculos, sem falar na luta contra as injustiças, fazem parte do seu dia-a-dia tumultuado. Está mais preocupado com estes problemas reais, os quais a população pobre enfrenta, do que com grandes teologias. No caso dos óculos, por exemplo (que ele conseguiu na Holanda para servir às pessoas que não têm condições de comprá-los), presenciei a "doação" dos mesmos: uma mesa cheia na Secretaria da Paróquia. As pessoas vêm e experimentam um por um até encontrar aquele que sirva. Não existe oftalmologista no interior, o que fazer? É um grande serviço que se presta à população. O atendimento às necessidades reais do povo é muito mais forte que as discussões em torno das grandes idéias teológicas.

Neste sentido, poderíamos afirmar que sua espiritualidade é materialista, pois se faz e se vive a partir das necessidades reais de um povo que vive à margem dos benefícios que o capitalismo poderia oferecer. A defesa da qualidade de vida do povo tornou-se preocupação ética. Salvar a vida dos pobres é um dos princípios mais

importantes da teologia atual. Toda a ética da libertação, em elaboração na América Latina, atualmente, está centrada neste eixo teológico do corpo como centro da Ação Pastoral Evangelizadora.

A opção clara e decidida em função da organização dos pobres é matriz central do esforço teórico e prático em gestação nas comunidades cristãs, nesta parte do mundo. A partir do trabalho pastoral junto aos ribeirinhos, índios e seringueiros se concretizam as opções da Igreja de Medellín e Puebla. Em sintonia com os documentos do Magistério, com as declarações da CNBB, o compromisso das comunidades torna real e eficaz o Evangelho de Jesus Cristo. "Eu vim para que todos tenham vida" (Jo 10,10). Vida significa poder viver em paz e harmonia com a Mãe-terra, com a Mãe-água, e tudo o que nela existe: animais, peixes e a alegria de ser.

Assim, atendendo os doentes, levando remédios para os pobres defendendo os injustiçados, denunciando as opressões, Pe. João assume esta forma de viver a espiritualidade e de ser sacerdote comprometido com a vida e a luta dos pequeninos. Porém, os problemas ainda são muitos.

A opção pelos pobres é uma loucura. Uma aventura. Este mundo não é um passeio. É uma dor, uma renúncia, um vazio. Porém encontram-se muitas alegrias que nos fazem enfrentar esta caminhada dura.

Tomamos o café da manhã junto com alguns pesquisadores da fundação Oswaldo Cruz, entre eles o médico, o sociólogo e o historiador. Faziam o mesmo caminho que Chagas percorreu no Juruá, em 1912. Percorrendo o caminho e fazendo anotações. Perguntamos se eles iriam denunciar as autoridades que são cúmplices da situação de pobreza do povo. "Ah! você acha que vão, se são os próprios exploradores (Governo/Estado) que estão patrocinando a pesquisa?" - dizia o João.

Mais tarde, já em S. Paulo, leio a reportagem na Folha de S. Paulo: "Grupo faz viagem de Chagas pela Amazônia. Exatos 79 anos depois, uma equipe da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), buscando comparar as condições médico-sanitárias entre o presente e o passado, refaz parte da

expedição que Carlos Chagas comandou na Amazônia em 1912/1913. Os dados não são animadores” (cf. Folha de S. Paulo, 2/08/91, p. 7/6). O grupo concluiu que os problemas aumentaram, casos de malária, hepatite, lepra estão se tomando comuns.

d) Descendo o rio Juruá

Começamos a descida do Rio Juruá. As 7:30h deixamos Carauari. Embarcamos no Tupã, 5 passageiros: eu, Jan Eyken, João Derickx, Zé Almir e Gumercindo.

Contemplando a beleza da natureza do toldo do barco, João ia relatando:

“Existem muitas diferenças regionais na Amazônia. É diferente você trabalhar numa região de extração de madeira e borracha como é o rio Juruá. É diferente trabalhar numa região onde existem grandes fazendas, como é o Sul do Pará. É diferente trabalhar numa região onde existem os chamados ‘grandes projetos’: Balbina, Tucuruí, Carajás, Jari. É diferente trabalhar numa região onde existem populações indígenas, onde há invasão de garimpeiros, como em Roraima. É diferente atuar numa região de muitas migrações, como em Rondônia. A Amazônia com seus 5 milhões de km² apresenta realidades bem diferentes. Não obstante, em todas as regiões amazônicas as populações são vítimas da ganância e do sistema que favorece a marginalização do amazônida”.

Recordamos a morte do Pe. Guilherme, atacado pelas piranhas naquela tarde fatídica, nestas águas barrentas do rio Juruá. Viajando por este rio ouvi muitas histórias, muitos casos, muitos nomes, são tantas as coisas para contar...

e) Religiosidade popular

Observo que as pessoas costumam venerar alguns santos. Converso com João e o mesmo explica:



*Copaíba, outra
riqueza da floresta*

“Eu mesmo costume levar quadros de santos: S. Francisco de Canindé, S. Sebastião, Santa Luzia, S. Raimundo, N. S. do Desterro, N. S. do Bom Parto, Santo Antônio.

O povo não tem “Igreja”, eles precisam de um santuário”.

No seringal Marapatá encontramos o Sr. Jósias que sofre de catarata e está quase cego. Ele pede um quadro de Santa Luzia e de S. Lázaro. O quadro de Santa Luzia serve para concretizar sua devoção. Sabemos que ele fará as suas orações, acenderá suas velas, pedindo a cura de sua doença. Se o Sr. Josias tivesse condições financeiras, acharia uma cura repentina e definitiva numa clínica oftalmológica em Manaus, mas a distância de 2 mil km não permite o seu deslocamento.

A respeito de S. Lázaro conta-nos que sua neta teve uma doença de pele persistente, para a qual experimentou todo tipo de remédio, sobretudo remédios caseiros. Disse que apelou em suas orações a S. Lázaro, que atendeu seus pedidos curando a neta. Em agradecimento, quis homenagear o santo pendurando um quadro na parede da casa.

Pe. João conta-me: “Na sexta-feira santa, tem gente que não toma banho, não sai de casa para pescar, toma café sem açúcar. Por que o povo do Rio Juruá se identifica com o Cristo sofredor? Certamente porque não vive muitas vitórias. A imagem do Cristo derrotado pregado na cruz é a imagem-identificação do próprio povo juruaense. Eu acho que a religião é ainda muito alienada. Procuro salientar que a luta pela justiça é a vontade de Deus. Estas pessoas nem sempre percebem. Costumam ser fatalistas. Pensam que tudo é a vontade de Deus, que a vida é assim mesmo.

Para se organizar, exigir preços justos pelos produtos, comprar mercadorias, de acordo com os preços estabelecidos pelo governo, defender os direitos, tudo isso custa muito. Onde existem comunidades, a caminhada é mais fácil. Já é uma consequência do Ajuri, das reuniões, do sindicato, do culto dominical”.

Olhando estes fatos, surge uma pergunta: Como valorizar a religiosidade do povo e ao mesmo tempo despertar neles o compromisso político que a fé exige?

f) Política / religião / dominação

Como visitante, o que me chamou a atenção foram os cartazes de Fernando Collor de Mello, de Gilberto Mestrinho, os nomes dos prefeitos colocados nas paredes das casas. O povo fica exposto, sem defesa. Eles querem que os políticos sejam os padrinhos. Não há mulher vereadora em lugar nenhum. As poucas possibilidades que existem são preenchidas pelos próprios homens, apesar de as mulheres serem a maioria.

Pe. João conta o seguinte fato: "Há dez anos atrás, hospedei-me na Vila do Gavião, da firma APLUB, para entrosar-me melhor com o povo sofredor. Por causa da minha hospedagem, o patrão demitiu o cara da firma. A casa não era dele. Senti-me por isso obrigado a comprar tábuas e fazer uma casa para a família". Um fato interessante que retrata a dependência e a dominação a que está submetido este povo.

Pe. João continua falando: "Às vezes chorei também, de raiva, da impotência de não poder fazer nada diante de circunstâncias terríveis. Quando vejo uma criança ou uma mãe morrendo sem assistência nenhuma, causa-me muita dor, sinto um nó na garganta e às vezes choro sozinho".

Dia 19/07/91. Visitamos a Comunidade de Forte das Graças. O Padre vive viajando. Não há presença constante nas comunidades devido às distâncias e o seu isolamento. Mas o povo é criativo, inventa muitas coisas positivas. A vida aqui não é fácil. Muitos não agüentam mesmo, a gente tem que ser um pouco "louco" para ficar nestas bandas. Na sua irreverência, escreve seu evangelho.

g) Espiritualidade da contemplação

Dizem os mestres espirituais que no silêncio se encontra Deus, pois Ele vive em comunhão com a Natureza. Quando saímos de canoa na mata sentimos que toda ela está impregnada da presença do silêncio. Eu mesmo aqui sentado em cima deste barco vivo a minha espiritualidade, contemplando a mata silenciosa.

A Natureza, criação de Deus, é um ambiente propício para ouvir a Sua voz. Na beira da selva, na beira dos

igarapés, igapós. Este povo que vive da natureza, está impregnado do silêncio de Deus. Tudo inspira Deus. Deus mesmo, feito presença marcante no coração da mata. O pôr-do-sol, os peixes pulando, os pássaros voando, e o silêncio divino pairando sobre o coração da floresta. Tudo ensina, tudo revela um Deus maior.

h) Rio Juruá e rio Solimões / As diferenças

Sáimos do Rio Juruá e entramos no rio Solimões. Observo logo que a beira deste imenso rio é mais habitada do que a beira do Rio Juruá. As moradias são melhores, usa-se mais madeira, cobertura de alumínio e as casas são pintadas. Dá para perceber que existem até mais fruteiras na beira da casa.

Escuto com atenção as palavras do João:

“José, tudo isto indica que as condições de vida dos ribeirinhos do Solimões são diferentes dos juruaenses. Enquanto no Juruá as imensas terras, os seringais, têm seus donos particulares que “empregam” os ribeirinhos na pesca, no corte da madeira e da seringa, muitas das terras na beira do Solimões parecem ter como dono o próprio ribeirinho. Ele cuida do seu pedaço de chão, de onde tira seu sustento e onde fixa residência. A insatisfação como patrão, a insegurança no trabalho e o fato de não ser dono da terra faz do juruaense um povo nômade. Quantas vezes não perguntei nas minhas visitas? Por que vocês não plantam fruteiras? A resposta é sempre: “Nós não vamos plantar para os outros, sabe lá quanto tempo a gente vai ficar morando aqui.”

É impossível. Não dá para entender. Uma região com tantas terras, tantas riquezas naturais... Ficamos pensando: nesta baixada de 600 km de rio (Carauari até a boca), passando por tantas terras com apenas 1 habitante por km² e ainda existe a insegurança de um pedaço de chão.

João ainda contou:

“Sabe-se que os donos das terras estão devendo o Imposto Rural Territorial. Então quem são os donos? Não são os próprios seringueiros que habitam e trabalham na terra? No século passado e ainda no início deste século

contam-se muitas histórias dos patrões que se consideravam donos não só da terra mas dos próprios seringueiros e suas famílias. Alguns chegaram ao absurdo de exigir para si a primeira noite nupcial da filha do seringueiro”.

i) Em Tefé

Às 20 horas chegamos a Tefé. De longe avistamos as luzes da cidade. Quais as expectativas em relação ao encontro dos Agentes de Pastoral? O barco, lento e seguramente, cortava as águas e as luzes. Tempo. A vida. É como um barco cortando as águas. É aquela batida: toc toc... que vai lentamente... e vai...



Transporte familiar

Finalmente, chegamos. À noite mesmo, o primeiro contato com os padres e Agentes de Pastoral. Um Curso e Retiro na Prelazia de Tefé: O sorriso é fácil, o acolhimento é maravilhoso.

No dia seguinte, às 11 horas, deixamos o Seminário de Tefé. Era bonito ver aquela gente reunida. Entre eles alguns missionários da Europa que vieram aqui e estão doando sua vida. Gente pobre, simples. Gostei muito. Na despedida o sorriso e a leve sensação de que ainda sou tímido.

Senti que a realidade é muito complexa. Seria necessário ficar um ano ou mais para conhecer melhor a vida, a cultura, os livros que já existem.

Capítulo V

PAISAGENS DA JANELA

"E Deus nos dará um carinho de
amor na hora da solidão"

João Derickx

São tantas as coisas que nós temos para contar. Foram tantos os momentos vividos que a vida levou. Os encontros, as despedidas, os amores partidos. Lágrimas, dores e alegrias marcaram seus dias. Cânticos de rebeldia entoaram pelos seus lábios a solitária melodia.

Passaram turvos os dias de madrugadas. As noites e o clarão da mata. Girassóis na manhã dos rios ainda dentro do barco. Cuidando dos jovens, seringueiros, posseiros, ribeirinhos e pescadores. As vezes no toldo do barco a canção de tristeza, do sol que se põe e os pássaros que deixam de cantar.

Imagens do futuro. Escura a noite, calmos os dias. Os peixes pulam de lá para cá. Na frente do barco a mesma água "suja" do rio Juruá. Estas águas viram os peixes sendo roubados pela rede arrastão dos barcos pesqueiros.

Jovens, amantes da natureza e da vida. Foram tantos aqueles que passaram pela vida de Carauari nestes anos. Ficaram na memória do povo a Lúcia, Pe. Dionísio, Pe. Guilherme, Célia, Manoel, Dercy, Arruda e tantos outros. Companheiros do CIMI e do MEB, militantes e simpatizantes, caminhantes de outros mundos, errantes peregrinos da fé.

O João é conhecido por todos. Por onde anda os homens e mulheres, jovens e crianças o chamam pelo nome. Muitos invocam com respeito seu apelido carinhoso de "Joãozinho". Vi os transeuntes de uma esquina de Carauari, de um pequeno porto em Caitaú, de uma escola rural, de uma comunidade cristã cumprimentá-lo com respeito e admiração. Ele é o padre que trabalha com o povo sofrido. Este reconhecimento é público.

Mas este padre é um ser humano como qualquer outro no mundo que quer ser feliz, que quer amar e ser amado. Em todas as cartas o João fala dos momentos de tristeza, de solidão, do abandono... Fala também das alegrias, dos prazeres que a vida amazônica proporciona.

Um homem que traz na pele a marca do afeto. Um homem que aprendeu que o sorriso vale a pena nestas terras de dores e angústias. Às vezes as lágrimas guardadas, ou as escondidas no toldo do barco ao anoitecer. O sofrimento, a miséria, a dor da morte de pessoas queridas. A natureza em festa chora a morte dos irmãos porque quer viver, porque sabe que Deus criou a VIDA para ser vivida em abundância e em plenitude.

São muitas as cartinhas que o João me mandou. No ano de 1982 escreveu uma carta cumprimentando-me pelo meu diaconato. Além da beleza, da humanidade, o gesto de amizade. Assim dizia: "Que surpresa, rapaz, não esqueceste o amigo velho. Parabéns pela tua decisão em servir melhor o próximo através do diaconato e mais tarde o presbitério. É isso, vale a pena ser padre nesta igreja jovem e disposta a colaborar para a fraternidade mais humana, nesta América afora. Com certeza já sabes onde vais trabalhar, mas se tiver alguma dúvida a respeito, te ofereço um "emprego" nestas bandas do Rio Juruá onde nós, dois padres, atendemos uma paróquia de 2.000 km (rio Juruá e afluentes) dando uma mão aos agricultores, seringueiros, índios e pescadores que sofrem o diabo nestas plagas. Como vão os pais, os manos e o Pe. Chico? Lembranças a eles todos e a porta da nossa casa está aberta para visitas destes amigos. De Manaus apenas 2:30 horas de vôo até Carauari. A região começa a desenvolver-se bastante com a presença da PETROBRÁS que descobriu gás e pretende explorá-lo nos próximos anos. É por isso que os jovens seringueiros deixam o interior para trabalhar nesta empresa que, conforme dizem, está gastando 25% do seu orçamento nas pesquisas desta região do Amazonas. E tu? Conta-me as novidades, tuas, da família, dos colegas do IBRADES, etc. A desculpa não 'tenho tempo' não aceitarei. Já faz 3 anos que me encontro aqui e estou a fim de dar uma volta, mas as grandes distâncias não permitem. Só no outro ano talvez, quando irei para a Holanda pedir a bênção da mamãe que fará 80 anos. Bem,

Zé, tudo de bom para ti e que Deus abençoe teu caminho. Abraço amigo.”

E assim, entre os trabalhos, as denúncias, as lutas, o lado humano do homem vai-se revelando. Gestos de bondade no cotidiano da vida. O abraço à família, a visita à mamãe, a defesa da causa dos menos favorecidos.

E os amores?, pergunta alguém. Ficam as cruzes. Saudades de ontem, dizem outros. Como conciliar as lutas, as denúncias, o empenho, a compaixão com aquele que sofre a dor, as mazelas do poder selvagem com o desejo de ser feliz, de se realizar como humano que é. Como trazer pra dentro do coração as dores do povo com os reclamos do amor que sente as nostalgias do objeto desejado? Calado, o tempo passa, o barquinho navega flutuando os rios como se as águas turvas não existissem. Lentamente ele vai e vai...

Numa outra carta a expressão mais forte: caminhada de lutas, encontros e realizações. Assim: “Oi Zé, não sou poeta como tu, mas tentei expressar uns sentimentos no cartão anexo. Muitas águas já rolaram pelo rio Juruá desde que cheguei nesta terra longínqua. A comemoração da Semana Santa foi ótima, graças também à ajuda da turma jovem que, entre outras coisas, apresentou por duas vezes uma peça da Paixão de Cristo. O Terceiro Encontro de Seringueiros também foi bom. O pessoal cada vez mais forte contra os tubarões e se organizando melhor nas bases, ou seja, nas delegacias sindicais. Gosto do trabalho. Desejo-te tudo de bom. Abraços.”

Deus dará um carinho de amor. Certamente o amor virá. Tão caro e tão raro o amor restará. Só restará o amor. Como pedra colada ao ar, às montanhas e ao mar. Vieram tempestades, ventos e a pedra está lá. Calada. Tenra. Maré-morta, maré-cheia, as ondas não conseguiram levá-la. Solidão, descanso da mão sobre o ombro do amigo/amiga, sei lá. Mas a mão descansa recolhida.

Outro dia, outra carta, já datada de 15 de julho de 1990. Estava em Roma/Itália. Além das coisas, a confissão do sofrimento: “Da minha parte sofri bastante desde as últimas eleições presidenciais. Foi editada a tabela de preços para as mercadorias de primeira necessidade (em todo o Brasil). A prefeitura local resolveu colocar uma margem de 30% acima. Houve protesto dos descamisados, abaixo-assinados,

reuniões, etc. O pe. João (que estava apenas apoiando de longe mas firme) teria feito a cabeça do pessoal... era contra a Prefeitura e os comerciantes... ia ser culpado pela falta de mercadorias na cidade (pois com 10% de taxa de transporte os comerciantes seriam obrigados a fechar seu comércio) e outras asneiras... Lutamos firmes contra essa tabela

através de ofícios para a SUNAB regional, federal, contatos com advogados, CPT, etc. Finalmente., anteontem veio um pronunciamento na TV local do Juiz desautorizando a tabela da Prefeitura e estabelecendo a nova tabela com 10%. Agora é festa melhor do que qualquer vitória do Brasil... Abraços... (observação: o fato do João ter dado apoio à esta luta e tantas outras, incomodou os comerciantes e o prefeito que solicitou ao bispo a transferência dele da paróquia como já foi relatado).

Mistura de nomes, de dores, de coisas., alegrias e lutas, preocupações com a vida dos pobres, desejo de realização pessoal. Fim de mundo/começo, restará alguma coisa de humano, que o humano deixou por lá. Sensações vagas permeiam meus pensamentos. Recordo nomes e momentos. A vida vai por aí, pulsando. Levo comigo estas cartas, e deixo para vocês estes relatos melancólicos de Carauari, no coração do Amazonas. São paisagens que fomos lembrando da janela do barco em movimento.. paisagens da janela.

Pe. José Antonio Trasferetti

1 - À beira do rio

a) Sobre amizade e solidão

“O sentimento de solidão
é inimigo da paz para o coração.”

Este pensamento caberia bem no arranca-folhas da Folhinha do Sagrado Coração de Jesus que revendemos no início de cada ano. O povo gosta da Folhinha com suas lições de sabedoria popular, receitas culinárias, vida dos santos, piadas e outras.



O autor numa visita recente ao município de Carauari - Rio Juruá

Inventei o pensamento acima mas não para a secção de piadas. Ao contrário, o combate à solidão tem que ser levado bastante a sério; se não, a insensibilidade, a frustração, a amargura e outros males invadem o coração. Não sei até que ponto fui fiel no combate ao inimigo, mas procurava meios de evitá-lo.

As circunstâncias da personalidade e da vida alimentavam, de vez em quando, o sentimento de solidão. A sexualidade e um voto nem sempre assumido, uma espiritualidade um tanto vacilante, o trabalho difícil num ambiente extremamente injusto, as andanças numa região longínqua e inóspita, o isolamento na selva, numa cidade sem muitas opções de lazer, tudo isto tinha que reforçar o combate.

Deixo a Deus julgar até que ponto se justificava, ou não, uma certa malandragem nesta luta contra a solidão. Sei que há elementos que caberiam muito bem na *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque, que cheguei a assistir nos anos '70 no Rio de Janeiro, e cujas músicas fazem parte da minha coleção.

Falando do Rio de Janeiro, Lúcia era carioca da gema e foi, por um certo tempo, companheira no combate. Veio trabalhar como voluntária da OPAN (Operação Anchieta), convivendo com os índios Kanamari no Rio Jutai. Em 1983 convidei-a para coordenar o Departamento do MEB (Movimento de Educação de Base) em Carauari. O antecessor tinha sido demitido por ter-se tornado cabo eleitoral do PDS de então, opção política inadmissível para quem trabalha com o movimento popular.

Lúcia se encaixava bem no trabalho e ficamos muito amigos. Tinha cursado o conservatório de Música e tocava violão que era uma beleza. Animava bastante os encontros de seringueiros daquele tempo, compondo músicas com os mesmos.

Numa certa época organizávamos, quase semanalmente, uma noite de lazer que consistia em papo, música e jantar. Além de nós dois, participavam Ilcilete, Helena, Célia, Carlos, Vanderlei e Chiquinho. Esta turma jovem, amante da música popular brasileira, colaborava com um ambiente descontraído e divertido.

A regra era que os homens deviam trazer a cerveja e os refrigerantes, e as mulheres providenciavam a comida que era sempre uma galinha assada ou até pato-no-tucupi, um prato preferido dos paraenses. Este último entrou no cardápio depois de uma conversa sobre o Círio de N.S. de Nazaré em Belém. Numa ocasião, eu contava sobre aquela festa anual na capital do Pará onde havia trabalhado por dez anos. Relatava, inclusive, algumas anedotas: uma ligada ao assunto “pato”, que passo a contar.

É costume os parentes interioranos, que vêm participar do Círio, trazerem um pato para a ceia tradicional no 2º domingo de outubro. Os barcos lotados despejam os devotos nos portos, e haja filas nas paradas de ônibus, no mercado Ver-o-Peso. O seu Geraldo estava na fila. A bolsa com a rede e roupas numa mão e o paneiro com o pato na outra. Cansado de tanta espera, colocava o paneiro no chão. Finalmente, chegou o “Jurunas”, linha de ônibus do seu destino. Seu Geraldo abaixou-se para pegar o pato. Em vão... Tinha sumido. Queixava-se do ladrão ao vizinho da fila. Este penalizou-se com a vítima, expressando-se assim: “Rapaz, que coisa! Trouxe de tão longe... Cidade grande é fogo, não dão sopa não!”. E, levantando o braço, continuou:

“Para não ser roubado, não largo meu paneiro de jeito nenhum”. Era o do Geraldo... Este, na aflição e no empurra-empurra da fila, nem percebia a mutreta do vizinho ladrão.

Quando a ala feminina da nossa turma “combate à solidão” soube que eu apreciava o pato-no-tucupi, não havia problema: o prato passou a ser servido freqüentemente. Nesta altura, ficava um tanto preocupado achando que as despesas das mulheres eram desproporcionais às dos homens. Afinal de contas sabia que o prato era caro nos restaurantes de Belém. A resposta à minha preocupação foi uma gargalhada maliciosa.

Só tempos depois fiquei sabendo da malandragem. Com a volta da Lúcia para o Rio de Janeiro, o grupo já tinha sido desfeito. Era a Helena que fornecia os ingredientes principais dos nossos jantares. De graça... Era uma “ladra” de galinha perfeita. Na véspera dos nossos encontros, visitava a casa de um parente ou conhecido qualquer, pois tinha vários endereços de ‘fornecedores’. Levava milho e

uma sacola com roupas para disfaçar. Qualquer descuido dos moradores da casa era fatal. Jogava o milho e imitava um "thju-thju-thju-thju" sedutor. Num gesto brusco, não apenas agarrava a coitada, mas, num puxão certeiro, a matava na hora. Na casa da tia, levantava até uma tábua do assoalho do quarto de dormir. Alegava cansaço para deitar um pouco e, enquanto a tia se ocupava com os afazeres na cozinha, fazia seu ataque assassino.

Os donos das criações nunca ligavam o sumiço à visita recente da Helena. Sem desconfiarem de nada, pagavam o pato dos nossos jantares...

Que saudade daquele tempo! A distância geográfica limitou minha amizade com a Lúcia, mas continua através de uma carta, telefonema ou uma visita rápida e esporádica. Hoje, no combate à solidão, ela encontrou mais do que amizade. É o José, que reparte com ela o amor.

b) A morte trágica

"Só Deus sabe. Ele tem seus planos e, sem dúvida, Ele está preparando um tempo melhor para este povo sofredor". Este cântico de esperança cantamos várias vezes durante a Assembléia da Prelazia de Tefé, no início do mês de janeiro de 1981.



O rio traz morte e vida

Um dos participantes era o Pe. Guilherme Burmanje que, na viagem da volta desta reunião, morreu afogado no rio Juruá no dia 29 de janeiro do mesmo ano.

"Só Deus sabe..."

Pe. Guilherme tomava conta da Paróquia mais distante da Prelazia, no município de Itamarati, a 1830 km de Tefé. Um total de 10 dias de viagem. Tinha 61 anos.

Como era costume, passava alguns dias com a gente em Carauari fazendo compras, resolvendo algum assunto no Banco.

Ajudou a gente na instalação de um aparelho radiofônico, que todas as paróquias receberam naquele ano para facilitar a comunicação mútua.

Partiu dia 27, acompanhado por 4 moças, que estudavam em Tefé e foram passar suas férias com os familiares em Itamarati. Três dias depois, a Alda, uma das passageiras, entrava em nossa casa transtornada. Não tinha sequer condições para contar o acontecido e a encaminhamos à médica para um tratamento à base de calmantes.

Soubemos que o barco, depois de 24 horas de subida no rio, tinha encalhado num banco de areia. Sozinhas, as moças não conseguiram empurrá-lo. O Guilherme desceu à água também e, depois de muito esforço, o barco desencalhou mas “fugiu”, pois a máquina estava em marcha-a-ré. As meninas conseguiram segurar-se no barco ou nadar para a beira. Sem poder prestar socorro, viram o Guilherme se batendo na correnteza sendo tragado pelas águas do rio Juruá.

A ajuda veio depois através de alguns ribeirinhos que foram parar o barco duas voltas abaixo. Imediatamente juntaram os colegas e saíram de canoa à procura do corpo. Procuraram 10 horas em vão... A noite passou e uma embarcação trouxe o barco de reboque para Carauari.

Entramos imediatamente em contato com a Petrobrás, que fazia prospecção de petróleo e gás no município e tinha uma base na cidade. Helicópteros voavam continuamente na região deixando homens, mantimentos e material nas clareiras da mata onde se realizavam os trabalhos. A matriz de Belém autorizou a liberação de um helicóptero. Procuramos os melhores pescadores da cidade que embarcaram, no dia seguinte, com suas redes rumo ao local do sinistro. Outras 8 horas de procura em vão, a não ser um pedaço do dedo indicador que foi encontrado numa piranha aberta a faca por um pescador, num lugar de muito reboliço, nas águas. O mesmo foi colocado no formol e encontra-se no cofre da Casa Paroquial de Carauari.

Na ocasião desta morte trágica do colega, escrevi para o *Boletim da Prelazia*:

“Centro Comunitário Pe. Guilherme”

A vida e a morte do Pe. Guilherme foram como o peixe e a farinha: o prato de muitos dias nas conversas do povo carauariense.

Tristeza e esperança.

A última fez correr muita gente ao aeroporto.

O helicóptero sobrevoava a cidade.

“Poderemos dar a última despedida ao querido amigo?”

Cansaço e decepção no rosto dos pescadores.

Desembarcaram o caixão feito às pressas. Vazio. Devemos conformar.

A água que dá vida ao amazonense nato,

levou à morte o amazonense de coração.

Porém, a esperança não morreu. Ao contrário, se fortificou na bem freqüentada missa do 7º dia.

“Temos um bom amigo perto de Deus que falará por nós...”

“Foi ele que fez o nosso casamento...” “Arrancou meus dentes...” “Andou medicando minha filha e salvou-a com o poder de Deus...” “Batizou três filhos meus...” “Ficou brabo com o patrão que nos roubava na conta...” “Era muito alegre e brincalhão...” - é a voz do povo.

Nada de estranhar, portanto, a decisão da Comunidade do Bairro da Olaria; formada também por alguns moradores que nos últimos meses vieram da Paróquia de Itamarati: “Queremos uma escola para nós e nossos filhos!” Recorreram à Paróquia, à Prefeitura, às próprias forças. Depois de muita luta, tudo prontinho para começar as aulas e continuar as reuniões. Sugestão do prefeito para o nome: Centro Comunitário Pe. Guilherme. Votação, 100% de aprovação.

Diariamente, 50 pessoas, entre crianças e adultos, vêm procurar as sementes de melhores conhecimentos. Iniciou-se também uma horta comunitária: outras sementes estão brotando. A tua semente encontrou terra fértil, Guilherme: no coração desta gente que lhe deu uma justa homenagem.

c) Haja esperança...

Não há médico nos dois municípios vizinhos de Carauari (Caitaú e Itamarati), às margens do rio Juruá. Estamos falando de uma região de 44.879 km², ou seja, do tamanho do Estado do Rio de Janeiro. Importa, se existe menos de um habitante por km²?

Doentes não faltam nestas bandas e pode-se imaginar a alegria do povo de Itamarati quando recebeu a notícia de que

o Prefeito tinha conseguido contratar um médico. Infelizmente, a alegria durou pouco.

Passo a citar o jornal A CRÍTICA de Manaus: "Lucas Correia Pinto, o 'doutor' Lucas, como é chamado, 61 anos, sem residência fixa, conhecido por usar falsidade ideológica e se fazer passar por médico cirurgião e ser acusado de ter deflorado meninas menores de 14 anos de idade, foi preso no último dia 06 de junho de 1991, no Município de Itamarati, no rio Juruá, pelo delegado, o sargento da PM, Wagner José Fernandes.

O falso médico foi preso no Hospital do município, acusado de ter estuprado três menores, que, segundo ele, estariam com problemas ginecológicos e precisavam ter o hímen rompido".

Conta o jornal que as investigações do delegado comprovaram que o "doutor" Lucas usava mais três nomes falsos, entre eles, o de um médico falecido no Estado de Tocantins, onde chegou a ser nomeado diretor de um Hospital.

Em 3 de dezembro de 1987 havia sido preso no Pará, acusado de ter estuprado menores, além de ter passado 19 cheques sem fundo usando o falso nome (presentinhos nunca faltavam para suas queridas vítimas).

No Amazonas, já trabalhou nos postos médicos dos municípios de Novo Ayrão, Borba, Humaitá e Itamarati, onde novamente foi desmascarado. A prisão do "doutor" Lucas foi feita após várias reclamações de moradores do município, que consideravam "estranhas" as receitas passadas pelo médico.

Na delegacia, o falso médico acabou confessando. O delegado Wagner conseguiu, então, um mandado de prisão temporário e resolveu transferi-lo para Manaus. Devido à distância e à dificuldade de transporte, o falso médico foi liberado em Manaus por ter extrapolado o limite da prisão temporária e o delegado não ter conseguido a decretação da prisão preventiva em tempo hábil.

Segundo o delegado, o "doutor" Lucas foi visto ontem, na sede da Associação dos Municípios, na rua Lobo Dalmado, onde estava tratando da sua transferência para outro município do Amazonas.

“Rogai e olhai por nós, S. Lucas, evangelista e médico, padroeiro dos profissionais de saúde. Usou-se o seu nome e profissão em vão”.

E o povo continua desassistido, numa região do tamanho da Holanda, Suíça, Dinamarca. Importa o número de habitantes? Quem não se preocupa com a eterna falta de assistência médica nestas plagas longínquas?

Anos atrás ouvi falar de um projeto de lei propondo um serviço obrigatório no interior, dos recém-formados em Medicina. Seria uma ótima lei, se os salários fossem compatíveis. O povo os receberia com gratidão. Creio que se encontrariam jovens idealistas para tal missão.

2- Anotações de viagem

a) Visita pastoral

Mais uma visita pastoral na beira do rio Juruá neste último mês do ano. Subindo o rio percorremos 400 km com 25 localidades para serem visitadas na descida. Durante os 12 anos que trabalho nesta beirada, vi o êxodo. O Egito, terra da escravidão, e os faraós só têm outros nomes nestas bandas. E a terra prometida é justamente aqui, melhor dito, a terra do Gênesis. Mas acontece que a educação, a assistência à saúde e preços injustos pelos produtos do mato devem fazer parte deste “Paraíso”. Luta-se sempre mais para isto.

A Paróquia, o Sindicato dos Seringueiros e o Ajuri se fazem presentes nesta luta. Ajuri são grupos de reflexão bíblica que inspiram solidariedade e lutam contra a escravidão. Está em andamento uma cooperativa de borracha, bananas e outras frutas. Assim, a compra comunitária de mercadorias se torna mais em conta.

Um visitante, de passagem em Carauari, admirou-se tempos atrás, dizendo: “Centenas de quilômetros pelo rio e nenhuma igreja ou capela.” A Igreja? Ela se reúne diariamente na solidariedade dos seringueiros, na roça comunitária, na ajuda uns aos outros, nas aulas de alfabetização e assim por diante. E nestas semanas de visita pastoral, a Igreja se reúne na casa de Dona Raimunda ou Sr. Francisco.

O rio está enchendo bastante. Nestes últimos meses, os ribeirinhos conseguiram um rancho extra. Há muitas praias na época da seca e nelas, adubadas pela natureza, pode-se plantar sementes de ciclo curto, tais como melancia, milho e feijão. A macaxeira precisa de um mês a mais e está sendo ameaçada pela enchente.

Na subida, pode-se ver aqui, acolá, homens, mulheres e crianças colhendo a macaxeira não totalmente amadurecida, o que significa um prejuízo, porque a farinha será de qualidade inferior.

A enchente também está nos prejudicando, pois há muito pau descendo na correnteza. O holofote é muito fraco e não há luar. Para não correremos o risco de bater num pau, somos obrigados a encostar na beira, lá pelas 19 horas e, deste jeito, podemos alegrar, durante 4 noites seguidas, uma família de seringueiros com uma visita inesperada.

Ainda na metade da viagem, já havia batizado 64 crianças. Não é sempre fácil descobrir a data do nascimento. As vezes, ficam se perguntando uns aos outros. Aí vem a solução de um vizinho: “nasceu num dia em que atirei na onça que já tinha acabado com dois porcos meus...”. Um tiro fora do alvo quanto à data do nascimento... As vezes, o jeito é adivinhar. Tento sempre caprichar na emissão da certidão do batismo. Geralmente, é o único documento de identidade por muitos anos. O registro de Cartório se torna difícil devido à distância. Para avisar os vizinhos do nascimento, dá-se dois tiros no caso de ser menina, e três em caso de menino. O último sempre merecendo mais porque é homem. O machismo começa no nascimento. Dona Fátima é mulher mesmo, ganhando de todas as mulheres holandesas. Com a idade de 29 anos é mãe de 12 filhos. Além dos filhos, o pai produz anualmente 800 quilos de borracha, entre outros, para a indústria crescente de camisinhas...

No meio dos cartões, dois anos atrás, estava um de Chico Mendes... “também no Ano Novo, muita força na luta”. Poucos dias depois, 28 de dezembro, veio um telefonema: “Chico Mendes foi assassinado”. Sua luta tinha terminado. Conheci Chico Mendes nos anos 80 em encontros de seringueiros que foram realizados a nível regional, na luta contra a destruição da floresta. Hoje, dia 12 de dezembro,

inicia-se finalmente o processo contra os assassinos. O interesse internacional é muito grande. No meu rádio ouço relatos do processo em línguas diferentes.

Realmente, Chico tornou-se um líder dos defensores do meio ambiente. Logo o Darci confessa o assassinato. Ele é filho de um latifundiário, o mandante. E estes, até agora, ficaram impunes nos processos de assassinato de centenas de agricultores e seringueiros dos últimos anos. Será que desta vez a pressão internacional ajudará para que a justiça brasileira condene um poderoso e o coloque na prisão? Será pela primeira vez e o saberemos nos próximos dias.

13 de dezembro: a Igreja comemora Santa Luzia, padroeira dos cegos. Há muitos anos que levo comigo na viagem quadros de santos e o estoque nunca chega a ser suficiente, pois o povo aprecia muito a sua veneração. Não cabe a mim, missionário do mato, escrever um tratado a respeito desta religiosidade popular.

O fato é que Santa Luzia é uma das favoritas. Esta preferência está relacionada com a vista ruim do ribeirinho. As lamparinas à noite, a fumaça irritante na defumação da borracha, a pesca diária, quando o sol tropical castiga a vista e o alimento pobre em vitaminas, tudo isso são coisas que prejudicam a vista. Hoje, então, haverá aqui e acolá na beirada festas em homenagem a Santa Luzia. Faz-se uma novena com rezas e cantos, prepara-se uma ceia para os convidados com carne de porco assada e dança-se até a madrugada. Numa região onde as famílias moram distante uma das outras, as diversas festas dos santos facilitam uma confraternização e muitos jovens encontram, graças à devoção, o companheiro ou companheira de vida.

Nos próximos dias tento refletir com o povo a partir dos sentimentos que o mesmo tem em relação à santa. Durante as conversas, nos batizados e novenas, procuramos juntos descobrir as causas da nossa "cegueira". Devemos enxergar melhor necessidades de colaboração e união nas nossas comunidades.

Devemos abrir os olhos diante dos comerciantes e patrões que querem nos enganar. E os políticos também não parecem ser nossos amigos: querem jogar areia nos olhos da gente com promessas que não cumprem.

Chorando, Dona Irene me dá um abraço. Há um mês que seu filho de 12 anos morreu, picado por uma cobra. O filho mais velho. Já ajudava bastante, pois garantia o peixe de cada dia. Em silêncio, andamos pelo mato até o túmulo: uma cruz de paus, uma mãe muito aflita colocando umas velas acesas na terra. Da minha parte, água benta, uma oração e um nó na garganta.

Hoje, já é pela quarta vez durante a viagem que se colocam as mesmas queixas na reunião: pesqueiros de Manaus infernizam a vida dos ribeirinhos. São bem equipados com redes de arrastão e com frigoríficos para a conservação do peixe. É tempo de desova: o peixe sai dos lagos e afluentes e em cardumes de milhares nadam ao encontro da morte. O que mais dói neste crime é que alguns moradores da beirada são aliados. Em troca de algumas ferramentas, um par de botas ou um pedaço de fazenda para vestir mulher e filhos, os mesmos emprestam suas canoas à tripulação e indicam os melhores lugares da pesca. Novamente se organiza uma comissão para convencer os colegas seringueiros de sua atitude errada, O Sindicato e o padre protestarão mais uma vez junto às autoridades competentes na capital do Estado.

b) A morte do Pe. Francisco

13 de maio, Festa de N. S. de Fátima. Algum vento missionário de Portugal fê-la aparecer também no Rio Juruá, no coração do Amazonas, onde se tornou padroeira do município de Caiaú. O Pe. Francisco foi por sete anos responsável por esta Paróquia. (Observa-se que as paróquias do interior do Amazonas abrangem o tamanho do município e haja tamanho!...)

Em 1989, de férias na Holanda, o Pe. Francisco recebeu dois avisos prévios do coração. No segundo, desmaiou e quando recuperou os sentidos, já na UTI do hospital e cercado de médicos, brincava dizendo que se julgava no meio dos Padres Brancos que era sua Congregação... Contra o conselho desses sacerdotes brancos da ordem do esculápio, o Pe. Francisco retornou para Caiaú, onde, no ambulatório local, costuma faltar até esparadrapo, imaginem então o

atendimento médico! Ele sabia do risco que corria. O irmão gêmeo já havia morrido do coração, mas o Chico Branco, como era chamado por nós, dizia que, se fosse para morrer, preferia que fosse no meio do seu povo. Dito e feito... Faleceu no dia 06 de outubro de 1990, aos 62 anos. E foi o povo que o enterrou sem a missa de corpo presente, embora o bispo e os colegas fossem avisados pela radiofonia.

Foi mais uma ocasião em que se fez sentir, dolorosamente, o problema das distâncias desta imensa região. Um padre de Carauari levava 22 horas para chegar em Caitaú e o da Paróquia de Fonte Boa (já no rio Solimões) precisava de 26 horas. De Carauari, o colega Antonio tentou deslocar-se numa voadeira emprestada (10 horas de viagem) mas faltou gasolina na cidade e o bispo, Dom Mário, numa visita pastoral em Fonte Boa, embarcou imediatamente rumo a Caitaú, sabendo que encontraria apenas a cruz plantada na terra.

Soube-se depois que o Chico não estava se sentindo bem naqueles primeiros dias do mês de outubro. Suava demasiadamente, queixava-se de falta de ar e cansava-se com o menor esforço. Uns amigos da Paróquia lhe aconselhavam viajar para Tefé onde encontraria um médico, os colegas e uma melhor assistência. Mas Chico desconversava e, em vez de atender ao pedido dos amigos, escrevia o seu testamento, no dia 3 de outubro. Avisou que deixava o mesmo na gaveta de sua mesa. O bispo chegou no dia 8 para a celebração da Missa e a bênção do túmulo. Naqueles dias reuniu-se com uns colaboradores da comunidade tentando encaminhar o andamento de mais uma Paróquia sem padre.

Abriu-se o testamento manuscrito que dizia o seguinte:

To whom it may concern:

Caso eu morra, as coisas terrestres que pude chamar minhas devem ser divididas na seguinte maneira: o dinheiro da poupança da Igreja de Caitaú deve ser dado ao bispo Dom Mário para guardar em nome da Paróquia de Caitaú. Fica pois pertencendo à Igreja de Caitaú. O outro dinheiro das poupanças, todos no Banco do Brasil, deve ser dado a Maria Lúcia Ribeiro, a minha cozinheira, mulher do João Saldanha Medeiros.

A máquina plainadeira e todos os instrumentos de trabalho, chaves, tornos, martelos, grampos, etc. vão para o Manoel, o homem que trabalhou de graça na casa nova.

As coisas da cozinha ficam em posseção da Paróquia. O trator ou girico, a televisão, os tambores devem ser vendidos e o dinheiro vai para a Prelazia. A balança na loja de Aécio vai pertencer a Aécio mesmo.

As máquinas de costura: vender, e o dinheiro é para a Prelazia. O motor (barco) em reparação também. As mercadorias, ainda existentes, vender e o rendimento vai para a Prefeitura para ajudar pobres na compra de remédios. O dinheiro na caixa da casa é para Maria Lúcia Ribeiro, menos a parte que pertence à Igreja (rendimento da festa o que consta no livro-caixa em mãos de Loló, Maria Eloísa Teixeira).

Dia 03 de outubro de 1990

Francisco Bazelmans

Na ata da reunião consta a identificação das pessoas citadas no testamento, como também o esclarecimento de algumas passagens menos claras do mesmo. Finalmente, a ATA foi assinada por todos os presentes e levou como data o dia 10 de outubro, uma semana depois de feito o testamento.

Impressionaram-me as circunstâncias em que o colega viveu seus últimos dias. Pressentindo a morte e escrevendo sua última vontade, deve ter sofrido uma angústia enorme. O que se passou pela sua cabeça e pelo seu coração? Numa manhã, a cozinheira Maria Lúcia encontrou-o acamado. Quase ia achar um Chico cadáver, falou. Tinha passado a noite em claro lutando com a falta de ar. Como teria enfrentado a solidão? Por que não convidou alguém para dormir na sua casa? Qual o amigo ou amiga do peito com quem podia conversar, sentir afeto e carinho? Nenhum colega por perto para lhe dar conforto.

Iniciando seu testamento, sobreveio a reminiscência de uma outra época de sua vida. Era a Tanzânia (África) onde trabalhou por 12 anos e onde a língua corrente era o inglês. Aliás, o testamento mostra claramente para que o Chico veio: servir o povo. Além dos seus colaboradores próximos, lembrou-se dos pobres ajudando-os até depois da sua morte.

Pela janela da casa vejo um container do tamanho de um caminhão. Durante suas férias na Holanda, de 3 em 3 anos, o Chico arranjava toneladas de objetos, especialmente tecidos para roupas e mosquiteiros, as mercadorias mais caras para o povo interiorano. Mas Chico vendia tudo por preços módicos aborrecendo bastante os comerciantes regionais acostumados a duplicar os preços das suas vendas e explorar o povo. Uns colegas questionavam a missão mercantil do Chico, embora a mesma beneficiasse a pobreza. Ninguém escapa de ser um tanto paternalista, de vez em quando, mas num peso de toneladas já era demais... Uma dependência da sua casa funcionava como loja onde vendia, além de uma grande variedade de tecidos, produtos de primeira necessidade: açúcar, sal, feijão, arroz, café, leite em pó etc. Ninguém convencia o Chico-comerciante da inoportunidade dos negócios e da necessidade de outras formas de ajuda ao povo oprimido, explorado e desorganizado.

Em contrapartida, o Chico-dentista oferecia uma ajuda oportuna ao povo carente. Aliviava a dor de dente de muitas pessoas que o procuravam na falta de uma assistência dentária da parte das autoridades competentes. O Chico-construtor arquitetou duas Igrejas e residências em ambas as Paróquias da Prelazia onde trabalhou (Uarini e Caitaú). Trouxe uma experiência interessante da África que aplicava na estruturação das duas casas. São construções bem arejadas, perfeitamente adaptadas ao clima tropical. O quarto de dormir, com janelas nas quatro paredes, leva no cume uma peça quadrada com frestas que aumentam a ventilação. (O povo chama a casa de pombal embora nunca tenha visto tal abrigo de pombos. Como a GLOBO ensina...) Claro, tudo telado, afastando assim qualquer inseto que possa perturbar o sono.

Resolvi confiar e fui dormir sem mosquiteiro. Mas não contava com os morcegos escondidos atrás da caixa d'água. A noite é deles. Ao acordar, o susto foi grande: o dedão estava sangrando. Em todos esses anos já tinha ouvido falar de muitos casos sobre ataques de morcegos, chupando gado, galinhas e até gente. Lembro-me que, quando vi pela primeira vez uma rede de pesca estendida sobre um galinheiro rústico, achei estranho o lugar para secar uma rede. Mas era para proteger os bichos contra o inimigo

chupador. O animal ou a pessoa não reage pois o maldito anestesia a mordida batendo asas. Se o dono dos animais não tomar providências, as visitas noturnas dos morcegos acabam com os bichos. Sempre achei as histórias a respeito mórbidas, dignas de um filme de terror. Confesso que, mesmo depois de um curativo bem caprichado, passei o dia todo apreensivo. Declarei-me o maior burro da paróquia por ter dispensado o mosquiteiro. Logo numa casa que possui o maior contingente da região...

Vejo na varanda a mesa do Chico-jogador. Ele era um exímio jogador de dominó. Reunia-se, quase diariamente, com alguns homens do lugar para jogos, não raras vezes até a madrugada.

Era uma forma de enfrentar a solidão num ambiente sem muitas opções de lazer.

Chico nunca chegou a morar na casa por ele construída, onde me hospedei nestes dias de festejos. As galinhas impediram que se mudasse na véspera da sua morte. Só queria ocupar a casa depois de ter feito o galinheiro, que estava no seu programa naqueles primeiros dias de outubro.

Uma das decisões daquela reunião com o bispo era que se fizesse a mudança dos móveis o quanto antes. Na mesma ocasião, o bispo foi realista quando comunicava aos presentes que não havia nenhuma perspectiva de um substituto do Pe. Chico. Caitaú era a quarta Paróquia da Prelazia sem padre. Prometeu, sim, uma assistência, de vez em quando, e na medida do possível. Assim, o Pe. Domingos de Tefé celebrava a Festa de Natal daquele ano. Na Semana Santa seguinte foi a vez de uma equipe de catequistas da área de Tefé marcar presença em Caitaú animando as celebrações. E agora, mês de maio, na ocasião dos festejos da padroeira local, encontro-me a serviço da comunidade.

O bispo não só pediu minha presença nesta festa, como também o atendimento ao interior da paróquia aumentando o trecho do “meu território” com 400 km, rio abaixo, somando o trajeto para 900 km.

Mas nem sempre é o pastor que vai à procura das ovelhas. N. Sra. de Fátima está dando uma boa ajuda à sua festa. Muitas pessoas vieram prestar sua homenagem, inclusive do interior. A presença do padre foi comunicada

pelas rádios Rio Mar de Manaus e Educacional Rural de Tefé. Muita gente procurou o padre para casamentos e batizados. Foram respectivamente 7 e 84.

Quando anotava o batizado de uma criança com mãe solteira, lembrei-me do Chico-brabo, para não dizer grosseiro. Nunca soube da reação da mãe, coitada, mas o fato virou anedota para muitos. Batizando uma menina, a terceira criança de uma mãe solteira e pai diferente, o Chico completou a fórmula “Eu te batizo, etc. com as palavras: ‘e não seja puta que nem sua mãe.

Depois das novenas realizaram-se os bingos tradicionais. O dia da festa, “13” de maio, não foi nenhum dia de azar. Ao contrário, muita devoção numa procissão bem participada, alegria num torneio de futebol e animação num baile de encerramento.

Esta festa de um povo alegre e sofrido me faz lembrar um canto do nosso livro da Prelazia de Tefé: O POVO CANTA SUA LUTA. É o “Ave-Maria” do povo:

“Companheira de Luta
Maria da União
Reforça os laços da gente
e livra-nos da opressão”.

Rio Juruá, mês de maio de 1991

c) O retirão. O caminho com os jovens

O retirão durante o carnaval começa a tornar-se uma tradição depois de 5 anos. Não é difícil motivar os jovens para estes dias de reflexão e divertimento. Ao contrário, bem antes, rapazes e moças pedem uma vaga, mas os mesmos sabem que não têm vez, pois a participação depende do engajamento no grupo de jovens durante o ano todo.



Retirão anual dos jovens

Portanto, 18 “fiéis”, 8 rapazes e 10 moças, com a idade média de 16 anos. Para enfrentar uma parte das despesas (um tambor de óleo diesel, gasolina para o motor de luz e mantimentos para 4 dias), matou-se um porco. O bicho tinha sido doado no início do ano passado com a finalidade de engordá-lo para vender sua carne. Durante o ano, os jovens tinham providenciado sempre a comida: um trazia macaxeira, outro bananas, uma sobra de almoço, etc. Sexta-feira, às 19 horas, todo mundo estava a bordo. Os barcos Tupã (da Paróquia), Xiboá (do MEB) foram atracados um ao outro e assim, irmanados, saímos do porto. A viagem duraria 15 horas.

Perto da meia-noite estavam todos cansados dos papos e de tanto cantar, nas redes. A uma hora da madrugada, a Teresa pediu um remédio contra as dores de cólicas da menstruação; às 2 horas tivemos que parar na beira devido à cerração e quando, pelas 3 horas, quis cair na rede, pisei num chiclete que alguém tinha cuspidado fora... Parece que xinguei em holandês pois, de manhã, uns companheiros de viagem me falaram que tinham acordado assustados, porém, não tinham entendido minha “fala”...

Chegando ao Seringal Roque, experimentamos novamente a hospitalidade dos ribeirinhos. O grupo se dividiu em equipes e foi recebido por 4 famílias. As refeições foram servidas nos barcos e as reuniões se realizaram na escolinha local onde passamos, nos próximos dias, muitas horas de encontro para aprofundar o assunto da Campanha da Fraternidade de 1991 que trata da “Solidariedade na dignidade do Trabalho”.

Como nós sabemos, todo ano a Igreja no Brasil escolhe um tema para a Campanha que, a partir da 4ª feira de Cinzas, fica sendo aprofundado durante o ano todo. O assunto sempre é bastante oportuno. Nos anos passados, falou-se sobre “O lugar da mulher na sociedade”, “os menores abandonados”, “a discriminação do negro”. Para cada Campanha oferece-se bastante material de pesquisa, tanto para escolas como para grupos de jovens e liturgia. No decorrer das conversas constatamos que em Carauari existem poucas oportunidades de trabalho para jovens e adultos. Nem temos uma escola profissionalizante. Quem

tem 14 anos ou mais é obrigado a freqüentar as aulas noturnas, mas não existe emprego para trabalhar de dia. Os jovens ajudam na roça e na casa de farinha, apenas para garantir a comida diária.

O material da Campanha da Fraternidade 91 nos ensinou coisas horripilantes sobre o salário mínimo. Na lei consta que este salário tem que garantir as necessidades básicas de uma família de 4 pessoas (2 adultos e 2 crianças). Se a lei fosse respeitada, o salário atual deveria ser 8 vezes maior. Em 1953 trabalhava-se uma semana para comprar a cesta básica mensal. Em 1983 precisava-se de 3 semanas e meia e agora em 91, 4 semanas e meia. E isso apenas para comprar a alimentação de uma família. Isto mostra a defasagem entre o salário mínimo e o custo de vida. A inflação de 20% ao mês continua altíssima. Impensável para um holandês acostumado a uma inflação de apenas 1% ao ano.

A lei exige também uma Carteira de Trabalho assinada para todos os assalariados que traz alguns benefícios para os seus donos. Apenas 60% dos trabalhadores no Brasil possuem esta Carteira.

O que me impressionou bastante foi uma tarefa que os jovens, a certa altura, tinham que executar: cada um recebia uma cartolina, lápis, pincéis. Através de um desenho e um texto devia-se apresentar uma profissão que cada um gostaria de exercer. Combinamos permanecer realistas, isto é, dentro das possibilidades que temos (em Carauari ou Manaus). A maioria da turma tem desejos e aspirações claras a respeito do assunto e levou a tarefa bastante a sério: enfermeiro, jogador de futebol, professora, fotógrafo, dentista, médico, piloto e até padre e freira. Eles conhecem todas estas profissões de perto mas acontece que estes profissionais tiveram melhores oportunidades de estudo e formação. Em todo caso, na oração da noite, naquele dia, pedi a Deus que alguns sonhos (de preferência todos) destes jovens, que têm tão poucas perspectivas profissionais, se realizassem.

O que animou os encontros diários foram os cantos feitos para esta Campanha da Fraternidade. Os mesmos têm um ritmo de samba e foram bem aceitos. Além disso, houve

brincadeiras de competição entre as equipes. O jogo de futebol contra os rapazes do seringal foi perdido por 5 a 3 e a fraternidade entre os jovens e a população local se consolidou mais no encerramento com bingo e festa dançante.

E, avistando Carauari, na terça-feira de tardinha, fiquei mais tranqüilo... Ficava às vezes com o coração na mão na hora de alguém subir numa árvore feito macaco, ou querendo ficar pendurado numa corda atrás dos barcos em movimento.

Chegando em casa atendi um telefonema de um casal amigo para tomar uma cerveja numa festa carnavalesca. Aceitei, mas depois achei bom ter caído um temporal que me impediu de sair de casa. Como cinquentão senti bastante cansaço depois de uma convivência de 4 dias com uma turma jovem. O coração pode rejuvenescer, mas o resto... Boa noite. Quarta-Feira de Cinzas/ 1991.

d) O sumiço do marido

Chego na casa da Dona Veneranda. No trapiche, uma escadinha de filhos, mão levantada para o padre: "Deus te abençoe, Deus te dê saúde". Pergunto pelo pai da criança. Veneranda responde: "Faz dois meses que Manoel saiu da barraca dizendo que ia arrumar uma farinha. Que farinha é essa que não voltou até hoje?"

Caso raro de um seringueiro abandonar sua família.

Veneranda me diz que o marido andou se queixando ultimamente do preço da borracha, da carestia das mercadorias, até da doença de um filho para quem tinha que comprar remédio caro no regatão. Falava em se mudar para a cidade, trabalhar na Petrobrás como outros compadres.

Agora ninguém sabe do destino de Manoel. Não adianta especular. Pode ter embarcado numa balsa rumo a Manaus ou Belém do Pará. A Veneranda diz que vai procurar sua mãe em Tefé. Sem dúvida, será amparada com amor materno o qual, entretanto, não impedirá o sofrimento de mais uma família chutada da beira do Juruá.

Já sozinho, na poupa do Tupã, fico pensando no "fujão" que, desesperado, tirou o time de campo.

Um casal de araras com seus gritos alarmantes chama a minha atenção. É sabido que esses pássaros só voam dois a dois, macho e fêmea, inseparavelmente. Não gostam de viver em bandos que nem garças, patos, maracanãs, graúnas. Vida típica de um casal juruanense morando longe uns dos outros pelos beiradões dos rios, lagos e paranás. Na hora do casamento dos interioranos tenho falado sobre a união exemplar das araras. Reparo hoje, mais do que nunca, como o grito delas é alarmante e assustador.

De fato, a minha comparação “matrimonial” com as araras só vale se os mesmos estiverem de bico calado. Se não, pode-se desconfiar que a tão elogiada união é uma fatalidade do destino que provoca tamanho alarme de desgosto. Um desgosto que fez o Manoel abandonar sua companheira e tudo o mais.

e) Uma visita alegre

É sempre uma alegria visitar as famílias de Forte das Graças, uma comunidade firme que nem a terra onde habita. Terra alta, inatingível pelas enchentes anuais, com campo de gado e futebol. É a maior comunidade no



Inverno, época da enchente

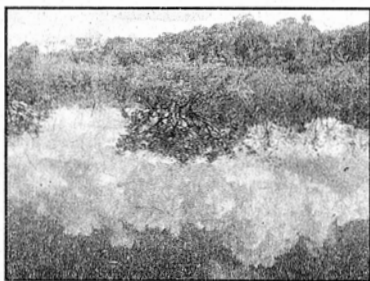
trecho Carauari/Caitaú numa extensão de 400 km. Seus moradores são quase todos parentes, compadres, comadres e não existe mais patrão. É justamente o último fato que faz diferenciar o Forte das Graças de tantas outras comunidades. Ninguém é sujeito ao patrão nem perseguido para pagar renda ou sofrer outras formas de dominação que, apesar da resistência, ainda persistem na região. Aliás, ninguém exerce mais a profissão de seringueiro e todos ganham a vida na agricultura, na criação de gado, animais domésticos e na pesca. A comunidade fica apenas 3 horas distante da sede do Município de Caitaú onde pode vender seus produtos e comprar mercadorias.

O Ajuri/mutirão faz parte da vida diária da comunidade. Na minha chegada, uma dúzia de homens está arrastando uma canoa pelo meio da mata até a beirada do rio. (Derruba-se uma árvore, tipo jacaré-uba ou miratuá, escava-se a tora e abre-se a mesma com um fogo. O acabamento, como colocar bancos, uma quilha e a calafetagem é feito perto do rio.)

Uma turma de mulheres está voltando também da capoeira onde passaram o dia encoivarando, preparando uma roça comunitária. A noite fazem outro Ajuri, o da Palavra de Deus, subsídio usado em toda a nossa Prelazia. A capela está lotada e a celebração animada. Todos participam com cantos, gestos e rezas. Na reunião, escolhe-se Raimunda e Rosângela para participarem do Curso de Catequistas em Carauari. Continuo mais um dia na comunidade visitando as famílias, batizando as crianças e celebrando a Eucaristia. Na saída, uma amostra da boa amizade: ganhamos bananas, limão, ingá, ovos de galinha e uma garrafa de tucupi. As futuras catequistas Rai e Rô são uma companhia agradável pelo resto da viagem.

f) O Santo da maior devoção do rio Juruá

No início do mês de outubro passo pela boca do Rio Andirá. Alguém agita um pano branco que é um pedido de parada do Tupã. Seu Vítor me mostra um capado no terreiro que matará nos próximos dias para oferecer um jantar à vizinhança. Convida-me para participar dos festejos



Natureza bela, se preservada

em honra de São Francisco. Infelizmente, não posso aceitar o convite. É justamente por isso que estou viajando para Caitaú (paróquia sem padre) onde o povo me espera para os últimos dias do novenário de São Francisco, como fora combinado na última visita. Isto é, participar da procissão, fazer uns batizados e casamentos, e celebrar umas missas, dentre elas, a missa do Primeiro Aniversário da morte do Pe. Franciso.

A devoção para com São Francisco é grande neste beiradão do rio Juruá. É uma herança do século passado quando levas de nordestinos foram trazidos para a região, entregues à sorte e “ao-Deus-dará”.

Imagino o impacto que os emigrantes tiveram com a mudança. De terras áridas para uma região exuberante de verde e água. Da caatinga para a floresta densa com suas árvores frondosas, nunca vistas na terra natal.

Seria a “terra prometida, cheia de leite e mel (da seringa)”, se não fossem as doenças e a escravidão. Outras páginas nos relatam as desgraças que os soldados da borracha tinham que enfrentar O São Francisco de Canindé migrou junto com os nordestinos para o rio Juruá como protetor celestial, uma vez que dos homens da terra não se podia esperar muita proteção... Só Deus e o santo sabem quantas promessas foram e são feitas, aliviando dores e suscitando esperanças.

Embora a devoção a S. Francisco não faça parte da minha formação religiosa, sempre respeitei a devoção do povo em relação ao santo. Prova é que, na Casa Paroquial de Carauari e na casa flutuante que é o Tupã, não costuma faltar esse quadro do Santo, o mais procurado de todos.

As estampas vêm de S. Paulo, os vidros de Manaus e o Chico Aguiar de Carauari é o “artesão”. Os interessados perguntam: “Por quanto o Sr. troca o quadro?” Repara-se a palavra “troca” em vez de vende. Maneira sutil de dizer que santo não se compra...? Bem, cala-te boca, nada de insinuações. Ademais, as ofertas nos cofres dos santuários e nos pés do santo aplicam-se em obras de solidariedade aos humildes e necessitados, conforme o desejo de S. Francisco, pai dos pobres. Estamos conversados.

Em tempo, troco os quadros por dinheiro mesmo, pelo preço de custo.

Viajando 800 km pelo Rio Juruá para atender o povo na ocasião dos festejos de S. Francisco, me acho no direito de fazer meus pedidos também e os faço de todo o coração.

1º Pedido:

São Francisco, peço-lhe que nunca mais durma no ponto quando alguém quiser soltar um foguete em sua

homenagem. O artifício estourou na mão do Assis, seu xará, há 2 anos. Operou-se em Manaus, ficou mutilado e, até hoje, não conseguiu aposentadoria por invalidez. Isto mostra que nem o Senhor, que é santo, dá um jeito na Previdência Social onde não se beneficia, se rouba.

2º Pedido:

O seu novenário ocorre sempre no mês de outubro. Isso é lógico, pois dia 4 é o aniversário da sua morte (em 1226, quanto tempo, hein?). Acontece que é véspera de eleições quase todos os anos. Sei que isso não é culpa sua. Mas poderia proteger o povo da presença dos candidatos nos arraiais e dos noitários políticos. Eles são campeões de promessas, o Senhor também. A diferença é que eles as fazem ao povo e o Senhor as recebe do mesmo. Aliás, o povo faz tanta promessa ao Senhor devido ao descaso dos políticos, sobremaneira na área da saúde. Confere? Escrevendo isso fico meio confuso. O Senhor me entende, por favor. Sei que quando o político não aparece, digo não comparece, no arraial, isso faz diminuir o lucro em prol dos pobres, especialmente do bar, pois só ladrão pode oferecer tantas rodadas de bebida. Mas a festa em sua homenagem ficaria mais limpa, concorda?

3º Pedido:

Está ligado ao arraial também. Parece que esta forma de comemorar sua festa só dá bronca. Claro, é uma oportunidade de o povo colaborar com sua comunidade uma vez que não se conseguiu ainda implantar o dízimo. Mas não pode ser do seu agrado que os alunos dos cursos noturnos esvaziem as salas de aula durante os arraiais. Dá para ver, aí de cima, como o ensino na nossa cidade é precário? Pois é.

Mas, voltando ao pedido, trata-se dos bingos. Por que deixar ganhar o prêmio aqueles que não precisam e nem merecem?

Veja só: um irmão do Prefeito ganhou uma passagem aérea para Manaus. E não é pouca grana não. Estamos distantes da capital e a TABA (sem concorrência) sabe cobrar. Aliás, a empresa nem aceita mais ordem de passagem da Prefeitura. A conta é enorme devido à emissão de bilhetes de passagem a torto e a direito, na maioria das vezes para quem não precisa. Alguém mais pobre, que não

mama nas tetas da Prefeitura, poderia ganhar o prêmio. Venderia a passagem e compraria um rancho para a família.

O Fernando ganhou outro prêmio do bingo. O senhor sabe, além de comerciante, é dono de gado. Ofereceu uma novilha que ele mesmo ganhou junto com um parceiro. Pode?

Antes dos seus festejos, o Fernando estava encrocado com uns agricultores. Da Prefeitura tinha conseguido o título definitivo de 300 hectares de terra, incluindo seu campo de gado até então não legalizado. Acontece que oito agricultores plantam naquela área. Queimando o mato derrubado para aumentar a pastagem, seu Fernando indenizou irrisoriamente um deles e queimou a roça de um outro que não foi indenizado até hoje.

Bem, São Francisco, obrigado por ter ouvido meu desabafo com paciência. Desculpe minha intimidade, um tanto atrevida, para com o Senhor. Termino com o último pedido feito ao nosso chefe comum. Canto bonito, inspirado na sua vida e que continua inspirando tanta gente que se dedica à fraternidade, ou seja, à Construção de um mundo irmão:

“Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz. Onde houver ódio que eu leve o amor / onde houver ofensa que eu leve o perdão / onde houver discórdia que eu leve a união / onde houver dúvida que eu leve a fé / onde houve erro que eu leve a verdade / onde houver desespero que eu leve a esperança / onde houver tristeza que eu leve a alegria / onde houver trevas que eu leve a luz / Ó mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado, pois é dando que se recebe, é perdando que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna”.

3 - Carta de Dom Mário, bispo de Tefé

Dom Mário Clemente Neto escreve de vez em quando uma carta circular para os amigos. Uma parte da carta seguinte fala de uma viagem que fez comigo em 1983. Dom Mário relata algumas impressões sobre a situação do povo na beirada do Juruá.

Caros Amigos,

Tefé, 19 de julho de 1983

Mais uma vez não consegui manter em dia minha correspondência. De alguns de vocês tenho cartas bem antigas de molho ainda. Peço porém que não levem em conta e nem interrompam sua comunicação comigo. Ela me faz bem e me dá força.

Minhas notícias. De saúde estou bem agora. Já passei por quase todas as doenças da região e graças a Deus superei todas.

Estou chegando de uma viagem pelo Rio Juruá. Visitei Itamarati, uma paróquia que ainda não conhecia. É sede de município, tem 840 habitantes e sofre muito com o isolamento.

Da cidade mais próxima que é Carauari, até lá, gastam-se uns 5 dias de viagem. Partindo de Itamarati, fizemos uma viagem de uns 15 dias atendendo ao povo num trecho do rio. Atendemos assim o pessoal ao longo de uns 200 km do rio Juruá. Os padres Selço e João, de Carauari, atendem 2.000 km do Juruá e mais os seus afluentes. Oficialmente são três paróquias, mas o vigário de uma sofreu um derrame, já estava

bem velhinho e teve que voltar para a Holanda. O outro, voltando de uma reunião que tivemos em Tefé, morreu afogado no rio.

Neste trecho que visitamos, a população é quase toda analfabeta. Porém, há sempre algumas pessoas que sabem uns cânticos antigos de cor, algumas orações. Insistíamos para que se reunissem especialmente aos domingos, cantassem e rezassem, transmitindo assim esta boa semente. Iniciamos a experiência de usar um livrinho que estamos preparando. São desenhos das passagens do Evangelho em que cada desenho é acompanhado de uns versos para serem cantados numa melodia ("sófra", como eles dizem) conhecida por todos: "Bendito de S. Francisco" e "Com minha mãe estarei". Assim, depois de explicar a Anunciação mostrando os desenhos do Anjo e Maria, a gente cantava:

“Um Anjo do meu Senhor / falou para Maria que a Mãe de Deus seria a Mãe do Salvador”. Propúnhamos então que os pais, mostrando as figuras para os filhos, cantassem a passagem para eles. Também que rezassem o terço e nos intervalos dos mistérios cantassem uma das figuras.

Em uma das localidades encontramos uma senhora que sabia ler e dava aulas. Assim, várias pessoas sabiam ler. É um seringal um pouco diferente porque é livre, ou seja, pertence ao pessoal que trabalha nele. Aí eles já se reuniam para as novenas. Com facilidade aprenderam muitos cantos e se dispuseram a celebrar um Culto todos os domingos.

A situação dos seringueiros é deprimente: têm-se o “Barracão” do patrão. Os seringueiros têm que morar perto das “estradas” onde cortam seringa e, portanto, moram separados uns dos outros. A cada 15 dias vão entregar a borracha produzida e comprar as mercadorias muito caras e se paga a borracha abaixo do preço fixado pela Sudhévea. Como não sabem ler, muitas vezes somente o patrão decide se a pessoa tem saldo ou está devendo. O seringueiro sai de casa pelas 11 horas da noite e termina o corte de sua estrada pelo meio-dia. Depois ainda tem que defumar. São pessoas magras e sofridas. Se adoecem não têm recursos. Encontramos uma localidade com umas dez famílias (Kiriru), em que todas tinham tido malária. Durante nossa reunião viam-se pessoas começando a tremer com ataque de febre. Estavam todos magrinhos e amarelos. Como não podiam sair para trabalhar não tinham nada para comer.

Penso que apesar das distâncias enormes e do analfabetismo, a Igreja poderá apoiar o povo para que formem comunidades pelo menos em alguns lugares, encorajá-lo a fazer parte do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Se eles se unirem para refletir sobre o Evangelho e sobre a vida, vão achando o caminho a seguir. Onde ninguém sabe ler, incentivamos a se reunirem para rezarem o terço e falarem sobre a dureza da vida, procurando soluções. Desejo a todos vocês muitas felicidades, muita paz.

No final desta carta coletiva, escreve ele algumas linhas ao Pe. João que estava de férias na Holanda.

Caro João, Como eu tinha mais de 100 cartas para responder resolvi mimeografar uma parte para ficar mais

fácil. contei então uma parte de nossa viagem pelo rio Jurua.

Espero que você esteja passando boas férias. Escrevi também para o Falco pedindo que ele procure algumas figuras que sirvam para fazermos um livreto melhor para os analfabetos.

Desejo-lhe muito boas férias. Abraço, Mário.

CONCLUSÃO

RESERVAS EXTRATIVISTAS (RESEX): Uma bandeira dos povos da floresta

“...Eu quero viver...”

Chico Mendes

Neste limiar do III milênio existe um fato incontestável. O mundo quer progresso sem destruição.

Um homem que tem a faca como ferramenta de trabalho e cuja profissão é sangrar árvores pode endossar tal verdade? Um homem rude, silvícola, analfabeto, perseguido até pelas doenças, pode pretender ser um dos maiores defensores da floresta amazônica?

É o seringueiro que vive da e na mata. Aquele que em nada contribui para a destruição e poluição do meio ambiente. Seu tapiri é feito dos materiais da floresta, facilmente renováveis. A Natureza lhe dá o peixe, a pupunha, o cupuaçu, o açaí e a caça que ele exerce sem afetar a reprodução dos animais. Extrai o látex das seringueiras sem prejudicar a produtividade das árvores. Anda de canoa sem poluir o ar. Não faz parte da sociedade de consumo que é a maior produtora de lixo.

Não quero fazer um elogio ao primitivo e arcaico. Não custa relembrar o que se falou em outras páginas. Morre-se no interior da Amazônia de doenças que, há muito, já foram erradicadas em outras regiões do país.

Gerações inteiras de seringueiros nunca freqüentaram uma escola. A economia extrativista mantém a escravidão. Os seringueiros não usufruem da cidadania, uma vez que sequer se reconhece sua existência.

Mas, atendendo a seus direitos à cidadania, ou seja, escolarização, saúde, transporte e comercialização dos seus produtos, o seringueiro, junto com outros povos da floresta, são as pessoas mais indicadas e dispostas a preservar a tão falada região amazônica.

Esta disposição já foi manifestada pela categoria, no seu I Encontro Nacional em Brasília, no ano de 1985, quando os seringueiros começaram a desfraldar a sua bandeira de RESERVAS EXTRATIVISTAS.

Só três anos depois essa bandeira se tornou visível ao mundo inteiro, cobrindo o caixão do saudoso Chico Mendes. Com o vermelho do sangue, começou-se a preservar o verde da mata.

As primeiras reservas foram conquistadas no Acre, terra dos “empates” e muitas lutas.

1. *Crítérios para uma reserva extrativista*

Passo a descrever o significado de uma RESEX, cujos requisitos discutimos num Seminário em Curitiba, no ano de 1988. O documento final diz o seguinte:

- Entende-se uma RESEX como a regularização de áreas ocupadas por grupos sociais que têm como fonte de sobrevivência produtos nativos da floresta e que realizam exploração econômica em base sustentável.

- A implantação destas unidades requer três elementos centrais e indispensáveis:

- a) A existência de recursos naturais em condições de exploração.

- b) A presença de populações com tradição de utilização de florestas.

- c) A ação do poder público para legalizar essa forma específica de uso dos recursos naturais.

Esses três componentes devem estar harmonicamente organizados para tornar viável a implantação das reservas.

- A proposta refere-se àquelas áreas nas quais se desenvolve ou apresenta potencial para isso, um extrativismo de coleta não predatória e sustentável, ou seja, cuja exploração não leva ao esgotamento do recurso.

- As RESEX serão criadas em áreas de domínio público ou de domínio privado, desapropriadas para este fim. Serão o reconhecimento público da contribuição que esses povos da floresta Amazônica têm a dar para o futuro da humanidade.

- A regularização da RESEX será efetivada através da concessão de uso coletivo das terras às populações locais com

tradição de exploração racional de recursos florestais

- As RESEX devem atender às populações que já vivem em áreas de extrativismo sustentável e àquelas que as abandonaram e para lá queiram voltar.

- Considerem-se como objetivos principais de uma R.E. a conservação do meio ambiente, a manutenção das populações locais que exercem atividades econômicas tradicionais não-degradadoras e o desenvolvimento de pesquisas científicas que visam o aumento da produtividade e a melhoria das condições de vida das populações amazônicas em geral.

- A implantação da R.E. deve ser inserida em um contexto mais geral, voltado para a identificação de alternativas de desenvolvimento para o País, que considere o bem-estar da população e a adequada utilização dos recursos naturais.

- As áreas destinadas para R.E. devem constituir-se em locus preferencial de pesquisas básicas voltadas para a definição de modos racionais de aproveitamento de recursos naturais da Amazônia, que beneficiem a população regional e nacional e interfiram, dando suporte científico ao desenvolvimento da região.

- São necessários estudos sócio-econômicos sobre as populações presentes nas áreas destinadas para R.E. visando determinar modelos adequados para a ocupação humana dessas áreas, a racionalização e possível intensificação de sua exploração, através da formação de cooperativas, redes de comercialização, diversificação de produtos comercializados, etc.

- O governo federal deve garantir a manutenção da equivalência entre o preço da borracha natural importada e o custo da extração da borracha nativa, política de proteção estratégica dos seringais nativos da Amazônia, como condição necessária para a viabilidade da R.E.

- Considerando a população de seringueiros existentes na Amazônia e a área média por eles utilizada dentro da floresta, de trezentos hectares por produtor, chega-se a um dado importante. Sendo imediatamente garantidas essas áreas, teríamos um total de 21 milhões de hectares

racionalmente utilizados e protegidos, ou seja, quase a mesma extensão que foi destruída no ano de '87. Isso significa que existem 70 mil “fiscais especiais” que, pela sua ação econômica, garantem a conservação da floresta amazônica.

2. Reserva extrativista: Algumas vantagens

Até aqui, apresentamos alguns trechos do nosso documento final, chamado CARTA DE CURITIBA. A região do Rio Juruá, área secular de extrativismo, oferece dois dos três elementos necessários para a criação de uma reserva extrativista.

Em primeiro lugar, a existência de recursos naturais, em condições de exploração. Em segundo, a presença de populações com tradição de utilização das florestas.

Claro, a primeira oferta pode melhorar bastante. Além do látex da seringueira e da sorveira, existem muito mais recursos naturais com possibilidades de exploração. O povo usa os frutos da andiroba para fazer sabão, o óleo de copaíba para remédio, como também usa muitas ervas medicinais. São alguns exemplos. A fauna e a flora mais exuberante do planeta esconde muitos segredos para a Ciência. Precisa-se de pesquisas sobre as potencialidades dos recursos naturais. Aqui entraria uma das exigências da Carta de Curitiba, quando coloca que a R.E. deve ser o “locus” preferencial de pesquisa.

Desde já comprovou-se que a selva pode dar lucro com produtos nativos explorados racionalmente, sem agredir a Natureza.

Uma entidade ecológica, chamada “Cultural Survival”, que financia o extrativismo, apresentou o relatório de '90 quando obteve um saldo de 370.000 dólares conseguidos com a venda de 21 produtos, entre frutos, castanhas, óleos e essências nativas da floresta.

Esses produtos formam os ingredientes de sorvetes, salgadinhos, cosméticos e outros para os mercados dos Estados Unidos e Europa. Estima-se que as vendas para '91 ultrapassarão 3 milhões de dólares.

Os cientistas do Primeiro Mundo descobriram que a grande maioria dos corantes sintéticos é cancerígena. A

opção pode ser a planta urucu, um produto pré-colombiano que a região do Rio Juruá pode oferecer. E muito mais... Ela, e toda a Amazônia, oferece terras férteis durante seis meses por ano que são as praias nas margens dos rios (só no Amazonas, existem 12 milhões de hectares). Estas várzeas possibilitam a produção de alimentos que não necessitam de agrotóxicos, pois é a própria Natureza - por que não dizer Deus mesmo - que oferece o sustento a seus filhos brasileiros.

3. Reserva extrativista. Necessidade de pesquisas

Quanto às pesquisas dos recursos da floresta, a Amazônia tem duas Instituições de renome que são o INPA (Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia) de Manaus, e o Instituto Emílio Goeldi, em Belém. Seus cientistas e pesquisadores se tornaram eternos mendigos, uma vez que seus salários estão sempre defasados, as verbas para suas pesquisas escassas e insuficientes.



O caboclo é o maior defensor da sua casa, a floresta

Às vésperas da ECO/92, um pesquisador do INPA diz o seguinte: "Enquanto a onda ecológica internacional declara que se deve estudar, conhecer e preservar a Amazônia, nós que moramos e trabalhamos aqui não recebemos remuneração digna para desenvolvermos nossas pesquisas. Hoje, no Instituto, apenas projetos de pesquisa em convênio com instituições internacionais funcionam plenamente. As perdas salariais chegam a 580%, calculadas sobre a taxa anual do dólar no ano de '91.

Alguns dias depois do protesto dos 500 funcionários do INPA, exatamente no dia 8 de dezembro de '91, os sete países mais ricos do mundo (G-7), destinaram em Genebra (Suíça) a importância de 250 milhões de dólares para a preservação da floresta amazônica brasileira.

Espera-se que os pesquisadores amazônidas possam fazer suas pesquisas necessárias para a implantação de RESEX, graças à doação-devolução daqueles cuja riqueza se originou da colonização dos trópicos.

Espero eu que o povo juruaense possa sentir o cheiro desse dinheiro para sua reserva.

4. Reserva Extrativista: Sonho do médio Juruá

A presença de populações com tradição de utilização de Florestas (o segundo elemento necessário para a criação de uma R.E) cumpre-se perfeitamente na nossa região.

Apesar do êxodo rural, ainda há muitos seringueiros nos três municípios (Caitaú, Carauari e Itamarati).

Tenho certeza que muitos ex-seringueiros, atualmente favelados nas periferias de Carauari, Tefé e Manaus, voltariam para a floresta se encontrassem as condições de vida que uma R.E. pretende oferecer.

O terceiro elemento para a implantação de uma R.E. é a ação do poder público. É justamente neste item que o sonho de uma reserva ameaça ir por água-abaixo. Não preciso descrever novamente a omissão e o descaso do poder público para com o povo ribeirinho do Rio Juruá. As páginas anteriores registraram inúmeras provas a respeito do assunto.

Restam agora as dolorosas perguntas:

Qual o caminho do dinheiro, internacionalmente liberado para a criação de reservas extrativistas? Qual a participação dos próprios seringueiros na demarcação e organização de uma reserva? Como encaixar a colaboração indispensável dos órgãos não-governamentais de entidades como o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), os Sindicatos, o Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), a Igreja, o Movimento de Educação de Base (MEB) e a Comissão de Pastoral da Terra (CPT)?

No mês de agosto de '91, de volta da Assembléia Nacional da CPT, em Goiânia, passo em Brasília onde procuro o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), atrás de informações sobre os preços da borracha. No corredor deparo-me com uma placa numa das portas: Reservas Extrativistas. A curiosidade me fez entrar. Encontro uma equipe interessada e disposta a conversar sobre o Rio Juruá. Almoçamos juntos e explico que dois dos três requisitos para a implantação de uma R.E. já existem no Rio Juruá. Coloco

minha preocupação, até descrédito, em relação ao terceiro requisito: uma ação eficiente do poder público.

Meus interlocutores me tranquilizam, garantindo que o Rio Juruá está na lista para 1992. O encaminhamento de uma Reserva Extrativista para o presente ano da ECO/92 seria bastante significativo.

Será uma conquista completamente oposta àquela que se iniciou em 1492 na América Latina: em vez de espoliação e morte, a preservação e a vida.

Para o povo juruaense, uma R.E. será a melhor comemoração dos 500 anos, será a resposta aos seus ECOS que soaram no presente livro. Será, ainda, como o canto do UIRAPURU que, na memória amazônica, é sinal de bênçãos da fortuna. O pássaro da felicidade eleva os ânimos e traz tranqüilidade com a força do seu canto vibrante. Voa acompanhado quase sempre de um coro de dezenas de passarinhos barulhentos que silenciam para escutar o pássaro da felicidade.

ANEXO - Nº 01

15 anos depois.....

Caro(a) leitor (a),

Obrigado, por ter acompanhado a história recente do povo juruaense relatada nas páginas anteriores. Nelas, infelizmente, o rio Juruá produz mais lágrimas de tristeza do que de alegria.

Mas o sonho se realizou com a criação da Reserva Extrativista, razão esta, que me faz reeditar meu livro colaborando com mais um subsídio para a Campanha da Fraternidade deste ano de 2007. O sangue do Chico Mendes fez brotar as RESEX. Valeu a luta de todos seringueiros, entre eles, os do rio Juruá. E assim, participamos da criação de Deus, promovendo o desenvolvimento sustentável de uma das regiões de maior preocupação do planeta, a Região Amazônica. A Igreja Católica do Brasil se preocupa com isso, daí que a Campanha da Fraternidade deste ano, trata da preservação da Amazônia em todos os seus aspectos, abordando principalmente a natureza e os amazônidas.

Aliás a Igreja, com suas falhas e acertos já marca presença há muitos séculos, nesta região.

O UIRAPURU começou a cantar, às vezes tímido, às vezes desafinado e ainda não tem força total.

A caminhada é lenta, mas a opressão secular e a escravidão cruel relatada no livro: *Juruá, o rio que chora*, já era.

Nada de patrão, barracão com sua extorsão, pesca predatória, madeireiro devastador e outras pragas. (Numa onça ou cobra venenosa quase sempre se dá um jeito).

Vive-se agora numa terra livre sem feras humanas, ou seja, representantes de um progresso desumano.

As RESEX quase se comparam com a terra prometida da qual nos fala o livro Êxodo. As pragas e a escravidão egípcias e juruaense, tem muitas semelhanças. Fato é, que a floresta finalmente é dos seus habitantes. Eles tomam conta das suas riquezas e belezas em nome do Brasil e toda a humanidade.

As Comunidades destas áreas de Conservação vivem dos produtos que extraem do mato, como também da agricultura e da criação de animais de pequeno porte. Existe matéria prima que já está sendo comercializada, como o óleo de andiroba e copaíba, os frutos do cupuaçu, açaí, mel de abelha, etc...

As pesquisas sobre a biodiversidade estão em alta. Pede-se a Deus que sejam encontrados remédios contra os males que afligem seus filhos e filhas pelo mundo afora, ou seja, medicamentos que recuperem a vida como a própria RESEX, que recuperou a vida dos seus moradores.

As Reservas Extrativistas nos ajudam a respeitar a criação de Deus que deve servir para o bem-estar do homem e da mulher e não para a ganância de um capitalismo selvagem.

A SELVA merece outro acompanhante que não tem nada a ver com capital e lucro. São os moradores da floresta que mantêm sua conservação e sustentabilidade.

Eles são ecologistas natos, os verdadeiros defensores do meio ambiente.

As Resex garantem o uso da terra comunitariamente e permitem que as famílias continuem vivendo das atividades econômicas que tradicionalmente vêm executando.

Deve-se fortalecer cada vez mais a organização dos moradores e capacitá-los para que, mediante o sistema associativo, administrem a área, obedecendo a um Plano de manejo feito por eles mesmos e aprovado pelo IBAMA e seu Conselho Deliberativo que é composto de representantes das organizações que atuam na área.

Pede-se também a implantação de outras atividades econômicas e sócio-culturais que contribuam para a melhoria das condições de vida das famílias.

Como já disse, o processo de implantação de uma RESEX é lento, penoso e se dá muitas vezes aos trancos e barrancos. (Os últimos existem em grande quantidade nos beiradões do rio Juruá). O seu êxito não depende só dos povos da floresta como me escreve uma amiga Ione Pereira, professora em Carauari: "A falta de assistência médica é sentida até na

sede do município, quanto mais no interior. O atendimento é precário na assistência e fornecimento de medicamentos.¶

E assim existem tantos outros serviços públicos que funcionam precariamente.

Embora faça visitas esporádicas a Carauari, recebo bastante informações sobre a RESEX do Médio Juruá como também algumas avaliações das outras 3 que existem na área atendida pela Igreja Local que tem a cidade de Tefé como sede.

Aliás, seus bispos, padres (quase todos eles Espiritanos), os agentes de Pastoral, as Comunidades Eclesiais de Base como também seus aliados do MEB (Movimento de Educação de Base) sempre apoiaram a criação das RESERVAS.

Bem antes da Campanha da Fraternidade de 2007, todos eles consideravam como sua ¶missão - uma RESEX - neste chão¶

Em um e-mail que recebi do prof. e pesquisador do rio Juruá- município de Carauari-, Nelcionei de Souza Araújo, me diz assim:

¶Escrever sobre RESEX na Amazônia é um tema difícil, pois a região é imensa e o que deu certo no Acre, talvez não dê certo em outra área e isso precisa ser ajustado¶

Levando isto em conta, queremos relatar alguns avanços que as 4 RESERVAS EXTRATIVISTAS da Prelazia de Tefé trouxeram para seus moradores, conforme os testemunhos que seguem:

- As famílias que moram na área de uma Reserva estão organizadas em Comunidades e não moram mais dispersas.

- O Conselho Deliberativo de uma RESEX proporciona um melhor entrosamento entre Governo, Entidades e o próprio povo da floresta. (pena que em todas as RESERVAS criadas ainda não exista este Conselho)

- Os convênios com o INCRA beneficiaram bastante os moradores. Um dos convênios foi a construção das casas de madeira favorecendo mais condições de vida para seus moradores. (Soube que numa das Reservas, estes recursos não foram bem aplicados conforme as regras estabelecidas, pior, houve desvio do dinheiro. Qual a tua, gente

ribeirinho...? Estão tirando uma de patrão que desviava recursos financeiros da SUDHEVEA que vocês tanto criticaram. Que decepção!

- A Associação (Cooperativa) tem como finalidade comercializar seus produtos por um preço justo(sem renda para o patrão) além de baratear as mercadorias de 1ª necessidade.

- O INCRA fornece ferramentas para a roça; como enxada, terçado etc., dando maior rentabilidade ao trabalho. Recebe-se pequenos motores de rabeta (para navegação) que são utilizados também para sevar mandioca para fazer farinha.

- Preservação dos lagos e das praias, aumentando a procriação de peixes e quelônios, a natureza agradece

- Abertura de novas estradas de seringa recebendo ferramentas como: facão, faca, dois baldes, 500 tigelas, botas para livrar-se de cobras..., além de gratificação e cesta básica. Tudo isto será subsidiada pela Petrobrás em 2007.

- Para algumas famílias das Resex, o artesanato, produzido com a matéria prima da região, tornou-se uma fonte de renda.

- Outra fonte de renda para algumas comunidades é a comercialização de produtos oleagíneos como andiroba, copaíba e murumuru.

- Em algumas RESEX continuam a produção da borracha com preços subsidiados pelo governo.

- Num convênio assinado recentemente entre a CNS e BNDS, todas as Resex da Amazônia terão escolas diferenciadas, garantindo o sustento da floresta.

Os avanços acima citados, são alguns no meio de tantos, mostrando que valeu a pena: lutar, resistir, sofrer, para a conquista das Reservas Extrativistas que são o assunto do presente livro.

Que diferença da vida do morador da floresta hoje comparada com a época antiga!

AVALIAÇÃO DE DOM MÁRIO CLEMENTE NETO

D. Mário foi durante 20 anos bispo da prelazia de Tefé e hoje é pároco da paróquia de Fonte Boa onde se encontra uma das 4 RESEX da região.

Atendendo nosso pedido, Dom Mário fez uma avaliação da Reserva Extrativista que se chama Auatí-Paraná.

Uma das grandes dificuldades tem sido o funcionamento da Associação dos moradores e Usuários da reserva. Algumas comunidades tem boa experiência de organização e há pessoas bem capacitadas. Mas existem muitas comunidades que estão em diferentes estágios de caminhada, com distâncias enormes (mais de 6 horas de viagem de uma ponta à outra) E aí o trabalho fica difícil.

Outra dificuldade muito real é a falta de um senso associativismo, de democracia responsável e participativa. Uma vez eleito uma pessoa, muitas vezes passam a considerá-lo como funcionário do Governo e que tem que fazer tudo sem que os sócios tenham que ajudar e dar apoio. O caso ilustrativo, foi o da Cantina, para que pudessem ter as mercadorias de consumo mais em conta, o INCRA ofereceu uma quantia para formar o capital de giro.

A diretoria da Associação comprava os produtos na cidade e ia entregar nas cantinas das Comunidades. Chegavam com o barco, mas para desembarcar, os comunitários queriam ser pagos pelo serviço.

Penso, que um grande problema é a falta de modelo. O que se vê nas Administrações Públicas (não só na área Federal!!) é uma corrupção terrível; os políticos, depois de eleitos, fazem dos recursos públicos sua propriedade particular e se protegem mutuamente abafando toda tentativa de esclarecimento.

Procurei me informar porque havia fracassado o tão promissor projeto das cantinas. Houve a atitude referida acima de considerar os responsáveis como comerciantes (patrões, como se diz aqui).

A principal razão, porém, foi que, recebiam as mercadorias pedidas, mas não pagavam. Por outro lado, os

responsáveis eram acusados dos desvios dos recursos em proveito próprio. Com tudo isso, o capital desapareceu. É esta prática que eles vêem no “modelo” de Administração Pública que conhecem.

Com os primeiros recursos para a construção das casas, facilitados pelo INCRA, houve dificuldades diversas.

Falta de experiência para lidar com um volume grande de recursos

Falta de uma estrutura administrativa.

A grande distância dos centros comerciais: 10 a 20 horas de viagem da sede do Município, mais de 50 horas de Manaus, onde fizeram as compras do material.

O que há de bom é que, os moradores da Reserva estão superando estas dificuldades.

Elegeram uma nova Diretoria que está trabalhando bem. Mais pessoas estão acreditando na Reserva e na Associação e passaram a participar, crescendo no sentido comunitário e de colaboração.

Apesar das suas críticas (como existem também a respeito de outras RESEX, inclusive a primeira delas em homenagem ao Chico Mendes), ele concorda comigo, que esta conquista de preservação da natureza, beneficia, como nunca, os povos da floresta.

Peço a Deus que continuem segurando a bandeira levantada por seus pais com sangue, suor, luta e determinação.

Ao Companheiro Chico

ANEXO - Nº 02

A VIDA DE UM SERINGUEIRO

Autor:Francisco Walter Correia Pereira

01.

Nasci na grande floresta;
Brinquei, lutei, fui feliz,
Trabalhava nesta selva,
Ao cântico dos bem-ti-vis,
Ouvindo o ronco das onças,
A Víbora, nunca me quis.

02.

Seguia ao romper da aurora,
Na vida dos seringais,
Cortando árvore por árvore,
No meio dos matagais,
Ouvindo o pio do Acuã,
O pássaro que, agouro, traz.

03.

Logo após ouvia um grito,
Era o senhor capelão,
Acordando a guaribada,
Macacos deste sertão,
De uma Amazônia de lendas,
Histórias e encantação.

04.

Solitário na floresta,
No meio da solidão,
Tirava do peito, um grito,
Rasgando a imensidão,
Procurando um companheiro,
Para comunicação.

05.

Aqui acolá, um grito,
O que o outro respondia,
Dentro daquelas montanhas,
Embaixo da mata,ria,
Ouvir o grito, um do outro,
Pra nós, era alegria.

06.

Chegava eram seis horas,
Com o peixe em paneirada,
A Nega tratava tudo,
E fazia a caldeirada,
Eu ouvia a Nacional,
Enquanto era preparada.

07.

A floresta era o meu mundo,
O Juruá a minha estrada,
Esse rio sinuoso,
De muitas encruzilhadas,
Que se tornava tão belo,
Com o cântico das passaradas.

08.

A choupana solitária,
Era lar acolhedor,
Era abrigo da família,
Era templo de amor,
Era mundo abençoado,
Por Cristo, Nosso Senhor.

09.

Quando chegava o domingo,
Em vez de culto e orações,
Íamos remar várias horas,
Puxar canoas e varejões,
Para levar nossa borracha,
Para a casa dos patrões.

10.

Esse dia, era de encontro.
Com os outros camaradas
Existia uma pinguinha (cachaça)
Dando ânimo à moçarada,
E ali se ouvia conversas,
Das formas mais variadas.

11.

O patrão representava...
O senhor da região,
Era padre e juiz,
Médico e tabelião,
Delegado, justiceiro...
Daquela população.

12.

Seringalista era uma classe,
Que tinha um grande valor,
Pertenciam a uma elite,
De homem trabalhador,
Geravam a economia,
De um Estado produtor.

13.

A honra e a dignidade,
Virtude desses senhores,
Paladinos da justiça,
Os grandes desbravadores,
Construtores deste Estado,
Com muito suor e dores.

14.

Como uma sociedade,
Tinham força e união,
Elegiam mandatários,
Governos da região,
Era o voto do curral,
Que eles tinham nas mãos.

15.

Ao lado desses senhores,
Tinha uma mulher de valor,
Uma fiel companheira,
Que era um anjo protetor,
A santa que defendia,
Esse povo sofredor.

16.

Na época das grandes guerras,
Borracha tinha valor,
O Amazonas era forte,
Um Estado produtor,
O Eldorado cantado,
O sonho que terminou.

17.

Nesse período, existiu...
A imigração nordestina,
Motivada pela seca,
Que causava desatino,
Trazendo nossos irmãos,
Em busca de outro destino.

18.

O nosso irmão nordestino,
Abandonou o sertão,
Ao chegar no Amazonas,
Viu que tudo era ilusão,
Ele foi o responsável,
Da nossa integração.

19.

Esse bravo brasileiro,
Soube superar a dor,
Vencendo os obstáculos,
Demonstrou o seu valor,
Construindo aqui, família,
Com muita paz e amor.

20.

O soldado da borracha,
Ele é digno de louvor,
Ele ajudou construir,
Um Estado produtor,
É um irmão brasileiro,
Que merece o nosso amor.

21.

O progresso foi chegando,
Trouxe a devastação,
Destruindo o que era belo,
Em forma de opressão,
Alternativa de vida,
Do homem da região.

22.

Levando fé e esperança,
Buscava outros caminhos,
Abandonando a terra,
Que tinha tanto carinho,
Onde ele viu crescer...
Os seus queridos filhinhos.

23.

Os famosos seringais,
Foram todos abandonados,
Transformando a floresta,
Em campo dos desolados,
Onde o homem sem destino,
Foi sempre discriminado.

24.

A Europa e a Ásia,
Passaram a ser produtor,
Surgiu um novo mercado...
Bastante competidor,
A borracha já não tinha...
Aquele grande valor.

25.

Oh, Senhor de Bondade!
Olha o teu povo sofrido,
Cansado e desamparado,
E sempre desassistido,
Forçado a abandonar,
O seu rincão preferido.

26

Por falta de opção,
Houve o êxodo rural,
O caboclo abandonando...
O habitat natural,
Vindo pra selva de pedra,
Que é o parque Industrial.

27.

Nascia o 2º ciclo,
Zona Franca de Manaus,
Esperanças renascidas,
De um povo sofredor,
Um direito adquirido,
Defendido com fervor.

28.

Os sonhos e ilusões,
Que se transformaram em dor,
Renasciam na cidade,
Pro homem trabalhador,
Esquecendo os sofrimentos.
Vividos no interior.

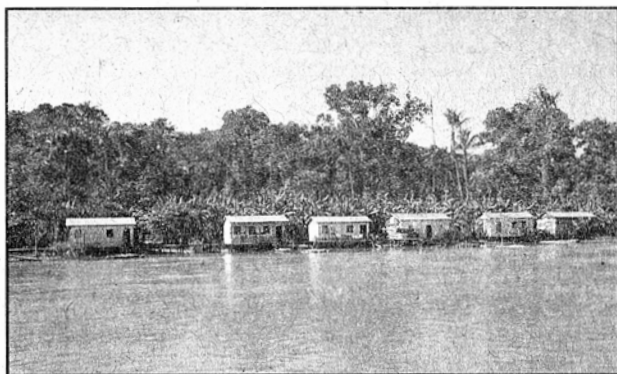
29.

Hoje, eu vejo com tristeza,
Como está o interior,
E me lembro com saudades,
Do tempo que se passou,
Ficando só as lembranças,
De tudo que terminou.

30.

Agora, fico esperando...
A última luz se apagar,
E dou "adeus" à floresta,
Pensando o que vai restar,
Desse belo santuário,
Aonde eu tive o meu lar.

Ao Companheiro Chico



Moradias novas na RESEX

ANEXO - Nº 03

ORAÇÃO DO SERINGUEIRO POR: WALTER PEREIRA

Seringueira! Seringueira!
Abençoada por Deus,
Apesar de não ter seios,
Tanto leite, já me deu,
O teu sangue é alimento,
É a vida dos filhos teus.

Nós somos da mesma terra,
Onde canta o sabiá,
Bebemos a mesma água,
Barrenta do Juruá,
Esse rio sinuoso,
Estrada no meu altar!

Companheira seringueira!
Eu quero te abraçar!
Desde criança sonhava,
Contigo me encontrar,
Tu na floresta Amazônica,
E eu lá no Ceará.

Seringueira minha amiga!
Pra vergonha da nação,
Hoje vive abandonado,
O seringueiro e o patrão,
Sem assistência de vida,
Ao homem da região.

Tu te chamas seringueira!
E eu, seringueiro sou!
Tu vês o meu sofrimento,
E eu vejo a tua dor!
Eis uma mãe caprichosa,
Que a natureza criou!

Seringueira, mãe nativa,
Que tanto me sustentou,
Foste fonte de riqueza,
De um Estado produtor,
O Eldorado de um povo,
Um sonho que terminou.

Ao Companheiro Chico

ANEXO - Nº 04

18 anos sem Chico Mendes

Quem foi Chico Mendes

Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes, era acreano, nascido no seringal Porto Rico, em Xapuri, no dia 15 de dezembro de 1944. Filho de seringueiro, aos onze anos de idade já trabalhava ao lado do pai.



A sua trajetória de liderança começa em 1973, quando participou dos conflitos de terra na fazenda Santa Fé, e se expande em 1975, com a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, quando é indicado a secretário geral. Em 1976, participa ativamente das lutas dos seringueiros para impedir desmatamentos e organiza várias ações em defesa da posse da terra.

Aquele era um período difícil para os brasileiros, com o País em pleno regime de ditadura militar e 1977 passaria a ser um marco na vida de Chico Mendes, com a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri e a sua eleição para vereador, pelo MDB, à Câmara Municipal local. Começam também as ameaças de morte por parte dos fazendeiros, e as divergências partidárias porque o MDB não era solidário às lutas dos trabalhadores rurais.

Em 1979, Chico Mendes leva para a Câmara Municipal debates entre lideranças sindicais, populares e religiosas, e, por isso, é acusado de subversão e submetido a duros interrogatórios, sem ter como denunciar as arbitrariedades dos torturadores contra ele e contra outros presos políticos.

Com o início do processo de [abertura lenta e progressiva] do regime militar, em 1980, surge o Partido dos Trabalhadores - PT. Chico, um dos fundadores no Acre, passa à direção do partido naquele estado, participando de comícios na região juntamente com Lula.

Neste mesmo ano, Chico Mendes é enquadrado na Lei de Segurança Nacional, a pedido dos fazendeiros da região que procuravam envolvê-lo no assassinato de um capataz de

fazenda que poderia estar envolvido no assassinato de Wilson Pinheiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Brasília.

No ano seguinte, Chico Mendes assume a direção do Sindicato de Xapuri, do qual foi presidente até o momento de sua morte. Nesse mesmo ano, Chico é acusado de incitar posseiros à violência e, julgado no Tribunal Militar de Manaus, consegue se livrar da prisão preventiva.

O que fez Chico Mendes

Em outubro de 1985, lidera o 1º Encontro Nacional dos Seringueiros, durante o qual é criado o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), com Chico na liderança.

A luta dos seringueiros começa a ganhar repercussão nacional e internacional, surge, então a proposta de “União dos Povos da Floresta”, que busca unir os interesses de índios e seringueiros em defesa da floresta amazônica, propondo ainda a criação de reservas extrativistas nas áreas indígenas, na própria floresta, ao mesmo tempo em que garantem a reforma agrária desejada pelos seringueiros. Chico assumiria a presidência do CNS em março de 1989, no 2º Encontro Nacional dos Seringueiros.

Em 1987, representantes da ONU visitam Chico Mendes, em Xapuri, onde puderam ver de perto a devastação da floresta e a expulsão dos seringueiros provocadas por projetos financiados por Bancos Internacionais.

Dois meses depois, Chico Mendes levava estas denúncias ao Senado norte-americano e à reunião do BID, um dos Bancos financiadores. Trinta dias depois, os financiamentos aos projetos devastadores são suspensos e Chico é acusado por fazendeiros e políticos de prejudicar o “progresso” do estado do Acre.

Todo este trabalho leva entidades de defesa da ecologia e de Direitos Humanos, nacionais e internacionais, a homenagear Chico Mendes, entre eles o prêmio “Global 500”, oferecido pela própria ONU.

O surgimento da União Democrática Ruralista - UDR, em 1988, no Acre, criada por proprietários de terras que não se conformaram com a possibilidade de uma reforma agrária

e criação de reservas ecológicas, acirra as ameaças ao líder seringueiro.

Chico Mendes, por sua vez, amplia seu campo de ação, percorrendo várias regiões do Brasil, participando de seminários, palestras e congressos, com o objetivo de denunciar a ação predatória contra a floresta e as ações violentas dos fazendeiros da região contra os trabalhadores de Xapuri. Participa, também, da realização de um grande sonho: a implantação das primeiras reservas extrativistas criadas no Estado do Acre, além de conseguir a desapropriação do Seringal Cachoeira, de Darly Alves da Silva, em Xapuri.

A realização desse sonho seria também o começo do seu fim.

Fonte: Site Chico Mendes. Revista [Chico Mendes], publicada pelo STR de Xapuri, CNS e CUT em janeiro de 1989.

A morte anunciada de Chico Mendes.

Uma onda de violência e impunidade já vinha sendo denunciada por Chico Mendes naquele ano de 1988. Crimes contra líderes sindicais e seringueiros, como aponta a Revista Chico Mendes, editada pela CUT/CNS, que não eram apurados:

- Em 26 de maio, dois seringueiros foram baleados durante manifestações no prédio do IBDF, em Xapuri, por dois pistoleiros que fugiram de motocicleta. Foram identificados posteriormente por testemunhas, mas o inquérito policial não acompanhou todos os fatos. As suspeitas recaíram em Darli e Alvarino Alves da Silva;
- Em 17 de junho, o dirigente do Sindicato de Xapuri e candidato a vereador do PT, Ivair Higino de Almeida, foi assassinado. Os suspeitos foram identificados como Cícero Tenório Cavalcante e os sobrinhos de Darli Alves da Silva. O inquérito não apurou a autoria do crime;
- Em setembro, outro seringueiro foi assassinado no município de Xapuri e apareceram como suspeitos filhos e parentes próximos de Darli e Alvarino. O caso não foi apurado;

- Ainda em setembro, dois corpos foram encontrados ao lado da casa da sede da fazenda de Darli. Ele próprio comunicou o fato à polícia, que fez o sepultamento na própria fazenda sem proceder a investigações. Posteriormente, a polícia fez a exumação dos cadáveres e levou uma equipe médica de Rio Branco para fazer os exames, visto que os médicos locais se recusaram a atestar a “causa mortis”. Os crimes também não foram apurados;
- Em 26 de setembro, a Polícia Federal no Acre recebeu carta precatória originária da Comarca de Umuarama, no Paraná, com o fim de efetivar a prisão preventiva de Darli e Alvarino. Na tarde de 27 de setembro, Chico Mendes testemunhou a presença de Darli em frente à Polícia Federal. De um hotel próximo ao local Chico telefonou imediatamente pedindo a prisão de Darli. Nada foi feito. A carta só foi enviada ao juiz de Direito da Comarca de Xapuri no dia 13 de outubro. Os mandados de prisão foram executados no dia 19 de outubro mas os fazendeiros fugiram;
- Em 17 de novembro, Chico Mendes denunciou ao juiz da Comarca por carta, que Darli e Alvarino estavam tramando seu assassinato. No mesmo mês e com o mesmo teor, ele escreveu carta ao secretário de Segurança Pública, ao Governo Estadual e ao Superintendente da Polícia Federal;
- Em 29 de novembro, o Sindicato de Brasília remeteu telex ao governador Flaviano Melo, ao diretor geral da Polícia Federal, Romeu Tuma e ao Secretário da Segurança Pública, denunciando ameaças de assassinato de trabalhadores rurais em Xapuri e Brasília. Não obteve resposta. Em 5 de dezembro, os sindicatos de Brasília e Xapuri, o Conselho Nacional dos Seringueiros e o Centro de Trabalhadores da Amazônia remetem novamente telex a essas autoridades.

Durante todo esse período, Chico Mendes denunciou de várias outras formas também as ameaças que vinha sofrendo. Chico tinha consciência que a “segurança” oferecida pelo governador Flaviano Melo, era só para evitar

uma complicação maior do Estado, uma vez que o movimento tinha se tornado conhecido mundialmente, principalmente junto ao Banco Mundial, BID e Congresso americano.

“Eu tenho consciência de que todas as lideranças populares nesses últimos dez anos -advogados, padres, pastores, líderes sindicais - todos eles foram mortos mesmo com garantia de vida do governo. Não precisa nem citar exemplos, pois eles estão vivos na memória de todos. Tenho esperança de continuar vivo. É vivo que a gente fortalece essa luta. De parte do governo do Estado não tenho por que temer. Pelo contrário. Agora, por outro lado, eu estou diante de dois inimigos poderosos: a UDR e a Polícia Federal do Acre” - declarou na época Chico Mendes à imprensa brasileira.

Apesar das denúncias, dos pedidos de proteção por parte de entidades ambientalistas, personalidades políticas e dirigentes sindicais, do governador ter colocado dois PMs como segurança, Chico Mendes foi assassinado no quintal de sua casa com um tiro de escopeta, no dia 22 de dezembro de 1988.

Um dia ele afirmou: “Se descesse um enviado dos céus e me garantisse que minha morte iria fortalecer nossa luta até que valeria a pena. Mas a experiência nos ensina o contrário. Então eu quero viver. Ato público e enterro numeroso não salvarão a Amazônia. Quero viver.”

Impunidade

No dia 15 de dezembro de 1990, quando Chico Mendes estaria completando 46 anos de idade, dois dos envolvidos no seu assassinato, Darli Alves da Silva (mandante) e Darci Alves Pereira (autor) eram condenados a 19 anos de prisão. Em 1993 eles escaparam da prisão e foram novamente capturados em 1996. Mas isso não significou o fim da impunidade. Em abril de 2003, o governador do Acre, Jorge Viana (PT) ordenou a reabertura do caso, a pedido do Comitê Chico Mendes.

O primeiro ponto ressaltado pelo Comitê, ao pedir a reabertura do caso, foi o de Jadeir Pereira, o “Mineirinho”, pronunciado no processo como co-autor do assassinato, mas

que nunca foi preso. Ele é suspeito de envolvimento com o narcotráfico na fronteira do Acre com a Bolívia. O crime dele prescreverá em 21 de dezembro de 2008, pois foi cometido antes da alteração na legislação que passou a suspender o prazo prescricional em caso de fuga do acusado.

O Comitê Chico Mendes também pediu a investigação do envolvimento da equipe de repórteres do jornal O Rio Branco na cobertura do assassinato do sindicalista, no dia 22 de dezembro de 1988. A equipe chegou a Xapuri cerca de uma hora e meia após o crime. Na edição do dia seguinte, o jornal publicou as fotos do corpo do ecologista crivado de chumbo. A proeza da equipe foi narrada pelo jornal nos seguintes termos: “Informado logo após o assassinato, nossa equipe de reportagem se deslocou para Xapuri. O editor-chefe César Fialho, o repórter Adonias Matos e o fotógrafo Luís dos Santos seguiram num automóvel gol. Em uma hora e meia estavam naquela cidade. Na viagem de ida, apenas um pneu furado”.

Mas a estrada não permitia que a viagem fosse feita em menos de quatro horas.

Pontos a serem esclarecidos:

A Polícia Militar, que realizava buscas dos possíveis assassinos e tinha no seu comando o então sargento H. Neto, sempre chegava com atraso aos locais onde Darli e Alvarino teriam estado.

O suposto suicídio de uma das mulheres de Darli na sede da fazenda Paraná, antes que prestasse depoimentos ao delegado que investigava o caso.

Comentários ouvidos na sede do Rio Branco Futebol Clube, cerca de cinco dias antes do assassinato de Chico Mendes, quando um dos seguranças - possivelmente o sargento R. Freitas, assassinado algum tempo depois - do então prefeito Adalberto Aragão, depois de breve conversa com outra pessoa, disse que Chico Mendes duraria talvez mais cinco dias.

Movimentações bancárias e financeiras ocorridas poucos dias antes até dias depois do assassinato de Chico Mendes, para que se pudesse chegar a possíveis “financiadores” do

crime. Assim como a compra de parte do seringal Cachoeira por Darli Alves da Silva no início do ano de 1988, incluindo a origem do dinheiro de quem supostamente pagou tal aquisição.

A situação dos criminosos 18 anos depois

Darli Alves da Silva, em 2005, atropelou e matou a aposentada Maria Florência do Nascimento, 71. Ele fugiu para não prestar socorro à vítima. Não foi preso por este crime.

Em agosto deste mesmo ano, Darli foi preso pela polícia civil de Basiléia, cidade do Acre, por um mandado de prisão, expedido pela justiça paraense, através de carta precatória, por crimes previsto no art. 121 (homicídio) praticado em 1980 no Pará. Ele tem outros dois mandados em Minas Gerais e no Paraná. Em Santarém, também em 2006, Darli foi novamente condenado pela Justiça. Desta vez, pelos crimes de falsidade ideológica e obtenção de financiamento mediante fraude, conforme documento da Justiça Federal do Pará:

“O réu foi condenado por dois crimes. Um deles, previsto no Código Penal Brasileiro, de falsidade ideológica, que consiste em “omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita”. O outro crime - “obter, mediante fraude, financiamento em instituição financeira” - previsto na Lei nº 7.492/86, a chamada Lei do Colarinho Branco.”

“Darli, que em 1991 recebeu a punição de 19 anos de prisão por mandar assassinar Chico Mendes, foi condenado em agosto de 1996, em Umuarama (PR), pelo cometimento em 1973 de um outro assassinato, pelo qual pegou mais 12 anos. Cumpria, portanto, 31 anos de reclusão pelos dois crimes, mas nos últimos dois anos se encontrava em liberdade condicional, benefício a que teve direito após cumprir parte das penas que lhe foram impostas nos dois julgamentos.”

Hoje, 18 anos depois, Darli Alves da Silva está preso na Unidade de Recuperação Social, em regime fechado, na

cidade de Rio Branco, no Acre. Darcy Alves da Silva, seu filho e cúmplice, vive em sua fazenda, no Acre, livre, cuidando dos negócios da família.

Fontes:

- Justiça Federal - Seção Judiciária do Pará
- Polícia Civil do Acre
- Página 20 (Internet)
- Site Chico Mendes

Ao Companheiro Chico

ANEXO- Nº 05

Ao Companheiro Chico,

Como você está meu irmão?

Faz 20 anos que a gente não se fala. Tanto tempo hein!

Desculpe-me por não ter respondido teu cartão de Natal. Achava que não tinha mais sentido. Os correios não chegam aí no céu. Mas tenho rezado por você junto com os companheiros seringueiros do rio Juruá.

Sabias que o Natal daquele ano foi bastante diferente por causa dos sentimentos fortes e contraditórios que vivíamos? De um lado a alegria para com o Menino e de outro lado o susto, revolta e tristeza para com sua morte.

Lembro-me até hoje daqueles dias que movimentaram um bocado de gente do município. Todos os ribeirinhos foram avisados e convidados para sua Missa do Sétimo Dia pela Rádio Rural de Tefé.

Claro, a maioria não tinha condições de viajar de tão longe. Assim mesmo veio muita gente, algumas em canoas remando dia e noite.

Além da Missa, fizemos alguns encontros em sua memória terminando sempre com a reza do *Pai Nosso do Seringueiro*. Lembra-se?

Seringueiro que estais na selva
Multiplicados sejam os vossos dias.
Venha a nós o vosso leite
Seja feita a nossa borracha
Assim na prensa como na caixa
Para o sustento das nossas famílias
Nos daí seringa hoje e todos os dias.
Perdoai nossa ingratidão
Assim como nós perdoamos
As maldades do patrão.
Ajudai a nos libertar
Das garras do regatão.
Amém!

(J. S. Araújo - seringueiro)

E aí Chico. Estás numa boa mesmo?

Tenho certeza que estás feliz junto ao Pai como prometeu o nosso companheiro Jesus. Qualquer dia vamos viver esta felicidade com você, se Deus quiser.

Enquanto não chega a nossa hora, continuamos pelejando aqui em baixo.

Tás acompanhando a nossa caminhada torta e imperfeita como nos lembra o profeta João Batista neste tempo de Advento? Ele era profeta do deserto, você da selva...

Vamos começar com aquilo que causou a sua morte, a vontade de criar uma RESERVA EXTRATIVISTA.

Rapaz, desde a primeira, que leva seu nome (em 1990), já foram criadas 59 Reservas pelo país a fora (sem contar com tantas outras Unidades de Conservação inspiradas por você e os companheiros da luta).

Existem 114 processos para a criação das Resex protocolados no IBAMA.

Claro, nem todos funcionam pai-d'égua como você, e nós gostaríamos, mas paciência, aqui em baixo a gente continua fraco e pecador. Está se caminhando. Muitas vezes pede-se mais juízo de alguns companheiros como também bastante apoio do poder público.

Falando dos governantes: tou com a pulga atrás da orelha para com eles. O companheiro LULA que você ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores conseguiu se eleger presidente para a alegria de muita gente, inclusive dos povos da floresta. Mas o cabra da peste estava muito mal acompanhado. Muitos escândalos atrapalharam o país como acontecia nos governos anteriores. Mas o PT que propagou tanto a ética deveria ter feito a diferença. Não acha?

Entre os escândalos, está aquele chamado dos *sanguessugas*, ou seja, a compra de ambulâncias superfaturadas. Quando as notícias a respeito aparecem, lembra-me sempre da *mutuca*, o inseto mais danado que castigava a gente no mato, chupava o sangue se lembra?

Mas apesar dos escândalos, o homem foi re-eleito num segundo turno. Não conseguiu no primeiro porque andava de salto alto.

Nestes tempos está formando seu segundo governo e haja alianças a torto e a direito. Não sei não... Tá falando um bocado de asneiras. Ele disse que tem uma trava, que tem uma série de penduricalhos impedindo o progresso do país e acha que tem que mexer com as leis do meio ambiente.

Nesta altura, gostei da fala da sua conterrânea Marina Silva, talvez a melhor do Ministério. Mostrando desapego ao cargo, contrariou o governo dizendo: "Perco o pescoço, mas não perco o juízo." Nota dez para ela.

Outra preocupação a respeito da Região Amazônica foi a tal de "Carta de Belém" publicada, no início do ano de 2006, pelos presidentes das Federações da Agricultura dos Estados do Norte, ou seja, do Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Todos eles gente grande que tem influência nestas bandas. Eles dizem que a pressão da criação de Reservas vem dos gringos que pretendem preservar a Amazônia pela via de estagnação econômica provocando assim o seu engessamento. Lá vou eu, ameaçando a soberania do país... Ainda bem que sou brasileiro de coração.

Infelizmente, Chico, quanto às Reservas, o sonho do povo amazônico continua perturbado. Já sabe do último? Inacreditável.... a bruxa está solta mesmo....

Trata-se de encaminhamento de uma nova RESEX aqui no Pará chamada "Renascer". Nome bonito para uma região e sua gente que foi depredada e marginalizada.

Mas olha a bronca...

Um madeireiro inescrupuloso atacou, tirando ilegalmente a madeira nobre daquela área.

Pode ??? Uma sem-vergonha paca !

Pior, conseguiu a colaboração da polícia para o transporte das toras. Soldados armados ocuparam as balsas para proteger o roubo.....

É a maior ironia da paróquia : a polícia "protetora" que não conseguiu evitar sua morte, protegendo a devastação da floresta. É o fim da picada....

Bem Chico, vamos ver a força da sua conterrânea neste novo governo e de tantos outros que querem o bem-estar dos companheiros da floresta.

Acho que o Lula tem que mudar um bocado de coisas, entre elas, a tal de Bolsa Família que deve ser considerada um quebra-galho temporário porque é muito assistencialista.

Dizem que ele ganhou as eleições graças ao povo pobre que ganha este benefício. Mas não acho legal continuar porque humilha e vicia. O caboclo vai se sentir melhor trabalhando para manter sua família, você não acha?

Finalmente Chico, o nosso Brasil continua cheio de contrastes.

Enquanto às vésperas do ano de 2007, o Brasil consagrava-se campeão mundial dos clubes de futebol, no vôlei masculino e na ginástica, o Pará consagrava-se campeão da impunidade, trabalho escravo e morte de trabalhadores no campo.

Querido companheiro, vou terminar meu papo.

Tenho que entregar estes escritos para a Gráfica, para que a mesma possa publicá-los no lançamento da Campanha da Fraternidade no próximo mês de fevereiro aqui em Belém.

Por favor, fala com nosso Pai, que olhe com carinho para todos nós, especialmente, os povos da floresta que você ensinou a cuidar e preservar.

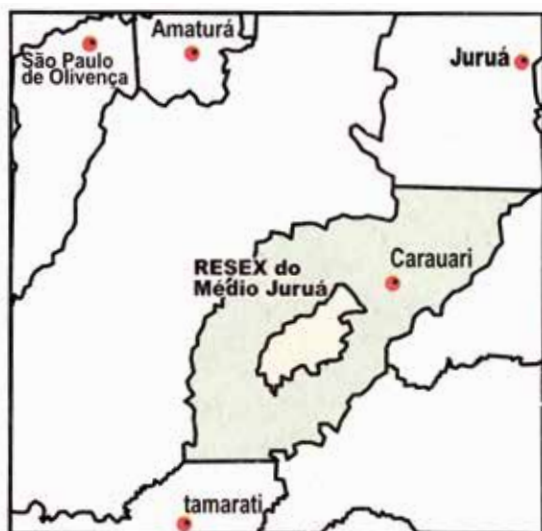
Para que sejamos mais felizes vivendo melhor, seguindo seu Filho e nosso Mestre Jesus, que disse: “Eu vim para que todos tenham vida”. (João 10,10).

Um abraço amigo do companheiro João.

Ao Companheiro Chico



“Proteção” militar



***Município de Carauari
(Pg. 39)***



***Beleza do Rio Juruá
(Pg. 48)***



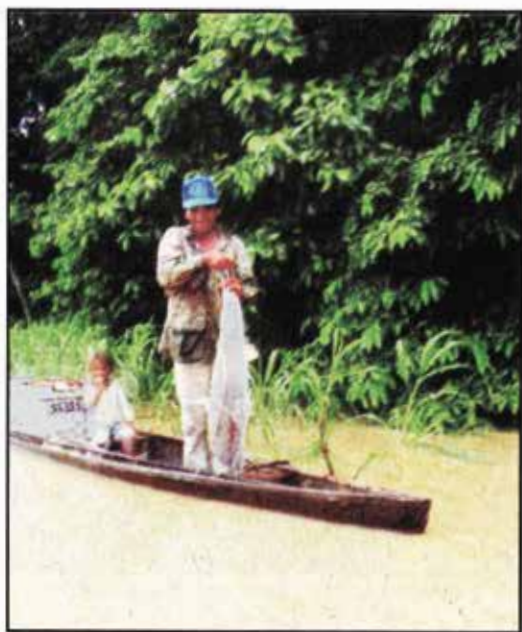
*Andiroba, saúde e embelezamento
(Pg. 51)*



*O MEB ajudando o povo na caminhada para a RESEX
(Pg. 57)*



***O “sangramento” da Amazônia
(Pg. 63)***



***Preservar o peixe de cada dia
(Pg. 69)***



*A bicicleta do ribeirinho
(Pg. 83)*



*Demarcação para o nosso irmão
(Pg. 94)*



***Açaí, fonte de vida
(Pg. 89)***



*Kiutini, mobilizando muita gente para João, 10, 10
(Pg. 105)*



*Área indígena demarcada é como
uma casa de farinha, pão de cada dia
(Pg. 111)*



*A demarcação traz alegria
(Pg. 119)*



Vamos dar valor ao seringueiro
(Pg. 124)



RESEX, terra de leite e mel
(Pg. 129)



*Em defesa dos povos da floresta
(Pg.135)*



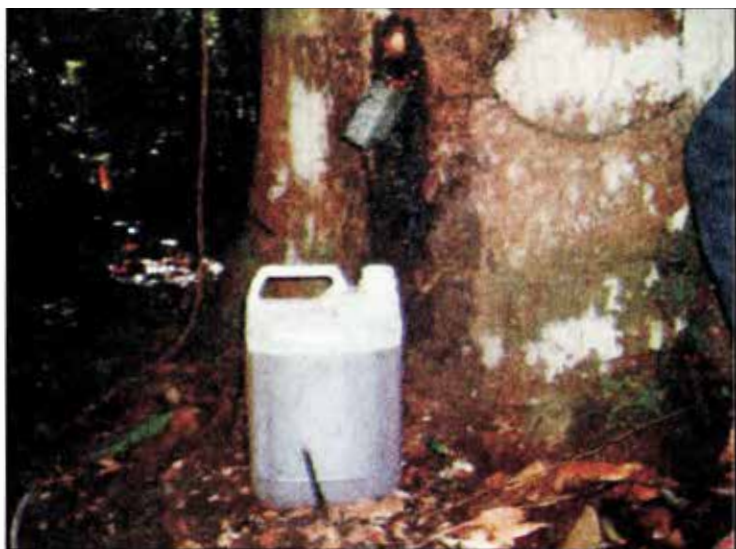
*Verão, água baixa
(Pg.141)*



*Padres Espiritanos, 122 anos em missão neste chão
(Pg. 147)*



*Extração de copaiba
(Pg. 156)*



*Copaíba, outra riqueza da floresta
(Pg. 163)*



*Transporte familiar
(Pg. 167)*



*O autor numa visita recente ao
município de Carauari - Rio Juruá
(Pg. 172)*



*O rio traz morte e vida
(Pg. 175)*



*Retirão anual dos jovens
(Pg. 187)*



*Inverno, época da enchente
(Pg. 191)*



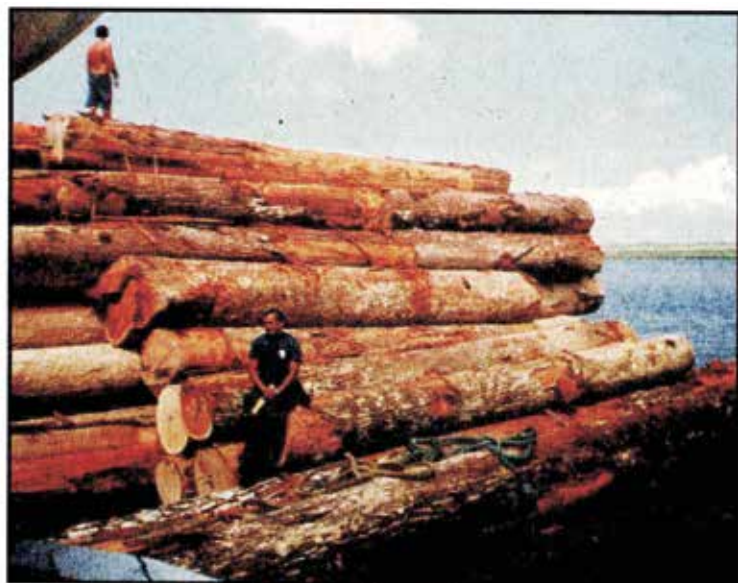
*Natureza bela, se preservada
(Pg. 192)*



*O caboclo é o maior defensor da sua casa, a floresta
(Pg. 203)*



*Moradias novas na RESEX
(Pg. 215)*



"Proteção" militar
(Pg. 228)

REFERÊNCIA HISTÓRICA PARA O JURUÁ

(Texto de orelha)

LEONARDO BOFF

No coração da Amazônia: Juruá, o rio que chora é uma espécie de saga de um missionário, João Derickx, e de um fascinado pela Amazônia, João Trasferetti. Padre João é um missionário diferente. É um holandês que não veio conquistar almas, mas cuidar de vidas. Não apenas da vida humana, mas de toda a vida ameaçada na região do Juruá. Ele mostra o que pode ser a nova evangelização, depois de 500 anos de exploração da terra e conquista das almas. Evangelizar implica um diálogo profundo e simpático com a realidade circundante, com a natureza que fala, com o rio que chora, com as populações que vivem, sofrem, e se alegram no coração da Amazônia. Implica também a coragem profética de denunciar a violência contra o índio, a voracidade do latifúndio e a cura pastoral no fortalecimento da resistência e dos passos de libertação.

Em todas as páginas desse livro se encontra o lamento de quem sofre, mas também alegria de quem encontra sentido em resistir e sempre de novo avançar rumo a um destino possível, mais humano e respeitador da natureza. O livro será uma referência histórica para toda a região. Nele encontramos relatórios de reuniões, atas de encontros com autoridades, planejamentos em assembleias populares no sentido de defender os rios, salvaguardar as florestas e preservar as populações que aí residem.

O extraordinário do livro reside no seu aspecto global e integral. Nele há poesia ao lado de luta, há encantamento pela natureza junto de conflitos de terra, há jogo combinado com trabalho. É um livro ecológico, pois Ecologia, no seu sentido mais eminente, é uma atitude de combinação de tudo com tudo em todos os pontos.

Vale a pena ler o livro. Apresenta um outro Brasil, sofredor, lutador e vicejante como a Floresta Amazônica e as pessoas que ali constroem uma nova aliança, integradora e fraternal com a natureza.

INTRODUÇÃO

"... na multidão dos sentimentos
casos e emoções, escolhemos estes.
Retratos partidos, opacos, amarelos
do nosso mundo feito água e terra.
São frases contidas, formas de ser,
memórias refratárias, desejos de vi-
ver."

José Antonio Trasferetti

Em 1990 comemorei meus 25 anos de padre. Na ocasião, tive a oportunidade de fazer uma viagem para a Ilha de Creta, na Grécia (como um dos presentes que recebi).

Fiz a viagem com o amigo José Antonio Trasferetti que conheci no ano de 1978 num curso do IBRADES (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento) no Rio de Janeiro. O mesmo se encontrava naquela ocasião estudando em Roma (Itália). Quais as conversas de dois amigos nestas duas semanas?

Tentei fazer uma avaliação dos meus anos vividos na Amazônia (Pará e Amazonas) e nestas duas semanas contava muitos fatos, histórias e acontecimentos. José Antonio, embora brasileiro, tem pouco conhecimento da região amazônica. Porém, ele me ajudava nas reflexões e num belo dia me falou:

– Por que você não coloca no papel as suas experiências, suas reflexões, os acontecimentos que você viveu, o amor que você tem pelo povo amazônico? Achei que fosse mais uma piada do José Antonio (que é espirituoso) e não liguei para o assunto.

Depois das férias, voltei para o Amazonas, meu local de trabalho e ele para Roma. Perdemos o contacto por vários meses. José Antonio viajou, concluiu seu doutorado em Teologia, voltou para Campinas (SP) e engajou-se de novo no seu trabalho.

Num certo dia do mês de abril de 1991, escreveu-me cobrando a proposta feita em Creta. Falou-me que o nosso grupo amigo na Holanda, o *Pró-Amazonas*, comemorará 10 anos de existência em 1992. Ele conhecia o grupo que dá bastante apoio ao nosso trabalho. “Mais uma razão para você colocar no papel as suas experiências, oferecer uma crônica da vida amazônica como contribuição para o resgate da memória histórica do trabalho pastoral realizado na região do rio Juruá nos últimos 12 anos”, dizia-me ele.

Nesse passo, me animei com uma resposta positiva e comecei a enviar material já escrito e escrever algumas memórias dos últimos anos que trabalhei no rio Juruá. José Antonio, além de ter sido praticamente o “inspirador” deste livro, assumiu o trabalho de coordenar os escritos. Todo o trabalho de datilografia, estruturação dos capítulos, colocação de alguns títulos, subdivisões, introduções, ficou por sua conta.

No mês de julho de 1991 José Antonio, aproveitando suas férias da Universidade, veio visitar-me e conhecer um pedaço do Amazonas: Manaus, Carauari, Rio Juruá, Tefé. Esta visita foi importante na medida que lhe possibilitou retomar o contacto com a realidade amazônica, pois já havia visitado outras vezes estas terras. Como fruto desta viagem escreveu algumas impressões, que foram transcritas no presente livro.

Nas conversas, durante essa visita, concretizamos ainda mais a presente crônica, que nós não queremos apresentar somente aos amigos do *Pró-Amazonas*, mas também aos brasileiros interessados, neste momento em que o “mundo discute” questões ecológicas.

Queremos apresentar algumas vozes, alguns ecos da base do tão falado e esquecido Amazonas. São momentos da caminhada. São retratos destes 12 anos de luta e amor. Selecionamos as coisas mais interessantes, os fatos mais marcantes, as histórias que de uma certa forma caracterizam a vida e o trabalho nesta região. São escritos simples, que relatam as dores e as alegrias de um povo. São casos do cotidiano. Não é um estudo científico. As coisas que narramos representam a vivência, o dia-a-dia, marcados por sofrimentos e esperanças. São poucos os livros que narram a vida desta gente, tantas vezes esquecida neste fim/comoço do mundo. O presente livro foi escrito com uma certa ironia, uma dose de irreverência. O leitor saberá entender as nossas razões.

Um entendido, lendo meus escritos antes da sua publicação, me alerta para um perigo. O ribeirinho (ou qualquer outro oprimido), tendo chance, pode tornar-se opressor. O que fará o seringueiro possuindo a terra, mesmo em coletividade? Vai querer “destacar-se” no sentido de dominar os outros, virar patrão?

É um alerta real do qual Paulo Freire fala no seu livro *Pedagogia do oprimido*. É a introjeção que faz virar a cabeça e o coração.

Podemos citar até o próprio Cristo, que melhor do que ninguém conhece o homem por dentro (João 2,23-25), “vendo os sinais que Ele fazia, muitos acreditaram no seu nome. Mas Jesus não confiava neles, pois conhecia a todos...”

De fato, podemos ter surpresas perante os acontecimentos e chances das pessoas que fazem esquecer seus compromissos de solidariedade que deve crescer, em vez de um prevalecer sobre o outro. É a tal conversão imperfeita.

Deus é bom e por isto os escolheu para seu Reino. Não porque os pobres são bons e perfeitos. Mas quando os mesmos descobrem essa bondade de Deus, eles se evangelizam em profundidade. Por isto, a libertação deve ser evangélica, pois, só quando o Evangelho penetra profundamente no ser humano, podemos seguir o Cristo que diz: “Porque o filho do homem não veio para ser servido. Ele veio para servir e dar sua vida como resgate em favor de muitos” (Mc 10,45).

Esperamos que, nessa modesta crônica, a voz, a luta, a vida, as alegrias do povo juruanense se façam presentes e, ao mesmo tempo, se transformem num eco capaz de ressoar nos encontros ecológicos por este Brasil afora. Queremos também que esta crônica seja uma simples contribuição para uma teologia voltada à problemática dos povos sofridos da floresta.

O ano de 1992 será registrado na história humana como um ano de acontecimentos importantes. Comemoram-se os 500 anos da “descoberta” da América Latina, pelos espanhóis e portugueses. Comemora-se também a abertura da C.E.E. (Comunidade Econômica Européia). A respeito desta comemoração que fortalecerá o poder econômico europeu, colocam-se muitos pontos de interrogação.

Diante desses dois acontecimentos de nível internacional, registra-se o décimo aniversário de uma fundação chamada Pró-Amazonas que, para nós, tem a sua importância. Parece

ridículo comparar fatos históricos de suma importância com o aniversário de uma fundação desconhecida, porém, foi o Pró-Amazonas que nos ajudou de forma substancial nestes longos 12 anos de serviço junto ao povo.

Esperamos que no meio de muitos tratados, livros, convênios que acompanham os 500 anos de Evangelização na América Latina e a união da C.E.E., o nosso ECO seja ouvido, uma vez que é o ECO de um povo que, na história humana, nunca teve vez e voz.

João Derickx
José Antonio Trasferetti

ABERTURA

Um "Feliz Ano Novo" no coração da floresta

30 de dezembro de 1991. O turbo-hélice, marca Fokker, sobrevoa a densa selva no coração do Amazonas. Estamos indo para a Base da Petrobrás, chamada URUCU. Mais uma vez passarei o Ano Novo a serviço dos homens do mato. O amigo Vanderlei me acompanha como "sacristão". Ele gravou as músicas, e datilografou os textos para a comemoração.

Depois de 35 minutos, descemos no aeroporto do lugar que mais progride em toda a região amazônica.

Apresento-me ao coordenador, Dr. Sandro, e ao administrador, Sr. Barreto, um velho conhecido dos tempos que a Petrobrás tinha Carauari como Base de Apoio. Combinamos o serviço para os próximos dias. Faço a primeira volta pela "cidade" de Urucu (entre aspas porque a comparação é falha). Mas existe uma infra-estrutura que qualquer cidade do interior da Amazônia pode invejar: um aeroporto conservado, um hospital bem equipado, energia elétrica 24 horas por dia, uma estação de tratamento d'água, quadras de esportes e estradas asfaltadas.

Claro, uma cidade não se restringe a isso. Cadê as famílias? Elas se encontram em Tefé, Carauari, Manaus, Belém, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, pelo Brasil afora.

Uma "cidade" sem crianças, portanto, sem escola, a não ser a escola de companheirismo. Não é fácil, uma convivência exclusivamente masculina. Mas a gente sente a disposição destes homens de enfrentar seu ambiente de trabalho na camaradagem e no respeito mútuo. Um sinal disso é o tratamento amigável que se manifesta através de apelidos carinhosos.

São quase 2000 homens que trabalham no Projeto Urucu, isto é, a maioria se reveza de 14 em 14 dias de modo que a presença efetiva é de uns 1000 homens. Os funcionários sulistas viajam, mensalmente, mais de 10.000 km para sustentar suas famílias.

Algumas atividades nunca param, pois as sondas funcionam 24 horas por dia, 365 dias por ano.

Dra. Lourdes é uma das cinco mulheres que encontro na "cidade". Ela trabalha no hospital junto com as Sras. Dirce e Eduarda. Além de médica-cirurgiã, especializou-se em Medicina Social, Saúde Pública e Saúde do Trabalho. A Socorro é técnica-eletrônica e a Meirle, nutricionista.

Dra. Lourdes nos mostra o hospital onde encontramos três homens em observação. Nada de grave, já no dia seguinte recebem alta.

Um trailer está preparado para receber um eventual doente de cólera mas até hoje o vibrião ficou fora da rota do Urucu. Graças também à Estação de Tratamento d'Água que fornece, diariamente, mais de 200 garrafões para toda a população do Urucu.

À noite, nos intervalos da "Tela Quente", faço uma visita rápida aos quatro alojamentos na beira da estrada. Apresento-me e convido os homens a participarem, no Ano Novo, da Missa em Ação de Graças.

O final do último dia do ano faz quebrar a monotonia do trabalho no Urucu. Às 16 horas são liberados os atletas que participarão da Maratona de 10 km. Far-se-á uma corrida na selva do Amazonas "competindo" com a de São Silvestre na selva de pedras...

Às 17 horas todos os funcionários são dispensados do serviço e formam uma torcida no pátio da Base. A nossa região do Juruá faz bonito: O Sebinho de Eirunepé é o primeiro a romper a fita de chegada e o Pedrinho de Carauari é o terceiro colocado.

Não posso apreciar a premiação dos vencedores, a entrega dos troféus e medalhas. Estou convidado para celebrar uma missa na sonda Q/G 1,20 km, mato adentro.

Encontro uns trinta homens reunidos que acabam de largar o serviço de 12 horas seguidas. A 200 m de distância na sonda, seus companheiros os substituem na virada da broca e do ano... Eles estão presentes nas nossas orações como também os fami-

liares de todos. A fita gravada ajuda a acompanhar os cantos de celebração. A leitura da Bíblia relembra-nos a mensagem natalina que nos fala da paz.

Em vez da melodia dos anjos do céu, o barulho da sonda. O tempo é outro, mas a mensagem é a de sempre. Depois da missa, o Ivanildo, agradecido, me abraça com lágrimas nos olhos. A emoção do momento é forte: a lembrança da mulher e filhos distantes.

Pela noite escura, o Toyota nos traz de volta à Base. O Dr. Sandro e o Sr. Barreto me convidam para a ceia no refeitório onde encontro uma turma de 80 pessoas. Os coordenadores fazem um pequeno discurso de ocasião. Na minha vez peço para distribuir o folheto do canto: "Senhor, fazei-me instrumento de vossa Paz". Faço lembrar que estamos na entrada do ano da ECO/92 e que São Francisco, oito séculos atrás, já era amante da natureza e defensor do meio ambiente.

Depois do canto faz-se um sorteio de uns relógios e camisetas. Os funcionários ausentes, que estão trabalhando nas três sondas, não são esquecidos. Aliás, dois deles são os sortudos e ganham um relógio. Espocam as rolhas das garrafas de champagne e todos servem-se da mesa farta da ceia. O trompetista Nilo faz aumentar a animação junto com Paulo, Oton e outros. Os "papos" aproximam mais as pessoas e o tempo passa rápido. À meia-noite, trocam-se abraços de um *Feliz Ano Novo*. O Nilo, tocando trompete, puxa uma roda e todos cantam de mãos dadas: "Segura na mão de Deus, pois ela te sustentará. Não temas, segue adiante e não olhes para trás. Segura na mão de Deus e vai".

Que maneira mais bonita de encerrar a confraternização e começar um Ano Novo!

Às 7:30 horas do mesmo dia inicia-se a missa campal em Ação de Graças. Tanto no término de '91 como no início de '92, quer-se lembrar de Deus. O primeiro canto é bastante significativo: "Eu venho do Sul e do Norte, do Oeste e do Leste, de todo lugar". Tem gente reunida de todo o Brasil para ouvir a Palavra de Deus e fazer suas preces. Novamente, os familiares não são esquecidos.

Uma arara, mascote da turma, que costuma voar pela área do Urucu, inclusive passear de carro, assiste à Missa com toda atenção.

Às 9 horas os homens voltam ao trabalho e a rotina recomeça novamente. O engenheiro Marcelo me mostra algumas obras que estão sendo executadas pela Petrobrás que, nesta região, faz seu 2º maior investimento no país, depois de Macaé. Visitamos RUC 4, um complexo impressionante de tanques, máquinas, tubulações, galpões etc., para onde é bombeado o óleo e gás de 17 poços em funcionamento. O oleoduto leva o líquido até o rio Tefé.

Diariamente são produzidos mais de 7.000 barris. Um quadro de avisos dá as informações: no dia 1º de janeiro de 1992, a produção é de 7.296 barris; gás produzido, 614.000 m³; gás injetado, 531.000 m³; gás consumido, 13.000 m³; fator de aproveitamento do gás, 86,6%.

Está comprovado que tanto na região do Juruá como na área do Urucu existem grandes jazidas de gás esperando a sua exploração. O problema é o investimento para a construção de um gasoduto (para Porto Velho, por exemplo), o que implica numa obra gigantesca, haja vista a extrema dificuldade em atravessar uma região pantanosa como é o Amazonas e Rondônia.

Para não depender do capricho da natureza que, na estação seca, inviabiliza o tráfico fluvial no rio Tefé, está se planejando a construção de um oleoduto até Caimbé no rio Solimões, para facilitar o escoamento em qualquer época do ano. Uma refinaria está em vias de funcionamento e fornecerá, em breve, o combustível necessário para o uso no projeto Urucu. Todos esses trabalhos de perfuração e infra-estrutura, bem como o desmatamento das clareiras, estradas, construções de alojamentos, estragam a floresta. Um mal necessário para o progresso que a Petrobrás enfrenta com seus projetos ambientais. Para isso, cuida de um viveiro enorme, todo telado, para evitar um ataque de besouros e outros insetos. 12.000 mudas estão prontas para o reflorestamento, entre elas as fruteiras típicas da região como açaí, biribá, cupuaçu, pequiá, bacaba e pupunha. Ela tem convênios para recuperar a floresta degradada pelas atividades petrolíferas como também para a coleta botânica e pesquisa da fauna. É interessante visitar o orquidário onde se encontram mais de 100 espécies catalogadas. O orquidário é como um cartão de visitas do Urucu, visitado por pesquisadores de várias instituições.

Finalmente, faço uma visita à 3ª sonda, para deixar meu abraço de um *Feliz Ano Novo* aos homens que não puderam participar da nossa ceia. Do helicóptero vejo, mais uma vez, a beleza da região e o trabalho árduo dos homens que extraem sua

riqueza. Sobrevoando o orquidário, lembro-me do tamanduá-bandeira que encontramos na sua redondeza. Comparo o animal em extinção com os ex-seringueiros que se mudaram para as firmas do Urucu à procura de melhores dias. Espero que possam ter sempre seu trabalho garantido, colaborando para o progresso do Brasil.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS SOBRE AS EDIÇÕES DE 1992 E 2007

NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA: JURUÁ, O RIO QUE CHORA

ISBN 85.326.0866.3 – Editora Vozes Ltda
Petrópolis, Rio de Janeiro, 1992

RESERVA EXTRATIVISTA: MAIS VIDA NESTE CHÃO

ISBN 978-85-89004-05-3 – Gráfica Editora Meridional
Belém, Pará, 2007

AGRADECIMENTOS EDIÇÃO DE 1992

Este livro é uma homenagem de gratidão ao grupo Pró-Amazonas que em Dieren, cidade da Holanda, realizou muitas ações a fim de propagar a causa dos povos da Amazônia e contribuiu com importantes projetos para a promoção do povo juruaense.

Outubro de 1992

10º Aniversário da fundação do grupo Pró-Amazonas

JOÃO DERICKX

MEUS AGRADECIMENTOS:

A CEBEMO – Holanda, Co-patrocinadora do livro

Às Revisoras Maria Helena Almeida Lima e Lúcia Mathilde Endlich Orth

Um abraço amigo João Derickx

TEXTO DE JOÃO DERICKX SOBRE A CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO EM 2007

Nesta oportunidade em que a Campanha da Fraternidade nos fala da Amazônia, quero prestar minha homenagem aos padres da Congregação do Espírito Santo, popularmente conhecidos por Espiritanos que já se dedicam a 122 anos na missão deste chão.

Os primeiros chegaram em Belém em 1885 a pedido de Dom Macedo Costa que os conheceu em Roma, onde morou num seminário dirigido por eles.

Os Espiritanos foram convidados a tomar conta do Seminário Menor e de um Colégio no Mosteiro Nossa Senhora do Carmo, abandonado pelos Carmelitas décadas antes.

Depois foram para Manaus e em seguida assumiram as prelazias de Tefé, Amazonas e Cruzeiro do Sul, Acre, onde, até hoje, vivem sua fraternidade amazônica.

Existem outros colegas no Brasil, no Paraguai e na Bolívia.

APOIO E AGRADECIMENTOS EDIÇÃO DE 2007

Este livro é uma homenagem de gratidão ao grupo Pró-Amazonas que em Dieren, cidade da Holanda, realizou muitas ações a fim de propagar a causa dos povos da Amazônia e contribuiu com importantes projetos para a promoção do povo juruaense e benguinense, bairro periférico de Belém.

Outubro de 2007

25º Aniversário da fundação do grupo Pró-Amazonas
JOÃO DERICKX

Meus agradecimentos às pessoas que colaboraram na realização deste meu trabalho

Aldalice, Aldelir, Ana Lúcia, Cid, Domingos, Edir, Edney, Eric, Eulália, Huguete, Jorge, Junior, Leonardo, Lindalva, Mário, Mateus, Mauro, Nelcionei, Vanderlei, Walter, Waltinho.

Agradecimentos também a Dom Sérgio Eduardo Castriani Bispo Prelado de Tefé, Amazonas

Finalizo meus agradecimentos a todas as Marias e Franciscos, gente boa do Rio Juruá.

JOÃO DERICKX

TEXTOS DA ORELHA DE 2007

“Faz 21 anos que existe a nossa comunidade e o sindicato, graças à atuação do Padre João Derickx. Por perceber a exploração desigual a que estava submetida a população ribeirinha aos patrões do seringal, o padre incentivou a organização dos moradores. A comunidade e o sindicato foram se solidificando, ao ponto de os patrões abandonarem o local.”

O Padre João ajudou na criação da reserva extrativista.

Entrevista com ribeirinho, “Rio Juruá”,
relatório final, Projeto Rondon, 2005

Ao Padre João Derrick pela paciência de ler meus rascunhos. Estendo a ele meu agradecimento por ter tido

garra e coragem na luta pelos direitos dos seringueiros do Rio Juruá, o que culminou com a criação da reserva extrativista.

Tese de Mestrado
Dr. Nelcione José de Souza Araújo,
“filho do Rio Juruá”
Universidade de Sergipe, 2001

SOBRE OS AUTORES

João Derickx, holandês (Johannes Nicolaas Derickx), nasceu em 6 de dezembro de 1935. Trabalhou em uma escola para crianças com dificuldades de aprendizagem e formou-se em Filosofia e Teologia. Em 1965, foi ordenado sacerdote pela Congregação do Espírito Santo. Chegou ao Brasil na década de 70. Nos mais de 40 anos em que trabalhou como missionário na região amazônica, aprendeu a amar o povo ribeirinho do Rio Juruá, Amazonas, onde morou de 1980 a 1993, e o povo da periferia de Belém, em especial do bairro do Bengui, onde viveu por muitos anos e faleceu em 16 de junho de 2013.

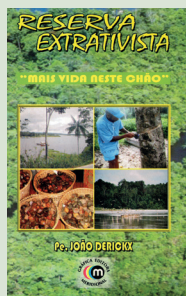
José Antonio Trasferetti, brasileiro, nasceu no estado de São Paulo em 1956. Desde 1976 trabalha com movimentos populares. Em 1983 ordenou-se sacerdote e dedicando ao acompanhamento pastoral das Comunidades Eclesiais de Base. Doutorou-se em Teologia e Filosofia em Roma, Itália. É professor da PUC-Campinas desde 1984. Presidente e Vice-presidente da Sociedade Brasileira de Teologia Moral – SBTM (2003/2021). Publicou livros e artigos científicos em jornais e revistas. Atualmente é Reitor-Pároco do Santuário Paróquia de Santa Rita de Cássia da Arquidiocese de Campinas.

SIGLAS

APLUB – Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil	IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
BASA – Banco da Amazônia	IBRADES – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento
BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento	INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
CF – Campanha da Fraternidade	INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
CNS – Conselho Nacional de Seringueiros (atual Conselho Nacional das Populações Extrativistas)	IPASEA – Instituto de Previdência e Assistência Social do Estado do Amazonas
CPT – Comissão Pastoral da Terra	LBA – Legião da Boa Vontade
CDDH – Centro de Defesa dos Direitos Humanos	MEB – Movimento de Educação de Base
CEAM – Companhia de Eletricidade do Estado do Amazonas	OPAN – Operação Anchieta (atual Operação Amazônia Nativa)
CEB – Comunidade Eclesial de Base	RESEX – Reserva Extrativista
CEBEMO – Organização Católica para Cofinanciamento de Programas de Desenvolvimento	SESAU – Secretaria de Saúde do Estado
CIMI – Conselho Indigenista Missionário	STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri
COBAJUR – Comunidade de Base dos Jurunas	SUDEPE – Superintendência do Desenvolvimento da Pesca
CPT – Comissão Pastoral da Terra	SUDHEVEA – Superintendência da Borracha (programas PROBOR)
EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural	SUNAB – Superintendência Nacional de Abastecimento
FETAGRI – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Amazonas	TCM – Tribunal de Contas do Município
FUNRURAL – Fundo Rural de Previdência	TMJ – Território do Médio Juruá
FUNAI – Fundação Nacional do Índio	UEA – Universidade do Estado do Amazonas
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis	

Agradecemos todas as pessoas e instituições que fizeram 180 doações que possibilitaram a impressão e distribuição gratuita de 2.000 exemplares, ao longo do vale do Rio Juruá e outras regiões da Amazônia.

ESTE LIVRO UTILIZOU PAPEL PÓLEN BOLD 70 G/M²
DA SUZANO, COM CERTIFICAÇÃO AMBIENTAL FSC,
E FOI IMPRESSO PELA GRÁFICA VOZES,
PETRÓPOLIS, RJ, NO INVERNO DE 2023.



Esse exemplar que você tem em mãos representa a junção de dois livros, que na essência são um só. Em 1992, o padre e missionário João Derickx, em coautoria com o padre José Antonio Trasferetti, publicou o livro *No coração da Amazônia: Juruá, o rio que chora*, relato de Derickx a respeito das lutas e injustiças na região do Rio Juruá, estado do Amazonas. Em 2007, ele publicou estas histórias com outro nome: *Reserva extrativista: mais vida neste chão*, título que expressava as mudanças positivas ocorridas no território, acrescentando alguns textos e fotografias, e retirando algumas partes da edição de 1992.

O exemplo que nos dá a história do Território do Médio Juruá é a saída de uma situação de exploração e semiescravidão para um ciclo virtuoso rumo ao desenvolvimento sustentável e cidadania plena.

Optamos por uma edição ampliada, em homenagem ao padre João Derickx e aos povos do Juruá, com o conteúdo completo das duas edições e novos textos explicativos.

EDIÇÃO COMEMORATIVA Distribuição gratuita para escolas, comunidades, associações, igrejas e prelaças, órgãos de governo, ONGs.



sitawi finanças do bem

JAUÁ
EDITORA

ISBN: 978-65-992998-4-1



9 786599 299841